UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Alan Milhomem da Silva

Na ponta do Bico: o jornalismo microrregional no Bico do Papagaio (TO)

Florianópolis
2025

Alan Milhomem da Silva

Na ponta do Bico: o jornalismo microrregional no Bico do Papagaio (TO)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Jornalismo.

Orientadora: Profa., Dra. Cárlida Emerim
Coorientadora: Profa., Dra. Liana Vidigal Rocha

Florianópolis
2025

Silva, Alan Milhomem da
Na ponta do Bico: :o jornalismo microrregional no Bico do Papagaio (TO) / Alan Milhomem da Silva ; orientadora, Cárlida Emerim, coorientadora, Liana Vidigal Rocha, 2025.
354 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Regional. 3. Tocantins. 4. Bico do Papagaio. I. Emerim, Cárlida . II. Rocha, Liana Vidigal. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Alan Milhomem da Silva

Na ponta do Bico: o jornalismo microrregional no Bico do Papagaio (TO)

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 09 de maio de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Sonia Aguiar Lopes, Dra.
Instituição - Universidade Federal de Sergipe

Profa. Edna de Mello Silva, Dra.
Instituição - Universidade Federal de São Paulo

Profa. Fabiana Quatrin Piccinin, Dra.
Instituição - Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Fabiana Quatrin Piccinin
Data: 07/08/2025 21:31:09-0300
CPF: ***.483.980-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Prof. Carlos Augusto Locatelli, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

GOV.BR
Documento assinado digitalmente
CARLIDA EMERIM
Data: 07/08/2025 17:55:19-0300
CPF: ***.717.350-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Profa. Cárlida Emerim, Dra.
Orientadora

GOV.BR
Documento assinado digitalmente
LIANA VIDIGAL ROCHA
Data: 07/08/2025 19:05:06-0300
CPF: ***.933.257-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Profa. Liana Vidigal Rocha, Dra.
Coorientadora

Florianópolis, 2025.

À minha família
Em especial aos meus pais, Maria Milhomem e Pedro Rodrigues.
E aos meus avós, Raimunda Milhomem e Leontino Milhomem.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão simbólico, encerro uma etapa que representa não apenas uma conquista acadêmica, mas uma travessia de vida. Com o coração cheio de emoção, deixo aqui minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram com meu trabalho e com a minha vida.

Se me dissessem, anos atrás, que aquele menino franzino, tímido, de pés descalços correndo pelas ruas de terra de Axixá, estaria hoje aqui, defendendo uma tese de doutorado, talvez nem eu acreditasse. Mas aqui estamos, e o coração transborda de alegria.

Aquela criança franzina, que um dia deitou na sua rede de dormir, olhando pro teto de palha onde viveu parte da infância, e disse que mudaria aquela realidade, hoje ela grita de felicidade. Ela não sabia o quanto seria difícil transpor as barreiras para conseguir esse sonho, pois a luta diária naquele momento era pela sobrevivência. Mas conseguimos!

Obrigado ao meu Bom Deus por tantas bênçãos, pela sua infinita misericórdia e por permitir eu chegar até aqui. A ti, Senhor, toda honra e toda glória!

Defender essa tese aqui de Axixá, onde minha família vive até hoje, é extremamente importante pra mim, pois me reconecta com minha gente, com aquela criança sonhadora e com as raízes que me sustentam.

Lembro-me dos meus avós maternos, dona Raimunda e seu Leontino, meus maiores incentivadores, com as mãos calejadas da roça, plantando não só o sustento, mas a esperança em mim dizendo: você vai ser um menino estudado. Vó, vô, eu consegui. Muito obrigado por tudo!

A minha mãe, essa força da natureza, vinda também da roça, que nos criou com a força de quem quebra coco babaçu e a ternura de uma dona de casa incansável. Ela é a personificação da resiliência, da força e da fé que trago em mim. Ela também encontrou um parceiro, meu padrasto, que me assumiu como filho e fez e faz tanto por mim. Sua luta diária para ajudar a nos criar valeu muito a pena. O que eu consegui hoje é por vocês! Obrigado pelos cuidados, principalmente nos últimos meses, quando me viram na loucura da conclusão da pesquisa de doutorado e mais uma vez me deram colo, carinho e amor. Sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço de coração a toda minha família pelo apoio, carinho, orações e força. Aos meu irmão e minha irmã, meus sobrinhos, tios, tias, primos e primas… Minha eterna gratidão!

Minha gratidão também a todos os professores e professoras que acreditaram em mim durante toda minha vida escolar no Colégio João Paulo II, na Escola Osvaldo Reis e Colégio Estadual Marechal Ribas Junior. Todas em Axixá. Vocês iluminaram a minha vida!

A minha jornada acadêmica começou em Imperatriz, na UFMA, onde realizei meu primeiro sonho: estudar jornalismo. E ele me abraçou. E ali, a vida me presenteou com a tia Graça e seus oito filhos, que me acolheram como um deles, aquecendo meu coração e me dando um lar longe de casa. Foi nos corredores da UFMA Imperatriz, nos projetos de pesquisa e extensão Conexão de Saberes, ComCultura e Na Cadeira do DJ, que a paixão pela docência universitária floresceu, mostrando-me um caminho que eu nem sabia que sonhava. E aqui agradeço todas as professoras e professores que tive, em especial, as professoras Emilene, Letícia, Thaísa e o professor Lucas, que me orientaram nesses projetos. E a minha orientadora de graduação Li Chag Shuen, a quem tenho o prazer de ser orientado até hoje.

Segui para Palmas, para o mestrado na UFT. Ah, Palmas! Quantas histórias, alegrias, dificuldades, quantos perrengues! Encontrei a minha mãe acadêmica, Liana Vidigal, e um grupo de amigas e amigos que carrego até hoje: Mayana, Marina, Yago, Ana, William e Almerinda. Obrigado pelas partilhas, amizades e cervejas. Também encontrei o grupo de pesquisa Nepjor, que tenho orgulho de ser integrante até hoje. Obrigado por toda a troca de conhecimentos aos colegas do grupo, em especial a Ana Luiza que ouve meus desabafos diariamente e é parceira de todas as horas na pesquisa. Mas Palmas também foi de perrengues. Algumas vezes o almoço só foi possível graças à vaquinha generosa de amigos que se tornaram anjos em meu caminho. Cada moeda compartilhada era um voto de confiança, um empurrão para seguir em frente. Obrigado Cid, Alec e Leni, jamais vou esquecer do apoio que me deram.

Nessa vida acadêmica, cheguei à UFRA, em Paragominas. Ali, como professor substituto, tive a certeza absoluta: era isso, ser professor universitário era o meu lugar no mundo. Obrigado ao campus Paragominas e todos os colegas das agrárias que me ensinaram muito. E aos alunos e alunas com quem troquei

conhecimentos durante dois anos. Foi lá também que a vida me deu um amigo-irmão, André Almeida, e as amigas: Fátima, Letícia e Dani. Vocês foram fundamentais na minha vida profissional.

O doutorado na UFSC foi um capítulo à parte. E realizei o sonho de estudar em uma das maiores e melhores universidades do país. Encontrei professores brilhantes, humanos e que proporcionaram aprendizados importantes nesta minha trajetória. Obrigado a todas as professoras e os professores do PPGJor.

Meus agradecimentos também a melhor turma que alguém poderia desejar: a turma 2021! Boa de estudo, boa de aprendizado e, vamos confessar, espetacularmente boa de bar! Nossos encontros no Centro Social da Cerveja eram extensões da sala de aula, onde o conhecimento se misturava à amizade e às parcerias. Em nome das amigas Rapha Ferro, Rapha Batista, Renatinha, Kalyany e do amigo Anderson, agradeço profundamente a todo o corpo discente do PPGJor com tive contato, conversas ou tomei uma cerveja. Vocês tornaram essa jornada mais alegre, divertida e leve. Agradeço ao PPGEGC, pelos saberes compartilhados nas disciplinas que cursei por lá.

E no meio dessa loucura, veio a aprovação no concurso para professor efetivo na UNIFAP. Um sonho realizado e um desafio gigantesco: conciliar o novo trabalho com a reta final do doutorado. Ao colegiado de jornalismo da UNIFAP, meu eterno obrigado pela compreensão e pela liberação que me permitiu estar aqui hoje. Também agradeço às alunas e alunos que tive o privilégio de ser professor nesses dois anos, em especial meus orientandos de TCC com quem tive mais trocas.

E foi também na UNIFAP que o universo me presenteou com a Laiza Mangas, a irmã que a vida me deu, parceira de todas as horas, conselheira, amiga leal. Sua força e amizade foram um porto seguro. Minha eterna gratidão, amiga.

Concluo este ciclo com o peito explodindo de gratidão. À minha família, a base de tudo, meu alicerce inabalável. Aos meus professores e professoras, faróis que iluminaram meu caminho. E aos amigos e amigas, tijolos dessa construção chamada vida. Guilherme, Leilson, Laylson, Lorrane, Missi, Tatyana, Stenyo, Helder, Thays… e tantos outros que estão juntos comigo nessa jornada.

Um agradecimento especial a Raiza Belizário, que me ajudou na coleta dos dados nos municípios e na tabulação. Obrigado por tudo! Agradeço também a minha psiquiatra Laís Reis e a psicóloga Grazielle Nascimento, que cuidam da minha

saúde mental e me ajudaram a passar por esse processo com menos sofrimento e adoecimento.

Por fim, e não menos importante, agradeço a professora Cárlida por embarcar comigo nesta jornada. Obrigado por aceitar meu projeto e me orientar. Agradeço muito também pelas trocas nesse percurso. Que seu caminho seja de muita luz!

E um agradecimento que transborda todas as palavras que eu possa encontrar: à minha orientadora, Liana Vidigal. Você foi mãe, psicóloga, amiga e professora. Sua paciência, sua sabedoria e seu ombro amigo foram essenciais. Você acreditou em mim quando eu mesmo duvidava. Muito, muito obrigado por tudo!

Por fim, minha reverência à educação pública, gratuita e de qualidade. Às políticas públicas de acesso e permanência ao ensino superior e à pós-graduação, que tornaram possível que o filho da quebradeira de coco, o neto de agricultores, o menino de Axixá, chegasse até aqui. Esta conquista também é dessas políticas. Eu sou fruto de políticas públicas que funcionam, que salvam vidas, que constroem futuros.

Hoje, olho para trás e vejo cada passo, cada obstáculo, cada mão estendida. E só posso dizer que valeu a pena. Como diz a canção que embala tantos sonhos e lutas e traz o nome da mulher que me carregou até aqui:

“Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria”

Muito obrigado!
Seguimos!

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”.

Leon Tolstói

RESUMO

Este estudo investiga o ecossistema midiático da microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins, partindo da hipótese de que, apesar da produção jornalística limitada, os veículos locais desempenham um papel relevante na disseminação de informações e construção da identidade regional, cobrindo temas negligenciados pela mídia estadual. Contudo, essa relevância é complexificada pela polarização exercida pelos centros de Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis, que concentram a produção midiática, e pela influência de veículos do centro urbano limítrofe de Imperatriz (MA), dada a proximidade geográfica e relações sociais, configurando uma interdependência midiática. A pesquisa, de natureza quali-quantitativa, parte de um *survey* nos 25 municípios da microrregião, no qual entrevistou 590 moradores da localidade e mapeou 10 jornais impressos que já foram produzidos no Bico do Papagaio, 17 rádios em funcionamento e 5 desativadas, 18 sites jornalísticos ativos, além de indícios de três emissoras de televisão na microrregião. Após o mapeamento e análise exploratória dos veículos, os três sites mais longevos e com produção autoral de conteúdo informativo foram selecionados para análise aprofundada, são eles: Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias. O corpus de conteúdo analisado é formado por 1.236 postagens nos sites, 653 posts no Facebook, 1.370 no Instagram e 29 no YouTube, além de uma entrevista em profundidade com os responsáveis por cada veículo. O Voz do Bico atua com uma produção jornalística concentrada na publicação de notícias curtas sobre a microrregião, com foco na cidade de Augustinópolis e municípios próximos, recorrendo também a conteúdos da Agência Brasil para o cenário nacional. Os temas predominantes são educação, saúde, política, polícia e economia, alinhando-se ao interesse local. Apesar da diversidade temática, o site subutiliza os recursos da web, limitando-se majoritariamente a texto e fotos, com pouco uso de multimídia. O Folha do Bico tem uma cobertura mais abrangente da microrregião e com uma produção autoral significativa, mas também publicando notícias de relevância estadual (Tocantins) e dos estados vizinhos (Pará e Maranhão). Sua produção editorial é marcada pela veiculação de notícias curtas e factuais, com ênfase em política, esporte e segurança pública, com estratégia limitada nas redes sociais. Por fim, o Tocnotícias é o veículo que, apesar da adaptação e resistência no jornalismo, mais precisa otimizar a produção jornalística local com informações de Tocantinópolis e região. A publicação majoritária de releases e informações de outras cidades do estado enfraquece a cobertura local. Por outro lado, é o que se apresenta mais independente dos contratos públicos para sustentabilidade, pois consegue diversificar suas formas de financiamento. A partir dessa análise, defendemos a existência de um jornalismo microrregional no Bico do Papagaio, que se configura como um modelo idealizado ou purista do jornalismo local, mas como uma prática situada, adaptada às condições específicas do território biquense e do seu ecossistema midiático.

Palavras-chave: jornalismo local-regional; ecossistema midiático; Tocantins.

ABSTRACT

This study investigates the media ecosystem of the Bico do Papagaio microregion in Tocantins, based on the hypothesis that, despite limited journalistic production, local media outlets play a relevant role in disseminating information and constructing regional identity by covering topics neglected by the state media. However, this relevance is complicated by the polarization exerted by the centers of Augustinópolis, Araguatins, and Tocantinópolis, which concentrate media production, and by the influence of media outlets from the neighboring urban center of Imperatriz (MA), given the geographical proximity and social relationships, configuring a media interdependence. The research, of a qualitative-quantitative nature, starts from a survey in the 25 municipalities of the microregion, in which 590 local residents were interviewed and 10 printed newspapers that have been produced in Bico do Papagaio, 17 operating and 5 deactivated radio stations, 18 active journalistic websites, as well as evidence of three television stations in the microregion were mapped. After the mapping and exploratory analysis of the outlets, the three longest-running websites with original production of informative content were selected for in-depth analysis: Voz do Bico, Folha do Bico, and Tocnotícias. The analyzed content corpus consists of 1,236 posts on the websites, 653 posts on Facebook, 1,370 on Instagram, and 29 on YouTube, in addition to an in-depth interview with those responsible for each outlet. Voz do Bico operates with a journalistic production concentrated on the publication of short news about the microregion, with a focus on the city of Augustinópolis and nearby municipalities, also resorting to content from Agência Brasil for the national scene. The predominant themes are education, health, politics, police, and economy, aligning with local interest. Despite the thematic diversity, the site underutilizes web resources, limiting itself mainly to text and photos, with little use of multimedia. Folha do Bico has more comprehensive coverage of the microregion and significant original production, but also publishes news of state relevance (Tocantins) and from neighboring states (Pará and Maranhão). Its editorial production is marked by the publication of short and factual news, with an emphasis on politics, sports, and public security, with a limited strategy on social media. Finally, Tocnotícias is the outlet that, despite its adaptation and resistance in journalism, most needs to optimize local journalistic production with information from Tocantinópolis and the region. The majority publication of press releases and information from other cities in the state weakens local coverage. On the other hand, it is the one that presents itself as more independent of public contracts for sustainability, as it manages to diversify its forms of financing. From this analysis, we argue for the existence of a microregional journalism in Bico do Papagaio, which is not configured as an idealized or purist model of local journalism, but as a situated practice, adapted to the specific conditions of the Bico do Papagaio territory and its media ecosystem.

Keywords: Local-regional journalism; Media ecosystem; Tocantins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Palavra Livre, um dos jornais produzidos em Tocantinópolis..... 100
Figura 2 - Primeira edição do Jornal do Tocantins publicada em 1979.....102
Figura 3 - Capa da primeira edição do informativo Voz do Norte..... 104
Figura 4 - Capas do jornal Voz do Bico em 1994 e 2018.....108
Figura 5 - Capa do ano de 2003 do Jornal da Cultura..... 110
Figura 6 - Capas do Jornal Folha do Bico..... 111
Figura 7 - Sede de algumas rádios comunitárias no Bico do Papagaio.....123
Figura 8 - Mapa de alcance das rádios Hits FM.....130
Figura 9 - Malha de cobertura do sinal da TV Anhanguera Araguaína.....138
Figura 10 - Parte da homepage do Jornal do Tocantins..... 150
Figura 11 - Homepage dos portais T1, CT e g1 Tocantins..... 151
Figura 12 - Primeiros sites do Voz do Bico e Folha do Bico em 2006..... 152
Figura 13 - Versão digital do Jornal Voz do Bico 2024.....170
Figura 14 - Homepage do site Voz do Bico..... 173
Figura 15 - Exemplo de um artigo de opinião publicado no Voz do Bico..... 176
Figura 16 - Notícia com vídeo na composição..... 178
Figura 17 - Texto publicado na seção Geral e creditado à Agência Brasil.....179
Figura 18 - Nota produzida pelo Voz do Bico e publicada na seção Tocantins.....183
Figura 19 - Exemplo de release local publicado pela Secom..... 184
Figura 20 - Notícia composta por galeria de fotos e vídeo.....188
Figura 21 - Post no feed da página no Facebook do Jornal Voz do Bico..... 190
Figura 21 - Os dois posts com mais engajamento nos meses analisados..... 191
Figura 22 - Exemplo de post no feed do Instagram do Voz do Bico..... 192
Figura 23 - Exemplo das postagens mais frequentes nos stories.....194
Figura 24 - Story no Instagram com a marcação de fonte da notícia..... 195
Figura 25 - Exemplo diversificação de stories.....196
Figura 26 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Voz do Bico..... 197
Figura 27 - Homepage do site Voz do Bico.....210
Figura 28 - Exemplo de publicação de documentos pelo Folha do Bico..... 213
Figura 29 - Exemplo de pesquisa do Google de textos do Folha do Bico..... 215
Figura 30 - Exemplo de release copiado de sites institucionais.....215
Figura 31 - Exemplo de notícia com vídeo.....216
Figura 32 - Exemplos de publicações na seção Amazônia.....217
Figura 33 - Exemplo de publicações na seção Bico do Papagaio..... 221
Figura 34 - Notícia com vídeo e fotos publicada pelo Folha do Bico..... 223
Figura 35 - Exemplo dos stories do Facebook publicados pelo Folha do Bico.....226
Figura 36 - Post sobre a despedida do deputado Fabion Gomes.....228
Figura 37 - Exemplo das postagens mais frequentes nos stories.....229
Figura 38 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Folha do Bico..... 231
Figura 39 - Homepage do Tocnotícias.....243

Figura 40 - Publicação no site da senadora e no Tocnotícias..... 249
Figura 41 - Publicação reproduzida de outro site pelo Tocnotícias..... 250
Figura 42 - Exemplo de release editado e publicado pelo Tocnotícias..... 251
Figura 43 - Exemplos tipos de postagens do Tocnotícias..... 253
Figura 44 - Exemplo de postagem no Facebook do Tocnotícias..... 255
Figura 45 - Post mais engajado no período analisado..... 256
Figura 46 - Exemplo de post com novo layout..... 257
Figura 47 - Exemplo de post de notícias no feed do Instagram do Tocnotícias..... 258
Figura 48 - Notícia da TV Anhanguera publicada no feed do Tocnotícias..... 258
Figura 49 - Notícias sobre a situação dos servidores municipais de Ananás..... 259
Figura 50 - Exemplo de publicações classificadas como “pessoal”..... 260
Figura 51 - Exemplos de publicidades publicadas no período analisado..... 261
Figura 52 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Tocnotícias..... 262
Figura 53 - Exemplo de shots postados pelo Tocnotícias..... 262

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos/das respondentes.....94
Gráfico 2 - Nível de escolaridade dos/das respondentes.....95
Gráfico 3 - Temas que mais se informam.....96
Gráfico 4 - Com que frequência ouve rádio.....124
Gráfico 5 - De onde são as rádios que você ouve (Marque até duas opções)..... 125
Gráfico 6 - Por qual dispositivo você costuma assistir TV?.....144
Gráfico 7 - Com que frequência assiste telejornal.....144
Gráfico 8 - Localidade dos telejornais assistidos..... 145
Gráfico 9 - Níveis de conectividade da população brasileira..... 148
Gráfico 10 - Consumo de notícias na internet..... 155
Gráfico 11 - Frequência com que se informa pela internet.....155
Gráfico 12 - Localidade dos sites acessados para se informar.....157
Gráfico 13 - Quais aparelhos fazem uso da internet..... 158
Gráfico 14 - Meio/plataforma que mais usa para se informar..... 159
Gráfico 15 - Como se informa sobre a realidade da sua cidade?..... 160
Gráfico 16 - Falta de informação sobre o município onde reside.....161
Gráfico 17 - Confiança nas notícias..... 163
Gráfico 18 - Percentual de notícias da editoria geral..... 177
Gráfico 19 - Posts no feed do Facebook por abrangência das notícias.....191
Gráfico 20 - Abrangência das notícias publicadas nos stories.....230
Gráfico 21 - Temáticas das notícias publicadas..... 252

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados sociodemográficos mais atuais dos municípios biquenses..... 53
Quadro 2 – Indicadores Sociais do Brasil, Tocantins e do Bico do Papagaio.....62
Quadro 3 - Outros dados sociodemográficos dos municípios biquenses..... 65
Quadro 4 - Datas e municípios visitados para aplicação de questionários.....79
Quadro 5 - Jornais impressos editados em Tocantinópolis.....98
Quadro 6 - Rádios em funcionamento no Bico do Papagaio no ano de 2024..... 120
Quadro 7 - Sites mapeados no Bico do Papagaio no ano de 2024..... 153
Quadro 8 - Resumo das publicações no site Voz do Bico..... 175
Quadro 10 - Resumo das publicações no site Folha do Bico..... 213
Quadro 11 - Municípios com notícias locais publicadas em 2024.....219
Quadro 12 - Resumo das publicações na seção Bico do Papagaio..... 222
Quadro 13 - Resumo das publicações no site Tocnotícias..... 245
Quadro 14 - Total de publicações analisadas do site Tocnotícias.....246
Quadro 15 - Municípios com notícias locais publicadas em 2024..... 247

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Rede urbana do Brasil em 2018.....37
Mapa 2 – Densidade de domínios de Internet no Brasil em 2019..... 38
Mapa 3 – Áreas de cobertura das redes de televisão no Brasil.....39
Mapa 4 - Microrregião do Bico do Papagaio..... 52
Mapa 5 - Cidades médias próximas ao Bico do Papagaio.....68
Mapa 6 - Distribuição do sinal das emissoras de rádio de Imperatriz (MA)..... 128
Mapa 7 - Distribuição do sinal das televisões de Imperatriz em 2020..... 141
Mapa 8 - Veículos mapeados nesta pesquisa no Bico do Papagaio..... 166

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 15
1.1 OBJETIVOS..... 21
1.2 JUSTIFICATIVA..... 22
1.3 ESTRUTURA DA TESE..... 24
2 O JORNALISMO E AS INTERSECÇÕES COM A GEOGRAFIA..... 25
2.1 TERRITÓRIO E REGIÃO: MOBILIZANDO CONCEITOS DA GEOGRAFIA..... 26
2.2 JORNALISMO NO CONTEXTO REGIONAL, LOCAL E DE PROXIMIDADE.....40
2.3 JORNALISMO DE PROXIMIDADE CONTRAPONDO OS DESERTOS DE NOTÍCIAS..... 46
3 BICO DO PAPAGAIO: HISTÓRIA E DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS..... 52
3.1 HISTÓRIA E FORMAÇÃO SOCIAL..... 55
3.2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....61
4 PERCURSO METODOLÓGICO..... 72
4.1 PRIMEIRA ENTRADA EM CAMPO: OS SURVEYS..... 75
4.1.1 Anotações do primeiro campo.....81
4.2 SEGUNDA ENTRADA EM CAMPO: OBSERVAÇÃO DOS SITES.....88
4.3 A TERCEIRA ENTRADA EM CAMPO: AS ENTREVISTAS.....90
4.4 OS ASPECTOS ÉTICOS..... 92
5 O ECOSSISTEMA MIDIÁTICO MICRORREGIONAL E O CONSUMO DE NOTÍCIAS NO BICO DO PAPAGAIO..... 93
5.1 O CENÁRIO DOS JORNAIS IMPRESSOS.....97
5.2 O CENÁRIO RADIOFÔNICO..... 114
5.3 O CENÁRIO TELEVISIVO..... 132
5.4 O CENÁRIO DIGITAL.....147
5.5 O CONSUMO DE NOTÍCIAS E O ECOSSISTEMA MIDIÁTICO BIQUENSE...157
6 PRODUÇÃO JORNALÍSTICA MICRORREGIONAL..... 168
6.1 NO CENTRO DO AUGUSTO, A VOZ É DO BICO..... 168
6.1.1 A produção jornalística.....174
6.1.2 A atuação nas redes sociais..... 189
6.1.3 As rotinas produtivas e a sustentabilidade do veículo..... 198
6.1.4 Primeiras ponderações.....205
6.2 AS MARGENS DO ARAGUAIA ESTÃO NA FOLHA DO BICO..... 208
6.2.1 A produção jornalística.....212
6.2.2 A atuação nas redes sociais..... 225
6.2.3 As rotinas produtivas e a sustentabilidade do veículo..... 232
6.2.4 Segundas ponderações..... 238
6.3 NO ALTO DA BOA VISTA, O TOC É DE NOTÍCIAS.....239
6.3.1 A produção jornalística.....245
6.3.2 Atuação nas redes sociais..... 254
6.3.3 Rotinas produtivas e a sustentabilidade.....263

6.3.4 Terceiras ponderações..... 268
7 CONFIGURAÇÕES DO JORNALISMO MICRORREGIONAL BIQUENSE: UMA ANÁLISE CONCLUSIVA..... 271
REFERÊNCIAS..... 281
APÊNDICE A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE EVENTOS, TESES E DISSERTAÇÕES..... 299
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS..... 307
APÊNDICE C - TCLE QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS..... 320
APÊNDICE D - NOTÍCIAS DIVULGADAS SOBRE A PESQUISA..... 324
APÊNDICE E - FORMULÁRIO DO SURVEY PRESENCIAL..... 326
APÊNDICE F - CADERNO DE CAMPO..... 331
APÊNDICE G - LIVRO DE CÓDIGOS..... 332
APÊNDICE H - ROTEIRO DE ENTREVISTA..... 334
APÊNDICE I - TCLE ENTREVISTAS..... 336
APÊNDICE J - ENTREVISTAS COMPLETAS..... 339
APÊNDICE K - VOZ DO BICO: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS..... 340
APÊNDICE L - FOLHA DO BICO: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS..... 341
APÊNDICE M - TOCNOTÍCIAS: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS..... 342
ANEXO A - PARECER CEP..... 343
ANEXO B - TABELA DE PREÇO DO VOZ DO BICO..... 347
ANEXO C - TABELA DE PREÇO DO FOLHA DO BICO..... 348

1 INTRODUÇÃO

Me considero um ser do interior, um indivíduo simples, que valoriza suas raízes e que se orgulha de pertencer a uma microrregião remota deste grande país. O que não me impede de olhar o futuro, não um olhar idílico e utópico, mas com prospecções possíveis para se realizarem a partir das mudanças de realidade no hoje, no aqui e agora. Esta pessoa se tornou um pesquisador. E um pesquisador comprometido com as bases do jornalismo e como alguém que também tem compromisso com a função social do jornalismo e da sociedade: querer contribuir para o desenvolvimento por meio do conhecimento, das notícias, da educação. É por isso que acredito que a pesquisa científica, em todas as áreas do conhecimento, emerge de uma inquietação com a realidade circundante e seus impactos. As vivências pessoais e sociais, ao atravessarem o pesquisador, incitam o questionamento, a indagação e a reflexão sobre problemas e situações concretas.

O anseio por conhecer, de forma mais aprofundada, o meu território e as vivências locais, são inquietações que carrego comigo desde a infância. No percurso da vida escolar e acadêmica, este anseio foi remodelado pelo jornalismo, área que me interessa desde o ensino fundamental. Embora a trajetória tenha contemplado outros caminhos e investigações, o sonho de infância persistiu e amadureceu com mais potencialidade em forma de uma pesquisa de doutorado. Nele, decidi investigar o jornalismo praticado na microrregião do Bico do Papagaio e suas relações com o território em que se insere, conciliando os anseios e as inquietações da infância com a paixão profissional e acadêmica.

Uma decisão que vem, também, partir das leituras de trabalhos na área da Geografia da Comunicação, principalmente a partir da minha participação no Grupo de Pesquisa do mesmo nome da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom). Na literatura acadêmica sobre o jornalismo em contextos regionais e locais, Fadul (2006), Aguiar (2016) e Fadul e Moreira (2019) apontam para uma visão etnocêntrica nas pesquisas sobre mídia regional, que privilegiam as metrópoles e capitais de estado, generalizando afirmações sobre a mídia brasileira a partir dessas realidades. Barreto (2011) enfatiza que o desconhecimento da história regional pela academia e pelos meios de comunicação resulta na produção de conhecimento de uma sociedade desconhecida. Reis (2022),

ao analisar teses e dissertações sobre jornalismo local e regional (2010-2020), observou que a maior parte das investigações aborda veículos jornalísticos das capitais estaduais e da metrópole paulista.

Ao mapear teses e dissertações disponíveis na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre 2012 e 2021, utilizando descritores como “jornalismo regional” AND “Tocantins”, estado foco desta pesquisa, nenhum trabalho foi encontrado. Ao utilizar os descritores “jornalismo” AND “Tocantins”, obteve-se 44 resultados entre 2013 e 2021. Após análise, constatou-se um trabalho duplicado e, do total de 43, apenas 13 abordavam algum aspecto da mídia regional do Tocantins. A maioria desses estudos é proveniente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCom/UFT) e analisa coberturas realizadas pela mídia regional com foco em temáticas específicas.

Diante do cenário de poucos estudos sobre a mídia regional, em especial sobre o jornalismo tocantinense, buscamos contribuir com investigações sobre as práticas jornalísticas geograficamente localizadas. Para tanto, nos fundamentamos nos estudos da Geografia da Comunicação, que enfatizam a importância do jornalismo regional e local como espaço de compromissos comunicativos (Camponez, 2002; 2012), além de considerar a proximidade no local não apenas em sua vertente geográfica, mas também social, cultural e psicológica (López García, 2008). Também, proveniente dos estudos do campo da Geografia da Comunicação, têm-se o conhecimento como elemento importante para a compreensão das estratégias da mídia no mundo globalizado (Melo, 2010; Aguiar, 2016).

Segundo Aguiar (2016, p. 31), as principais associações nos estudos de jornalismo sobre o local e o regional são “a de proximidade geográfica com o público, as fontes e os conteúdos com os quais lidam os veículos; e a de identidade sociocultural e histórica com os territórios e as cidades dos quais emergem ou nos quais se inserem”. Deolindo (2016) complementa ao relatar as abordagens relevantes nos estudos de jornalismo regional: a histórica (sobre a trajetória de jornais locais e regionais), a das representações sociais (análises de discursos, de enquadramentos e de conteúdos que reforçam a identidade regional/comunitária), a conceitual (sobre as especificidades e natureza do jornalismo regional), o inventário (enumera, registra e analisa mídias extintas ou em funcionamento em determinadas

regiões) e a abordagem crítica (voltada para as relações de propriedade e as vinculações da mídia regional com a política e a economia).

Nesta pesquisa, mesclamos as abordagens histórica e de inventário para dar conta da problemática que baliza esta investigação. Consideramos também para este estudo os postulados de Pinto (2015; 2017), que compreende a mídia regional como um item agregador e integrante de um sistema midiático, considerando que o reconhecimento da diversidade e da heterogeneidade do regional avança para novas possibilidades de estudos sobre o assunto, ainda subvalorizados na pesquisa brasileira de mídia. A autora propõe um modelo analítico que auxilia na compreensão dos veículos com atuação geograficamente localizada e seu contexto ao colocar a mídia regional em condição de debate, apontando suas características e destacando sua inserção no sistema midiático brasileiro.

Aguiar (2016), Deolindo (2016) e Pinto (2015; 2017) concordam com a contribuição dos instrumentos teóricos e metodológicos da Geografia para os estudos da mídia regional, pois a contextualização espacial, demográfica, social e econômica permite o alargamento da visão sobre os sistemas regionais e uma maior compreensão da sua interação com os circuitos de abrangência nacional. As autoras reforçam a necessidade de uma visão abrangente da mídia regional/local, abordando não só seus produtos, mas suas relações com o espaço onde está inserida, as ligações políticas, religiosas e sociais, somados aos aspectos econômicos e tecnológicos, além de respeitar a heterogeneidade de cada lugar e, consequentemente, de cada mídia.

Assim, entendemos o jornalismo regional como as práticas jornalísticas marcadas pela proximidade geográfica e identitária com a área de cobertura. Entendemos região aqui como proposto por Haesbaert (2010, p. 91), que compreende a região como uma “espécie de artifício ou instrumento que permite o entendimento das 'partes' do espaço geográfico, através de princípios gerais de diferenciação/homogeneização”, sejam espaços econômicos ou realidades simbólicas e identitárias. Para o autor, toda região pode ser concebida como um fato ou realidade, no âmbito materialista ou idealista das representações e símbolos construídos e partilhados.

Todavia, ressaltamos que o jornalismo regional não se limita a reproduzir as estratégias e padrões dos grandes centros numa escala geográfica menor, mas a

encontrar maneiras e formas de agir na realidade em que está inserido. A estrutura, as rotinas e a recepção ganham contornos consideráveis devido à relação mais próxima com os fatos noticiados e com as pessoas envolvidas neles, relações decorrentes da demarcação territorial e da realidade que circunda as empresas de comunicação (Assis, 2013).

Nessa direção, com esta pesquisa, trouxemos o cenário midiático tocantinense para o debate acadêmico a partir de um olhar analítico sobre a microrregião do Bico do Papagaio, destacando as atividades dos veículos em atuação e as relações estabelecidas com o contexto local. O Tocantins, localizado na Região Norte do Brasil, foi desmembrado de Goiás sendo uma das três unidades da federação criadas com a Constituição de 1988. A história da região que hoje é demarcada geograficamente como estado do Tocantins é marcada por mais de 300 anos de ocupação de colonizadores europeus e africanos escravizados (Silva; Rocha, 2017).

Com uma área territorial de 277.720,412 km², formado por 139 municípios e com uma população de 1.511.460 habitantes (IBGE, 2022), o Tocantins é dividido geograficamente em oito microrregiões: Bico do Papagaio, Araguaína, Miracema do Tocantins, Porto Nacional, Rio Formoso, Gurupi, Dianópolis e Jalapão. Os municípios de Araguaína, Gurupi e Palmas se destacam por serem os mais populosos, por concentrarem os distritos industriais, os serviços públicos e os serviços de mídia do estado.

No cenário midiático, o Tocantins apresenta uma peculiaridade: a imprensa nasceu no então interior de Goiás e depois migrou para Palmas a partir de 1988 (Pinto, 2015). No estado, há apenas um jornal impresso de circulação diária (terça-feira a domingo), o jornal Daqui, sendo que a circulação é majoritariamente na capital Palmas. O Grupo Jaime Câmara é a maior empresa de comunicação que atua no estado e possui rádios, sites e televisão nas cidades de Palmas, Araguaína e Gurupi. A principal característica da mídia tocantinense é a dependência das verbas públicas e da publicidade política (Rocha; Soares; Araújo, 2014).

Em 2016, o Mapa da Mídia do Tocantins, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia, da Universidade Federal do Tocantins (NEPJor/UFT), catalogou 81 sites, 42 jornais impressos, 16 emissoras de televisão e 37 rádios atuando no estado. Na atualização do mapa realizada em 2020, esses números

foram alterados, passando para 74 sites, 04 jornais impressos, 18 emissoras de televisão e 61 rádios. Em 2024, o mapa foi atualizado novamente e os números não tiveram muitas alterações. Os quatro jornais impressos seguem em circulação: Primeira Página, Centro-Norte[1] Notícias, Folha Capital e Jornal Daqui[2] (Rocha; Sousa; Alves, 2020; Bitar; Rocha; Silva, 2025).

Ainda segundo os dados do Mapa da Mídia do Tocantins, o estado contava em 2024 com 26 canais de televisão nas cidades de Colinas, Porto Nacional, Araguaína, Miracema, Paraíso, Gurupi, Tocantinópolis e Augustinópolis. No cenário radiofônico, são 90 rádios, sendo três educativas, 42 comunitárias e 45 comerciais, evidenciando uma predominância das rádios comunitárias e comerciais no estado. O levantamento constatou, ainda, que a microrregião de Porto Nacional concentra o maior número de veículos de comunicação, possivelmente, por ter a capital Palmas como um dos municípios que compõem a microrregião (Rocha; Sousa; Alves, 2020; Rocha; Silva, 2025).

Mas, é importante ressaltar, assim como os autores apontam no Mapa da Mídia do Tocantins, que se trata de um cenário dinâmico e efêmero. Quando visitamos os municípios, foi possível constatar, *in loco,* que, por exemplo, as televisões mapeadas em Augustinópolis e Tocantinópolis foram projetos experimentais e que duraram pouco tempo. A investigação presencial mostrou, ainda, que a maioria dos veículos está concentrada nas cidades de Araguaína, Gurupi e na capital Palmas, enquanto outros municípios do estado vivem um cenário praticamente de silenciamento de notícias (Moreira; Bianco, 2019), isto é, não possuem veículos de comunicação ou possuem veículos pequenos com atuação limitada. Um exemplo desse cenário é a microrregião do Bico do Papagaio, que fica no extremo norte do Tocantins, na divisa com os estados do Pará e Maranhão e na zona de confluência dos rios Araguaia e Tocantins. Conforme Silva e Rocha (2017), a microrregião é marcada pelas atividades econômicas de subsistência, a cultura cabocla e sertaneja e a proximidade entre os municípios, que possuem baixa

[1] O jornal Centro-Norte Notícias fica sediado no município de Pedro Afonso e é distribuído nas cidades de Pedro Afonso, Guaraí, Bom Jesus do Tocantins, Tupirama, Santa Maria do Tocantins, Centenário, Recursolândia, Itacajá, Fortaleza do Tabocão, Colméia, Pequizeiro, Itaporã, Miracema, Miranorte, Rio Sono, Colinas do Tocantins, Miracema e Palmas.

[2] O jornal é sediado em Palmas e circula cinco dias da semana nas cidades de Palmas, Araguaína, Gurupi, Porto Nacional, Colinas, Guaraí, Miracema, Nova Olinda, Paraíso, Formoso do Araguaia, Brasilândia e Barrolândia.

densidade demográfica. Outra característica da região são as marcas dos conflitos na luta pela terra durante o final do século passado, além de muita dependência dos investimentos públicos.

No cenário midiático, segundo a última atualização do Mapa da Mídia do Tocantins, o Bico do Papagaio conta com 13 veículos de comunicação, entre rádios e sites, distribuídos em oito dos 25 municípios que compõem a microrregião. Não há registros de canais de televisão e jornal impresso em circulação na microrregião no ano de 2020. Já o Projeto Atlas da Notícia, atualizado em 2023, contabilizou nove veículos de comunicação distribuídos em seis municípios. Diante deste cenário de dados divergentes sobre a realidade local e da possibilidade de mais veículos atuarem na região, propomos como primeiro passo desta pesquisa o mapeamento dos veículos ou serviços de mídia presentes no Bico do Papagaio.

Tais elementos, somados aos estudos sobre mídia regional iniciados no período de realização do mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCom/UFT), em 2016, mobilizaram a alguns questionamentos sobre a atuação da mídia biquense e das relações que foram sendo construídas ao longo dos anos, constituindo-se nas questões ou problemas desta pesquisa: quando começaram efetivamente as práticas jornalísticas na microrregião? Quem são as pessoas que atuam nessa produção noticiosa local? Haja vista que o curso de graduação em Jornalismo mais próximo da microrregião só começou em 2006, em Imperatriz (MA), com a primeira turma formada só em 2010, há jornalistas profissionais atuando nesse mercado? Como se organizam as rotinas produtivas nesses veículos? Como é a relação desses veículos com o público local, levando em consideração as dificuldades de acesso à internet, a situação socioeconômica da população e o grande número de comunidades rurais na microrregião?

A confluência desse interesse particular, ao encontrar dados divergentes levantados na literatura, o entendimento e a crença sobre a função social do jornalismo (Traquina, 2004), bem como das coafetações intrínsecas e contextuais que circunscrevem a prática jornalística (Tavares, 2012), resultam na problemática que norteia esta pesquisa: qual o ecossistema midiático dos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio? Que jornalismo é produzido e qual sua função no contexto microrregional?

Partimos da hipótese de que, embora os serviços de mídia sediados na microrregião do Bico do Papagaio apresentem uma produção jornalística limitada, eles desempenham um papel relevante na disseminação de informações e na construção da identidade local, ao noticiarem eventos e temas negligenciados pela mídia estadual. Tal relevância, contudo, é complexificada pela dinâmica regional, em que as cidades de Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis emergem como centros de produção e irradiação midiática, polarizando a atenção e a demanda informacional das demais localidades. Ademais, a circulação e o consumo de produtos jornalísticos provenientes de centros urbanos limítrofes, como Imperatriz (MA) e Marabá (PA), exercem influência significativa sobre os habitantes do Bico do Papagaio, em virtude das relações sociais e da proximidade geográfica, configurando um cenário de interdependência midiática.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é identificar qual o ecossistema midiático dos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio com vistas a verificar que jornalismo é produzido e qual a função que exerce no contexto microrregional, além das influência que sofrem de outras regiões do seu entorno. Para dar conta deste objetivo decorrem outros específicos, sendo:

i) Mapear o ecossistema midiático dos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio, identificando e caracterizando os veículos de comunicação em funcionamento;

ii) Sistematizar e descrever a produção jornalística, as rotinas produtivas e as estratégias de gestão e sustentabilidade dos veículos mais longevos com produção jornalística periódica e regular na microrregião;

iii) Analisar a relação entre os serviços de mídia do Bico do Papagaio e as cidades de Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis, ao investigar as estratégias de cobertura, as temáticas e as relações estabelecidas com e entre as demais localidades, bem como a possível influência da mídia regional de Imperatriz (MA) e Marabá (PA) nas notícias desses veículos;

iv) Entender como se constitui, estrutura e influencia o jornalismo microrregional no Bico do Papagaio, considerando suas possibilidades e restrições.

Para sustentar os objetivos, é preciso explicitar as justificativas que fundamentam a escolha do tema e a abordagem da investigação.

1.2 JUSTIFICATIVA

Diante do cenário de crises e de instabilidades potencializadas pelo contexto econômico, social e tecnológico no qual vive a sociedade e o jornalismo na atualidade, este estudo se justifica ao se voltar para as realidades jornalísticas do interior deste país, muitas vezes esquecidas pela academia. Em tempo, é preciso lembrar que no mercado de jornalismo se enfrenta uma crise financeira que tem resultado na demissão de muitos profissionais e no fechamento de alguns noticiosos importantes e de referência (Hauser, 2017; Tavares, 2018; Mick, Christofoletti e Lima, 2021). Não obstante, tanto no cenário nacional quanto mundial, há veículos que resistem e assumem um papel de destaque no cenário regional e local, realizando a cobertura de municípios e regiões que raramente têm espaço no cenário midiático de prestígio nacional.

A microrregião do Bico do Papagaio é um exemplo desse contexto. Há poucos estudos sobre a realidade jornalística local, que é marcada pela concentração de veículos nos três maiores municípios: Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis, sendo que, nos demais, são realizadas coberturas mínimas ou, até mesmo, sem nenhuma cobertura jornalística. De modo geral, ainda se tem poucas pesquisas que se interessam em entender a realidade e as nuances da mídia regional pelo país, em especial no Tocantins.

Afirmações que se comprovam a partir da minuciosa revisão bibliográfica em diversos bancos de dados de arquivo de publicações científicas, principalmente em teses e dissertações, caso específico do realizado no portal Capes, no qual não foram encontrados trabalhos que se debruçam sobre a mídia tocantinense de forma sistêmica e contextualizada, ainda mais a partir do olhar no cenário geográfico local. Entre os estudos encontrados, estão trabalhos que analisam de forma particular a cobertura de uma temática em específico. Por isso, destacamos a relevância do nosso trabalho em registrar, documentar e analisar a produção comunicacional no Bico do Papagaio.

Esta pesquisa também se justifica por se tratar de um território localizado na Amazônia Legal, região ainda carente de estudos, principalmente nas áreas da Comunicação e do Jornalismo. É uma região com características singulares e com uma dinâmica comunicacional com marcas próprias. Portanto, a relevância e a originalidade deste estudo residem no fato de se propor a estudar o jornalismo de uma microrregião não de forma isolada, como se tem feito nos estudos em Comunicação e Jornalismo, mas como parte integrante de um sistema e de um território com o qual se estabelecem relações únicas. Trata-se não só de mapear as práticas jornalísticas, mas, também, de compreender dentro de um sistema e uma microrregião de sombra e silêncio (Moreira; Bianco, 2019), como essas práticas são organizadas, estruturadas, realizadas, configuradas e difundidas.

Por fim e, talvez a justificativa mais relevante, remonta ao próprio trabalho de cidadão/indivíduo pertencente a esta microrregião e ter o desejo de a entender e refletir sobre possibilidades de oferta de melhorias, em qualquer campo de atuação, em especial aqui, o do jornalismo. Esta pesquisa tem uma importante motivação pessoal, pois sendo natural desta microrregião, sempre senti a falta de informações e de notícias sobre a realidade no qual vivia, bem como percebia um certo apagamento nos veículos regionais e nacionais de informações sobre a região. Assim, a vontade de documentar melhor essa realidade do cenário midiático local e entender como ocorre o trabalho jornalístico neste território foram as principais motivações que deram início ao interesse de estudos no mestrado e, a ampliação dela, a nível de doutorado.

Em outra direção, a experiência profissional desenvolvida ao ter a oportunidade de atuar, por pouco mais de um ano, como jornalista freelancer no site Voz do Bico, sediado na cidade de Augustinópolis, certificaram a pertinência e a emergência deste estudo. Ao longo deste período, foi possível observar a importância dos veículos jornalísticos para a localidade, o anseio da população local em expor seus problemas, suas histórias e vivências e vê-las retratadas, reportadas nos veículos jornalísticos de ampla abrangência. Além disso, foi possível verificar as dificuldades enfrentadas pelos proprietários dos veículos locais para sustentar e manter os empreendimentos midiáticos no Bico do Papagaio.

Essa exposição justifica a importância e pertinência deste trabalho para o campo dos estudos acadêmicos e que terá reflexos, também no espaço midiático,

podendo, quiçá, contribuir para pensar soluções e novas formas de cobertura das regiões microrregionais do país, ampliando a proposta de atuação no jornalismo local e regional, bem como uma contribuição de registro histórico, ao realizar a documentação da realidade jornalística do Bico do Papagaio.

1.3 ESTRUTURA DA TESE

Além desta introdução que apresenta o problema, hipótese, objetivos, justificativa e a motivação desta pesquisa, o trabalho está estruturado em mais seis seções. A primeira delas, o capítulo 2, aborda o referencial teórico da pesquisa, explorando as relações entre o Jornalismo e a Geografia, mobilizando conceitos geográficos relevantes e definindo o escopo do estudo (jornalismo regional, local e de proximidade). O capítulo 3 descreve a microrregião do Bico do Papagaio, abordando sua história, características sociodemográficas e relações interregionais.

No capítulo 4, detalhamos o percurso metodológico, destacando os métodos e técnicas utilizados na pesquisa, que inclui *surveys*, observação dos sites e entrevistas com profissionais, além de destacar os aspectos éticos da pesquisa. Na seção 5 do trabalho, apresentamos os dados do *survey* realizado nos 25 municípios do Bico do Papagaio, que levantou dados sobre como a população local se informa e sobre os veículos mais acessados na microrregião.

Os capítulos 6 e 7 apresentam, respectivamente, o panorama do cenário midiático da microrregião e a análise da produção jornalística local. São descritas a presença de jornais impressos, rádios, televisões e sites no Bico do Papagaio. No segundo momento, são analisadas as produções dos sites Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias. A análise compreende também a atuação nas redes sociais, as rotinas produtivas e a sustentabilidade de cada veículo, finalizando com ponderações específicas. Por fim, são feitas as considerações finais do trabalho, sintetizando os resultados obtidos e oferecendo reflexões sobre o jornalismo na microrregião do Bico do Papagaio, caracterizado por uma prática microrregionalizada. A seguir, os conceitos norteadores que mobilizam as análises e o percurso metodológico são apresentados.

2 O JORNALISMO E AS INTERSECÇÕES COM A GEOGRAFIA

O panorama contemporâneo evidencia uma crescente valorização das especificidades locais e regionais, impulsionada pela infraestrutura digital e pelas funcionalidades tecnológicas associadas. Conforme aponta Peruzzo (2020), embora a investigação acadêmica frequentemente se concentre nos conglomerados de mídia e nas macrotendências tecnológicas, é na esfera local que a vida cotidiana se materializa e as diversidades se manifestam. Adicionalmente, esta esfera desempenha funções políticas, econômicas e culturais cruciais que permanecem subestudadas, como mostrou a revisão bibliográfica (Apêndice A) realizada.

Nesse contexto, observamos no ecossistema digital uma expansão significativa de meios de comunicação locais e hiperlocais, este fenômeno é atribuído à redução dos custos de produção e distribuição de conteúdo on-line, em relação a outros modelos de produtos mais analógiocos e físicos, uma demanda crescente por informações geograficamente relevantes e a uma reconfiguração do comportamento do público, que adota posturas mais ativas na interação midiática (Negreira-Rey; Amigo; Jerónimo, 2022). É relevante notar que uma parcela desses veículos migrou de formatos impressos para o digital, enquanto outra parte considerável é composta por iniciativas nativamente digitais que ainda buscam modelos operacionais sustentáveis em termos de produção de conteúdo, estratégias de mercado e diversificação de fontes de receita (Deolindo, 2018; Jenkins; Nielsen, 2020).

De acordo com Negreira-Rey, Amigo e Jerónimo (2022), essas mídias locais e hiperlocais em ascensão no ambiente digital distinguem-se, primordialmente, pela manutenção de um vínculo estreito com a comunidade, pela oferta de uma alternativa informacional face aos grandes grupos de comunicação e pelo preenchimento de lacunas de cobertura em territórios frequentemente negligenciados pela mídia de alcance nacional. A proximidade geográfica com seus públicos tende a fomentar relações mais participativas e interativas. Os autores sublinham que, em virtude dessa proeminência e relevância, tais mídias têm se tornado objeto de estudo sistemático em diversos países, como EUA, Suécia, França, Espanha e Portugal. Nessa direção, a presente pesquisa indaga como se

estabelece este vínculo, é pelo conteúdo ou outros indicativos inferem sobre esta relação?

Continuando, o interesse acadêmico por esta prática jornalística, conforme Guimerà *et al*. (2018), é motivado tanto por ser um objeto de estudo percebido como potencialmente vulnerável à extinção quanto pelo intuito de contribuir para a viabilidade e sobrevivência do jornalismo local. Peruzzo (2020, s.p.) acrescenta uma dimensão política a essa investigação, argumentando que o estudo dos meios locais e regionais desafia "[...] determinados dogmas, inclusive, reproduzidos por revistas científicas de referência internacionais que tentam prescrever os assuntos que lhes interessam como aqueles a serem investigados [...]".

Nessa perspectiva, partindo de uma compreensão da pesquisa científica como ato político e inseridos num contexto de transformações midiáticas, de novas estratégias que privilegiam a proximidade e a regionalização, o capítulo que segue demarca as definições de jornalismo geograficamente localizado, abrangendo as dimensões regional, local e hiperlocal. Para tal, apresentamos os conceitos de espaço, território e região, além de seus desdobramentos conceituais, que servem como referenciais teóricos para a presente investigação.

2.1 TERRITÓRIO E REGIÃO: MOBILIZANDO CONCEITOS DA GEOGRAFIA

A Comunicação e a Geografia se entrelaçam em um campo de estudo fértil e dinâmico, no qual a compreensão dos conceitos de região, território e lugar é essencial para entendermos as dinâmicas sociais, culturais e políticas que interseccionam a comunicação e, por consequência, o jornalismo, permitindo análises em diferentes escalas.

> O Estado ajusta as regras para o uso do espaço, como entre regulador e concessor de licenças para exploração de territórios, e grupos de pessoas criam comunidades que interagem em fluxos paralelos. As geografias da comunicação tratam desse contexto: privilegiam espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes (Moreira, 2013, p. 21).

Essa intersecção entre comunicação e geografia salienta a importância de considerar o contexto geográfico nas análises dos produtos comunicacionais, assim como nos espaços onde estão inseridos. Isso porque os serviços de mídia não operam em um vácuo, mas sim dentro de um contexto geográfico específico que influencia tanto as histórias que são contadas quanto a forma como são percebidas pelo público. Ou seja, compreender as dinâmicas territoriais, regionais e locais é importante para pensar uma prática jornalística mais contextualizada e significativa.

Neste sentido, Silva (2013), ao analisar a produção do geógrafo Milton Santos, destaca que os estudos das geografias da comunicação podem oferecer subsídios para compreender de forma mais abrangente o lugar no mundo contemporâneo, permitindo entender como a comunicação produz o espaço e como é produzido por ela. E aqui precisamos trazer uma primeira definição, a de espaço.

Alentejano (2000) salienta que os geógrafos lógico-positivistas partem da concepção de espaço como dado, fixo, morto, sem movimento e história. Já para os marxistas, o espaço é visto como locus e produto da reprodução das relações sociais de produção. O autor recorre a Lefébvre para apresentar uma definição de espaço como político, lugar e objeto das estratégias. Essa visão influenciou Milton Santos (1985), que considera o espaço como um aspecto da realidade que é criado e reproduzido pelas relações sociais. Para Martins (1999, p. 25), “o espaço [...] constitui-se como necessidade e condição prévia de toda atividade prática, econômica, logo, da manifestação da própria vida”.

Nessa discussão, entendemos o espaço como um lugar de representações simbólicas, possuindo várias dimensões e experiências espaciais ou práticas espaciais, definidas por Corrêa (1995, p. 35) como “meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução”. Assim, as relações sociais são dialeticamente interativas, formam e são formadas pelo espaço.

Outro motivo de ampla discussão no campo da Geografia também é a noção de território. Esta é importante para entender como as relações podem ser construídas e moldadas em determinados espaços. Assim como a definição de espaço, o conceito de território é amplo e multifacetado, pois vai além da delimitação física de um espaço. Enquanto este é uma noção, o território se configura como um conceito. Raffestin (1993, p. 143-144) define o território como “um espaço onde se

projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a 'prisão original', o território é a prisão que os homens constroem para si". Nesse sentido, para o autor, o território deve ser encarado como uma produção a partir do espaço, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder.

Por outro lado, Moreira (1998, p. 6) critica essa visão de espaço dado no qual as pessoas organizam o território. Ele concebe território como "[...] o domínio da localização e da distribuição de onde o homem tira o sentido do ambiental, do mundanamente enraizado, do unido numa identidade, que só acontece com homens culturalmente territorializados".

Para Santos (2006), a configuração territorial, inicialmente, era caracterizada pelo conjunto de formações naturais que fisicamente individualizavam determinada área. Porém, com o passar do tempo, a noção de território passou a ser de um espaço também modificado pelo homem.

> À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc.; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (Santos, 2006, p. 39).

Assim, a noção de configuração territorial passa a ser pensada a partir dos sistemas naturais e das relações sociais que estabeleceram acréscimos aos sistemas naturais. Ou seja, para o autor, o território deixa de ser meramente resultado de uma produção histórica e natural, para uma natureza humanizada e particularizada. Assim, "[...] o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado" (Santos, 2007, p. 255).

Ainda conforme Santos (2006), antigamente o que reunia as diferentes partes de um território era a energia, mas atualmente a informação adquiriu essa função e se configura como instrumento de união de um território. Desta forma, a informação vigora como o novo agente unificador, interligando diferentes territórios, atuando na construção de identidades territoriais e também definindo domínios.

> A parcela técnica da produção permite que as cidades locais ou regionais tenham um certo controle sobre a porção de território que as rodeia. Este

> comando baseia-se na configuração técnica do território, em sua densidade técnica e, também, de alguma forma na sua densidade funcional a que podemos igualmente chamar densidade informacional. Já o controle distante, localmente realizado sobre a parcela política da produção, é feito por cidades mundiais e os seus "relais" nos territórios diversos (Santos, 2006, p. 257-258).

A partir dessas concepções, compreendemos o território como um local de poder e onde as relações sociais, econômicas e políticas se entrelaçam e disputam. Nesse contexto, a informação e a comunicação surgem como um elemento na construção e na contestação de territórios, servindo como instrumento para reivindicar direitos, mobilizar comunidades e desafiar estruturas de poder. Além disso, seja uma cidade, um país ou uma região específica, o território fornece o cenário no qual as histórias são contadas pelos veículos de comunicação. E, numa via de mão dupla, também influencia as dinâmicas sociais, políticas e econômicas que são objeto de cobertura jornalística.

A partir das concepções de espaço e território, chegamos ao terceiro conceito da Geografia que é subsídio para os estudos das Geografias da Comunicação: a definição de região. Esse conceito permeia diversas áreas do conhecimento e influencia tanto o pensamento acadêmico quanto às práticas políticas e econômicas. Segundo Gomes (2000), o conceito de região apresenta uma multiplicidade e uma riqueza, manifestando-se de forma distinta nos contextos diversos.

Neste sentido, a região não pode ser reduzida a uma definição única ou estática, mas sim compreendida através de diferentes perspectivas e operacionalidades, conforme as demandas específicas de cada análise, que no caso desta pesquisa é a comunicação e o jornalismo. Assim, não vamos trazer uma definição "pura" de região, ou mesmo apresentar a melhor definição de região para usos na comunicação. Vamos apresentar algumas discussões e conceitos e depois apontar uma definição que fornece operacionalidade para nossa pesquisa e para o contexto analisado.

Historicamente, a concepção de região passou por diversas transformações. Inicialmente, o enfoque era predominantemente morfoclimático, concebendo a região como uma entidade concreta e natural. Essa visão, influenciada pela geografia regional francesa, enxergava a região como um objeto passível de

descrição e análise, destacando sua realidade física e tangível (Gomes, 2000; Alentejano, 2000).

No entanto, a partir dos anos 1930, surgiram críticas a essa perspectiva, especialmente nos países anglo-saxões, questionando a ideia de região como algo dado e concreto. Autores como Harthorne (1978) defendem uma abordagem mais abstrata, entendendo a região como uma construção social e histórica, influenciada por diversos fatores.

Outra visão sobre a região é a econômica, que enfatiza as desigualdades econômicas como principal determinante na formação das regiões. Nessa perspectiva, as cidades tornam-se centros de polarização, organizando o espaço ao seu redor e estabelecendo uma rede de relações hierárquicas com outros municípios menores. Esse entendimento enfatiza os aspectos econômicos na formação das regiões, considerando fatores como produção, circulação de bens e serviços e relações de trabalho. Essa abordagem destaca as desigualdades socioeconômicas e as relações de poder que moldam as regiões.

A partir dos anos 70 e 80, Gomes (2000) destaca que a geografia crítica, de cunho marxista, trouxe novas abordagens para o conceito de região, relacionando-o aos processos sociais e ao desenvolvimento desigual do capitalismo. Milton Santos critica esse modelo de desenvolvimento regional e destaca a importância da análise política e epistemológica na compreensão das regiões.

> Neste contexto, a região deixa crescentemente de ser vista como homogênea e passa a ser encarada como polarizada, como nucleada por cidades que organizam o espaço ao seu redor, incluindo cidades de menor porte, constituindo-se um sistema espacial, onde a região não é a uniformidade espacial interna desta, mas as relações que se estabelecem no interior desta rede de cidades hierarquizadas e pelo campo tributário destas (Alentejano, 2000, p. 25).

Nesse contexto, a região passa a ser entendida como uma construção social, resultado da interação entre diversos agentes e processos, tanto materiais quanto imateriais. Assim, a compreensão da região como uma construção social e histórica, permeada por relações políticas, econômicas e culturais, torna-se fundamental para o desenvolvimento de análises e políticas territoriais.

Essas três primeiras concepções sobre região na Geografia vão dominar o debate sobre a temática, levando em conta sempre os critérios naturais, econômicos

e ideológicos. Outras discussões em torno do conceito também foram levantadas, mas em menor escala e não adentraremos nelas neste momento.

> Tal como acontecera com o debate econômico nos anos 40/50, também nos anos 70/80 os geógrafos incorporaram os debates econômicos e sociológicos que começam a proliferar no período, como vimos anteriormente, o que resulta no desenvolvimento de duas vertentes básicas no pensamento sobre a região: como espaço vivido e como resultado do desenvolvimento desigual do capitalismo (Alentejano, 2000, p. 27).

Partindo desse primeiro pensamento, a região passa a ser vista como um produto real, construído dentro de um quadro de solidariedade territorial. Assim, “para compreender a região é preciso viver a região” (Gomes, 2000, p. 67). Ou seja, a região é entendida como espaço vivido, com sentimento de pertencimento e consciência regional. Já no segundo pensamento, a região é vista como reflexo do capitalismo, sendo uma “[...] síntese concreta e histórica desta instância espacial antológica dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social” (Santos, 1978 *apud* Gomes, 2000, p. 66).

Como afirma Gomes (2000), desde a década de 1970, os estudos regionais têm sido objeto de críticas diversas. Essas críticas questionam não apenas suas abordagens, mas também o estado epistemológico dos conceitos de região e regionalização. Essas críticas, inspiradas pelo materialismo histórico, veem a região como uma resposta local aos processos capitalistas. Pioneiros como Hugo Zemelman e José Luis Coraggio criticam modelos de desenvolvimento regional. Por outro lado, Yves Lacoste e Milton Santos questionam uma abordagem regional tradicional, afirmando que ela carece de uma análise epistemológica e política adequada.

Enquanto Lacoste (1989) considera a geografia regional francesa despolitizada, Santos (1990; 1994) afirma que a análise regional deve levar em consideração a categoria da "totalidade", considerando elementos como estrutura, processo e forma. Ele argumenta que, como resultado da globalização, as áreas agora não têm coerência interna e são definidas principalmente por fatores externos. O autor sustenta que a globalização divide e regionaliza o espaço terrestre, impactando aspectos materiais e não materiais na forma como as regiões são definidas.

Santos (1990; 1994) enfatiza duas dimensões em sua análise. Uma se concentra em elementos materiais, como tecnologia e infraestrutura, enquanto a outra se concentra em elementos imateriais, como a lógica e os objetivos das organizações. A sustentação de regiões modernas é formada por solidariedade organizacional, impulsionada pela racionalidade instrumental de entidades hegemônicas, como grandes corporações. Como resultado das rápidas mudanças que ocorrem na era da globalização, há necessidade de uma abordagem dinâmica à regionalização e à centralidade das empresas na organização regional do mundo moderno.

Além das abordagens teóricas, a região também é entendida como uma construção social, sujeita a processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Essa compreensão ampliada da região é relevante para a análise de questões contemporâneas, como as geografias da comunicação, permitindo uma abordagem mais holística e dinâmica dos desafios territoriais.

Ainda segundo Gomes (2000), há as definições de região como localização e extensão como um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais. Região como área administrativa, com controle e administração dos estados. “Muitas instituições e empresas de grande porte também utilizam este tipo de recorte como estratégia de gestão dos seus respectivos negócios dentro do mesmo sentido de delimitação de circunscrição e hierarquias administrativas” (Gomes, 2000, p. 54),

Um exemplo da aplicabilidade deste conceito na comunicação é o funcionamento da Rede Globo de televisão, que utiliza a divisão político-administrativa do Brasil para estabelecer as áreas de cobertura de suas afiliadas. Assim, cada estado tem uma emissora afiliada que é responsável pela cobertura daquele estado e suas regiões internas. O problema dessa divisão é que algumas regiões ou microrregiões não se relacionam em diversas áreas com o estado no qual estão inseridas política e administrativamente.

A microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins, é um exemplo disso. Pela proximidade com as cidades médias de Imperatriz, no Maranhão, e Marabá, no Pará, os moradores acabam se aproximando mais dessas cidades, seja para obtenção de serviços comerciais, de saúde ou culturalmente. Além disso, a cobertura dos serviços de mídia do Tocantins, a maior parte localizada na capital

Palmas, não chega nessa microrregião, que é “abastecida de notícias” por Imperatriz, principalmente, e veículos locais da microrregião. Também por conta das relações econômicas, sociais e culturais, os moradores dessa localidade procuram se informar sobre as cidades médias vizinhas, pois alterações nessas “capitais regionais” impactaram nos municípios menores que delas dependem.

Voltando ao conceito de região, é importante destacar que, no primeiro momento, as regiões surgem como resultado de uma divisão do espaço que é essencialmente submetida às mesmas variáveis. Essa divisão define um sistema espacial classificatório, uniforme e hierárquico. No segundo momento, as regiões são consideradas como produtos relativos, que resultam da aplicação de critérios específicos que interagem com a explicação dos proponentes. Portanto, suas funções demonstrativas são usadas para provar o domínio de certas variáveis dentro de fenômenos (Gomes, 2000).

Haesbaert (2010, p. 91) salienta que toda regionalização deve ser considerada, também, um ato de poder (de recortar, classificar e nomear). Além disso, a região é entendida como uma “espécie de artifício ou instrumento que permite o entendimento das ‘partes’ do espaço geográfico, através de princípios gerais de diferenciação/homogeneização”, sejam espaços econômicos ou realidades simbólicas e identitárias.

Conceitos de região e regionalização têm sido debatidos ao longo dos anos, ora vistos como fenômenos concretos, ora como construções teóricas. Atualmente, a reconsideração desses conceitos na geografia humana é relevante para entender questões contemporâneas. O uso de definições atualizadas a partir das redes urbanas possibilita análises sobre acesso aos serviços de mídia e o desenvolvimento regional.

> A região e o lugar, aliás, definem-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente. A região e o lugar não têm existência própria. Nada mais são que uma abstração, se os considerarmos à parte da totalidade. Os recursos totais do mundo ou de um país, quer seja o capital, a população, a força de trabalho, o excedente etc., dividem-se pelo movimento da totalidade, através da divisão do trabalho e na forma de eventos. A cada momento histórico, tais recursos são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região ou lugar sua especificidade e definição particular. Sua significação é dada pela totalidade de recursos e muda conforme o movimento histórico (Gomes, 2000, p. 108).

A região pode assim ser concebida como um fato ou realidade, no âmbito materialista ou idealista das representações e símbolos construídos e partilhados. Além disso, Aguiar (2016, p. 43) encara a região como um espaço de intervenção e ação que visa produzir uma nova realidade, como uma “região a ser construída", que conta com ação estratégica de grupos midiáticos ao elegerem um recorte do espaço para atuação.

Em síntese, compreendemos a região a partir da percepção e das experiências dos indivíduos que nela habitam, reconhecendo a importância do sentimento de pertencimento e da identidade regional. Assim, a região é um espaço socialmente construído, no qual as relações interpessoais e as práticas culturais são relevantes, assim como as dinâmicas espaciais, as relações de poder e as contradições. Também é preciso considerar as redes urbanas e os fluxos de informação, destacando a interconexão entre diferentes localidades e a importância da conectividade na organização espacial.

Ainda nessa linha de pensamento, é possível definir uma microrregião como um espaço com as características de uma região, porém com o traço marcante da proximidade socioeconômica, cultural, política e comunicacional, o que torna essas relações mais tangíveis para os habitantes dessas localidades. Para fins estatísticos do IBGE, a microrregião é formada por um agrupando municípios contíguos com similaridades econômicas e sociais, marcado ainda pelo espaço vivido e percebido de interdependência e identidade local.

No entendimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a microrregião é entendida como uma parte de uma mesorregião que apresenta especificidades quanto à organização do espaço, mas isso não significa uniformidade e unicidade à microrregião. O instituto também considera as estruturas de produção e as interações espaciais para reconhecer uma microrregião.

Aproximando essa definição para a comunicação e o jornalismo, é possível identificar veículos com atuação local ou hiperlocal, como as rádios comunitárias que têm alcance limitado, jornais impressos com alcance restrito e sites voltados para o conjunto de municípios que formam essa microrregião. Além disso, as pautas trabalhadas nesses veículos, muitas vezes, não ganham repercussão em veículos de alcance regional ou nacional. Desta forma, os fluxos informacionais (midiáticos e

interpessoais) estabelecem uma teia de conexões que reforça laços de pertencimento e a comunicação sobre o “próximo” ganha relevância e circulação específicas, distinguindo-a de outras áreas.

Assim posto, a microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins, ilustra a complexidade do conceito de região. Apesar de fazer parte do estado do Tocantins, essa localidade possui fortes ligações econômicas, sociais e culturais com os estados vizinhos, Maranhão e Pará. Realidade que demonstra que as fronteiras administrativas nem sempre coincidem com as realidades espaciais vividas pelas populações. Por isso, a abordagem da região como espaço vivido dentro de um complexo de redes permite compreender as relações dialéticas entre os indivíduos e o território. E aqui a comunicação desempenha um papel crucial ao promover o diálogo entre diferentes localidades, fomentando a identidade regional e fortalecendo os laços entre os habitantes. Desta forma, ao analisar as práticas comunicacionais e jornalísticas de uma determinada região pode-se identificar as relações de poder que permeiam os diferentes espaços, as desigualdades socioespaciais existentes e as lutas pela apropriação e gestão do território.

Neste contexto, ao se voltar para os conhecimentos teórico-metodológicos da Geografia, os estudos de mídia no Brasil têm como ponto de confluência o uso do Regiões de Influência das Cidades (Regic), mapeamento feito pelo IBGE há 50 anos. A primeira versão do estudo foi feita em 1966 e publicada em 1972 com o nome de “Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas”. O nome Regic veio com a publicação em 1987 e permanece até hoje. O último estudo foi realizado em 2018 e publicado em 2020 pelo instituto.

Para Pinto (2015), o estudo reforça a existência da aproximação entre Geografia e Comunicação ao destacar a influência dos meios de comunicação nas cidades, além de considerar a infraestrutura de mídia como uma das condições de centralidade das cidades. Deolindo (2016) salienta que o Regic de 2007 mostrou que a produção midiática brasileira é dominada por um grupo pequeno de cidades. Estas dispõem de um contexto de produção cultural, intelectual e artística de referência, além de terem um maior poder econômico, típico de onde as empresas estão sediadas.

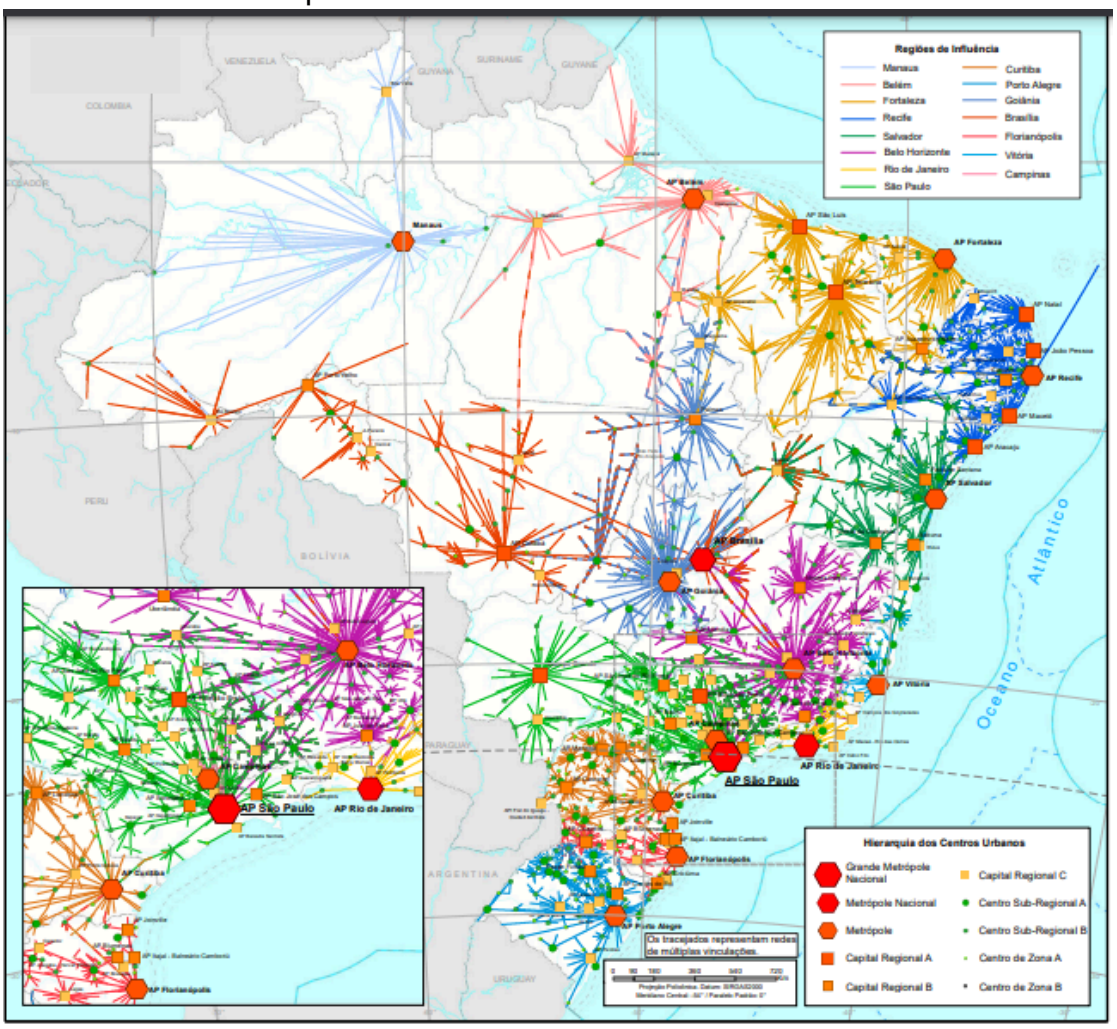
No estudo de 2018, o IBGE estabeleceu a hierarquia dos centros urbanos brasileiros, definindo as áreas de influência com base nos bens e serviços

disponíveis e na extensão geográfica abrangida por eles. Assim como nas versões anteriores, o Regic 2018 levou em conta a difusão de informações midiáticas no território brasileiro como um dos elementos fundamentais para qualificar os centros urbanos.

Neste sentido, o estudo estabeleceu a seguinte classificação: Grande Metrópole Nacional (arranjo populacional concentrando 21,5 milhões de habitantes); Metrópoles Nacionais (arranjos populacionais com 12,7 milhões e 3,9 milhões de habitantes); Metrópoles (arranjos populacionais com média populacional de 3 milhões de habitantes). Há também as Capitais Regionais nos níveis A (com população entre 800 mil e 1,4 milhão de habitantes), B (média populacional de 530 mil habitantes) e C (média de 300 mil habitantes).

Por fim, o estudo estabelece os Centros Sub-Regionais (média nacional de 85 mil habitantes), Centros de Zona (média populacional de 30 mil habitantes) e os Centros Locais (média populacional de apenas 12,5 mil habitantes). Assim, conforme os dados desta edição, a rede urbana brasileira conta com 15 Metrópoles, com São Paulo ocupando isoladamente a posição de maior hierarquia urbana do país, seguida de Brasília e Rio de Janeiro. A microrregião do Bico do Papagaio aparece neste mapeamento (Mapa 1) entre três Capitais Regionais nível C (Imperatriz – MA, Marabá – PA e Araguaína – TO) e conta com dois Centro de Zona (Araguatins e Augustinópolis).

Mapa 1 – Rede urbana do Brasil em 2018

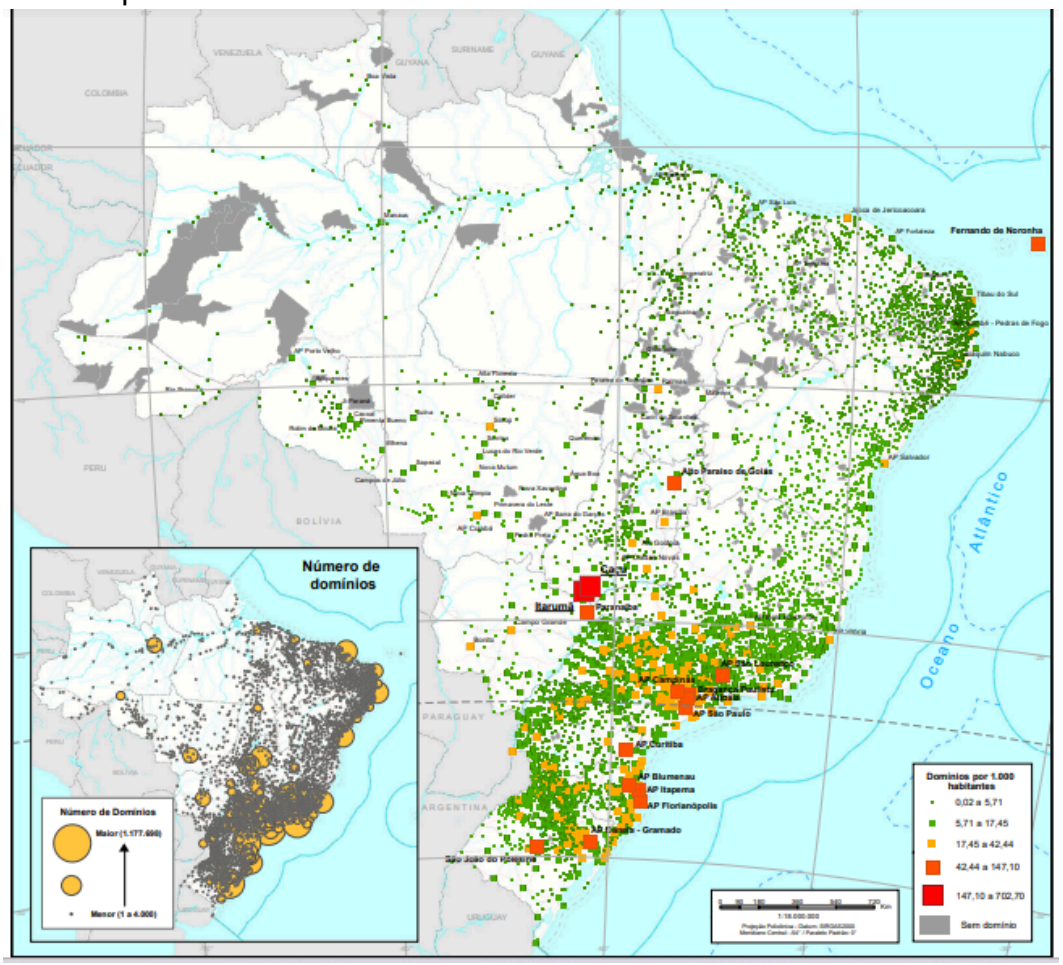


Fonte: IBGE, 2020.

Para verificar a difusão de informações, a última edição do Regiões de Influência das Cidades 2018 investigou três meios: origem dos jornais impressos, distribuição dos domínios de Internet e a rede das emissoras de televisão brasileiras. No primeiro quesito, “o questionário aplicado revelou que esse tradicional meio de propagação de notícias tem perdido relevância no estabelecimento de relações hierárquicas da rede urbana, se tornando ausente em grandes porções do território brasileiro” (IBGE, 2020, p. 119). Na microrregião do Bico do Papagaio, foco deste estudo, as cidades de Araguatins e Augustinópolis aparecem nesta listagem com a circulação de veículos impressos, mas vale ressaltar que, segundo o Mapa da Mídia do Tocantins (2020), atualmente não há nenhum veículo impresso em circulação na microrregião.

Quanto à distribuição dos domínios de Internet, o estudo esclarece que “são uma maneira importante de manter um conteúdo na Internet, significando que um indivíduo ou organização mantém autoridade sobre determinado conjunto de conteúdos” (IBGE, 2020, p. 121). No mapeamento (Mapa 2), a internet chega a 4.635 localidades (94,6% do total) com ao menos um domínio. As cidades que não possuem nenhum domínio estão localizadas, majoritariamente, nas regiões Norte e Nordeste, onde as condições materiais para o funcionamento da Internet ainda são precárias. É possível verificar no mapeamento cidades com pelo menos um domínio de internet no Bico do Papagaio, mas a qualidade de acesso ainda é um gargalo na microrregião.

Mapa 2 – Densidade de domínios de Internet no Brasil em 2019

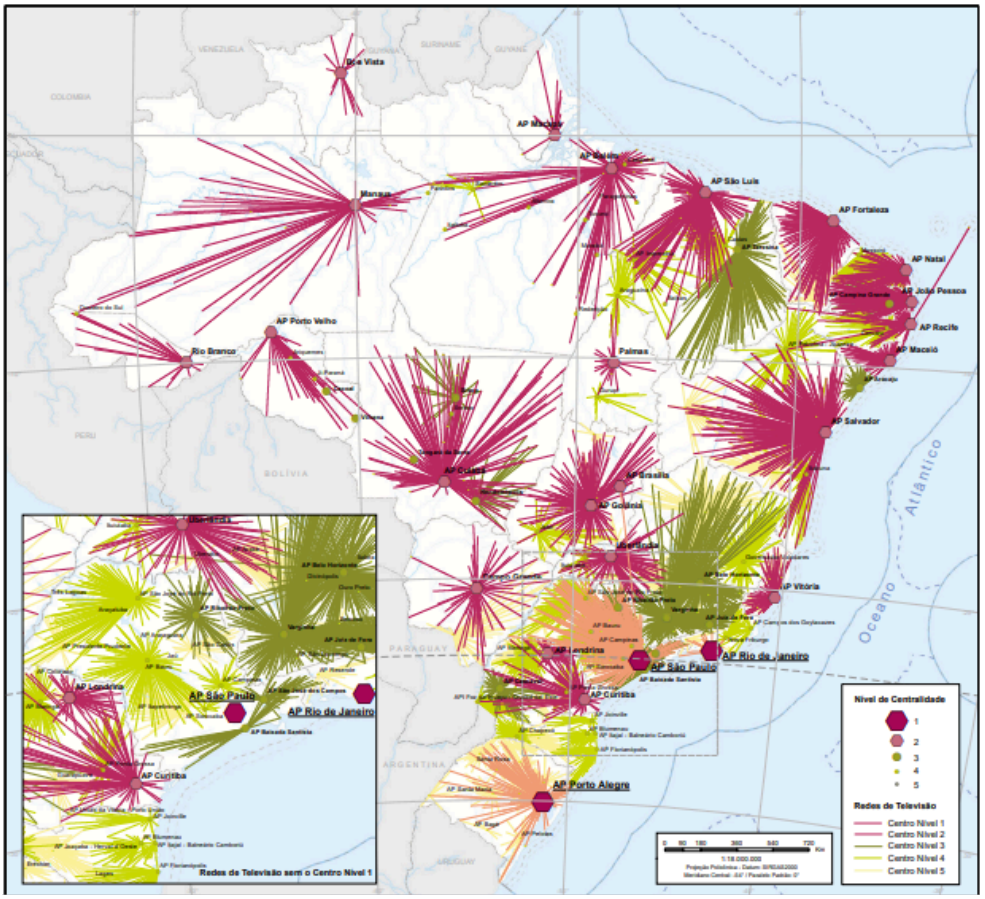


Fonte: IBGE, 2020.

Em se tratando das redes de televisão aberta, o Regic 2018 investigou quatro: Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Record e TV Cultura. O estudo

desconsiderou a Rede Bandeirantes, RedeTV! e TV Gazeta por não possuírem informações completas nos sites oficiais. O mapeamento contabilizou 185 centros urbanos no Brasil que emitem sinais de redes de televisão aberta para 4.714 cidades, que apenas recebem a programação e integram suas áreas de cobertura. Ainda segundo o estudo, “as áreas de cobertura das redes de televisão seguem um padrão predominantemente estadual, isto é, o alcance do sinal de cada emissora respeita os limites da Unidade da Federação à qual pertencem” (IBGE, 2020, p. 124) (Mapa 3). No caso da microrregião do Bico do Papagaio, os municípios são abastecidos com informações televisivas oriundas das cidades de Araguaína (TO), e Imperatriz (MA), via afiliadas da Rede Globo.

Mapa 3 – Áreas de cobertura das redes de televisão no Brasil



Fonte: IBGE, 2020.

Ao relacionar os dados do Regic 2018, as discussões teóricas e a compreensão de que “as indústrias de mídia voltadas ao jornalismo são um tipo de atividade econômica de serviço, cujo processo de produção é intangível e

inestocável, baseado em insumos e ativos intangíveis, e com uma relação de produção e consumo simultânea e interativa" (Reis, 2022, p. 60), é possível pensar numa classificação ou ordenamento dessa produção jornalística, principalmente, no que tange suas relações com o público e com as demandas sociais. Isso ocorre também porque "[...] as instituições de mídia locais e regionais apresentam-se como dispositivos importantes nas relações de poder e produção simbólica, orientadas pelos referenciais da proximidade" (Aguiar, 2016, p. 68).

Portanto, ao tratar de mídia regional e jornalismo regional, concordamos com Silva (2018) que os veículos regionais têm potencial para atuarem como espaços de referências, identidades e representações para e nas comunidades onde estão inseridos e atuam, que pode ser uma cidade ou uma região. Desta maneira, concordando com Aguiar (2016), entendemos que regionalizar significa ressignificar parcelas de territórios, por meio de intervenções midiáticas, que podem ser semelhantes às praticadas pela grande mídia, como também podem produzir formas específicas de atuação.

2.2 JORNALISMO NO CONTEXTO REGIONAL, LOCAL E DE PROXIMIDADE

A história dos estudos em Comunicação e em Jornalismo no Brasil começa a ser trilhada no final do século XIX, com trabalhos mais documentais e históricos. Com a criação das escolas de Jornalismo na década de 1960, as pesquisas científicas começaram a se desenvolver de forma mais significativa e consistente. A partir da década de 1990, os trabalhos da área também passam a destacar a história e trajetória dos jornais regionais e locais, destacando o papel e as peculiaridades da comunicação nas diversas regiões do país (Peruzzo, 2005; Melo, 2010; Pinto, 2015).

Deolindo (2016) destaca que as abordagens histórica (sobre a trajetória de jornais locais e regionais), das representações sociais (análises de discursos, de enquadramentos e de conteúdos que reforçam a identidade regional/comunitária), a conceitual (sobre as especificidades e natureza do jornalismo regional), o inventário (enumera, registra e analisa mídias já extintas ou ainda em funcionamento em determinadas regiões) e a abordagem crítica (voltada para as relações de propriedade e a vinculações da mídia regional com a política e a economia)

ganharam relevância nos estudos de jornalismo regional ao longo dos últimos 20 anos no Brasil.

Ainda nessa lógica de mapeamento dos estudos voltados para o jornalismo geograficamente localizado, Aguiar (2016) realizou um inventário contabilizando 908 artigos oriundos dos principais eventos da área. A autora identificou 34 expressões diferentes utilizadas pelos pesquisadores para se referirem ao jornalismo praticado fora dos grandes centros, sendo que as expressões mais comuns foram: “Jornalismo de Interior”, “Jornalismo Local” e “Jornalismo Regional”. Dentre as principais associações feitas nos estudos de jornalismo sobre o local e o regional, as discussões mais empreendidas são: “[...] a de proximidade geográfica com o público, as fontes e os conteúdos com os quais lidam os veículos; e a de identidade sociocultural e histórica com os territórios e as cidades dos quais emergem ou nos quais se inserem [...]” (Aguiar, 2016, p. 31).

A autora ainda classifica as expressões encontradas em quatro blocos, cada um referente a uma escala espacial-discursiva: “local”, “interior”, “regional” e “local-regional”. No primeiro grupo, Aguiar (2016) aponta como controversa a utilização do termo “comunitário”, utilizado principalmente pelas TVs numa estratégia de construção de identidade com populações de pequenas cidades. Por outro lado, no bloco “interior”, o destaque é a debilidade da própria noção de interior utilizada pelos autores dos trabalhos. O termo não é utilizado numa escala espacial, mas como categoria relacional entre urbano e rural.

No terceiro bloco, Aguiar (2016) salienta a falta de uma proposição conceitual sobre a noção de região, pois a utilizada nos trabalhos se refere apenas a um recorte espacial a partir de estudos de caso. No bloco “local-regional”, estão os trabalhos que têm dificuldades nas qualificações complexas e escalas variáveis, indo de bairros em metrópoles a regiões de fronteiras. Em síntese, essas categorizações “[...] correspondem a escolhas de caráter estratégico do veículo, da empresa ou do próprio pesquisador, com raras elaborações de fundo epistemológico” (Aguiar, 2016, p. 19).

Outro estudo de destaque nesta área é o de Pinto (2015; 2017), no qual são apresentadas duas principais perspectivas de análise da mídia regional nos estudos da área: a relacional assimétrica e a superlocal. Para a autora, ambas as perspectivas são insuficientes para explicar a mídia regional, pois a primeira tece

análises a partir da interação dependente com a mídia nacional. Já a segunda encara de forma positiva e supervalorizada a produção regional. Desta forma, a autora busca compreender a mídia regional como um item agregador e integrante de um sistema midiático. Ele acredita que o reconhecimento da diversidade e heterogeneidade do regional possibilita novos estudos e avanços nas pesquisas sobre o assunto, que ainda são subvalorizadas na pesquisa brasileira de mídia. “Mesmo com possíveis limitações, a mídia regional é produzida e circula em diferentes partes do Brasil e o seu entendimento, mesmo que em descompasso com o desenvolvimento de outras áreas, não o torna desnecessário” (Pinto, 2015, p. 39).

A partir das análises de Pinto (2015), Deolindo (2016, p. 96) propõe uma abordagem econômica e geográfica para compreender a mídia regional e alargar “[...] as perspectivas dos estudos de mídia local e regional e ajudar a alcançar uma compreensão mais adequada dessas firmas individualmente e em seu conjunto”. Ressalta-se que as duas autoras concordam com a contribuição dos instrumentos teóricos e metodológicos da Geografia para os estudos da mídia regional, pois, segundo elas, permite a contextualização espacial, demográfica, social e econômica de onde essa mídia está inserida.

Ao se debruçar sobre a literatura acadêmica que se volta para os estudos do jornalismo geograficamente localizado, percebe-se que os conceitos de jornalismo regional, local, de interior, hiperlocal e de proximidade são elásticos e englobam algumas características. Desse modo, é importante destacar que o jornalismo inicialmente nasce como local e regional, por conseguir dar conta de assuntos de algumas cidades, principalmente as capitais, e só depois, com o desenvolvimento tecnológico, tomou a abrangência nacional e internacional. Com a globalização da economia e das comunicações, pensou-se no fim da comunicação local, “para em seguida se constatar o contrário: a revalorização da mesma, sua emergência ou consolidação em diferentes contextos e sob múltiplas formas” (Peruzzo, 2005, p. 2).

Assim, esse jornalismo com práticas geograficamente localizadas, ou seja, estar mais próximo dos fatos que noticia, da audiência e das fontes que consulta, além da identidade sociocultural e político-econômica dos territórios que alcança, tende a ser denominado como regional quando sua área de cobertura envolve vários municípios. Quando essa cobertura é centralizada em um município, é chamado de

jornalismo local. No cenário europeu, principalmente na Espanha e em Portugal, essa prática é chamada de jornalismo de proximidade.

Destacamos, contudo, que o objetivo do jornalismo regional não é reproduzir a mídia de prestígio nacional num contexto menos, mas sim descobrir maneiras e formas de agir na realidade em que está inserido. Além disso, na estrutura, as rotinas e a recepção têm mudanças consideráveis devido à ligação mais próxima com os fatos noticiados e com as pessoas envolvidas neles, isto é, relações provenientes da demarcação territorial e da realidade que cerca as empresas de comunicação regional (Assis, 2013).

Aguiar (2019) ainda salienta que os veículos regionais e locais quebram um profundo silêncio de determinadas comunidades que, por diversos períodos, apenas recebiam as notícias dos grandes centros. Ou seja, o jornalismo regional e local passa a ecoar vozes de comunidades historicamente silenciadas pela grande imprensa. Além disso, Melo (2006) afirma que os jornais regionais são elementos fundamentais para contar a história da sociedade e para intervir nela, se diferenciando dos veículos dos grandes centros por imprimir a “cor do local” nas narrativas apresentadas.

Ainda segundo o autor, os jornalistas que atuam nesses jornais conhecem as cenas urbanas onde os fatos noticiados acontecem, pois é o barzinho que eles frequentam, a praça onde passeiam com a família, a rua da infância. E isso marca uma diferença na forma de se relacionar com as fontes, interpretar os fatos e narrar os acontecimentos. Conforme Aguiar (2016), nesse contexto, a ideia de proximidade adquire sentidos e efeitos diferentes em uma região metropolitana onde vivem mais de um milhão de pessoas ou em uma pequena cidade de 30 mil habitantes. Estar mais perto permite ver os acontecimentos com “outros olhos”, mas não necessariamente com mais nitidez, pois depende do envolvimento do jornalista e do jornal com os acontecimentos.

Duarte (2005) destaca como característica básica dos jornais regionais a capacidade de produzir informações mais úteis e de impacto imediato no dia a dia da população, além de ser importante instrumento de formação para a cidadania. Caniello (2010, p. 810) complementa afirmando que o jornalismo regional atua levando em conta as identidades, características e desenvolvimentos do espaço onde está inserido, caracterizando-se pelos “saberes e práticas da transformação da

informação dos fatos correntes […] a partir de determinado contexto social, cultural, político e econômico, geralmente determinado por um cenário geográfico". Nesse sentido, Costa (2015) afirma que os jornais regionais têm uma força que nem eles sabem.

Na seara do jornalismo regional e local, um ponto importante destacado pelos autores é a noção de proximidade. Esta pode ser compreendida através de diferentes lentes: a distância física ou espacial, os laços emocionais e interpessoais, e a convergência em torno de interesses ou preocupações comuns. Essas várias dimensões estão intimamente conectadas aos conceitos de comunidade e de pertencimento local (Kempe *et al.* 2021). Assim, a mídia que atua localmente exerce uma dupla função essencial em suas áreas de cobertura. Por um lado, são agentes ativos na vida comunitária; por outro, participam ativamente na construção de uma percepção compartilhada do que significa o local e o regional.

Esses veículos contribuem para formar uma identidade coletiva e um sentimento de comunidade, ao criarem um espaço onde o público pode se relacionar com sua localidade e com outros moradores. A presença da proximidade (física, afetiva ou de interesses), juntamente com a partilha de objetivos para o desenvolvimento local, são elementos que moldam as dinâmicas de comunicação e a participação cívica no âmbito comunitário (López Lita *et al*., 2002).

E neste contexto, ainda se têm as mídias hiperlocais ou estratégias hiperlocais de mídias regionais que buscam se aproximar ainda mais de determinados públicos e/ou comunidades. Este tipo de mídia ganhou destaque na literatura internacional na última década, principalmente a partir de 2015 (Negreira-Rey; López-García, 2021). Ainda sem definição consensual na literatura, entende-se por mídia hiperlocal como "organizações de reportagens originais baseadas geograficamente, orientadas para uma comunidade, nativas da web e destinadas a preencher lacunas percebidas na cobertura de um problema ou região e promover o engajamento cívico" (Metzgar *et al.*, 2011, p. 774). Mas Nygren *et al.* (2018) ampliam esse conceito e englobam a mídia nativa digital, jornais impressos, rádios comunitárias e TV.

A partir da premissa deste conceitos, entendemos a mídia e a informação hiperlocal como algo fortemente atrelado a um lugar em específico, cuja forma de produção, publicação e circulação estabelece estreitas relações com o território no

qual está inserida (Rodgers, 2018). Olhando para este tipo de mídia na Espanha e em Portugal, López-García, Negreira-Rey e Rodríguez-Vázquez (2016) analisaram mais de 2 mil veículos espanhóis e 200 portugueses nos âmbitos hiperlocal, local e regional. No Brasil, ainda se têm poucos estudos que buscam este mapeamento, sendo o Atlas da Notícia a referência. Em 2021, o mapeamento do Atlas registrou um total de 13.734 veículos jornalísticos no Brasil. Há iniciativas estaduais também, como o Mapa da Mídia do Tocantins, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia da Universidade Federal do Tocantins (NEPJor/UFT). Na última atualização desse mapa, em 2024, foram catalogados mais de 70 sites, 04 jornais impressos, 26 canais de televisão e 90 rádios (Bitar; Rocha; Silva, 2025).

Karlsson e Rowe (2019) estudaram a cobertura informacional de 12 municípios suecos, comparando aqueles que tinham suas próprias redações locais e hiperlocais com os que não tinham. Os resultados mostraram que a distância geográfica entre os jornalistas e a comunidade e a falta de equipes afeta a cobertura jornalística, resultando em menos conteúdo original e mais reprodução de fontes institucionais. Miranda (2021) faz alerta semelhante ao destacar que a dificuldade em manter equipes de profissionais para cobertura hiperlocal tem resultado em replicação de conteúdos de outros blogs e informações incompletas e pouco confiáveis. Neste cenário, Carson *et al*. (2016) destacam as oportunidades para o desenvolvimento de mídias hiperlocais no contexto digital, como os baixos custos, facilidade de compartilhamento de conteúdo e da capacidade de interagir com o público. Por outro lado, os autores ressaltam desafios como a sustentabilidade financeira e produtiva desses veículos.

Peruzzo (2005) alerta ainda que essa proximidade com os fatos noticiados também tem suas fragilidades. Uma delas é a dificuldade econômica que pode interferir na postura investigativa e nas ligações políticas. Isso não é um problema único do jornalismo regional, mas neste contexto geograficamente localizado, estas relações se tornam explícitas. Além disso, as ligações e interesses políticos na mídia regional também tomam delineamentos mais emblemáticos, pois muitos veículos são de propriedade dos políticos locais que a utilizam como forma de perpetuar no poder ou manter seu reduto eleitoral.

Aguiar (2016) aponta o jornalismo declaratório como outra fragilidade da imprensa regional. Isso “[...] consiste na primazia concedida às fontes oficiais e ao

aproveitamento maciço e acrítico do press release, sobretudo os emitidos pelas assessorias de comunicação dos poderes executivo e legislativo" (Aguiar, 2016, p. 36). O resultado dessa prática são informações apenas com as vozes das fontes oficiais, não apresentando uma visão plural dos fatos.

Diante dessa mobilização de conceitos e fundamentações a respeito da mídia regional, local, hiperlocal e de proximidade, é possível perceber no ecossistema midiático que o jornalismo geograficamente localizado tem interesse e produção informativa focada numa determinada região marcada pela proximidade com o público e as fontes, além de servir como espaço de pertencimento, de reforço das identidades socioculturais, econômicas e políticas (Dornelles, 2012; Aguiar, 2016; Pinto, 2017; Jerónimo, 2015). Por conta disso, evidencia-se a necessidade de uma visão mais abrangente nos estudos do jornalismo local-regional, como o empreendido nesta tese, pois abrem caminho para se pensar em outra caracterização para o jornalismo desenvolvido em diferentes regiões do país. Essa abordagem ampliada deve focar não apenas nos produtos e coberturas, mas, nas ligações com o território onde o jornalismo se insere e nas relações sociais que o circunscrevem, considerando as dinâmicas de produção, divulgação e circulação na esfera pública contemporânea, fortemente marcada pela cultura digital.

2.3 JORNALISMO DE PROXIMIDADE CONTRAPONDO OS DESERTOS DE NOTÍCIAS

O acesso à informação e a existência de um ecossistema midiático plural são considerados pilares fundamentais para o exercício da cidadania e a vitalidade democrática em qualquer território (Moreira; Bianco, 2019). No entanto, a distribuição desigual de recursos e infraestrutura comunicacional no Brasil nos leva a refletir sobre um cenário que é marcado pela concentração de veículos nos grandes centros e a pouca ou nenhuma existência, além da concentração de capital nos conglomerados de mídia no cenário regional e nacional (Barros, 2019). Esses fatores levaram à adoção, no Brasil, de um conceito inicialmente desenvolvido nos Estados Unidos, os chamados "desertos de notícias" (Abernathy, 2016, 2017; 2018; 2020).

Segundo a autora, os desertos são comunidades urbanas e rurais sem acesso mais amplo a notícias e informações confiáveis e abrangentes. Além disso, são cidades não-metropolitanas e regiões desprovidas de riqueza econômica, que também sofrem com a falta de políticas públicas nos diversos setores, como saúde, segurança e educação. A pesquisa desenvolvida por Abernathy (2016; 2017, 2018, 2020), no Centro para Inovação e Sustentabilidade na Mídia Local, da Escola Hussman de Jornalismo e Mídia, da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, indica um certo colapso do modelo comercial de negócios que sustentou o jornalismo desde o século XIX, que foi o financiamento oriundo de publicidades públicas e comerciais.

Mas Mick, Christofoletti, Lima e Tavares (2021, p. 97) alertam que essa “crise” no jornalismo vai além do modelo de negócios:

> [...] as dificuldades atualmente enfrentadas pelo jornalismo no Ocidente não se resumem a uma crise no modelo de negócios. O que continua a ser chamado de “crise” do jornalismo é um problema multidimensional mais amplo, relacionado à contínua erosão da confiança dos públicos nas organizações jornalísticas; a sustentabilidade financeira é apenas a face mais visível do problema e não será alcançada sem a invenção de novos modelos de governança (e provavelmente novas organizações) capazes de repactuar relações duráveis de confiabilidade com os diferentes públicos envolvidos.

Diante desse contexto, os veículos jornalísticos menores atuam com dificuldades ou deixam de existir por não conseguirem se sustentar. No cenário brasileiro, isso aconteceu, principalmente, com os jornais impressos que deixaram de circular ou migraram completamente para a versão digital. Rádios e televisões também reduziram suas equipes. No Tocantins, por exemplo, saímos de 49 jornais impressos em 2016 para apenas quatro em 2024 (Bitar, Rocha; Silva, 2025).

No cenário brasileiro, o Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) se inspirou na pesquisa de Abernathy para desenvolver o Atlas da Notícia, que mapeia os veículos jornalísticos atuando no âmbito local e os lugares onde faltam esses veículos, denominando estes últimos como desertos (quando não têm veículo jornalístico), quase desertos (quando têm um ou dois veículos e correm risco de se tornar deserto) e não desertos de notícias (três ou mais). Na última edição da

pesquisa, em 2023[3], foram mapeados 14.444 veículos jornalísticos no Brasil, e 2.858 cidades brasileiras possuíam, pelo menos, um veículo. Quando ocorre essa situação do município ter apenas um ou dois veículos, essas iniciativas locais estão mais vulneráveis a interferências políticas ou empresariais. Além disso, foram mapeados 942 fechados, sendo 79 deles só no ano de 2023. O mapeamento também identifica algumas características desses desertos ou quase desertos: são cidades pequenas e acumulam diversas outras carências.

A noção de “deserto de notícias”, popularizada por Abernathy (2016; 2017; 2018), descreve áreas que carecem de fontes de notícias locais consistentes, alertando para as consequências dessa ausência à democracia, ao engajamento cívico e a menor fiscalização dos poderes locais. Porém, a metodologia da pesquisadora norte-americana e também adotada pelo Atlas da Notícia no Brasil, embora fundamental, pode encontrar limites ao ser transposta diretamente para realidades distintas, como a brasileira, sem considerar as especificidades dos ecossistemas midiáticos regionais e microrregionais, que apresentam configurações e desafios próprios.

Conforme Moreira e Deolindo (2023), os problemas e desafios apontados por Abernathy sobre a realidade nos EUA são semelhantes aos mapeados por pesquisadores brasileiros, como: a escassez de produção de notícias; a dificuldade de sustentação financeira de pequenos empreendimentos; a carência de acessibilidade digital; a dissociação entre os interesses dos proprietários de mídia local e os das comunidades; e a inexistência de normas que incentivem e apoiem o jornalismo local. Porém, a própria Abernathy afirma para as pesquisadoras brasileiras que o que precisamos fazer é pesquisar nossa realidade, pois muitas vezes podemos encontrar dados diversos e ainda não listados.

É nesse ponto que o jornalismo de proximidade e as práticas locais-regionais desafiam a ideia de um “deserto” absoluto em muitas localidades brasileiras com pouca infraestrutura de mídia. Mesmo onde não existem veículos tradicionais robustos, frequentemente verificamos outras formas de comunicação que cumprem funções informativas essenciais, como websites, blogs ou páginas em redes sociais

[3] Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/e/2PACX-1vQFAhPLu4ib6fic3pvGxexr2FIeCLY_ax-Ukqjz58AzM7PUHXcUyhzVCSGryRDg2P1AfzSPwbYrQWUu/pub?start=false&loop=false&delayms=3000&ref=atlas.jor.br&slide=id.p3. Acesso em: 10 fev. 2025.

que operam com estruturas mínimas, mas conseguem circular informações factuais e conteúdo adaptado ao hiperlocal (Jerónimo, 2024; Deolindo, 2013).

Além disso, as rádios comunitárias, mesmo com limitações, podem abrir espaços para notícias, entrevistas e serviços locais. A adaptação de conteúdo externo de agências, releases ou veículos maiores, usando como lente de interesse o local, também podem ser estratégias para suprir a demanda por informação. Outro ponto destacado neste contexto é o que Reis (2022, p. 221) denomina de jornalismo de influência regional, cujas características são:

> a) Lócus da produção de "notícias polarizadoras", que envolvem ou afetam moradores das pequenas cidades do entorno regional;
> b) Produtor de notícias sobre as cidades que estão na sua região de influência e que normalmente não são pautadas pelos meios de comunicação das capitais estaduais ou nacionais;
> c) Fórum regional, responsável por fazer a mediação das demandas e reivindicações das pequenas comunidades da região de influência;
> d) Referência para o consumo da "informação de proximidade", que expressa as especificidades, o cotidiano, histórias e necessidades da região;
> e) Canal de intermediação das informações produzidas por agências, assessorias e veículos jornalísticos de cidades do estado, do país e do mundo.

Isto é, num cenário de baixa densidade demográfica, econômica e produções informacionais frágeis, a cidade média ou a cidade da região imediata atua como centralidade midiática e estende sua cobertura e influência para municípios menores do entorno. Portanto, em vez de um "deserto" absoluto ou vazio, muitos desses territórios, que se configuram como os municípios menores e de baixa infraestrutura, podem se caracterizar como áreas geográficas ou administrativas onde é difícil acessar informações suficientes e diversas, mas que há circulação de infomrações locais (Verza *et al.,* 2024). Isso ocorre por conta do jornalismo de proximidade, exercido nessas cidades maiores, que garante um fluxo mínimo de informação relevante circule nessas comunidades menores.

Uma análise aprofundada das dinâmicas comunicacionais em âmbitos locais e regionais, no contexto brasileiro, revela a persistência e a relevância de práticas jornalísticas ancoradas na proximidade (Lima, 2023) e na especificidade local-regional (Aguiar, 2016), que desafiam uma aplicação simplista do conceito de deserto de notícias, mesmo em localidades com infraestrutura midiática limitada.

Isso ocorre por dois pontos: i) ter veículo no município não garante a produção noticiosa para a comunidade local, como demonstramos ao longo deste estudo; ii) não ter veículo não significa que a população fica desabastecida de informações, inclusive sobre sua realidade, pois as notícias circulam em outros canais digitais (redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas) e os municípios próximos com mais infraestrutura exercem um jornalismo de influência (Reis, 2022) nesses municípios menores.

Além disso, a comunicação pública por meio de plataformas de redes sociais por governos municipais em desertos de notícias se aproxima do conceito de comunicação hiperlocal, embora com as ressalvas sobre o conteúdo e a promoção de interesses governamentais (Montesso Junior, 2024). Essas mídias também podem se configurar como espaços para informações úteis em cenários de pouca produção jornalística local (Torre *et al.,* 2024).

Desta forma, o jornalismo de proximidade emerge como um conceito-chave para compreender a singularidade e a função social da mídia que opera em escalas geográficas reduzidas. Essa proximidade também ultrapassa a questão espacial, passando a englobar as dimensões culturais, sociais, afetivas e políticas que conectam o veículo jornalístico à sua comunidade de referência (Lima, 2023; Assis, 2013; Aguiar, 2016). Nesse sentido, a capacidade de pautar, narrar e interpretar os acontecimentos a partir de um lugar de fala compartilhado, ou ao menos familiar, com a audiência confere a esse jornalismo de proximidade sua ressonância e legitimidade. Essa ligação e relação próxima com a localidade onde atua conduz muitas vezes à seleção de pautas, ao tratamento editorial e à própria relação estabelecida com as fontes e o público.

Essa atuação jornalística em recortes territoriais específicos, sejam eles municípios, microrregiões ou outras delimitações que possuam coesão geográfica, econômica ou cultural (Alentejano, 2020; Haesbaert, 2010), não apenas reflete as particularidades do “lugar”, mas também contribui à construção e à negociação das identidades e territorialidades locais. Também contribui para a compreensão das dinâmicas de poder que se manifestam nesse território (Aguiar, 2016; Barros, 2019; Deolindo, 2022). Nesse sentido, esses veículos também atuam como mediadores entre a esfera pública local e contextos mais amplos, filtrando, traduzindo e contextualizando informações para sua audiência específica. Como parte da

configuração socioespacial dessas localidades, os veículos jornalísticos podem também reforçar centralidades quanto a dar visibilidade a áreas periféricas dentro da própria região ou microrregião.

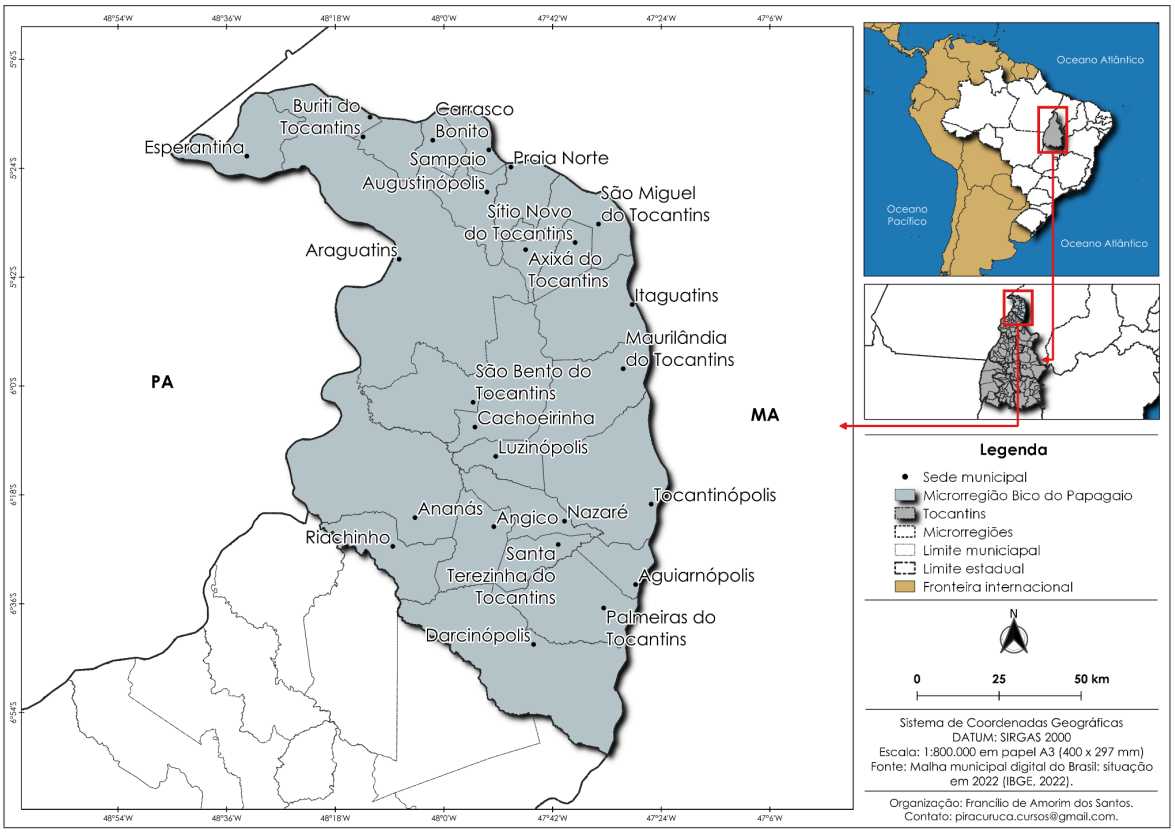
Os veículos nessas localidades, como demonstramos ao longo desta pesquisa, mesmo operando com limitações significativas (como dependência de fontes oficiais, poucos recursos para investigação e pressões políticas e econômicas), representam um contraponto à ideia de um deserto ou vazio informativo total. Para discutir a presença ou ausência de jornalismo em territórios de baixa infraestrutura, é importante ir além da contagem de veículos e considerar as diversas manifestações do jornalismo de proximidade e as dinâmicas local-regionais, além de reconhecer a existência e a função de práticas jornalísticas adaptativas. Isso desafia a aplicação monolítica do conceito de “deserto de notícias”, ao mesmo tempo em que se mantém a crítica necessária sobre a qualidade, a independência e a sustentabilidade dessas iniciativas. Para compreender melhor o contexto dos veículos analisados nesta pesquisa, apresentamos no capítulo a seguir a microrregião do Bico do Papagaio.

3 BICO DO PAPAGAIO: HISTÓRIA E DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

A microrregião do Bico do Papagaio, situada no extremo norte do estado do Tocantins, atualmente, é formada por 25 municípios e apresenta uma diversidade em termos de formação geográfica, da população e da identidade cultural. O nome peculiar reflete sua forma geográfica, assemelhando-se ao bico de um papagaio, demarcado na parte leste pelo Rio Tocantins e no oeste pelo Rio Araguaia, sendo que, na ponta extrema, ocorre o encontro desses rios.

A microrregião é uma tríplice divisa (Mapa 4) entre os estados do Pará, Tocantins e Maranhão, e está inserida no ecossistema de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, comumente chamado de Zona de Ocorrência de Babaçuais. Os palmeirais formam um dossel que cobre em torno de 20% da região e serve para dar sombra ao gado nas fazendas ou apenas como uma mata ciliar ao longo dos rios e córregos.

Mapa 4 - Microrregião do Bico do Papagaio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos mais atuais dos municípios biquenses

Municípios	Emancipação política	População no último censo	Área da unidade territorial	Região imediata	Densidade demográfica
Aguiarnópolis	26 / 05 / 1994	4497 pessoas	236,792 km²	Tocantinópolis	18,99 habitante por quilômetro quadrado
Ananás	14 / 10 / 1963	10325 pessoas	1581,058 km²	Araguaína	6,53 habitante por quilômetro quadrado
Angico	20 / 02 / 1991	2876 pessoas	447,549 km²	Araguaína	6,43 habitante por quilômetro quadrado
Araguatins	13 / 10 / 1948	31918 pessoas	2633,278 km²	Araguatins	12,12 habitante por quilômetro quadrado
Augustinópolis	11 / 05 / 1982	17484 pessoas	388,810 km²	Araguatins	44,97 habitante por quilômetro quadrado
Axixá do Tocantins	14 / 10 / 1963	10262 pessoas	153,539 km²	Araguatins	66,84 habitante por quilômetro quadrado
Buriti do Tocantins	01 / 06 / 1993	10307 pessoas	252,730 km²	Araguatins	40,78 habitante por quilômetro quadrado
Cachoeirinha	20 / 02 / 1991	1961 pessoas	351,535 km²	Tocantinópolis	5,58 habitante por quilômetro quadrado
Carrasco Bonito	20 / 02 /1991	3318 pessoas	190,352 km²	Araguatins	17,43 habitante por quilômetro quadrado
Darcinópolis	01 / 01 / 1993	5827 pessoas	1641,770 km²	Araguaína	3,55 habitante por quilômetro quadrado
Esperantina	10 / 02 / 1991	7530 pessoas	506,175 km²	Araguatins	14,88 habitante por quilômetro quadrado
Itaguatins	18 / 08 / 1945	5172 pessoas	730,163 km²	Araguatins	7,08 habitante por quilômetro quadrado
Luzinópolis	26 / 05 / 1994	2717 pessoas	281,543 km²	Tocantinópolis	9,65 habitante por quilômetro quadrado
Maurilândia do Tocantins	10 / 02 / 1991	3095 pessoas	736,303 km²	Tocantinópolis	4,20 habitante por quilômetro quadrado
Nazaré	14 / 11 / 1958	4521 pessoas	395,997 km²	Tocantinópolis	11,42 habitante por quilômetro quadrado

Palmeiras do Tocantins	14 / 02 / 1992	4872 pessoas	743,407 km²	Tocantinópolis	6,55 habitante por quilômetro quadrado
Praia Norte	01 / 06 / 1989.	9044 pessoas	300,999 km²	Araguatins	30,05 habitante por quilômetro quadrado
Riachinho	24 / 02 / 1991	3960 pessoas	512,156 km²	Araguaína	7,73 habitante por quilômetro quadrado
Sampaio	01 / 06 / 1989	4215 pessoas	222,435 km²	Araguatins	18,95 habitante por quilômetro quadrado
Santa Terezinha do Tocantins	26 / 05 / 1993	2406 pessoas	274,104 km²	Tocantinópolis	8,78 habitante por quilômetro quadrado
São Bento do Tocantins	10 / 02 / 1993	5654 pessoas	1099,580 km²	Araguatins	5,14 habitante por quilômetro quadrado
São Miguel do Tocantins	20 / 02 / 1991	13241 pessoas	406,957 km²	Araguatins	32,54 habitante por quilômetro quadrado
São Sebastião do Tocantins	01 / 10 / 1963	4100 pessoas	289,597 km²	Araguatins	14,16 habitante por quilômetro quadrado
Sítio Novo do Tocantins	14 / 10 / 1963	10830 pessoas	307,095 km²	Araguatins	35,27 habitante por quilômetro quadrado
Tocantinópolis	28 / 07 / 1858	22615 pessoas	1083,600 km²	Tocantinópolis	20,87 habitante por quilômetro quadrado
Nota 1 - População no último censo: Atualizado em 22/12/2023 **Nota 2 - Densidade demográfica: Atualizado em 22/12/2023**					

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do IBGE Cidades, 2024.

Os dados do quadro 1 mostram como essa microrregião tem uma realidade demográfica que a torna singular dentro do estado do Tocantins. Apesar dos desafios em diversas áreas, a pesquisa mostrou que o Bico do Papagaio possui um potencial para o desenvolvimento sustentável e a promoção do bem-estar de suas comunidades. O estudo e a valorização das diferentes dimensões do Bico do Papagaio são fundamentais para o desenvolvimento, o fortalecimento da identidade local e para a construção de um futuro mais prospectivo, produtivo, inclusivo e dinâmico para a sua população, como demonstrado nos tópicos a seguir.

3.1 HISTÓRIA E FORMAÇÃO SOCIAL

A história da microrregião do Bico do Papagaio remonta aos tempos pré-coloniais, quando era habitada por povos indígenas, como os Apinajé e os Gavião. Conforme Giraldin (2000), as primeiras frentes de ocupação não-indígenas na região foram no início do século XIX, com a fundação do Povoado de Boa Vista", depois "Aldeamento da Boa Vista", com a presença do missionário capuchinho Frei Francisco do Monte São Vítor. Hoje, essa localidade é a cidade de Tocantinópolis. Posteriormente, chegaram os migrantes em busca de terras férteis para a agricultura e exploração dos recursos naturais. Essa relação, muitas vezes conflituosa, entre indígenas e migrantes resultou em uma complexa rede de relações sociais e culturais.

> Com a ocupação pioneira, no início do século XX, das margens dos grandes rios Araguaia e Tocantins, populações se deslocaram para as terras férteis com o fim de praticar a agricultura, e nesse sentido o uso das vazantes dos rios foi crucial para que esses ribeirinhos adaptassem suas lavouras. O caminhar da população em direção ao rio Tocantins se deu desde o século XIX, com a interiorização da pecuária no Brasil. As fazendas de gado seguiram uma marcha de ocupação do interior, no sentido oeste, ultrapassando, assim, o rio Parnaíba para ocupar a região de Pastos Bons, no Maranhão, alcançando, por fim, as margens do rio Tocantins. O processo de formação do território nos remete a pensar um movimento histórico de ocupação por múltiplos sujeitos. Primeiro, trata-se de terras ocupadas por tribos indígenas dos Apinajé e dos Carajás de Baixo, denominados de Xambioá; e, segundo, por sertanejos, principalmente fazendeiros criadores de gado bovino e agricultores de vazantes nas margens dos rios Tocantins e Araguaia (Brito; Almeida, 2017, p. 232-233).

Assim, os migrantes que chegaram à região se fixaram principalmente às margens dos rios e córregos, pois tinham fácil acesso à água para consumo, uso nas roças e para a pesca. Além disso, as terras eram férteis e havia muita caça para alimentar as famílias que chegavam. Foi nesse processo de migração na busca por terras férteis e caça que os avós deste pesquisador saíram do Maranhão, se fixaram no Bico do Papagaio e construíram suas famílias.

De acordo com Soares (2009), a história de ocupação do Bico do Papagaio se deu a partir de três pilares fundamentais: a pecuária, o extrativismo e a agricultura familiar. Os campos cerrados, com suas vastas extensões de gramíneas nativas, eram propícios para o florescimento da pecuária, que se consolidou com a criação extensiva de gado. A floresta, por sua vez, rendeu produtos valiosos como a castanha e o babaçu. O extrativismo, associado à caça, configurou-se como maneira de explorar os recursos florestais, garantindo a subsistência das famílias. Por fim, conforme o autor, a agricultura familiar, baseada no conhecimento indígena, também desempenhou um papel importante, principalmente com tecnologia indígena de utilização das cinzas da queima da cobertura florestal como adubo natural, garantindo a fertilidade do solo para o cultivo de alimentos.

A busca por terras para plantação e a fixação próximo a rios e riachos foi a origem da maioria das povoações, que posteriormente se tornaram distritos e cidades no então extremo norte goiano. Muitos dos nomes de muitos municípios são por conta dessa formação, a exemplo de Riachinho, Angico, Cachoeirinha e São Bento, que são nomes dos cursos d'água que cortam esses municípios. A junção do nome dos rios Tocantins e Araguaia é a origem do nome de Araguatins, pois a cidade fica próxima ao encontro dos rios. Já o município de Praia Norte tem este nome por conta da extensa faixa de areia no Rio Tocantins que sempre aparece em frente a cidade no período de verão amazônico.

Outras molas propulsoras da ocupação no Bico do Papagaio foram as construções das rodovias Belém-Brasília (1950) e Transamazônica (1970). Os migrantes vieram principalmente do Maranhão e Piauí nesses anos. “Esse período, em que a rodovia Belém-Brasília foi construída, gerou uma valorização das terras e produziu uma ocupação mais intensa do território (Brito; Almeida, 2017, p. 232).

É importante destacar que, após o golpe militar de 1964, o governo federal implementou incentivos fiscais e financeiros para investimentos na Amazônia,

culminando na criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) em 1966. Essa iniciativa buscava atrair investidores nacionais e internacionais para explorar as riquezas da região. Sob a influência estatal na economia, os grileiros aproveitaram-se da falta de titulação de terras na microrregião do Bico do Papagaio, transformando-as em propriedades que serviam como ativos financeiros para interesses distantes da região e dos posseiros locais (Giraldin, 2017).

Houve também, ao longo dos anos 1970 e 1980, a influência da corrida pelo ouro no sul e sudoeste do Pará, estado com o qual a microrregião faz divisa. Nesse período, houve o avanço das pastagens nas pequenas e médias propriedades. Também aumentou a grilagem e a expropriação de populações de suas terras. Isso desencadeou uma onda de conflitos pela posse da terra no Bico do Papagaio.

> Entre as décadas de 1970 e 1980, a microrregião do Bico do Papagaio ganhou visibilidade na mídia nacional por meio da atuação e repressão do movimento conhecido como Guerrilha do Araguaia e pelos violentos conflitos fundiários ocorridos durante toda a Ditadura Militar (1964-1985). A partir de incentivos fiscais e financeiros, o governo federal passou a induzir a ocupação e o desenvolvimento da microrregião, levando ao conflito, inclusive, posseiros e grileiros (Giraldin, 2017, p.12-13).

Um dos marcos dessa luta pela terra no Bico do Papagaio foi a morte de padre Josimo Tavares, que atuava em São Sebastião do Tocantins e era militante na defesa dos excluídos e na luta pela terra. Ele foi morto por pistoleiros, a mando de fazendeiros da região, na cidade de Imperatriz em 1986 (Aldighieri, 1993). Nesse período, a grilagem, a expropriação violenta das famílias, as perseguições e assassinatos dos posseiros eram práticas cotidianas na microrregião.

Segundo Brito e Almeida (2017), por conta dos intensos conflitos no Bico do Papagaio, muitas mulheres perderam os companheiros e/ou as terras e precisaram assumir os comandos e sustento das famílias. Na maioria dos casos, esse sustento veio entre a palha e o coco-babaçu, palmeira abundante na região, da qual se usa a palha para fazer quibano, balaio, peneira; do coco aproveitam o endocarpo e o mesocarpo para fazer azeite, farinha, carvão, brincos, colares e até farofa de gongo do coco.

Essa luta das mulheres, juntamente com a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), se fortaleceu e, na década de 1980, foram criados os Sindicatos dos

Trabalhadores Rurais, iniciando um amplo processo de articulação e reivindicação pela reforma agrária. Na segunda metade dos anos 1980, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) iniciou as ações da reforma agrária na região, desapropriando latifúndios improdutivos. Os primeiros assentamentos foram implementados nos municípios de Esperantina e São Miguel do Tocantins.

Esse processo se consolidou na segunda metade da década de 90, com o aumento expressivo no número de famílias assentadas, as organizações dos trabalhadores rurais consolidadas e a negociação por políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar, principalmente com o crédito rural. Em 1992, também foi criada a Reserva Extrativista do Extremo Norte do Estado do Tocantins (Resex), localizada entre os municípios de Carrasco Bonito, Buriti do Tocantins e Sampaio.

Até hoje, é a única Unidade de Conservação de uso sustentável do Bico do Papagaio. Foi criada no bojo das discussões ambientais e de desenvolvimento sustentável que estavam pulsando no mundo, principalmente no Brasil, por conta da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), realizada no Rio de Janeiro. Atualmente, passa por devastação e invasão dos catadores de coco babaçu para abastecer indústrias.

Assim, majoritariamente o Bico do Papagaio foi ocupado por agroextrativistas oriundos do Maranhão e Piauí, que implantaram o sistema de produção baseado na “roça de toco”, na coleta do coco do babaçu, no agroextrativismo de frutas nativas, pesca artesanal e na produção de mandioca e seus derivados, principalmente a farinha. Modelo que permanece até os dias atuais em muitos municípios da microrregião, pois a industrialização do Bico do Papagaio ainda caminha a passos lentos, mesmo depois da divisão do estado de Goiás e a criação do Tocantins, em 1988.

Com presença de indígenas, remanescentes de quilombolas, nordestinos e pequenos e grandes produtores rurais, o Bico do Papagaio tem a diversidade cultural como uma característica marcante. Os remanescentes de quilombolas estão localizados nas cidades de Araguatins e Esperantina, que, segundo o último Censo

do IBGE (2022[4]), contam com 81 e 127 quilombolas, respectivamente. Em todo o Tocantins, são pouco mais de 13 mil pessoas quilombolas.

Os indígenas no Bico do Papagaio são da etnia Apinjè, que tiveram sua terra demarcada em 1985, após intensas lutas dos povos originários. O território abrange os municípios de Marilândia, Tocantinópolis, São Bento e Cachoeirinha. Conforme Ladeira e Azanha (2021), os Apinajé estão classificados como Timbira Ocidentais, tem uma sofisticada organização social e aldeias relativamente populosas. Os primeiros não-índios a alcançar o território ocupado pelos Apinajé foram jesuítas, entre 1633 e 1658. Na segunda metade do século XX, os indígenas dessa etnia sofreram uma depopulação por conta da invasão de suas terras para a construção de rodovias como a Belém-Brasília (BR-010) e a Transamazônica (BR-230). Esta última cortava em cerca de 30 km a terra indígena, mas teve seu trajeto alterado após intensas lutas dos Apinajés, que contaram com apoio de outras etnias presentes no Tocantins.

Além disso, TI Apinajés é cortada pela TO-126, que liga os municípios de Tocantinópolis e Itaguatins, passando por Maurilândia. Ao longo do trajeto, estão localizadas as aldeias do Mariazinha, Botica, Riachinho e Bonito. Há também a TO-134, que vai do município de Angico ao entroncamento da BR-230, seguindo até Tocantinópolis. Esta estrada foi asfaltada recentemente e passa a poucos quilômetros da aldeia São José. Já o trecho entre Tocantinópolis e Maurilândia segue sem asfaltamento.

Os indígenas Apinajés sobrevivem da agricultura de subsistência, da caça e do coco babaçu, do qual extraem o óleo das amêndoas, aproveitam a palha para fabricar utensílios domésticos e as coberturas de suas casas. As cascas do coco são usadas como carvão para cozinhar. Os rituais Pàrkapê (homenagem aos mortos) e Tora Grande (fim do luto) estão entre os mais tradicionais desta etnia. Segundo o último Censo Demográfico do IBGE (2022[5]), 24 dos 25 municípios da microrregião contam com pessoas indígenas. Tocantinópolis (2.352 pessoas) e Maurilândia (483) são os que mais contam com indígenas na composição da sua

[4] Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?tema=populacao_quilombola&recorte=N3. Acesso em: 5 mar. 2025.
[5] Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?tema=populacao_urbana&recorte=N6. Acesso em: 5 mar. 2025.

população atual, pois são os municípios que têm a maior parte de seus territórios como integrantes da TI Apinajé.

Por conta dessa presença ativa dos indígenas na microrregião, as tradições dessa etnia ainda estão presentes em algumas comunidades, somadas com as marcas da igreja católica, principalmente, com festas religiosas em devoção aos santos e que movimentam toda a região. Ao longo dos anos, o Bico do Papagaio se configurou como um ponto de encontro de diferentes povos, tecendo um mosaico social multicolorido e de várias territorialidades. Essa miscigenação cultural se traduz na riqueza de tradições, crenças e costumes que caracterizam a microrregião.

Os tradicionais festejos em honra aos santos nas igrejas católicas, as festas juninas e as danças de rodas são marcas culturais da microrregião. As festas do Peixe (São Sebastião), do Arroz (Carrasco Bonito) e do Cupuaçu (Esperantina), além do Enduro (Axixá) e Arraiá do Sítio (Sítio Novo) movimentam a microrregião com shows locais e nacionais, que atraem muitos turistas para a microrregião.

No período de veraneio, que vai de julho a setembro, surgem os bancos de areia ao longo dos rios Araguaia e Tocantins, formando as famosas praias de água doce e movimentando a região, que recebe muitos turistas. Além disso, os fins de semana são marcados por disputas entre times amadores nos campos de futebol das cidades e comunidades rurais que movimentam uma quantidade considerável de espectadores, mesmo sem grandes investimentos do poder público. Os campeonatos municipais são as competições mais comuns, com as finais quase sempre disputadas nos aniversários das cidades.

Os times profissionais da microrregião que disputam o Campeonato Tocantinense de Futebol são o Tocantinópolis Esporte Clube (TEC) e o Bela Vista Futebol Cachoeirense (BVFC). Este último, apesar de ter 32 anos de fundação, só entrou para o futebol profissional quase 30 anos depois de sua fundação. O time, da cidade de Cachoeirinha, foi refundado pelo jogador local Gil Macena, que teve boa parte de sua carreira vestindo a camisa de clubes asiáticos.

Em 2021, o atacante refundou o clube para disputar o Campeonato Estadual Amador, que daria ao campeão o direito de se tornar profissional e disputar a Segunda Divisão do Campeonato Tocantinense. O clube se sagrou campeão naquele ano, terminou a temporada como vice-campeão da segunda divisão do Campeonato Tocantinense e garantiu vaga para a elite do futebol estadual. Na

temporada 2022, ficou entre os cinco melhores do estado. No ano seguinte, garantiu a terceira colocação no estadual.

O Tocantinópolis Esporte Clube (TEC) é o time mais tradicional do Bico do Papagaio. Ao longo de 35 anos de história, já foi campeão estadual seis vezes, sendo o atual tricampeão (2023). O alviverde é o segundo maior vencedor do Tocantinense, com seis taças ao lado do Gurupi. O maior vencedor é o Palmas, com oito títulos. O clube também já participou de diversas competições nacionais, como Série D do Brasileirão, Copa do Brasil e Copa Verde. Os jogos movimentam a cidade de Tocantinópolis e região, com a comunidade sempre lotando o Estádio Ribeirão que, atualmente, é considerado o melhor estádio do Tocantins e tem capacidade de 10 mil torcedores, após uma reforma em 2022.

3.2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Apesar da riqueza cultural, a microrregião do Bico do Papagaio enfrenta desafios socioeconômicos consideráveis. Os baixos índices na educação e saúde, a alta incidência de pobreza e a precariedade dos serviços básicos configuram um panorama comum na região desde quando ainda era extremo norte de Goiás. Uma das microrregiões mais esquecidas do estado se perpetuou com a criação do Tocantins.

Em termos sociodemográficos, a microrregião do Bico do Papagaio possui uma população heterogênea, composta por diferentes grupos étnicos e sociais. De acordo com dados do último censo do IBGE, realizado em 2022, a microrregião do Bico do Papagaio ocupa uma área de 15.993,20 km², correspondendo a 5,75% do território do Tocantins, sendo composta por 25 municípios e uma população de aproximadamente 202.747 habitantes.

Vale destacar que a divisão Microrregião é uma divisão do Governo do Tocantins que leva em conta a divisão político-administrativa dos municípios. O agrupamento incorpora municípios com graus semelhantes de desenvolvimento, a partir de dados como o Produto Interno Bruto (PIB), renda per capita, taxas de arrecadação, entre outros. É uma determinação política para fins administrativos.

Conforme Oliveira e Strassburg (2014), analisando a Taxa de Mortalidade por mil nascidos vivos, tanto na microrregião em 2010, observou-se uma queda de

-16,6%, que os autores relacionam com a melhoria na renda e nas políticas públicas implementadas pelo Governo Federal, como o Programa Bolsa Família, que condiciona o recebimento do benefício à matrícula dos filhos na escola, à carteirinha de vacinação em dia e ao acompanhamento às gestantes. Entre 2004 e 2010, o programa aumentou os repasses em 40% para o Tocantins e mais de 190% para a microrregião do Bico do Papagaio, que à época era a que mais tinha beneficiários do programa no Tocantins. Os autores destacam outros dados (Quadro 2) que mostram a realidade da microrregião entre 2000 e 2010.

Quadro 2 – Indicadores Sociais do Brasil, Tocantins e do Bico do Papagaio

Indicadores Socioeconômicos	Brasil			Tocantins			Microrregião B. do Papagaio		
	2000	2010	Δ%	2000	2010	Δ%	2000	2010	Δ%
População Total (mil hab)	169.799	190.732	12,33	1.157	1.383	19,56	174	196	12,71
População Urbana (mil hab)	137.953	160.952	16,67	859	1.090	26,76	110	129	16,99
População Rural (mil hab)	31.845	29.830	- 6,33	297	293	- 1,28	63	66	5,20
Taxa de Urbanização (%)	81,00	84,00	3,70	74,00	79,00	6,76	63,00	66,00	4,76
Densidade Demográfica	19,94	22,40	12,34	4,15	4,98	20,00	11,05	12,45	12,67
Mortalidade Infantil	30,57	22,50	- 26,40	29,93	25,60	- 14,47	61,80	51,50	- 16,67
Taxa de Fecundidade (%)	2,38	1,94	- 18,49	2,93	2,60	- 11,26	3,77	2,71	- 28,12
Taxa de Alfabetização (%)	87,60	90,30	3,08	78,84	86,50	9,72	71,80	78,90	9,89
Esperança de vida ao nascer	70,55	73,20	3,76	69,20	71,90	3,90	60,55	66,50	9,83
Índice Theil -renda	0,72	0,52	- 27,78	0,67	0,51	- 23,88	0,53	0,49	- 7,55
IFDM	0,59	0,78	32,20	0,49	0,68	38,78	0,47	0,56	19,15
Renda Domiciliar per capta	563,49	705,00	25,11	307,10	571,00	85,93	304,50	395,50	29,89
Taxa de Pobreza	35,17	21,42	- 39,10	50,61	26,09	- 48,45	81,39	73,79	- 9,34
Taxa de Pobreza Extrema	15,28	7,28	- 52,36	22,13	8,16	- 63,13	47,98	29,50	- 38,52
Bolsa Família (mil)	439.870	1.239.000	181,67	8.803	12.366	40,47	931	2.724	192,58

Fonte: Oliveira e Strassburg, 2014.

Os autores ainda pontuam melhorias na Taxa de Alfabetização na microrregião entre 2000 e 2010, saindo de 71,8% para 78,9%. Mais uma vez, os autores associam essa melhoria às políticas públicas, nesse caso no campo educacional implementadas no país, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que objetiva restaurar o direito à educação negado aos jovens e adultos, e o Programa Universidade Para Todos (ProUni), criado em 2004 e que oferece bolsas de estudos em instituições de educação superior privadas para estudantes sem diploma de nível superior.

Esses dados mostram que a microrregião ainda sofre com a pobreza e com grandes desigualdades sociais e econômicas, além de carregar o histórico de muitos conflitos agrários nas décadas de 1970 e 1980. Mas, nos últimos anos, tem experimentado, mesmo que a passos lentos, um processo de urbanização e melhorias nos índices de desenvolvimento, graças às políticas públicas voltadas para o setor rural e à população menos favorecida. Pequenas indústrias também passaram a se estabelecer na região. Segundo a Federação das Indústrias dos Tocantins (Fieto, 2016), o segmento industrial na Regional Bico do Papagaio é formado por indústrias da construção civil e do mobiliário (37,91%), seguido da indústria da alimentação (19,61%) e da indústria mecânica, metalúrgica e de material elétrico (18,30%).

As políticas públicas voltadas para moradia contribuíram significativamente para a melhoria nas condições de moradia da população local. Além disso, os investimentos dos governos na infraestrutura possibilitaram melhor mobilidade entre os municípios, que sofriam com estradas vicinais e sem asfalto, e contribuíram com a chegada de pequenos empreendimentos. A região que sofria com altas taxas de analfabetismo passou a ter mais escolas e, nas últimas duas décadas, houve significativas melhorias no ensino superior para qualificação da população local.

Os primeiros passos para qualificação profissional na microrregião foram dados em 1970, na cidade de Tocantinópolis, no ainda extremo norte de Goiás, com a criação do Centro de Formação de Professores Primários (CFPP), que ofertava atividades de habilitação e formação de professores para a educação básica. Com a criação do estado do Tocantins, em 1988, o centro passou por mudanças e, em 1990, transferiu parte de sua estrutura física para a recém-criada Universidade do Tocantins (Unitins), que continuou formando professores, mas agora em nível superior com o curso de Pedagogia (Santos, Sousa e Pinho, 2016).

Entre 2000 e 2003, a Unitins passou por um processo de federalização e se tornou Universidade Federal do Tocantins (UFT), passando a ofertar outros cursos de licenciatura no campus (Santos, Sousa e Pinho, 2016). Em 2019, com a criação da Universidade Federal do Norte do Tocantins, o campus de Tocantinópolis passou a integrar a nova instituição. Atualmente, são ofertados os cursos de licenciatura em Ciências Sociais, Educação do Campo, Educação Física e Pedagogia, além do bacharelado em Direito.

Outros três destaques na formação superior no Bico do Papagaio são: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO – Campus Araguatins), Faculdade do Bico do Papagaio (Fabic) e Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). A primeira instituição é oriunda da antiga Escola Agrotécnica Federal de Araguatins, inaugurada em 25 de março de 1988, que iniciou com formação técnica na região voltada para o setor rural e passou a ofertar cursos superiores a partir de 2009, quando passou a integrar a rede dos Institutos Federais de Educação. Hoje, oferece os cursos de licenciaturas em Ciências Biológicas e Computação, além dos bacharelados em Engenharia Agronômica e Medicina Veterinária.

Outro passo importante no ensino superior na microrregião foi a criação da Faculdade do Bico do Papagaio, em 2005, que passou a funcionar em agosto de 2006, ofertando os cursos de Enfermagem, Direito e Tecnólogo em Gestão de Agronegócio na cidade de Augustinópolis. A instituição foi a primeira sediada na região a ofertar cursos superiores presenciais de forma particular. Por fim, com a reestruturação da Fundação Universidade do Tocantins (Unitins) em 2010, a universidade passou a ofertar cursos presenciais novamente, mas foi só em 2014 que chegou ao Bico do Papagaio, com os campi em Augustinópolis (oferta os cursos de Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem e Medicina) e Araguatins (cursos de Letras e Pedagogia).

Todas essas iniciativas contribuíram para melhorar a situação socioeconômica do Bico do Papagaio e, consequentemente, a qualidade de vida da população local, que hoje passa a contar com mais ofertas de serviços educacionais, mais oportunidades de trabalho e serviços de saúde. Mesmo que ainda se configure como uma das regiões mais pobres do Tocantins, há indícios de melhorias e avanços. Outros dados recentes sobre a realidade local são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 3 - Outros dados sociodemográficos dos municípios biquenses

Municípios	**Mortalidade Infantil**	**IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública)**	**IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública)**	**Número de escolas de ensino fundamental**	**PIB per capita**	**Salário médio mensal dos trabalhadores formais**
Aguiarnópolis	-	4,7	4,4	2 escolas	23475,65 R$	1,6 salários mínimos
Ananás	-	4,7	5,7	7 escolas	16933,69 R$	1,6 salários mínimos
Angico	24,39 óbitos por mil nascidos vivos	4,4	5,0	2 escolas	13892,42 R$	1,6 salários mínimos
Araguatins	16,91 óbitos por mil nascidos vivos	4,7	5,4	31 escolas	14472,16 R$	1,7 salários mínimos
Augustinópolis	6,83 óbitos por mil nascidos vivos	4,6	5,1	18 escolas	16169,5 R$	1,6 salários mínimos
Axixá	6,1 óbitos por mil nascidos vivos	4,2	4,5	21 escolas	14372,21 R$	2,0 salários mínimos
Buriti	8,33 óbitos por mil nascidos vivos	4,5	4,8	11 escolas	13881,93 R$	1,5 salários mínimos
Cachoeirinha	-	4,0	4,3	3 escolas	25532,91 R$	1,5 salários mínimos
Carrasco Bonito	-	4,2	4,1	5 escolas	12139,52 R$	1,3 salários mínimos

Darcinópolis	19,61 óbitos por mil nascidos vivos	4,7	4,8	5 escolas	38709,07 R$	1,7 salários mínimos
Esperantina	25,42 óbitos por mil nascidos vivos	3,6	3,6	14 escolas	10525,18 R$	1,5 salários mínimos
Itaguatins	15,63 óbitos por mil nascidos vivos	4,1	4,7	9 escolas	14240,76 R$	2,0 salários mínimos
Luzinópolis	-	4,7	5,7	2 escolas	22243,61 R$	1,3 salários mínimos
Maurilândia	28,57 óbitos por mil nascidos vivos	4,1	4,9	4 escolas	16112,55 R$	1,7 salários mínimos
Nazaré	32,79 óbitos por mil nascidos vivos	4,8	5,2	7 escolas	15413,41 R$	1,1 salários mínimos
Palmeiras	-	4,5	4,7	5 escolas	13961,56 R$	1,7 salários mínimos
Praia Norte	-	4,1	4,0	13 escolas	10876,87 R$	1,7 salários mínimos
Riachinho	-	4,0	4,4	2 escolas	14511,21 R$	1,6 salários mínimos
Sampaio	12,2 óbitos por mil nascidos vivos	4,8	4,9	3 escolas	29914,52 R$	1,4 salários mínimos

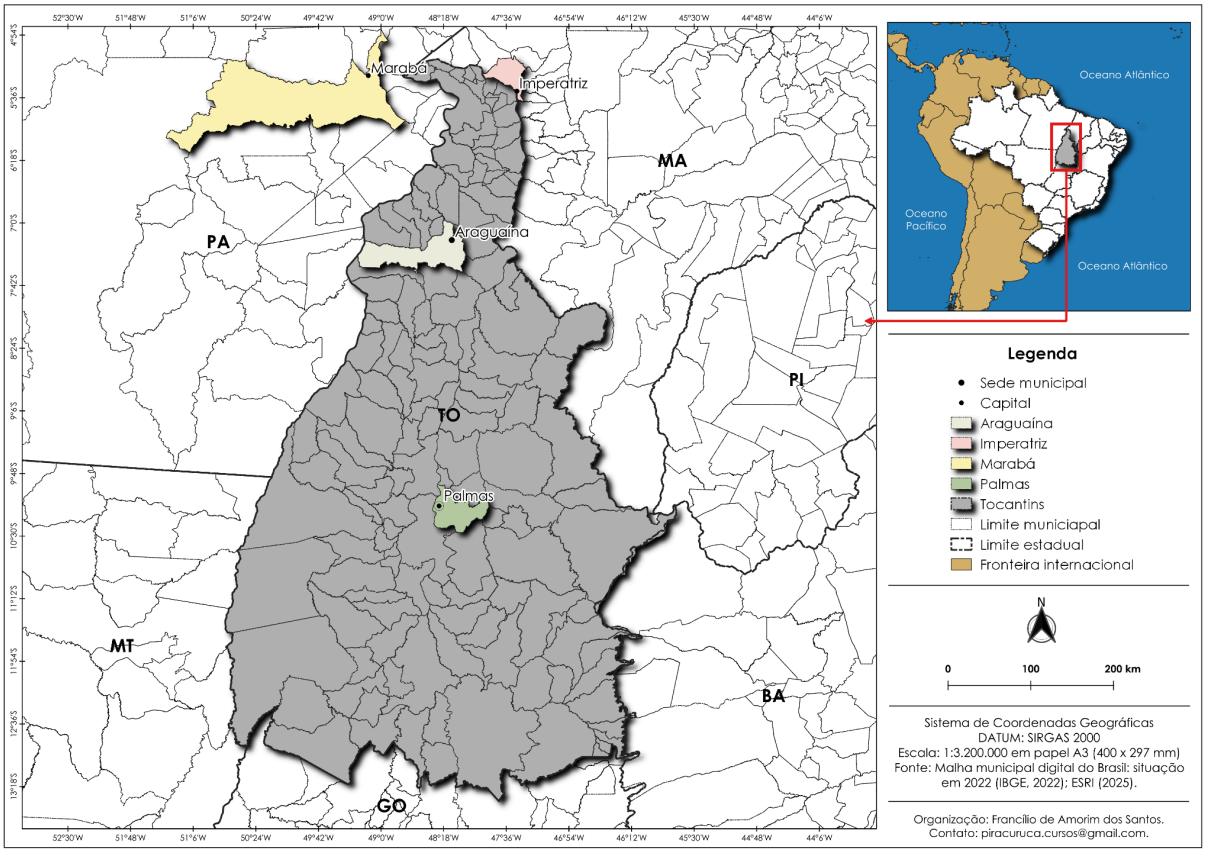
Santa Terezinha	28,57 óbitos por mil nascidos vivos	4,6	5,9	3 escolas	16573,51 R$	1,6 salários mínimos
São Bento	-	4,3	-	9 escolas	13485,35 R$	1,6 salários mínimos
São Miguel	6,9 óbitos por mil nascidos vivos	4,0	4,4	13 escolas	20555,57 R$	1,8 salários mínimos
São Sebastião	16,13 óbitos por mil nascidos vivos	4,4	5,0	5 escolas	12618,29 R$	2,0 salários mínimos
Sítio Novo	15,75 óbitos por mil nascidos vivos	4,3	5,4	13 escolas	14820,08 R$	1,7 salários mínimos
Tocantinópolis	15,11 óbitos por mil nascidos vivos	4,6	5,5	27 escolas	16329,62 R$	1,7 salários mínimos

Fonte 1 - PIB per capita: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA
Fonte 2 - Salário médio mensal dos trabalhadores formais: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2024
Nota 1 - Mortalidade Infantil: (Nº de óbitos infantis, segundo o local de residência do falecido / Nº de nascidos vivos, segundo o local de residência da mãe) x 1000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do IBGE Cidades, 2024.

As melhorias no Bico do Papagaio também são oriundas das dinâmicas nas cidades médias próximas à microrregião e com as quais há estreitas relações, a saber: Imperatriz (MA), Marabá (PA) e Araguaína (TO) (Mapa 5). São cidades que concentram diversos serviços, como comércio, saúde de média e alta complexidade, indústrias de transformação e serviços de mídia, que acabam abastecendo os municípios biquenses.

Mapa 5 - Cidades médias próximas ao Bico do Papagaio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Pela proximidade geográfica (a título de informação, são apenas 58km a distância entre a cidade central do Bico do Papagaio, Augustinópolis e Imperatriz - MA), os municípios mais da ponta do Bico do Papagaio acabam sofrendo forte influência da cidade maranhense. Conforme Almeida (2010), Imperatriz, Araguaína e Marabá podem ser consideradas polos regionais, pois suprem as necessidades de bens e serviços da região do Bico do Papagaio. Isso, segundo a autora, se deve a uma montagem infraestrutural para a circulação das pessoas, como as rodovias e as

pontes sobre o rio Tocantins, que interliga Maranhão e Tocantins, e o rio Araguaia, na divisa entre Tocantins e Pará.

Essa relação também corrobora os estudos das Regiões de Influência (Regic) do IBGE, que destaca a área de influência dos centros e os fluxos que se estabelecem a partir da distribuição de bens (produtos industriais) e de serviços (serviços ligados ao capital; de administração e direção; de educação; de saúde; de divulgação). Ou seja, a microrregião do Bico do Papagaio tem um espaço de coerência regional que ultrapassa os limites do estado do Tocantins. “Nesse sentido, a região precisa ser vista à luz desses processos e considerando seu espaço regional vivido e não aquele construído politicamente dentro de uma unidade federativa” (Almeida, 2010, p. 110).

Isso se materializa no fluxo cotidiano de moradores das cidades do Bico do Papagaio em direção às três cidades citadas (Araguaína, Imperatriz e Marabá) na busca pelos mais diversos serviços. Um exemplo prático desse fenômeno é a cooperativa de transporte alternativo de Araguatins, que conta diariamente com micro-ônibus circulando entre os municípios de Esperantina, São Sebastião, Buriti, Carrasco Bonito, Sampaio, Praia Norte, Augustinópolis, Araguatins, Axixá, Sítio Novo e São Miguel com destino a Imperatriz (MA), mesmo que a licença de funcionamento da cooperativa só permita circulação dentro do estado do Tocantins. Além disso, a influência de Imperatriz sobre o Bico do Papagaio também perpassa o cenário comunicacional, pois as rádios e televisões da cidade podem ser sintonizadas em boa parte dos municípios biquenses.

Essa configuração socioeconômica e geográfica do Bico do Papagaio é um fator ativo na construção do jornalismo produzido neste território. Entender essa configuração é essencial para responder ao problema que baliza esta pesquisa, assim como entender melhor qual o ecossistema midiático local e como atuam nesse contexto. A localização do Bico do Papagaio no extremo norte do Tocantins, distante da capital Palmas e mesmo de centros regionais maiores como Araguaína, cria uma certa zona de silenciamento e de informações destes centros para a microrregião. Os laços jornalísticos são estabelecidos mais com Imperatriz (MA), que é a cidade média mais próxima e com maior infraestrutura comunicacional. Porém, as informações do Bico do Papagaio não ganham destaque em boa parte dos veículos jornalísticos da cidade maranhense.

Por conta disso, as dinâmicas estritamente locais ou microrregionais e essa distância geográfica e administrativa dos centros de poder do Tocantins abriram espaço para que veículos locais passassem a mediar essas informações e preencher uma lacuna deixada pela mídia de maior escala tocantinense, respondendo à demanda da população por informações sobre seu entorno imediato. Isso se conecta ao problema de pesquisa ao explicar por que um jornalismo focado localmente existe e qual é sua função.

A condição de tríplice fronteira (Tocantins, Maranhão, Pará) possibilita intensas relações sociais, econômicas e culturais com cidades como Imperatriz (MA) e Marabá (PA). Porém, no cenário midiático, como mostramos mais adiante neste trabalho, essa influência ocorre mais no caso da cidade maranhense, pois os veículos sediados nesse centro urbano vizinho alcançam boa parte dos municípios biquenses, o que não ocorre no caso da cidade paraense. Isso configura o cenário não como isolado, mas como interdependente, onde a oferta e o consumo de notícias locais são atravessados por fluxos informacionais que extrapolam as fronteiras estaduais.

A configuração geográfica, portanto, não apenas permite, mas incentiva essa influência externa, e interfere no ecossistema midiático que mapeamos neste trabalho. Entender essa geografia ajuda a explicar por que veículos locais replicam notícias do Maranhão e Pará e como a influência do entorno se manifesta. Ressaltamos também que, dentro da própria microrregião, a configuração sociogeográfica não é homogênea. A existência de cidades de maior porte e dinamismo (Augustinópolis, Araguatins, Tocantinópolis) em relação aos municípios menores do entorno cria polos de concentração de serviços, comércio e, consequentemente, de produção midiática.

Essa polarização interna, fruto da distribuição desigual de população e infraestrutura no território, favorece o surgimento de um “jornalismo de influência” (Reis, 2022), no qual os veículos sediados nesses centros maiores acabam por cobrir, mesmo que de forma limitada, os municípios vizinhos, que não possuem capacidade de sustentar mídia própria. Essa geografia interna, com seus centros e periferias, ajuda a explicar a estrutura do ecossistema midiático biquense, onde os veículos se localizam e qual seu alcance. Também explica a natureza da produção jornalística encontrada, como alguns veículos com maior capacidade e alcance que

outros. Por fim, as características geográficas e socioeconômicas da microrregião (extensão territorial, distribuição populacional, níveis de desenvolvimento) impactam diretamente na infraestrutura de comunicação disponível, pois possibilitam ou não a sustentação de veículos locais.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Como anunciado na introdução do trabalho, acreditamos que a pesquisa científica surge a partir de uma inquietação com a realidade que nos cerca, permitindo interrogar e questionar contextos e situações em todas as áreas do conhecimento. O que se define como coafetações das vivências pessoais e sociais que acabam atravessando sobre a realidade, os problemas e as situações. Desta forma, partimos do pressuposto de que as investigações científicas só adquirem sentido a partir de uma problemática construída e relacionada com as especificidades contextuais. Isso direciona à adoção dos métodos mais adequados para determinada investigação, considerando que a problemática deve se basear na observação cuidadosa, na problematização e na reflexão constantes (Maldonado, 2013; 2015; Bonin, 2013), principalmente quando fazemos parte da realidade da problemática estudada.

Assim, partimos do entendimento de método como um mapa, um caminho que nos possibilita uma construção, elaboração, contraposição e entendimentos de realidades. Por ser uma trilha, precisa ser flexível e complementada com outros conhecimentos para que possa ser feita com segurança, rigor e dar conta de "aventuras" e fenômenos de maneira mais completa e complexa. Isso também possibilita desenvolver complexidades metodológicas horizontais e verticais (Sartre, 2011).

Desta forma, quando elaboramos os caminhos metodológicos em determinada investigação, também somos afetados pelo processo e vivemos constantes tensionamentos e reflexões que nos levam a modificar planos e caminhos (Maldonado, 2013; 2015; Bonin, 2013). Neste sentido, o método é encarado para além de uma ferramenta, mas como resultado da soma de uma proposição particular e da reflexão constante, principalmente diante do objeto de estudo.

Esse processo de reflexão constante nos leva, conforme Maldonado (2013; 2015) e Bonin (2013), a romper com "receitas" metodológicas prontas e oportuniza a reinvenção metodológica. Ainda segundo os autores, esse processo deve sempre ser construído com base na reflexão, no cuidado ético-político, na sensibilidade de compreensão de contextos e na ressignificação necessária para atender a sujeitos

da pesquisa, que são dinâmicos. Maldonado (2013; 2015) também acrescenta que nesse processo é fundamental o exercício da “concretização” dos conceitos, isto é, dinamizar e confrontar a investigação teórica junto ao que é observado no empírico.

A partir disso, trabalhamos com a junção de alguns procedimentos metodológicos, haja vista que cada problemática demanda observações e caminhos diferentes de pesquisas. Além disso, como aponta Maldonado (2003), cada processo midiático se organiza de acordo com propriedades específicas do meio e da produção. Neste sentido, Bonin (2008; 2016) trabalha com a ideia de arranjos metodológicos para dar conta de pensar os problemas do campo da Comunicação (e o jornalismo faz parte dele) diante do processo de midiatização vivenciado atualmente, que engloba as transformações socioculturais potenciadas pela expansão das mídias na sociedade. Isso, segundo a autora, reconfigura o ecossistema midiático, a experiência, a produção de sentido, entre outras dimensões. Bonin (2016, p. 224) destaca questões importantes a serem consideradas na elaboração desses arranjos metodológicos:

> (a) eles devem ser capazes de oferecer possibilidades de construção das múltiplas dimensões requeridas pelas problemáticas concretas;
> (b) sua realização precisa alimentar-se da reflexão teórica dos métodos para dar conta do que fazem aos objetos, dos pressupostos que se instituem como configuradores destes objetos, das possibilidades que oferecem a esta construção e dos limites que impõem;
> (c) esta reflexão, em convergência com as pistas advindas da pesquisa exploratória, irá fundamentar processos de reinvenção, criação e integração com os demais métodos e procedimentos, em um desenho coerente;
> (d) o arranjo busca, ainda, permitir a superação de limites de um método ou procedimento por outro e, ou por redesenho deste método/procedimento;
> (e) arranjos metodológicos multiperspectivados também permitem a fabricação de angulações distintas de um mesmo dado ou aspecto crucial, para produzir um dado complexo (operações multifocais na captura/fabricação dos dados).

Para pensar os arranjos metodológicos que orientaram esta investigação, foi necessário primeiramente realizar uma revisão de literatura. Conforme Lakatos e Marconi (2007), a revisão de literatura engloba a bibliografia publicada sobre o tema estudado, desde publicações avulsas, artigos, teses e até materiais audiovisuais. Assim, foi realizada uma revisão de literatura referente às temáticas: jornalismo local-regional, jornalismo no Tocantins e Bico do Papagaio. Estas e suas variações foram as palavras-chave para as buscas na base de teses e dissertações da Capes

e nos anais dos eventos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom), Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e Rede de Pesquisadores em História da Mídia (ALCAR). Foram pesquisados os anais dos eventos entre 2020 e 2024 (Apêndice A). Bonin (2016) destaca que esse procedimento implica em debruçar-se sobre os reservatórios de pesquisas, trabalhar processos de desconstrução, de reflexão e apropriação.

Esta etapa foi realizada com o objetivo de tensionar as pesquisas já produzidas, analisá-las criticamente e apropriar-se das reflexões e conteúdos produzidos que pudessem contribuir com esta pesquisa. Essas reflexões resultaram nos pressupostos teóricos que balizam esta pesquisa. Portanto, por meio da revisão de literatura, foi possível elaborar os argumentos teóricos e destacar modelos de pensamento significativos capazes de abordar as particularidades do estudo que realizamos.

Assim, como o objetivo geral desta pesquisa é mapear o ecossistema midiático dos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio, com ênfase ao papel dos veículos jornalísticos neste contexto e a influência que sofrem de outras regiões do seu entorno, metodologicamente adotamos uma abordagem quali-quantitativa ou de métodos mistos (Gil, 2021), ou seja, o foco é primeiramente na representatividade numérica e posteriormente uma abordagem aprofundada dos principais veículos mapeados para identificar suas produções, formas de sustentabilidade, rotinas de produção e relação com o público.

Para atingir este objetivo, desmembramos a pesquisa em três fases: i) *survey* on-line e presencial nos 25 municípios do Bico do Papagaio para levantamento dos indícios do consumo de mídia local e dos veículos que atuam na microrregião; ii) acompanhamento dos sites e redes sociais dos veículos durante os meses de novembro e dezembro de 2024 para coleta das notícias e postagens nas mídias sociais; iii) entrevista com os responsáveis pelos três sites analisados. Detalhamos cada etapa a seguir, pois entendemos que esse processo é essencial para compreendermos a condução do estudo e as análises que foram empreendidas a partir dos dados coletados.

4.1 PRIMEIRA ENTRADA EM CAMPO: OS *SURVEYS*

Desta forma, esta pesquisa tem um delineamento incorporado (Gil, 2021), pois conta com a coleta de dados quantitativos (*survey* e análise de conteúdo) e qualitativos (entrevistas), com a predominância da abordagem qualitativa. O propósito de incorporar dados quantitativos foi aprimorar a pesquisa. Para tanto, a primeira etapa quantitativa desta pesquisa foi realizada em dois momentos: em dezembro de 2023 e janeiro de 2024, e entre maio e agosto de 2024. O objetivo foi quantificar os veículos de comunicação presentes no Bico do Papagaio e os indícios do consumo de mídia da população local. Isso ocorreu por meio de um levantamento on-line e depois presencialmente nos 25 municípios que formam a microrregião do Bico do Papagaio. Segundo Gil (2021), o *survey* é caracterizado pela interrogação direta das pessoas que se procura conhecer, solicitando informações a um grupo considerável de pessoas acerca do problema estudado.

Outra motivação para a relação do *survey* foi a falta de dados e informações precisas sobre os veículos sediados no Bico do Papagaio. Além disso, encontramos divergências nos dados do Atlas da Notícia (2023), do Mapa da Mídia do Tocantins (Rocha, Sousa e Alves, 2020) e da minha vivência pessoal enquanto morador da microrregião. Desta forma, no primeiro momento, aplicamos um questionário on-line entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024. O levantamento foi realizado por meio do *Google Forms* (Apêndice B) distribuído para os 25 municípios da microrregião.

O questionário foi composto por questões socioeconômicas, de acesso à internet e sobre os veículos de comunicação, bem como a mensuração do consumo de mídia desta população. O questionário foi destinado exclusivamente aos moradores da microrregião do Bico do Papagaio maiores de 18 anos. Participaram desta etapa apenas os voluntários que selecionaram eletronicamente a opção “Li e compreendi os objetivos e procedimentos da pesquisa e aceito participar”, o que corresponde à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice C), o qual também pode ser impresso se o participante assim desejasse.

Como segundo item obrigatório do questionário, tivemos a informação da cidade onde a pessoa residia. Durante os dois meses de coleta, obtivemos 148 respostas de moradores de 16 dos 25 municípios que formam o Bico do Papagaio. Para conseguir essas respostas, o *link* do questionário foi distribuído em grupos de

WhatsApp da região, entre familiares do pesquisador e enviado via e-mail para instituições públicas dos municípios, como prefeituras, secretarias municipais, escolas da rede estadual, igrejas e universidades. Procuramos ainda perfis nas redes sociais dessas instituições públicas e compartilhamos o *link* do questionário, sempre pedindo que o *link* fosse repassado a outras pessoas. Diante da desconfiança do público, que suspeitou que poderia ser um golpe para coletar dados pessoais, procuramos veículos da região e divulgamos um texto informando sobre a pesquisa com o intuito de esclarecer e divulgar o questionário (Apêndice D).

Não foi tarefa fácil conseguir as respostas. Também foi nítido que as pessoas respondiam quando alguém do seu ciclo de amizade ou parentesco respondia e compartilhava o *link*. Isso reflete uma das limitações desta técnica de coleta de dados utilizada. Assim, apesar de este tipo de técnica de coleta de dados ser útil para verificar a opinião das pessoas e o consumo de mídia, obtivemos poucas respostas. Diante das limitações relatadas e da pouca adesão, decidimos visitar presencialmente os 25 municípios para verificar *in loco* quais veículos existiam e estavam em funcionamento durante a pesquisa de campo. Juntamente com essas informações, a visita aos municípios serviu para levantar indícios do consumo de mídia da população local. Foi a partir desses dados que definimos os veículos analisados nesta pesquisa, como destacamos mais adiante.

Como ressaltam Deslauriers e Kérisit (2012), a pesquisa qualitativa parte de uma rede de interesses do pesquisador que orientam determinadas escolhas. Por ser natural da região, acreditamos que esta etapa forneceria dados importantes para a condução das próximas etapas da pesquisa, bem como para a contextualização e análise dos dados obtidos. E de fato isso se concretizou, pois obtivemos informações sobre os veículos de comunicação e/ou jornalísticos, sobre a população local, bem como ficamos a par de diversas situações sociais que embasaram a análise empreendida neste trabalho.

Assim, transformamos o questionário on-line em formulário, adequando algumas perguntas que geraram respostas equivocadas e partimos para a aplicação nos municípios. Nessa etapa, contei com o apoio fundamental de Raiza Belizário, que atuou como assistente de pesquisa e viajou comigo para 21 dos 25 municípios e ajudou na aplicação dos formulários após treinamento prévio. O formulário (Apêndice E), assim como o questionário on-line, foi baseado na Pesquisa Brasileira

de Mídia (Brasil, 2016); na tese desenvolvida por Thays Reis (2022), que também realizou um *survey* para identificar e definir o jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão; na tese de Hélder Lima (2023), que analisou a reconfiguração do radiojornalismo em Mato Grosso do Sul e realizou um levantamento das rádios locais; e, por fim, na dissertação de Cézar Martins (2022), que estudou os desertos de notícias em Minas Gerais.

Desta forma, optamos por um formulário com perguntas abertas e fechadas, com predominância desta última. Nosso formulário foi dividido em cinco partes, sendo a primeira dedicada à identificação social e questões socioeconômicas, seguida de tópicos sobre acesso à internet, consumo de mídia, informações sobre veículos locais e confiança nos meios de comunicação. É importante destacar que questionários e formulários são instrumentos de coleta de dados aplicados diretamente com o entrevistado, sendo o primeiro respondido sem a presença do pesquisador e o segundo preenchido pelo próprio investigador à medida que recebe as respostas.

No caso do formulário, há um contato direto face a face e possíveis explicações em casos de perguntas não entendidas inicialmente pelo entrevistado. Além disso, o formulário pode ser utilizado com qualquer tipo de população e pode ser adaptado às necessidades de cada situação para uma melhor compreensão do informante. É importante ter em mente que este tipo de instrumento também tem desvantagens, como os riscos de influência pelo aplicador, inseguranças nas respostas pela falta de anonimato e a demora na aplicação por ter que fazer a uma pessoa por vez (Marconi e Lakatos, 2017).

Entendemos que as vantagens do instrumento de coleta se sobressaem para o objetivo desta pesquisa. Isso foi perceptível por conta do contato com as pessoas e das respostas que obtivemos, que em diversas vezes foram além das solicitadas e nos proporcionaram mais informações sobre a realidade local e os veículos de comunicação. Boa parte dos entrevistados respondeu às perguntas feitas e complementou com uma história a mais, sobre sua vida, a cidade, os veículos de comunicação ou a realidade local.

Como nosso universo da pesquisa é complexo, compreendendo 25 municípios, e não tínhamos uma equipe mais robusta para realizar a pesquisa, optamos por trabalhar com uma amostra não probabilística por conveniência, isto é,

a escolha dos respondentes não seguiu um modelo aleatório ou um controle estatístico. De acordo com Mattar (1996), para a escolha dessa amostragem, o pesquisador deve levar em conta o tipo de pesquisa, a acessibilidade aos elementos da população, a disponibilidade ou não de ter os elementos da população, a representatividade desejada, a disponibilidade de tempo, recursos financeiros e humanos, entre outros.

Schiffman e Kanuk (2000) complementam, destacando que o plano de amostragem deve responder às seguintes questões: quem pesquisar (unidade de amostragem), quantos pesquisar (o tamanho da amostra) e como selecionar (o procedimento da amostragem). Ainda segundo os autores, na amostragem não probabilística, os resultados não podem ser generalizados.

> Se a regularidade e a dimensão da amostra probabilística nos possibilitam conhecer aspectos gerais da realidade social, o caráter exemplar e único da amostra não probabilística nos dá acesso a um conhecimento detalhado e circunstancial da vida social. É, pois, em relação aos resultados que ela acarreta, bem como à sua pertinência, que a amostra não probabilística se justifica (Deslauriers; Kérisit, 2012, p. 139).

O estabelecimento de critérios mais subjetivos para seleção dos elementos amostrais impede a realização de inferências estatísticas robustas sobre a população total, apesar da economia de custos e esforço para realização deste tipo de pesquisa. Outra limitação da amostragem por conveniência, baseando-se na facilidade de acesso, é o risco de se formar amostras com grandes concentrações de determinadas características, pois a amostragem pode ser influenciada pelo local da coleta de informações (rodoviárias, shopping, praças, etc.) (Loesch, 2012).

Mesmo compreendendo as limitações, o estabelecimento da amostra não-probabilística por conveniência se mostrou a estratégia possível para este estudo diante das limitações financeiras e de recursos humanos. Assim, definimos entrevistar 20 pessoas em cada um dos 22 municípios com população menor que 15 mil habitantes. Nos três maiores municípios em contingente populacional (Araguatins, Augustinópolis e Tocantinópolis), realizamos 50 entrevistas.

Nós viajamos para cada um dos municípios e aplicamos os formulários em dois pontos principais das cidades: praça central, pois nos municípios menores há sempre uma praça na parte central da cidade, geralmente onde ficam a prefeitura e

as repartições públicas ou a igreja matriz; e o centro comercial, que se configura como uma rua ou avenida onde se concentra o maior número de estabelecimentos comerciais da cidade.

Em alguns municípios, onde não conseguimos a quantidade de entrevistados visitando esses dois pontos, nós também percorremos algumas ruas da parte central das cidades. Isso aconteceu em Carrasco Bonito, Itaguatins, Santa Terezinha, Palmeiras, Aguiarnópolis, além dos três maiores municípios. Também visitamos em todas as cidades pelo menos uma escola e uma repartição pública, que, na maioria das cidades, foi a prefeitura. As datas, municípios visitados e formulários aplicados estão sintetizados no quadro 4.

Quadro 4 - Datas e municípios visitados para aplicação de questionários

Data	**Formulários aplicados**	**Municípios visitados**
06/05/2024	30	Sítio Novo e São Miguel
19/06/2024	25	Augustinópolis
20/06/2024	40	Esperantina e São Sebastião
21/06 /2024	20	Buriti
25/06/2024	20	Carrasco Bonito
26/06/2024	Entrevista com responsável pela rádio	Buriti
15/07/2024	50 + visita à rádio	Araguatins
18/07/2024	40 + visita à rádio	Maurilândia e Itaguatins
22/07/2024	55	Darcinópolis, Angico e Luzinópolis
23/07/2024	45	Luzinópolis, Cachoeirinha e São Bento
24/07/2024	10	Sítio Novo e São Miguel
31/07/2024	40	Santa Terezinha e Nazaré
01/08/2024	80	Palmeiras, Aguiarnópolis e Tocantinópolis
02/08/2024	10 + visita à rádio	Tocantinópolis
05/08/2024	20	Sampaio

06/08/2024	45	Praia Norte e Augustinópolis
08/08/2024	20	Riachinho
09/08/2024	20 + visita à rádio	Ananás
12/08/2024	20	Axixá
19 dias em campo	**590 formulários aplicados**	**25 municípios visitados**

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Todo o processo começou com um pré-teste realizado nos municípios de Sítio Novo e São Miguel, em maio de 2024. Realizamos 15 entrevistas em cada município a fim de verificar se havia algum problema com as perguntas, organização do formulário e as reações das pessoas, pois já estávamos em período pré-eleitoral. Tivemos boa receptividade e identificamos apenas duas falhas nas alternativas de duas questões, que foram sanadas ainda durante as visitas e corrigidas para as demais versões. Assim, os dados desse pré-teste foram considerados e depois retornamos às duas cidades, visitamos outros pontos e aplicamos mais cinco formulários em cada para completar os 20 entrevistados, como definido para este trabalho. Depois tivemos uma pausa por conta da qualificação do projeto de tese, que foi realizada no dia 08 de junho de 2024. Retornamos com as visitas aos municípios em 19 de junho, após reunião com a co-orientadora e ajustes para condução da pesquisa.

Com os dados sintetizados no quadro, pode parecer que foi fácil coletá-los, mas esta etapa da pesquisa demandou muito tempo, esforço, dedicação e saúde dos entrevistadores. Para ilustrar esse caminho, é necessário relatar alguns pontos e situações que são pertinentes nesta etapa da tese. Mas antes de iniciar os relatos, é preciso destacar dois pontos importantes neste processo:

i) decidi visitar os municípios usando o transporte alternativo de passageiros, que ainda é muito utilizado na microrregião. Há basicamente duas cooperativas de transporte alternativo atuando no Bico do Papagaio. A Cooperativa de Transporte Alternativo de Passageiros e Turismo do Araguaia e Tocantins (Cootins), principal concessionária de transporte de passageiros na região do Bico do Papagaio, com sede em Araguatins; e a Cooperban, com sede em Araguaína. A primeira opera basicamente nas linhas da ponta do Bico com destino à Imperatriz (MA), havendo

poucas linhas com destino a Araguaína (TO). A segunda cooperativa é responsável pelas linhas da região de Tocantinópolis e Ananás com destino a Araguaína e Araguatins;

ii) neste período da pesquisa, minha base de apoio foi a residência da minha família, em Axixá do Tocantins. Então, todas as vezes que me refiro a distâncias ou de volta para casa, estou me referindo a Axixá.

4.1.1 Anotações do primeiro campo

Optar pelo transporte alternativo me possibilitou conhecer melhor a realidade da microrregião e até saber de histórias locais que são comuns de se ouvir neste tipo de viagem, que acaba sendo ponto de encontro ou reencontro entre pessoas conhecidas que aproveitam o trajeto para atualizar as informações com os conhecidos sobre suas vivências. Mas, em alguns municípios, esse tipo de transporte alternativo é quase inexistente. São Sebastião, Carrasco Bonito, Santa Terezinha, Cachoeirinha, Maurilândia e Itaguatins foram os mais complicados nesse sentido. Para todos, existe apenas uma van ou micro-ônibus que faz a linha com um município maior (Augustinópolis, Tocantinópolis ou Imperatriz-MA) uma vez por dia.

No caso de São Sebastião, Raiza e eu chegamos em Buriti pouco depois de meio-dia, vindos de Esperantina. Procuramos informações sobre transporte para São Sebastião e, segundo as pessoas que procuramos na praça central, não havia previsão de transporte para o município vizinho, pois o micro-ônibus que faz a linha para Imperatriz já tinha passado. Como a distância entre os dois municípios é pequena (7km), arriscamos ir de motocicleta. Pegamos dois mototáxis que nos levaram e depois foram nos apanhar no fim do dia, quando terminamos de aplicar os formulários. A rodovia está em boas condições de tráfego e não tivemos problemas maiores na locomoção entre os municípios.

No caso de Carrasco Bonito, o acesso é ainda mais complicado. Há transportes durante o dia que fazem as linhas entre Esperantina e Augustinópolis, porém a sede de Carrasco Bonito não fica às margens da TO-201, como os demais municípios. Geralmente, as vans ou micro-ônibus param no trevo de acesso à sede do município. Do trevo da TO-201 até a sede são 8 km. Se perder o microônibus que faz a linha Carrasco Bonito - Imperatriz (o horário de saída da cidade é por volta das

7h e retorno às 13h), você fica no trevo à espera de alguma carona ou pessoa que passe de carro e cobre um valor para levar você até a sede do município.

No nosso caso, tivemos a sorte de encontrar uma professora da rede estadual que estava indo para a escola onde trabalha, na sede do município, e nos deu carona. Ela nos deixou na praça da prefeitura, que é a única na cidade. E lá começamos as entrevistas, porém havia poucas pessoas e precisamos percorrer algumas ruas do centro da cidade. É importante ressaltar que, em todos os municípios que visitamos no período da manhã, encontramos pessoas com facilidade pelo centro comercial, ruas centrais e/ou praças das cidades. Carrasco Bonito foi o município que mais apresentou dificuldades, pois havia pouquíssimas pessoas pelas ruas, nas repartições públicas e na única praça da cidade.

Quando finalizamos os formulários, perto de meio-dia, fomos para a saída da cidade e ficamos à espera de algum transporte para nos levar até o trevo com a rodovia ou até mesmo a Augustinópolis, que fica a 27 km de distância. Por sorte, a mesma professora da carona pela manhã retornava para o almoço em sua casa, no Povoado 20 mil (entre Carrasco Bonito e Augustinópolis, às margens da TO-201), e nos deu carona novamente até seu povoado, onde ficamos aguardando a van para Augustinópolis ou Axixá. Acabamos pegando o micro-ônibus que faz a linha Imperatriz - Esperantina e voltava para a cidade maranhense. Seguimos até Axixá.

A situação de Cachoeirinha é semelhante a de Carrasco Bonito, pois a sede do município fica localizada à margem esquerda da BR-230 e os micro-ônibus que fazem as linhas para Araguaína ou Ananás não costumam entrar até a sede do município. Os passageiros que vão para a cidade ficam no trevo de acesso e esperam alguma carona para seguir até a sede do município ou vão a pé, percorrendo uma distância de cerca de 2km. No nosso caso, estávamos em Luzinópolis e aguardávamos às margens da BR-230 algum transporte para a cidade vizinha. Até que um morador de Luzinópolis passou de carro na outra margem da rodovia e acenou para a gente no sentido de Cachoeirinha. Eu confirmei que nosso destino era o município vizinho. Então, ele foi até nós e explicou que era difícil carro naquele horário (por volta das 9h) e só após o meio-dia as vans começam a circular, voltando de Araguaína para Araguatins.

Então, combinamos um valor e ele nos levou até Cachoeirinha. Uma cidade pequena, que conta basicamente com três avenidas paralelas e sete ruas pequenas

que cruzam essas avenidas. A principal avenida é o perímetro urbano da TO-414, que liga a cidade ao município de Ananás, porém ainda não é totalmente asfaltada. Apenas do perímetro urbano até o trevo com a BR-230 tem asfalto. Como o transporte é difícil na cidade, já deixamos acordado com o senhor que nos levou para aguardar a gente aplicar os formulários e depois nos levar para o município de São Bento. Como tivemos uma boa receptividade em Cachoeirinha, terminamos de aplicar os questionários antes de meio-dia e seguimos para São Bento.

Maurilândia e Itaguatins são outros dois municípios de difícil acesso, pois existe apenas uma van (antiga e já bem desgastada) que faz a linha Augustinópolis - Tocantinópolis, passando pelas duas cidades. O grande entrave é a pouca circulação de pessoas e os 40km de estrada de chão entre Maurilândia e Tocantinópolis. O trecho da TO-126 que liga os dois municípios fica praticamente todo dentro da Terra Indígena Apinajés e ainda não houve acordo entre os indígenas, Funai e governo do estado para asfaltar o trecho. Para conseguir chegar nos dois municípios, nós acordamos cedo para pegar a referida van, que passa em Axixá entre 6h e 6h30, e fomos direto para Maurilândia. Lá aplicamos os questionários nas principais ruas do centro da cidade e visitamos a Rádio Interativa, que fica em um bairro mais afastado do centro. Quando terminamos, fomos até a saída da cidade e esperamos algum transporte, pois nos disseram que era “comum” ter carro passando para Itaguatins. Ficamos quase 1h esperando e só conseguimos a mesma van da ida, que fazia o retorno para Augustinópolis, já próximo do meio-dia. Pegamos a van e descemos em Itaguatins para aplicar os formulários no município no período da tarde.

Assim como em Carrasco Bonito, encontramos pouquíssimas pessoas pelas ruas de Itaguatins e tivemos que andar muito pelo centro da cidade. No entanto, havia um evento realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins (Ruraltins) na orla da cidade, onde encontramos um número maior de pessoas que aceitaram participar da pesquisa. Ao terminar, por volta das 16h, ficamos quase 1h aguardando algum transporte na saída da cidade no sentido município de Sítio Novo, pois lá há veículos do transporte alternativo passando de hora em hora e conseguiríamos pegar um para Axixá.

Depois de acenar para alguns veículos, um funcionário aposentado da Embrapa, que seguia para Imperatriz, nos deu carona até Sítio Novo. Lá, em menos

de meia hora, passou o micro-ônibus para Axixá e conseguimos chegar em casa no finzinho da tarde. Neste dia, eu quase passei direto para o hospital, pois estava muito mal com mais uma crise de enxaqueca. Mas tomei medicação em casa e consegui melhorar no dia seguinte.

Para chegar aos municípios de Santa Terezinha e Nazaré, a situação não foi diferente. Primeiro que, partindo de Axixá, só é possível chegar a esses municípios indo inicialmente para Tocantinópolis ou Araguatins. Esta última tem apenas um micro-ônibus que faz a linha Tocantinópolis-Araguatins e passa pelas duas cidades. Desta vez, sozinho, eu fui para Tocantinópolis para me informar e tentar conseguir transporte para Santa Terezinha e Nazaré, além de informações de como conseguir chegar em Aguiarnópolis e Palmeiras, que também ficam próximos.

Pedindo informações para as pessoas da pousada onde me hospedei e em um grupo de WhatsApp de Tocantinópolis do qual resolvi participar, consegui as informações necessárias para chegar aos municípios. No caso de Nazaré e Santa Terezinha, a situação era mais complicada, pois há apenas um micro-ônibus que sai de Tocantinópolis às 5h com destino a Araguatins e passa pelos dois municípios. Há outras duas vans que partem desses municípios com destino a Tocantinópolis pela manhã e retornam entre 11h e 12h. Consegui o contato do motorista do micro-ônibus que faz linha para Araguatins e já deixei agendado com ele para me apanhar no dia seguinte na pousada onde estava hospedado. No retorno para Tocantinópolis, esse micro-ônibus passa em Santa Terezinha e Nazaré por volta das 15h.

No dia seguinte, saí de Tocantinópolis às 5h e cheguei cedo em Santa Terezinha (6h). Precisei esperar a cidade “acordar” para começar as entrevistas. Por sorte, a única padaria da cidade já estava funcionando e fiquei lá para tomar café e entrevistar alguém. Também conversei com alguns moradores que me alertaram que, se eu perdesse o micro-ônibus das 15h, dificilmente eu acharia carona para Tocantinópolis. Assim, apressei-me na aplicação dos formulários para finalizar e seguir para Nazaré, percorrendo uma distância de apenas 5km entre as sedes dos dois municípios.

Terminei antes das 10h, fui para a saída do município no sentido Nazaré e logo passou uma pessoa e perguntou se eu queria carona para a cidade vizinha. Eu aceitei e já fui entrando no carro sem nem perguntar de quem se tratava. No trajeto, descobri que era o padre da paróquia de Nazaré, que também é responsável pela

igreja de Santa Terezinha. Só depois, na aplicação dos formulários e conversas com as pessoas na praça de Nazaré, eu descobri que o sacerdote era pré-candidato a prefeito na cidade. Ele me deixou na avenida principal do município e me falou dos principais pontos do centro da localidade. Segui as dicas e iniciei a aplicação dos formulários. Fui bem recepcionado e encontrei muita gente nas duas principais praças da cidade, nas proximidades da prefeitura e no centro comercial. Concluí a aplicação dos questionários às 13h. Fui para a saída do município no sentido Tocantinópolis, almocei e fiquei esperando algum transporte em um posto de combustível, porém não apareceu nada e só consegui mesmo pegar o micro-ônibus, às 15h, que retornava de Araguatins para Tocantinópolis.

Mas essas duas horas no posto foram excelentes, pois chegou um fazendeiro, político e filho de uma das primeiras famílias a fixar moradia em Nazaré. Conversamos bastante sobre a cidade, a região e a política. Assim, fiquei sabendo um pouco mais sobre as localidades. Uma conversa primorosa para quem ama conhecer as histórias de pessoas mais experientes e que conhecem muito da história local. Uma pena não ter gravado toda a conversa, pois começamos o bate-papo sobre política, achei que seria mais uma pessoa pedindo voto, porém fui surpreendido com uma aula sobre a história e a formação política de Nazaré, Santa Terezinha e Tocantinópolis. Fiquei tão surpreso que esqueci de gravar.

Nesse mesmo dia, Raiza foi de Imperatriz para Tocantinópolis para me ajudar na aplicação de questionários em Aguiarnópolis, Palmeiras e Tocantinópolis. Coletas que fizemos no dia seguinte. No terceiro dia em Tocantinópolis, terminamos de aplicar o questionário na cidade e visitamos a Rádio Sucesso FM para colher as informações básicas da emissora, pois encontramos poucos registros na internet.Após finalizar os trabalhos, pegamos a van que faz a linha Augustinópolis-Tocantinópolis, passando por Maurilândia, Itaguatins, Sítio Novo e Axixá, que era nosso destino. Passamos pelos 40 km de estrada de chão entre Tocantinópolis e Maurilândia. Muita poeira, solavancos, calor e desconforto na van, que já é antiga. Chegamos em Axixá com a coluna doendo e os pés inchados, mas foi importante para compreender como é a locomoção entre esses municípios e compreender um pouco dos fluxos de informações e de interesses nessa região.

É importante destacar que Sampaio e Praia Norte também possuem poucas opções de transporte alternativo para chegar nas cidades, porém há um pequeno

grupo de taxistas em cada município que faz o transporte de passageiros entre cada localidade e Augustinópolis, que é a primeira cidade de referência para eles. Os taxistas ficam em pontos específicos em Augustinópolis no período da manhã. Já no turno vespertino, é mais complicado encontrar esse tipo de transporte. Quando visitamos Sampaio e Praia Norte, Raiza e eu fomos nesses táxis, que só fazem a viagem depois de ter um número mínimo de passageiros. Como são carros de passeio, geralmente fazem a viagem com três passageiros ou mais. No nosso caso, por exemplo, para Sampaio, fomos cinco passageiros no carro.

O último ponto que acho importante destacar desse processo de entrada em campo foi a recepção nos municípios e a relação que fizeram com o período eleitoral. Até fotos nossas tiraram para divulgar em grupos das cidades, dizendo que estávamos fazendo pesquisa eleitoral. Em todos os municípios tivemos casos de pessoas perguntando se estávamos fazendo pesquisa eleitoral. Uns procuraram porque queriam responder e falar do seu candidato ou candidata. Outros perguntaram, achando que era pesquisa eleitoral, pois não queriam responder. Houve também quem se escondesse achando que era sobre eleições e não queria responder de qualquer forma, pois há muita perseguição nos municípios pequenos neste período de campanhas políticas. Quando explicávamos que se tratava de uma pesquisa acadêmica para um trabalho de conclusão de curso, a maioria aceitou participar. Mas também houve casos de pessoas que não quiseram responder por não ser uma pesquisa eleitoral.

Nesse processo de visita aos municípios e entrevistas, também é importante destacar que optamos por informar, na maioria das vezes, que se tratava de um trabalho de conclusão de curso, pois no pré-teste identificamos um certo receio das pessoas quando dizíamos que se tratava de uma pesquisa de doutorado. A minha hipótese é que o doutorado ainda é algo distante da realidade local e que muitas pessoas não entendem do que se trata. Quando tivemos questionamentos em repartições públicas, escolas ou com pessoas notadamente com mais instrução, explicamos que se tratava de uma pesquisa de doutorado e como era desenvolvida.

Além dos problemas de locomoção entre os municípios, nesse período também tive que lidar com alguns problemas pessoais, financeiros e, principalmente, de saúde. Por conta disso, precisei pausar as viagens e a aplicação dos formulários em virtude de consultas médicas em Imperatriz, para tomar medicações ou para me

recuperar das crises de enxaqueca. Essas crises foram as mais difíceis de lidar, pois três elementos importantes na vida de uma pessoa que luta contra crises de enxaqueca são: rotina, sono e exposição ao sol. Nesse período, não tive muita rotina, pois cada viagem exigia uma logística diferente. Na maioria das vezes, precisávamos acordar às 5h ou até antes para conseguir estar na parada de van no horário certo.

Somado a isso, a partir de junho, entramos no chamado verão amazônico na região, com sol o dia inteiro, altas temperaturas e muito calor. O combo ideal para desencadear muitas crises de enxaqueca. Por conta disso, optei, na maioria das vezes, por aplicar os questionários pela manhã, mas se fizesse isso em todas as cidades, iria demorar bastante e ficaria muito mais caro o processo. Assim, decidi aplicar questionários também à tarde e isso desencadeou várias crises de enxaqueca.

Algumas vezes precisei ficar dias em casa para me recuperar das crises até enfrentar uma nova viagem e visita a outro município. Isso é importante destacar para que fiquem registradas as diversas nuances que envolvem a pesquisa de campo, pois muitas vezes esquecemos que somos humanos na hora de planejar e elaborar os cronogramas de nossas pesquisas. É sempre bom ter em mente que a pesquisa depende de muitos fatores, e o humano é o principal deles. A minha meta era fazer as visitas e entrevistas em um mês, no entanto, esse processo acabou durando quase três meses.

Esses são apenas alguns pontos dessa primeira entrada em campo para conseguir visitar os 25 municípios, aplicar 590 formulários e coletar informações *in loco* do funcionamento dos veículos de comunicação e/ou jornalísticos no Bico do Papagaio. Todos os detalhes das viagens e alguns registros fotográficos podem ser consultados no caderno de campo (Apêndice F). Foi nesse percurso que também conhecemos um pouco mais da realidade local, presenciamos problemas crônicos do interior do Brasil e ouvimos histórias de problemas sociais, políticos, educacionais e de infraestrutura na microrregião. Também fortalecemos laços e entendemos a importância da nossa pesquisa para pensar o jornalismo e a comunicação de forma geral no contexto local. Os dados dessa etapa são apresentados no capítulo 5.

4.2 SEGUNDA ENTRADA EM CAMPO: OBSERVAÇÃO DOS SITES

Após o mapeamento e identificação dos veículos, e para compreender elementos da produção jornalística local para este estudo, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2016; Sampaio; Lycarião, 2021) dos três sites que foram mais citados na etapa anterior para verificar a produção de informações, a atuação nas redes sociais, a sustentabilidade e as relações com o território. Desta forma, analisamos a produção multiplataforma dos sites Voz do Bico, Folha do Bico, e Tocnotícias durante os meses de novembro e dezembro de 2024. Além de coletar todas as notícias postadas nos sites, verificamos também os conteúdos produzidos para o YouTube, Instagram e Facebook, que são as redes mais utilizadas por esses sites (Silva; Rocha, 2023).

Ressaltamos ainda que, durante o *survey,* acompanhamos os veículos citados pelos entrevistados e outros que fomos descobrindo nas pesquisas na internet. Porém, muitos não apresentaram uma produção jornalística própria, atuando mais com a divulgação de releases oriundos, principalmente, do governo do estado e de políticos locais. Diante disso, selecionamos os sites que foram mais citados no *survey,* com no mínimo 10 anos de atuação na microrregião e os que apresentaram produção autoral de conteúdos, chegando aos três veículos citados anteriormente.

Após a coleta das notícias e publicações nas redes sociais, procedemos com uma análise de conteúdo do material coletado. A Análise de Conteúdo (AC), conforme Sampaio e Lycarião (2021), Bardin (2016) e Herscovitz (2008), é um método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas divulgadas pela mídia com o objetivo de fazer inferências sobre os conteúdos e formatos. A AC permite, ainda, reconstruir visões, valores, opiniões, preconceitos e estereótipos veiculados nos meios de comunicação. Essa reconstrução, segundo Fonseca Júnior (2009), é dividida nas dimensões sintática e semântica. A primeira aborda os transmissores de sinais e suas inter-relações. Já a sintaxe procura descrever os meios de expressão e influência, tudo isso pode indicar preferências do autor, contexto de produção, ideias, preconceitos, entre outros.

De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento dos dados que se baseia em quatro propriedades, são elas: i) a objetividade, pois segue regras preestabelecidas, claras e precisas; ii) a

sistematicidade, o conteúdo deve ser ou organizado a partir de uma trama de categorias construídas tendo em vista o objeto; iii) a dimensão quantitativa, que destaca os elementos recorrentes e significativos para calcular as frequências e fazer tratamento estatístico; e iv) a dimensão qualitativa, que trata de identificar a presença ou ausência de temas e valoriza o inusitado e o sujeito.

Bauer (2007) ressalta que a AC é uma técnica híbrida, com características quantitativas e qualitativas, que permite produzir inferências de um texto focal para seu contexto social. Sampaio e Lycarião (2021) complementam a afirmar que esta técnica de pesquisa se baseia em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos, permitindo interpretar certo fenômeno a partir de seus significados, intenções, consequências ou contextos.

Para tanto, os veículos selecionados foram observados sistematicamente durante dois meses. O mês de novembro foi escolhido para evitar possíveis enviesamentos de conteúdos decorrentes do período eleitoral, bem como de datas comemorativas. Já o mês de dezembro foi definido por ser um mês no qual as assessorias de órgãos públicos tendem a entrar de recesso e diminuírem a produção de conteúdos, assim observamos como esses sites atuam quando diminui a quantidade de releases recebidos das assessorias desses órgãos e de políticos.

Seguindo os princípios da análise de conteúdo (Sampaio; Lycarião, 2021; Bardin, 2016; Bauer, 2007) e da Análise de Conteúdo Jornalístico (Herscovitz, 2008), o material coletado foi organizado e sistematizado em categorias analíticas, que são utilizadas para orientar o pesquisador na busca por sentidos, repetições e padrões presentes nos materiais analisados. A partir da análise exploratória do material durante a coleta, elaboramos cinco categorias: abrangência da produção, autorias, temáticas, gêneros textuais e recursos multimídias utilizados.

A primeira categoria compreende a escala geográfica da notícia, se é referente a um município biquense, à microrregião, ao estado ou ao país. A segunda é referente aos assuntos dos textos jornalísticos analisados. Também foi verificada a autoria do material, se era produção da redação, proveniente de releases, releases publicados na íntegra ou cópia de outros sites jornalísticos. A quarta categoria abrange os gêneros jornalísticos das publicações, se são notas, notícias, reportagens, entrevistas ou artigos. Por fim, verificamos a utilização das

possibilidades narrativas da web nas produções dos sites. As categorias são detalhadas no livro de códigos (Apêndice G).

Os sites também foram analisados a partir de um plano de observação orientado pelo livro Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo (Martins; Palacios, 2016), que apresenta ferramentas direcionadas para a mensuração e avaliação de características específicas dos produtos jornalísticos formatados para a internet. Nesta avaliação, observamos a presença ou ausência das características do webjornalismo (Canavilhas, 2014), como a não-linearidade, hipertextualidade, memória, interatividade, instantaneidade, personalização do conteúdo, multimidialidade, multiplataformas e responsividade.

Os dados obtidos nessa fase foram descritos e analisados durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2025. Conforme Lopes (2014), a análise descritiva é feita em dois passos: primeiro, têm-se os procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados, procurando encontrar campos de sentido e selecionar os fatos de significação para o tratamento analítico. O segundo passo são os procedimentos analíticos para construção do objeto, obtido operacionalmente pelos métodos técnicos descritivos. A partir dessa análise, identificamos as principais características da produção jornalística no Bico do Papagaio, balizada pelos conceitos de jornalismo e da produção geograficamente localizada.

4.3 A TERCEIRA ENTRADA EM CAMPO: AS ENTREVISTAS

A terceira e última entrada em campo foi para a realização das entrevistas com os jornalistas e/ou responsáveis pelos veículos analisados. Esta etapa foi realizada na semana de 24 a 29 de maio de forma presencial e on-line. Os responsáveis pelos sites Voz do Bico e Tocnotícias me receberam em suas respectivas sedes nas cidades Augustinópolis e Tocantinópolis. Já a entrevista com o responsável pelo Folha do Bico foi realizada de forma virtual, pois o responsável vive atualmente em Palmas e as nossas agendas no Bico do Papagaio não coincidiram.

Segundo Gil (2021), a entrevista é uma técnica de muito valor e por excelência na investigação social, comparada pelo autor ao mesmo nível de importância do microscópio na microbiologia. O objetivo desta etapa foi conhecer

essas pessoas que atuam na produção noticiosa na microrregião para traçar suas histórias e dos serviços de mídia, bem como discutir sobre as rotinas produtivas, as relações que estabelecem com o contexto social, econômico, político e cultural no qual estão inseridos. Martino (2018) alerta para o fato de a entrevista não se configurar como uma “conversa corriqueira”, mas como um diálogo planejado visando a busca de informações relacionadas aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas para esta pesquisa seguiram o modelo semiestruturado com um roteiro básico (Apêndice H) para todos os entrevistados e contaram também com perguntas elaboradas a partir das respostas dos sujeitos da pesquisa. As perguntas básicas para todos os entrevistados foram sobre a história do veículo, as rotinas produtivas, os contatos com o público, o processo de seleção das publicações, as ações nas redes sociais e as relações com o contexto local. Dentre as várias formas de entrevista disponíveis, optamos pela semiestruturada, na qual o informante possui maior flexibilidade de definir os termos das respostas e o entrevistador consegue ajustar livremente as perguntas (Duarte, 2009).

Na concepção de Duarte (2009), uma das vantagens do modelo de entrevista semiaberta é a possibilidade de se criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, o que facilitará na sistematização das informações transmitidas por diferentes sujeitos. Nesse sentido, Gil (2021) salienta que a entrevista é uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico na qual uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Deste modo, a entrevista é adequada para a obtenção de uma multiplicidade de informações, como valores, opiniões, sentimentos, reações, entre outros.

Para esta etapa, utilizamos como critérios de inclusão: pessoas envolvidas diretamente na produção de notícias e inseridas em empresas com uma produção diária de conteúdo jornalístico. Consequentemente, ficaram excluídas desta pesquisa as pessoas que desenvolvem outras atividades nos sites analisados. Antes das entrevistas, foi realizada uma conversa prévia com os profissionais para apresentação da pesquisa, reforçar as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I) e solicitar a assinatura do termo. Todas as entrevistas foram realizadas em salas reservadas, gravadas em dois smartphones e, posteriormente, transcritas e analisadas pelo pesquisador. O

conteúdo completo dessas entrevistas está reunido no Apêndice J.

Diante do exposto, o trabalho foi consolidado com o cruzamento das informações e dados colhidos durante o *survey*, análise de conteúdo e as entrevistas com os profissionais. Essa triangulação ocorre a partir de três eixos: 1) história e infraestrutura dos serviços de mídia com produção jornalística no Bico do Papagaio; 2) rotinas produtivas, produção de informação local e sustentabilidade; 3) atuação nas redes sociais. Esse cruzamento foi realizado de forma manual pelo pesquisador e com a utilização de softwares, como o Excel e Canva para criação de gráficos e figuras; e QGIS para criação de mapas necessários para melhor compreensão dos dados levantados, além de outras formas de ilustrar melhor os resultados obtidos.

Além disso, todo o material colhido foi analisado a partir das discussões teóricas apresentadas, para, assim, se concluir uma análise aprofundada do jornalismo desenvolvido na microrregião do Bico do Papagaio. Depois de finalizar a interpretação dos dados e concluir o trabalho com defesa da tese, os veículos participantes da pesquisa receberão o retorno por meio da entrega de uma cópia digital da pesquisa e de orientações com possíveis soluções para aprimorar o trabalho jornalístico desenvolvido na microrregião.

4.4 OS ASPECTOS ÉTICOS

Por realizar os *surveys* e entrevistas com profissionais que atuam na produção noticiosa no Bico do Papagaio, esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC), por meio da Plataforma Brasil, obtendo aprovação sob o **Parecer 6.415.095** e registro no **CAAE: 73581423.3.0000.0121** (Anexo A). Na condução desta pesquisa, desde o início, observamos as diretrizes das Resoluções 466/12; 510/16 (BRASIL, 2012; 2016) e demais normas para pesquisas em ciências humanas e sociais. Os participantes de todas as etapas preencheram o TCLE. Uma via deste material foi registrada e salva pelo pesquisador por um período de até cinco anos após o trabalho.

5 O ECOSSISTEMA MIDIÁTICO MICRORREGIONAL E O CONSUMO DE NOTÍCIAS NO BICO DO PAPAGAIO

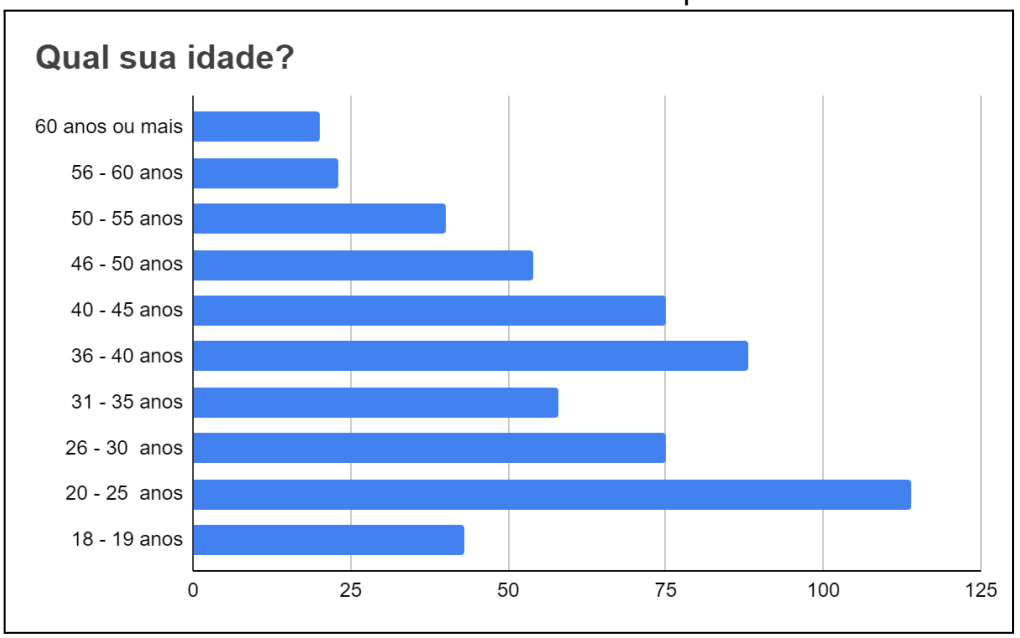
Oficialmente, a história da mídia no Tocantins se iniciou em 1989 com a criação da Companhia de Comunicação do Estado do Tocantins (Comunicatins), cujo controle acionário era majoritariamente governamental. Paralelamente, o setor privado é dominado pela Organização Jaime Câmara (OJC), grupo goiano que atua no estado antes mesmo da criação do estado e manteve suas atividades no Tocantins após separação de Goiás (Rocha; Soares; Araújo, 2014). Mas o ecossistema midiático local remonta muito antes da chegada dessas duas empresas.

Além disso, como demonstrado nos capítulos anteriores, a microrregião do Bico do Papagaio se mostra complexa e multifacetada, o que exige uma análise crítica e contextualizada, principalmente, ao se tratar sobre as práticas jornalísticas e comunicacionais neste território. Diante disso, resolvemos traçar uma caracterização da atuação midiática na microrregião e como isso foi construído ao longo do tempo até os dias atuais, com os achados da nossa pesquisa. Esse é o ponto de partida para se compreender as práticas jornalísticas biquenses.

Para essa construção, diante da falta de registros atualizados nos sites oficiais e de estudos na literatura, procedemos com a primeira entrada em campo, que foi a realização do *survey* presencial nos 25 municípios da microrregião. Esse passo foi importante para verificar quais veículos de fato estão atuando nas cidades a partir das indicações dos próprios moradores locais. Nessa fase, foram entrevistadas 590 pessoas nos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio, entre os meses de maio e agosto de 2024.

Das 590 pessoas entrevistadas, 298 são mulheres e 292 são homens. Em se tratando da faixa etária (Gráfico 1), a maior parte dos respondentes tem entre 20 e 25 anos, seguido de pessoas com idade entre 36 e 40 anos. Pessoas com 60 anos ou mais foram as menos entrevistadas. Os motivos para tal situação foram: I) pessoas nessa faixa etária estavam menos presentes nos locais onde ocorreram as entrevistas; II) foram as pessoas que mais declinaram na abordagem para participar da pesquisa, pois se achavam sem competência para tal feito mesmo após a explicação sobre o formulário.

Gráfico 1 - Faixa etária dos/das respondentes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Seguindo a tendência do Censo Demográfico 2022[6], que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde 1991, foi a primeira vez que a maioria da população brasileira se declarou parda, a maior parte dos respondentes do questionário se declarou parda (64,9%), com parcelas significativas da população local que se declaram preta (19%) ou branca (11,2%). Com relação ao nível de escolaridade dos/as entrevistados/as, verificamos uma tendência de maior escolarização da população local, pois historicamente a microrregião foi marcada pelo analfabetismo ou baixa escolarização. Dos 590 entrevistados, a maioria (335) tem ensino médio completo (Gráfico 2). Também conseguimos entrevistar uma parcela significativa de respondentes cursando ensino superior, já formados ou com especialização e mestrado, o que indica um interesse pela formação acadêmica na região.

[6] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda. Acesso em: 05 fev. 2024.

Gráfico 2 - Nível de escolaridade dos/das respondentes

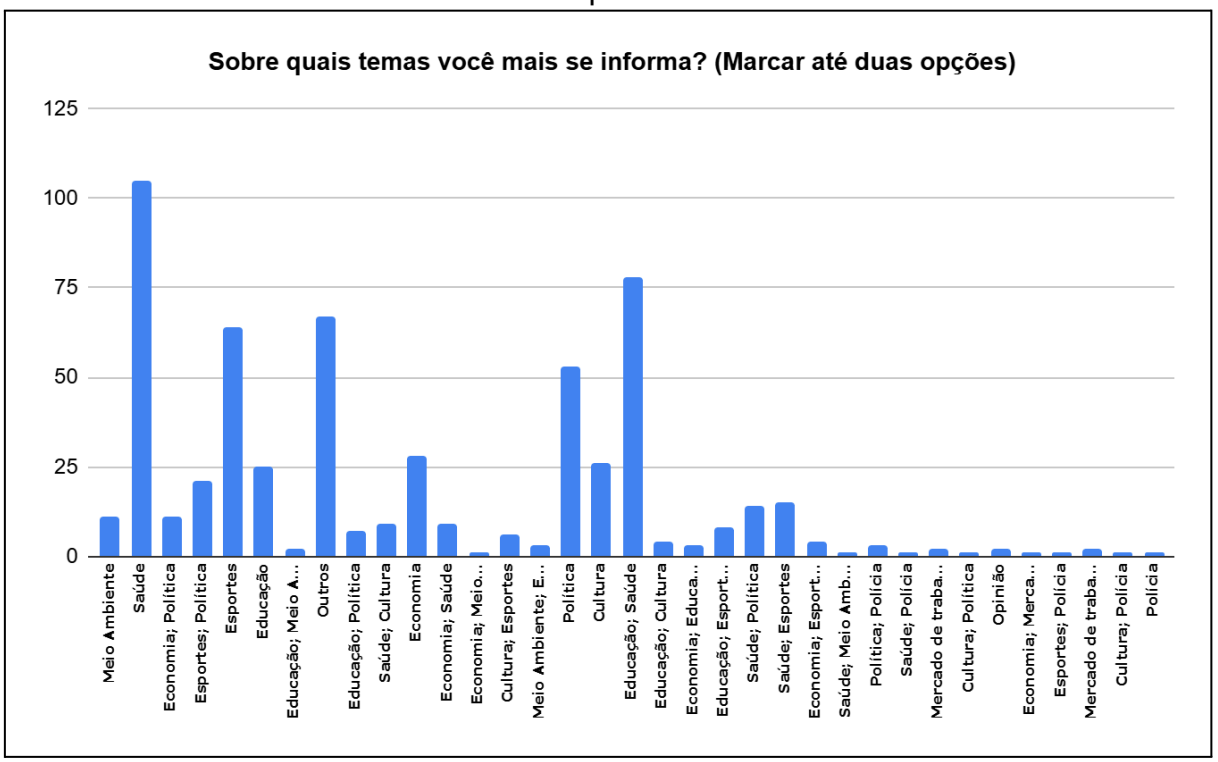


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Apesar de ser uma região marcada por altos índices de analfabetismo no passado (Oliveira e Strassburg, 2014), é possível verificar indícios de melhora nesse quadro, com a população local conseguindo mais acesso aos sistemas de ensino. Além disso, a educação superior também avança na microrregião, principalmente com a instalação de universidades no Bico do Papagaio. Entre 1991 e 2008, a educação superior tocantinense teve um aumento percentual de 1.600% em quantidade de Instituições de Ensino Superior (IES), 1.184% em cursos e 2.347% em vagas, com destaque para o crescimento a partir dos anos 2000 (Lima; Carniello; Santos, 2012).

Também questionamos as pessoas entrevistadas com relação às temáticas que mais as interessavam. Educação, saúde, entretenimento e política figuram como os mais apontados (Gráfico 3). O formulário permitia marcar até duas opções e indica que a população local tem interesse por temas/assuntos importantes relacionados ao seu dia a dia.

Gráfico 3 - Temas que mais se informam



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Outros temas que figuram entre os mais interessantes para a população local são: economia, mercado de trabalho, cultura e esportes. Assuntos que estão estritamente relacionados às dinâmicas locais, visto que o Bico do Papagaio é uma região que, ao longo da história, sofre com a falta de oportunidades no mercado de trabalho, o que leva a um êxodo da população jovem local, principalmente, para as capitais Palmas e Goiânia. Assim também como é uma microrregião marcada pelas manifestações culturais e forte ligação com as práticas esportivas, como apresentado no capítulo 3.

A partir das visitas nos municípios e das informações coletadas com esse público entrevistado, conseguimos levantar os dados para construir uma proposta de ecossistema midiático biquense com base nos veículos que já atuaram e os que estão em funcionamento na microrregião. Esses achados são apresentados nos tópicos a seguir.

5.1 O CENÁRIO DOS JORNAIS IMPRESSOS

Com a publicação do jornal pioneiro Folha do Norte, em 1891, na cidade de Porto Nacional, os jornais impressos foram, por quase 100 anos, a única mídia regional no então norte de Goiás, atual Tocantins. Os veículos feitos ainda artesanalmente davam conta dos acontecimentos locais. E foi nesses jornais que houve a primeira divulgação de forma contundente do interesse da população local em desmembrar-se do estado de Goiás, que pouco fazia pela região. Esses periódicos também são os responsáveis por divulgar os primeiros símbolos identitários dessa localidade, ganhando assim destaque. Embora tenham chegado pouco antes da criação do estado do Tocantins, o rádio e a televisão só se desenvolveram na região com a instituição da nova unidade federativa (Bucar, 2019).

Ainda segundo o autor, o primeiro centenário da imprensa tocantinense pode ser dividido em três períodos: i) de 1891 a 1930 (Tipo Sertaneja), com a publicação de jornais na cidade de Porto Nacional e seu entorno, cujo os textos eram formais, com linguagem impoluta e formato ofício; ii) de 1930 a 1960 (Tipo Autonomista), quando a imprensa se espalha, principalmente por conta das navegações no Rio Tocantins, e ganha as cidades de Pedro Afonso e Tocantinópolis, antiga Boa Vista de Goiás, passando a ter circulação regional; os textos eram informativos, a linguagem formal e a imprensa engajada; iii) de 1960 a 1988 (Tipo Utilitária), quando Araguaína assume a condição de polo da imprensa e se estabelece como a cidade de referência para a região do extremo norte de Goiás. A imprensa assume características comercial, autossuficiente, moderna, com atuação ampla, mas fraca em cobertura regional.

> Surge na maior cidade do Estado, Porto Nacional, expande para novas fronteiras de desenvolvimento, Pedro Afonso e Tocantinópolis, e se transforma em porta-voz da região. Estas três cidades formam o que se passou a chamar de corredor fluvial da notícia. Até os anos 50, os municípios mais desenvolvidos da região se localizavam nas margens do rio Tocantins, favorecidos pela navegação que impulsionava o comércio, a comunicação e promovia a integração. A partir dos anos 80, o polo de comunicação deixa a margem do rio Tocantins e passa a se estabelecer nas margens da BR–153, a Rodovia Belém-Brasília, o novo eixo de desenvolvimento da região. Gurupi, Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins, e Araguaína passam a contar com jornais e emissoras de rádio,

> sendo que Gurupi e Araguaína passam a contar também com emissoras de televisão (Bucar, 2019, p. 65-66).

No levantamento de Bucar (2019), 41 jornais foram editados na região norte do então Goiás no período de 1891-1988, quando foi criado o Tocantins com a Constituição Federal. Conforme o autor, o isolamento, a falta de estrutura e de leitores foram os motivos que provocaram o retardamento da imprensa na região, mas que depois floresceu com o desenvolvimento das atividades fluviais pelo Rio Tocantins e a construção de rodovias. Ainda segundo o autor, a partir dos anos 1940, Tocantinópolis chegou a rivalizar com uma das cidades mais antigas do então norte goiano, Porto Nacional. Ao todo, o autor catalogou cinco jornais que circularam em Tocantinópolis nesse período (Quadro 5).

Quadro 5 - Jornais impressos editados em Tocantinópolis

Jornal	Ano	Responsáveis	Características
Voz do Norte	1940/1940	Olíbrio Lima	→ Formato tabloide com quatro páginas e quatro colunas. → Tiragem desconhecida
Correio do Norte	1948/1953	Antônio Gomes Pereira e Renato Soares	→ Informativo quinzenal, formato tabloide, quatro páginas, três colunas, ligado ao PSD. → Direcionado ao público da região extremo norte de Goiás, denominada de Bico do Papagaio.
O Tocantins	1950	Darci Marinho e Tibério Maranhão Azevedo	→ Formato tabloide, com quatro páginas e quatro colunas. → Preto e branco com uso de fotografia por meio de clichê. → Não há informações sobre tiragem e tempo de duração do periódico. → Veículo de sustentação política da UDN/PSP.
A Palavra Livre	1953-1954	Darci Martins Coelho e Messias Alves Bezerra	→ Informativo independente

			→ Ofício, quatro páginas e quatro matérias → Adoção de fotografia com impressão por meio de recursos de clichê. → Boa apresentação gráfica e edição criteriosa com matérias políticas e reportagens na primeira página e nas seguintes, assuntos triviais como notas e sociais. → Mantido basicamente com recursos de assinaturas e alguns anúncios comerciais.
Verdade	1956	Ribamar Marinho, Antonio Fernandes Santos e Raimundo Guimarães	→ Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas → Matérias a partir da capa compondo com notas diversas → Semanário → Informativo, político e independente

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Bucar (2019).

Esses primeiros registros de edição e circulação da mídia impressa em Tocantinópolis mostram a ligação direta dessas produções com o desenvolvimento local e o cenário político. Esses jornais (Figura 1) passaram a ser produzidos principalmente por conta do fluxo fluvial no Rio Tocantins, que serviu para a integração entre a cidade mais antiga de Porto Nacional e o extremo norte, no caso Tocantinópolis. Esta também aproveitou a proximidade com a cidade de Carolina, no Maranhão, que já tinha experiência na produção de jornais.

Figura 1 - Palavra Livre, um dos jornais produzidos em Tocantinópolis



Palavra Livre

Diretores: DARCI MARTINS COÊLHO e MESSIAS ALVES BEZERRA

Ano 1 | Tocantinópolis, 10 de Abril de 1954 | N. 4

O ESTADO DO TOCANTINS

A "A Noite", bisemanário que se edita em Pedro Afonso, pedindo o imediato elevar o Estado do Tocantins:

"Se é oportuno o ideal e está na hora de trabalhar-se, vamos dar início a esse trabalho.

O Estado do Tocantins é uma necessidade premente. O movimento popular de recuperação, assegurado pela própria lei, se impõe.

Desamos exemplos dos decorrentes que invocam o caso do Triângulo Mineiro, região bastantemente servida e sem motivo para pensar em emancipação. Há uma disparidade entre o caso da região de Minas bem cuidada e a nossa esquecida e abandonada à toda a prova.

Então começemos:

Inicialmente cada município Norte Goiano creará o seu Comitê Municipal de Propaganda, com personalidade jurídica, pró creação do Estado do Tocantins,- CMPET.

O comitê central será nesta cidade, do mesmo modo como a designatam para a sêde da UNIÃO NORTE GOIANA.

Organizados os CMPETs será distribuida em todos os municípios pelos respectivos órgãos de propaganda e para todos os seus habitantes a seguinte enquête que fazemos publicar:

ENQUETE:

O Comitê Municipal de Propaganda pró Estado do Tocantins, pela sua Diretoria, dirige a V.S. a presente enquete para capacitar-se da sua opinião

(Continua na 4ª página)

"Palavra Livre", vê e fala

Vimos nas quatro esquinas sôbre a calçada e mesmo dentro da "Farmácia Ipiranga" um grande de pessoas aglomeradas, as quais a criança assombrava-se pela sandalhetta e camiseta de 12 jamentos, uma turma, comentando a indecência em que se acha o telégrafo local, motivada pela "falta de energia, em fatos" conforme diz o telegrafista, era pelo menos não comparecer ao expediente.

Neste momento foi interrompida a palestra com a admiração causada pela chegada do CMPET da Prefeitura. Todos muito curiosos olharam pre-

sendo naquele momento arrastar uma criança ao mesmo uma senhora ensanguentada que se atravessou a correta rua, a criança não permitiu tempo para defender-se. Felizmente isto não aconteceu.

Acontece o seguinte: Andava um retardado pedalando pelo cabresto um cavalo que trazia uma carga de farinha. Este que não estava costumado com os carros como estão os jumentos que atropelaram a criança, assustou-se do caminhão e rapeando no cabresto derrubou o seu dono e sem com isso a cavalo correr

(Cont. na 4ª página)

Fonte: Bucar, 2019.

Todos os periódicos produzidos nesse período eram feitos por políticos ou pessoas com ligações com o cenário político local, sendo elaborados por líderes locais ou pessoas que usavam essa mídia para se tornar conhecidas na região e depois galgar cargos políticos. O Correio do Norte era ligado ao Partido Social Democrático (PSD) e editado por Antônio Gomes Pereira, líder político local que exerceu o cargo de prefeito. Tibério Maranhão Azevedo, editor de O Tocantins, depois também se dedicou à carreira política. Uma prática que perdura até hoje, porém, atualmente, ocorre por meio de sites, rádios e redes sociais. O caso atual do Tocnotícias é um exemplo desse processo, como demonstrado no próximo capítulo.

Segundo Bucar (2019), a fonte de financiamento dos jornais dessa época vinha quase sempre das assinaturas e dos investimentos privados, pois essas cidades onde a imprensa se desenvolveu no então norte goiano eram entrepostos comerciais nessa época. Além disso, os financiadores desses jornais almejavam carreira política e aproveitavam dessas mídias para conquistar poder. Ainda

segundo o autor, por conta dessas fontes de financiamento, os jornais desse período tinham baixa tiragem, que girava em torno de uma centena de exemplares.

Nesse período, também se verificou a formação de uma rede de comunicação entre os jornais, que republicavam notícias uns dos outros. Havia essa interação entre os jornais das cidades de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis, que também produziam seus conteúdos a partir da escuta de rádios de alcance nacional. Eles ouviam e destacavam as notícias de interesse regional para veicular nos noticiários do norte goiano (Bucar, 2019).

Com o desenvolvimento proporcionado pela construção da rodovia Belém-Brasília, a movimentação e os entrepostos comerciais saem do rio e vão para as estradas. Isso levou a mudança dos jornais para a cidade de Araguaína, que ficou em posição privilegiada com a construção da nova rodovia. A partir daí, a cidade passa a ser o centro de produção da imprensa mais importante do então norte goiano. Vários jornais passaram a ser produzidos na cidade, entre eles o Jornal do Tocantins, que foi o principal jornal impresso do estado do Tocantins e circulou por quase 40 anos.

Criado em 18 de maio de 1979, na cidade de Araguaína, então norte de Goiás, o Jornal do Tocantins (JTO - Figura 2) já nasceu como um instrumento de luta pela criação do estado do Tocantins, isso se deu pelo próprio nome do noticioso. O jornal foi criado pelo empresário e político Jaime Câmara, proprietário da Organização Jaime Câmara (OJC), conglomerado de mídia que atua em Goiás e Tocantins até os dias atuais. O editorial de criação do jornal, que teve a primeira edição em 18 de maio de 1979, afirmava que o veículo nascia para cobrir os espaços vazios na região norte de Goiás. O jornal nasceu em formato tabloide e circulava duas vezes por mês em Araguaína. Mesmo sendo produzido na cidade, o jornal era editado e impresso em Goiânia. Depois passou a ser semanário, bissemanário, em 1991; trissemanário em 1994; e finalmente a circular de terça-feira a domingo, a partir do dia 30 de março de 1998 (Silva, 2018).

Figura 2 - Primeira edição do Jornal do Tocantins publicada em 1979



Jornal do Tocantins

ANO I — Araguaína (GO), 18 a 25/5/1979 — Número 1

Editorial

Ocupando espaços

O projeto JORNAL DO TOCANTINS nasce de uma empresa que se preparou, conscientemente, para cobrir espaços vazios nesta imensa e rica região que é o norte de Goiás. É, sem dúvida, um salto que, viabilizado pelo suporte empresarial que hoje se afirma em Araguaína, sempre pretendeu solidamente consolidar.

O JORNAL DO TOCANTINS é antes de tudo a fé e a crença nas potencialidades do extremo norte e nas suas perspectivas de futuro. Mas será, acima disso, uma tarefa. Para cumpri-la, prometemos um jornal com visão orientada na identificação e detalhamento da realidade regional; no encampamento das suas mais legítimas reivindicações; na esperança depositada no homem do interior; na sensibilidade de seus representantes; na abordagem dos temas políticos, econômicos e comunitários de interesse dos vales do Araguaia e do Tocantins.

Como empresa e como experiência no campo do jornalismo chegamos aqui para ficar, para se integrar à região e promover a sua integração. O próprio nome do jornal foi escolhido com esse propósito. Já tínhamos a Televisão Anhanguera de Araguaína e mais tarde inauguramos a Rádio Araguaia. O JORNAL DO TOCANTINS surge, agora, para completar o empreendimento. E nasce adulto, evidenciado na problemática dos vales do Araguaia e do Tocantins e no acompanhamento do processo de desenvolvimento regional registrado nos últimos anos.

Este jornal quer apenas representar um somatório, uma força solidária nova, no crescimento do extremo norte goiano. E só assim, cumprindo essa tarefa, realizará a missão a que se propôs - cobrir um espaço compondo com a sua realidade social, política e econômica.

Vamos, juntos, trabalhar por esta terra. Para isso contamos com o indispensável apoio de sua gente.

Aeroporto será homologado já

O Aeroporto Internacional de Araguaína será homologado pelo Departamento de Aviação Civil da Aeronáutica (DAC) dentro de uma semana e terá, com isso, autonomia para operar com aviões a jato de grande porte. A informação foi dada em primeira mão ao JORNAL DO TOCANTINS pelo major Erasmo de Castro Leite, do Serviço de Engenharia do Sexto Comando Aéreo da FAB, sediado em Brasília.

O processo do Aeroporto de Araguaína foi concluído em Brasília no último dia 10, retalado favoravelmente e encaminhado ao DAC, no Rio, para a necessária homologação. Com isso a escala de boeinga em Araguaína dependerá exclusivamente de gestões junto às empresas aéreas - VARIG, VASP, Transbrasil — para acertar a formulação da linha. As operações independem da construção da torre de controle e podem ser iniciadas imediatamente.

Acredita-se que Araguaína poderá ser servida por vôos de jato regulares de dois em dois dias, intercalando-se as escalas da VARIG (que servem, atualmente, as cidades de Imperatriz e São Luiz) e VASP, com vôos que mantêm para o norte do País. Não está afastada, contudo, a possibilidade até de escalas diárias, aproveitando-se as linhas já existentes de Brasília a Belém ou Manaus.

Encontro terá participação do Governador

O governador Ary Valadão e o vice-governador Ruy Brasil Cavalcante Júnior confirmaram sua participação no Encontro de Prefeitos previsto para este sábado em Araguaína. O Encontro obedecerá a seguinte programação:

08:30 - Entrega de credenciais
09:00 - Abertura dos trabalhos
09:20 - Exposição pelo INCRA
10:00 - Exposição pelo IDAGO
10:30 - Debates
11:30 - Almoço na Churrascaria Jussara
14:00 - Recepção à Comitiva Governamental
14:30 - Encerramento da reunião no Parque
20:00 - Homenagem às Autoridades

PÁGINA 8

Ary e Ruy, presenças confirmadas

Prefeito quer problema energético solucionado

Dotar Araguaína de energia elétrica abundante e mais barata é, no momento, a principal preocupação do prefeito Joaquim Quinta, que vem fazendo uma administração dinâmica e ajoujada em toda a região norte do Estado. O projeto é, inicialmente, aproveitar a energia produzida pela barragem de Boa Esperança e em seguida, integrar ao sistema energético local a usina de Tucuruí.

O prefeito Joaquim Quinta afirmou ao JORNAL DO TOCANTINS que, nesse sentido, já mantevs entendimentos com o governo do Estado e com a direção da Centrais Elétricas de Goiás (CELG), ocasião em que reivindicou a imediata construção da rede de transmissão que servirá, no mesmo tempo, as cidades de Araguaína e Imperatriz. Inicialmente deverá ser construída uma sub-estação rebaixadora em Porto Franco e, dessa cidade, a energia será levada, em redes de média e baixa tensão, a Araguaína e Imperatriz.

A integração da região norte ao sistema energético da CELG possibilitará, por outro lado, a execução de um programa de eletrificação rural que beneficiará, de imediato, as propriedades rurais do médio e extremo norte, ainda carentes desse benefício oferecido pelo governo a título de incentivo à produção rural através de financiamentos para implantação da energia nas fazendas.

Outra meta do prefeito Joaquim Quinta, para ser cumprida a curto e médio prazos, será o calçamento de toda a cidade — ou de tudo quanto for possível em seu mandato. Esse calçamento não beneficiará apenas o centro de Araguaína, mas se estenderá aos setores de população de menor renda. O Bairro das Areias será um dos primeiros a terem suas ruas calçadas e, já nesse bairro, a Prefeitura anunciará um plano de pagamento que não onere muito os moradores e suas famílias.

Dentro desse programa o Prefeito já construiu a Praça das Bandeiras, num prazo recorde de 18 dias. Em volta da praça a Prefeitura executará serviços de bloqueamento e ajardinamento, a fim de entregá-la ao público, inteiramente reconstruída, como um ponto de referência no embelezamento da cidade. A Praça das Bandeiras, como se sabe, foi inaugurada simbolicamente pelo presidente João Baptista de Figueiredo, quando visitou Araguaína ainda na condição de candidato à Presidência da República.

Quinta: a meta principal é a energia

Está nos planos do Prefeito, também, uma campanha junto aos representantes da região em Goiânia e Brasília, e junto às autoridades educacionais para a implantação de escolares superiores em Araguaína. "Com isso — afirmou o Prefeito — aproveitaremos aqui mesmo toda a população jovem que vem concluindo o segundo grau e sente-se frustrada pela falta de condições para prosseguir os estudos, se que muitos não podem, por motivos diversos, se deslocar para outros centros".

O Prefeito não sabe ainda quais as escolas que serão implantadas em primeiro lugar, pois isso só será definido na medida em que puderem ser atendidas as exigências do Ministério da Educação relativas a bibliotecas, material didático.

Fonte: Bucar, 2019.

Ainda conforme Silva (2018), o JTO foi o principal veículo a registrar as lutas pela criação do Tocantins até a promulgação da Constituição Federal, em 18 de outubro de 1988, que criou o estado do Tocantins. Em 2010, o jornal chegou a contabilizar 29 pessoas atuando diretamente na redação, entre editor-geral, editor executivo, editores, repórteres, diagramação, fotografia e secretaria. O periódico circulou em 65 municípios tocantinenses, cobrindo 47% do estado, além de circular pelos estados de Goiás, Maranhão e no Distrito Federal, com cerca de 4 mil

exemplares. Na edição de número 7.578, de 30 de dezembro de 2018, o diário anunciou o fim da versão impressa, mas continua com a versão digital.

Com as mudanças na infraestrutura e na economia da região norte devido à construção da Rodovia BR-153, houve uma mudança também na produção dos jornais regionais. Conforme Bucar (2019), os jornais sofreram mudanças gráficas, passaram a ser impressos na capital, Goiânia, tinham maior tiragem, financiamento publicitário do governo e de empresas privadas. Porém, de acordo com o autor, os noticiários perderam o caráter local e o engajamento com as causas da então região norte goiana. “Os jornais desse período ganham caráter estadual, mas deixam a desejar na cobertura regional. Acontece um fenômeno que se poderia chamar de “desterritorialização” da notícia” (Bucar, 2019, p. 138).

Isso ocorreu, segundo o autor, porque os jornais ampliaram seu raio de cobertura e deixaram de ter o foco no local como os anteriores, até por conta da circulação que agora acontecia em várias cidades da região por conta da rodovia criada e dos melhores acessos aos municípios locais. Cidades estratégicas nesse eixo contavam com colaboradores que enviavam notícias para esses jornais e também distribuíam as edições nas cidades onde residiam. Além disso, a comunicação começa a ser um negócio e com visão de lucro nesse período.

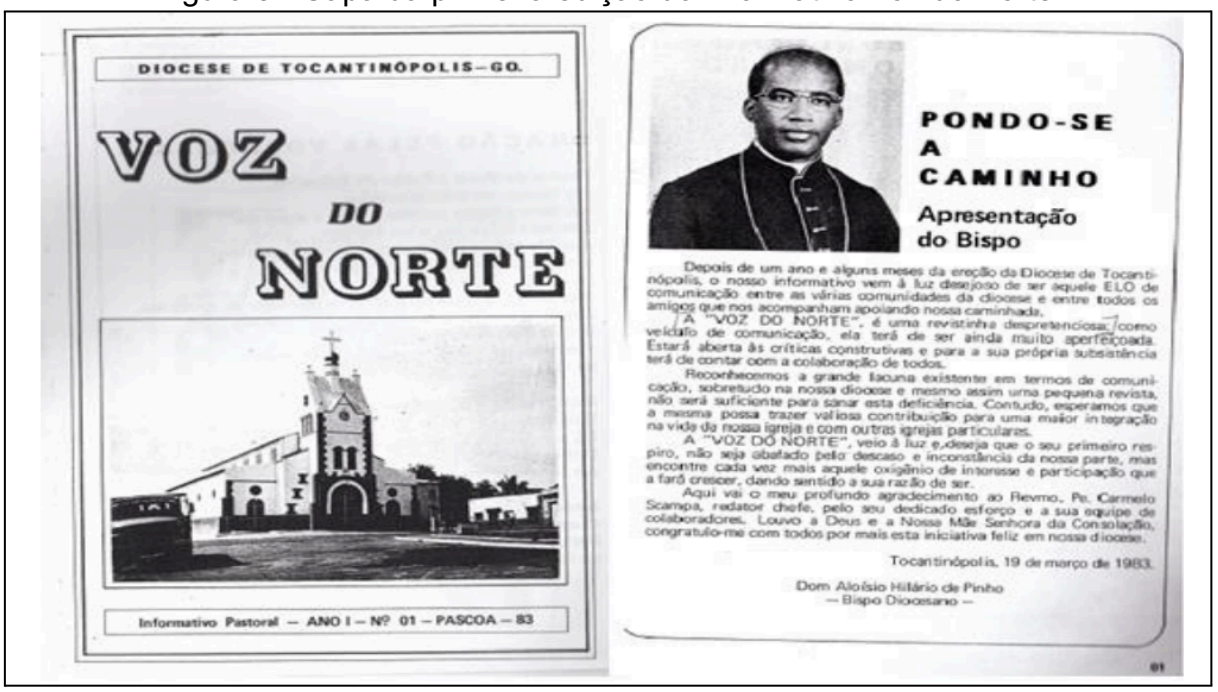
> A notícia agora é vista como mercadoria, como outra qualquer que pode ser vendida. O empreendedor, que quase sempre era um líder político, um representante de partido, comerciante ou servidor público tinha agora a motivação também do lucro, ainda que fosse para disfarçar o interesse político. Comunicação, neste período, já se tornara um negócio lucrativo (Bucar, 2019, p. 138).

Ainda segundo o autor, a imprensa no norte surge pelas mãos de coronéis, passa por professores, médicos e advogados, para só depois chegar às mãos dos jornalistas, porém sempre ligados diretamente à política local. Nos registros de Bucar (2019), não aparece nesse período de expansão da imprensa na região norte goiana o informativo Voz do Norte, produzido pela igreja católica. Resolvemos registrar a história deste veículo aqui, pois ele foi um instrumento para denúncias sobre os diversos conflitos agrários que aconteciam na região.

O informativo da então Diocese de Tocantinópolis do Goiás circulou entre os anos de 1983 e 1986. A publicação (Figura 3) foi criada para ser um mecanismo de

comunicação da diocese com os fiéis e padres da região. O informativo também foi um espaço para a articulação entre fé e política, com orientações e reflexões sobre as ações religiosas e as ações da resistência camponesa (Silva, 2023).

Figura 3 - Capa da primeira edição do informativo Voz do Norte


DIOCESE DE TOCANTINÓPOLIS – GO.

VOZ DO NORTE

Informativo Pastoral – ANO I – Nº 01 – PASCOA – 83

POND O-SE A CAMINHO

Apresentação do Bispo

Depois de um ano e alguns meses da ereção da Diocese de Tocantinópolis, o nosso informativo vem à luz desejoso de ser aquele ELO de comunicação entre as várias comunidades da diocese e entre todos os amigos que nos acompanham apoiando nossa caminhada.

A "VOZ DO NORTE", é uma revistinha despretenciosa; como veículo de comunicação, ela terá de ser ainda muito aperfeiçoada. Estará aberta às críticas construtivas e para a sua própria subsistência terá de contar com a colaboração de todos.

Reconhecemos a grande lacuna existente em termos de comunicação, sobretudo na nossa diocese e mesmo assim uma pequena revista, não será suficiente para sanar esta deficiência. Contudo, esperamos que a mesma possa trazer valiosa contribuição para uma maior integração na vida da nossa igreja e com outras igrejas particulares.

A "VOZ DO NORTE", veio à luz e deseja que o seu primeiro respiro, não seja abafado pelo descaso e inconstância da nossa parte, mas encontre cada vez mais aquele oxigênio de interesse e participação que a fará crescer, dando sentido a sua razão de ser.

Aqui vai o meu profundo agradecimento ao Revmo. Pe. Carmelo Scampa, redator chefe, pelo seu dedicado esforço e a sua equipe de colaboradores. Louvo a Deus e a Nossa Mãe Senhora da Consolação, congratulo-me com todos por mais esta iniciativa feliz em nossa diocese.

Tocantinópolis, 19 de março de 1983.

Dom Aloísio Hilário de Pinho
– Bispo Diocesano –

01

Fonte: Silva, 2023.

Conforme Silva (2023), o informativo é simples e, nas suas capas, sempre trazia a fotografia da praça central da cidade de Tocantinópolis, sede da diocese. A catedral ao fundo da praça é a igreja de Nossa Senhora da Consolação, padroeira do município e da diocese. O prédio segue com as características desta época até hoje. O informativo era impresso na Universidade Católica de Goiás, localizada em Goiânia. Não há registros da tiragem do informativo, mas a distribuição era feita para assinantes que pagavam em torno de Cr$ 1.000,00 (mil cruzeiros). Os interessados em ter o informativo deveriam procurar a paróquia para preencher o formulário de assinatura. O informativo era impresso em papel A4, dobrado e contava com textos e fotos.

> Depois de um ano e alguns meses da ereção da Diocese de Tocantinópolis, o nosso informativo vem à luz desejoso de ser aquele ELO de comunicação entre as várias comunidades da diocese entre todos os amigos que nos acompanham apoiando nossa caminhada. A 'VOZ DO NORTE', é uma revistinha despretensiosamente; como veículo de comunicação, ela terá de

> ser ainda muito aperfeiçoada. Estará aberta às críticas construtivas e para a sua própria subsistência terá de contar com a colaboração de todos. Reconhecemos a grande lacuna existente em termos de comunicação, sobretudo na nossa diocese e mesmo assim uma pequena revista não será suficiente para sanar esta deficiência. Contudo, esperamos que a mesma possa trazer valiosa contribuição para uma maior integração na vida da nossa igreja e com outras igrejas particulares [...].
> Tocantinópolis, 19 de março de 1983, Dom Aloísio Hilário de Pinho - Bispo Diocesano (Voz do Norte, ano 01, n. 1, 1983, p. 1 *apud* Silva, 2023, p. 67).

É importante destacar que a vila de Boa Vista de Goiás foi elevada a município em 1858. A mudança do nome para Tocantinópolis só ocorreu em dezembro de 1943 e levou em conta a proximidade da cidade com o Rio Tocantins. Depois de elevada à cidade, a então capela passou a ser paróquia, que foi a única do extremo norte de Goiás por quase 90 anos. De 1897 a 1947, o único pároco foi Cônego João de Souza Lima, que ficou conhecido na região e hoje nomeia várias ruas nas cidades do norte tocantinense.

> [...] em 1954, ela (Paróquia de Nossa Senhora da Consolação) foi elevada à Prelazia e, em 1980, à diocese de Tocantinópolis. O primeiro bispo da Diocese de Tocantinópolis[7] foi Dom Aloísio Hilário de Pinho, o fundador da revista a Voz do Norte. Ele é brasileiro, do interior de Minas Gerais, e veio para a região, exatamente, para assumir a nova Diocese. Ele reconheceu a necessidade da revista, justificada a sua criação, esperava-se que ela ajudasse na integração entre os fiéis católicos e seus padres e bispo (Silva, 2023, p. 69).

Ao analisar os textos publicados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no informativo Voz do Norte, Silva (2023) verificou que a comissão divulgava a violação dos direitos dos camponeses no Bico do Papagaio e destacava os nomes das pessoas, autoridades e instituições envolvidas com a desocupação da região, como os grileiros, juízes, pistoleiros, polícia militar, polícia federal, políticos e proprietários de terras.

---

[7]A Diocese de Tocantinópolis foi desmembrada em janeiro de 2023 com a criação da Diocese de Araguaína pelo Papa Francisco. A nova diocese foi criada com a divisão do território das dioceses de Tocantinópolis e Miracema. O então bispo da Diocese de Tocantinópolis, Dom Giovane Pereira de Melo, foi nomeado como bispo da nova diocese. Territorialmente, 19 municípios do centro-norte tocantinense passaram a fazer parte da Diocese de Araguaína, com uma população estimada de 308.217 habitantes em uma área de 35.826,93km². A Diocese de Tocantinópolis, que era formada por 41 municípios, agora ficou composta apenas pelos 25 municípios do Bico do Papagaio, que corresponde a uma área territorial de 15.761km² e a população estimada de 214.313 habitantes. O novo bispo da diocese, Dom Carlos Henrique, foi nomeado pelo Papa Francisco em março de 2024 e tomou posse em 25 de maio de 2024.

> Naquele momento, de acirramento dos conflitos agrários no país, em especial, no “Bico do Papagaio”, parte da elite eclesiástica, posiciona-se a favor dos “posseiros” e contra a grilagem de terras (VOZ DO NORTE, 1983, n°1). [...] O periódico foi um instrumento de denúncias, e os denunciados, em sua maioria, autoridades do poder público local, sabiam do respaldo do período do regime militar alinhava seus interesses com os grandes produtores, coronéis e grileiros. Contribuindo com as arbitrariedades e violências contra os pequenos produtores e moradores tradicionais da região (Silva, 2023, p. 127).

Destacamos a circulação do Voz do Norte no Bico do Papagaio neste trabalho por entendermos, a partir do trabalho de Silva (2023), que o informativo, apesar do caráter institucional da produção, foi uma iniciativa que serviu para noticiar os conflitos na região, desafiar as autoridades da ditadura militar no Brasil e promover uma certa mobilização em torno dos conflitos agrários no Bico do Papagaio.

Nesse período também, mais precisamente em 1982, houve a emancipação política do município de Augustinópolis. Aproveitando esse novo momento para a região, Anderson Dias da Silva, mais conhecido como Adelson Cabeludo, criou o jornal Folha do Interior com o objetivo de noticiar os acontecimentos do Bico do Papagaio. O jornal era quinzenal e às vezes semanal e permaneceu ativo até 1994. As notícias eram produzidas e datilografadas em Augustinópolis, depois eram enviadas para Imperatriz para diagramação e impressão. A circulação era predominantemente em Augustinópolis.

Não encontramos registros das edições deste noticioso. As informações sobre sua circulação foram repassadas por Paulo Palmares, que atuou no jornal de 1990 até 1994, quando deixou de atuar com Anderson Cabeludo. No ano seguinte, Paulo Palmares criou o veículo Voz do Bico, que permanece ativo até hoje.

> Na verdade, eu não diria que foi uma mudança. Eu trabalhava com o Anderson, né, e eu resolvi ir embora daqui. Aí entreguei o jornal. A história é exatamente essa. Aí falei pra ele que não ia mais mexer com o jornal com ele, que eu ia embora de Augustinópolis. E eu namorava com uma pessoa aqui e a pessoa engravidou, e eu resolvi ficar, porque a pessoa tinha engravidado. E eu teria que arranjar um meio de continuar sobrevivendo e para pagar minha despesa, né, [risos] Aí o que acontece? Eu terminei criando um jornal chamado Voz do Bico. Então não houve uma mudança de nomenclatura de Voz do Bico, aliás de Folha de Interior para Voz do Bico. O Folha do Interior deixou de ser editado, eu não sei o motivo, a razão que o dono, o proprietário da marca deixou de editar. Eu criei uma nova empresa, um novo CNPJ com uma marca minha. E ela existe desde junho de 1995 (Palmares, 2025, informação verbal).

A criação do Voz do Bico veio para trazer mais identificação com a região. Nessa primeira década, o jornal era produzido em Augustinópolis, mas editado e impresso em outras cidades (Goiânia e Imperatriz) por falta de estrutura na região (Silva e Rocha, 2023). Conforme Paulo Palmares, a primeira edição do jornal circulou em junho de 1995 e passou a ter periodicidade mensal até 2016. Depois disso, passou a circular de forma esporádica e, em 2018, circulou pela última vez no formato impresso.

> Nós pegávamos e escrevíamos as matérias aqui, digitávamos, digitávamos não, datilografávamos, aí levava pra Imperatriz. Aí lá em Imperatriz, uma pessoa digitava, montava, fazia a chapa e rodava o jornal. Então, nós fazíamos aqui em Augustinópolis, no Tocantins, e íamos para Imperatriz, no Maranhão, para fazer o jornal impresso, né? E isso rolou até, tipo assim, 2013 mais ou menos, nós continuamos com o jornal impresso, 2013, 2014 nós continuamos com o jornal impresso. Aí começamos com o jornal on-line, mas assim, como era uma coisa muito incipiente, muito começando, a gente era meio que esporádico, não era uma coisa diária, constante e tal, né? E conjugando as duas coisas, o impresso e o on-line, né? Aí o on-line surgiu em 2015, né? E a gente vinha conjugando os dois. E terminamos parando com o impresso, mais ou menos há uns cinco anos, né, de 2018. Paramos com o impresso mais ou menos em 2018 e continuamos só com o on-line (Paulo Palmares, 2025, informação verbal).

Desde o início, as notícias destaques no Voz do Bico foram sobre o Bico do Papagaio, com foco em Augustinópolis e cidades ao entorno, além de algumas informações sobre o estado que interessavam a microrregião. O Voz do Bico (Figura 4) foi responsável por registrar parte da história da região, principalmente a partir de fontes oficiais, como prefeituras, câmaras municipais, polícias Civil e Militar, além de organizações da sociedade civil.

Figura 4 - Capas do jornal Voz do Bico em 1994 e 2018



Fonte: Silva e Rocha, 2023.

Do início dos anos 1990 até o início dos anos 2000, o jornal Voz do Bico foi um dos poucos a registrar os acontecimentos do Bico do Papagaio, principalmente relacionados à política e à sociedade local. O jornal contava com espaços para anúncios que custeavam a produção e impressão das edições. No início dos anos 2000, com a chegada da internet na microrregião, começou a concorrência com os veículos estaduais e nacionais que poderiam ser acessados via internet, além dos sites de notícias nacionais que passaram a existir (Silva e Rocha, 2023).

Segundo os autores, a produção jornalística do Voz do Bico sempre foi marcada pela realidade da microrregião do Bico do Papagaio, com foco na cidade de Augustinópolis, onde se localiza a sede do veículo, e os municípios ao redor, como Axixá, Praia Norte, Sampaio, Carrasco Bonito e Sítio Novo do Tocantins. Em 2017, ao analisar a produção jornalística do site Voz do Bico, Silva e Rocha (2017) constataram que o veículo tem características do jornalismo hiperlocal, produção diária de conteúdos e destaque para as particularidades do Bico do Papagaio.

Em 2018, a versão impressa do Jornal Voz do Bico circulou pela última vez. O término da versão impressa se deu principalmente por questões financeiras, pois o custo para produzir e imprimir o jornal é considerado elevado pelo proprietário e as

publicidades não conseguiam mais custear essa produção. Desde então, o Voz do Bico permanece apenas com o site de notícias [*www.vozdobico.com.br*] que segue a mesma linha editorial da versão impressa e tem como foco a microrregião. O site é atualizado diariamente e uma análise mais aprofundada deste veículo é apresentada no próximo capítulo.

No início dos anos 2000, em Araguatins, passou a circular o Jornal da Cultura, que tinha o foco também nos assuntos locais, com prioridade para o município de Araguatins. Também não encontramos registros desse jornal. As informações sobre o veículo foram levantadas a partir da entrevista com o jornalista Tasso Antonio, que escreveu para o jornal desde a adolescência.

> Eu, desde ali da sexta série, sétima série, eu já escrevia artigos opinativos pra um jornal impresso que tinha na cidade, que chamava Jornal da Cultura, que era do seu Anísio, ele não é o primeiro jornal da cidade, mas foi o de maior duração na era dos impressos. Ele funcionou aí eu acho que uns 15 anos e só parou depois que seu Anísio ficou mais velho e começou a vir essa questão do digital e tal. Mas eu já escrevia pra ele sempre e sempre com muito desejo de trabalhar nessa área de comunicação (Tasso Antonio, 2025, informação verbal).

Sobre esse primeiro jornal citado por Tasso Antonio, não conseguimos levantar informações quanto ao nome, circulação e responsáveis. Essa situação é mais um exemplo da importância deste trabalho em documentar, mesmo que brevemente, as histórias desses veículos que atuaram na microrregião, pois há poucos indícios e informações sobre os veículos de comunicação de forma geral que atuaram e que ainda atuam no Bico do Papagaio.

Ainda sobre o Jornal da Cultura (Figura 5), não conseguimos levantar muitas informações sobre o veículo, pois o responsável pelo jornal já faleceu. O noticioso circulava mensalmente, tinha 12 páginas, com publicação de textos e fotos e custava R$1,00. Além disso, contava com anúncios de empresas de Araguatins e Imperatriz e tinha impressão na cor verde e um papagaio no cabeçalho como elemento de identificação com a microrregião. Com relação a produção de notícias, o Jornal da Cultura tinha uma prática diferente do Jornal Voz do Bico. O primeiro era mais opinativo e o segundo mais informativo.

> Agora o Jornal da Cultura, ele funcionou por muito tempo, sabe? Muito tempo, muito tempo, ele só parou de circular mesmo pra valer com o

envelhecimento do proprietário. Ele ficou velho e aí ficou doente, e tal. E ele era um jornal assim... Você pegava em Augustinópolis era o Paulo Palmas e em Araguatins era o Jornal da Cultura. Os dois tinham um diferencial. O Paulo Palmas, por exemplo, ele não tem formação acadêmica, mas ele tem uma noção bem clara do que é jornalismo. Ele é um prático. Um prático que concorre sim com um jornalista. O Anísio não. O Anísio, o jornal dele era… os textos era mais assim, só artigos opinativos, entendeu? E quando era alguma matéria de fato, era assim bem longe de um formato padrão jornalístico básico, entendeu? Mas funcionou uns 15 anos (Tasso Antonio, 2025, informação verbal).

Figura 5 - Capa do ano de 2003 do Jornal da Cultura



Fonte: Arquivo pessoal de Tasso Antônio.

A partir dessa capa de 2003 do Jornal da Cultura, que informa ser o ano 09 do jornal, e na entrevista Tasso Antonio informou que ele circulou por cerca de 15 anos, estimamos que o jornal tenha circulado, mais ou menos, até 2009. Antes disso, ele passou a contar com um concorrente na cidade. Em 2005, Tasso Antonio Cavalcante Passos lançou a versão impressa do jornal Folha do Bico (Figura 6), que nasceu já com a versão digital. Tasso Antonio tinha acabado de encerrar o primeiro e único mandato dele como vereador no município e resolveu colocar em prática o desejo que sempre teve de trabalhar com o jornalismo.

Figura 6 - Capas do Jornal Folha do Bico



Fonte: Arquivo pessoal de Tasso Antonio

O jornal Folha do Bico tinha tiragem de 2 mil exemplares, custava R$1,00 e circulava na maioria dos municípios biquenses, com destaque para Araguatins onde era produzido e sediado. Mesmo com o valor impresso na capa, Tasso Antonio afirmou na entrevista que a distribuição do jornal sempre foi gratuita. A diagramação inicialmente era feita em Imperatriz e, posteriormente, passou a ser feita em Palmas. A produção era feita em Araguatins e enviada via disquete para Imperatriz. Com a melhoria do sinal de internet na região, a produção passou a ser enviada via e-mail

para Palmas, onde era diagramado e impresso. Além disso, o jornal sempre primou pela cobertura microrregional com foco nas cidades biquenses.

> O Paulo fez um trabalho regional, né? O Paulo atuava ali no Bico inteiro com o impresso dele. O seu Anísio não, seu Anísio era só Araguatins. Ficava restrito só à cidade. Mas tinha uma influência na cidade muito muito grande, porque era o único que circulava e que dava aquela voz ali, né? Todo mundo falava, publicava ali e era um negócio assim bem, bem… muito livre. Quando nós começamos, também já foi na própria distribuição, a gente já fazia, né, já cobria a região toda e já distribuía a região toda. Inclusive esse, você sabe sabe bem disso, mas eu vou reforçar. É um dos grandes problemas do impresso é a distribuição. Entendeu? Porque você faz. Primeiro a gente fazia todos os textos, fotos, essa questão. Mandava, a gente rodava o jornal em Imperatriz. Mandava para Imperatriz, o diagramador a princípio, vou até depois pegar aqui pra mim te mostrar a diagramação. Eu deva ter a diagramação do cara de Imperatriz, era o da gráfica. Eu ia pra lá e levava, na época eu levava era o disquete. Na verdade, eu ainda lembro, nos primeiros meses era no disquete. Eu levava os textos e as fotos no disquete. Aí lá ele baixava, aí passava e ia diagramar. A gente perdia uma manhã inteira diagramando. E aí depois rodava e aí eu vim embora no final da tarde e eles me mandavam pela van no outro dia para Araguatins. Eu pegava aqueles calhamaços de jornal, aí depois tinha que fazer a distribuição na cidade de Araguatins e nos outros municípios. Ia em Augustinópolis. A gente não ia, por exemplo, não ia em Tocantinópolis. A gente, eu não fazia a distribuição no mesmo dia, eu mandava e ia chegava lá. Do dia que era distribuído em Araguatins, em Tocantinópolis era distribuído uns dois, três dias depois. Mas ali em Araguatins e Augustinópolis, eu já fazia no mesmo dia, né? Fazia no mesmo dia. Eu tinha uns cara que trabalhava pra mim e fazia isso para mim e fazia a distribuição e tal (Tasso Antonio, 2025, informação verbal).

O jornal impresso teve curta duração e encerrou as atividades no ano seguinte, porém o site do jornal permaneceu e segue ativo até hoje. Porém, mais detalhes da produção on-line são apresentados no próximo capítulo.

> Eu fiz um ano de impresso e aí já tava naquela mudança e como eu consegui… no impresso, eu comecei fazendo quinzenal, depois eu passei para mensal, só que tinha aquela questão da matéria tá muito fria, né? Ficava aquele negócio muito frio, muito meio atrasado e tal e aquilo de certa forma, por não dar conta de fazer um jornal ali semanal, que eu pensava o seguinte, que pra região cabia pelo menos um semanal, mas estruturalmente, por conta do financeiro, não dava conta, sabe? De fazer um semanal. Aí como tava naquele momento, naquele surgimento do digital, eu já migrei pro digital e aí fiquei 100% no digital e larguei essa questão do impresso no ano seguinte, acho que o último impresso, cara, que eu fiz, eu trabalhei com impresso foi em 2006. Já no formato no formato mensal. E enquanto isso, eh no digital, a gente já tava ali na atualização diária, entendeu? Desde o primeiro dia que eu comecei no digital, a atualização já era absolutamente diária. Todo dia tinha conteúdo novo. E mesmo sem eu fazia por instinto. fazer por instinto. Hoje, uma das técnicas básicas do digital é a atualização, né? É o básico. É o básico (Tasso Antonio, 2025, informação verbal).

O Folha do Bico circulou por pouco tempo na versão impressa, mas o reconhecimento que a versão digital tem hoje na microrregião tem seu embrião na versão impressa. O jornal Voz do Bico ainda foi mais insistente e seguiu com publicações impressas por mais 10 anos depois da extinção do jornal Folha do Bico. Mas, em 2018, o jornal de Augustinópolis também deixou de circular e foi o último que conseguimos registros a circular na versão impressa feita na microrregião.

Por conta dessa pouca circulação de veículos impressos no Bico do Papagaio, o consumo deste tipo de mídia é quase inexistente. Durante nosso *survey* na microrregião, dos 590 entrevistados, apenas 14 pessoas disseram que acessam este tipo de mídia no formato digital e citaram os jornais de circulação nacional, como O Globo, Folha de S. Paulo, Gazeta do Povo, Folha Universal e o Jornal do Tocantins, que, mesmo não possuindo mais a versão impressa, mantém a atualização do site. Muitos dos entrevistados, quando questionados se liam jornais impressos, perguntavam se ainda existia este tipo de mídia, um indício de que há muito tempo não ocorre a circulação de veículos impressos nas suas cidades.

Esta linha do tempo traçada aqui mostra que a microrregião tem uma produção noticiosa há mais de oito décadas, sempre relacionada com o desenvolvimento local. Inicialmente, como ciclo fluvial pelo Rio Tocantins, depois pela construção da Rodovia Belém-Brasília e seguida da migração para a região por conta dos ciclos econômicos nos vizinhos estados do Pará e Maranhão. As produções sempre foram realizadas por entusiastas da comunicação e com interesses políticos e econômicos, pois até hoje ainda é pouca a presença de jornalistas com formação acadêmica no Bico do Papagaio.

Essas produções impressas também refletem a dedicação de pessoas em documentar e divulgar a realidade local. Inicialmente, com o intuito de mostrar as carências da região mais esquecida pelo governo de Goiás, depois com o intuito de fortalecer o movimento separatista e de criação do estado do Tocantins, além dos conflitos agrários na microrregião. Apesar das limitações financeiras e operacionais, os jornais impressos desempenharam um papel importante no jornalismo local ao registrar as questões e histórias que não ganharam espaço nas mídias da capital goiana e depois da capital tocantinense.

A não circulação de jornais impressos na microrregião representa uma mudança com implicações para o jornalismo e para os cidadãos. Para o jornalismo, indica as dificuldades de manutenção desse tipo de mídia, além da dependência total do modelo digital, que ainda não possui um modelo de negócio sustentável consolidado para o nível local, enfrentando maior concorrência, inclusive de fontes não jornalísticas, e dificuldade em monetizar conteúdo. Para os cidadãos, pode significar menos informação disponível sobre questões locais e potencial enfraquecimento dos laços comunitários mediados pelo jornalismo.

5.2 O CENÁRIO RADIOFÔNICO

Desde os primeiros passos do rádio no Brasil, que datam de abril de 1919 com a Rádio Clube do Recife, até os dias atuais, este veículo conquistou um lugar de referência na comunicação e no jornalismo brasileiros. Num primeiro momento, com experimentações amadoras sem fio capazes de irradiar som via ondas eletromagnéticas de um ponto de transmissão para vários de recepção, passando pela profissionalização, era de ouro, declínio e fortalecimento com a convergência tecnológica e as mídias digitais. Inicialmente, o rádio começou com Amplitude Modulada (AM), expandido por meio das Ondas Curtas e Tropicais e, a partir da década de 1970, houve a efervescência da Frequência Modulada (FM) (Ferraretto, 2012; 2021; ALCAR, 2019).

Antes de passar ao percurso histórico e ao cenário radiofônico no Bico do Papagaio atualmente, é preciso destacar que o rádio aqui é entendido para além de um “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas” (Ferraretto, 2007, p. 23). Compreendemos o rádio como uma instituição social construída coletivamente (Meditsch, 2010). Conforme o autor, o rádio se caracteriza como uma criação cultural, com leis próprias e uma forma específica de mediação sociotécnica. Desta forma, há um fluxo sonoro específico do rádio e relações socioculturais são estabelecidas a partir dele.

Disto isto, voltamos um pouco no tempo para relembrar que esta instituição do rádio começa no Brasil a partir de 1919, se estabelece nos anos seguintes pelo eixo Recife, São Paulo e Rio de Janeiro e, a partir de 1930, se espalha para o restante do

país. No caso do então norte goiano, hoje Tocantins, as transmissões radiofônicas se confundem com a história do próprio estado e são marcadas por uma espécie de coronelismo político desde os anos iniciais (Paixão; Rocha, 2018). Ainda segundo os autores, o deputado federal Siqueira Campos, durante o governo do general João Figueiredo, recebeu concessões para instalar rádios em cidades localizadas no território que no futuro seria o estado do Tocantins. Mas antes do caminho oficial das concessões de rádio, a comunicação sonora neste território começou de outra forma.

> A comunicação por voz, no antigo norte goiano, começou a ganhar corpo no início da década de 1960. Naquela época, as caixas de som instaladas nos postes das redes de energia e os alto-falantes das igrejas faziam com que recados, anúncios e músicas alcançassem um maior número de pessoas nos pontos em que os equipamentos estavam instalados. Dos alto-falantes surgiram locutores que, anos mais tarde, ocupariam os microfones das emissoras de rádio que seriam criadas na região. Enquanto em nível nacional, a partir de 1964, a comunicação sofria as duras consequências da ditadura militar, no norte goiano começava a surgir as primeiras emissoras de rádio, que não ficariam ilesas a esse cenário (Paixão; Rocha, 2018, p. 75-76).

Ainda segundo os autores, Antônio Poincaré Andrade é o pioneiro na radiodifusão tocantinense. Ele foi responsável por instalar, em 1968, a Rádio Difusora do Tocantins na cidade de Porto Nacional. Esta é considerada a primeira rádio oficial no território que hoje é demarcado como estado do Tocantins. A emissora era de ondas médias, com programação musical e programas de auditório.

> A emissora, que funcionava dentro da casa de Antônio Poincaré e Dinorah Andrade, também sofreu as consequências da ditadura militar. Conforme publicação no site da prefeitura de Porto Nacional, que traz a galeria de prefeitos do município, a emissora foi fechada pouco mais de dois anos após entrar no ar. ‘Infelizmente por falta de competente autorização legal, foi impedida de entrar em funcionamento definitivo’ (Paixão; Rocha, 2018, p. 78).

É importante salientar que essa primeira experiência radiofônica no então norte goiano só veio depois de quase 40 anos das primeiras experiências no sul do estado, que é mais próximo da capital Goiânia (Souza; Santos, 2024). Outra experiência radiofônica no território, hoje tocantinense, é da rádio poste Rádio Son Araguaia, criada pelo empresário e político Benedito Ferreira, em 1964. O empresário era um dos proprietários do Grupo Boa Sorte, uma distribuidora de

produtos alimentícios instalada em Araguaína, e foi eleito senador em 1970. A emissora funcionava com caixas de som nos postes da rede de energia e tinha uma programação composta por músicas, comentários e propagandas do comércio local. A rádio também era usada para os interesses políticos dos seus donos e foi fechada pouco tempo depois (Paixão; Rocha, 2018).

Em 1976, Francisco Onildo Moreira, grão-mestre da Maçonaria, elaborou um projeto de uma emissora de ondas médias para Araguaína. Até conseguiram um canal de AM para a cidade, mas na concorrência pela concessão acabou perdendo para Jaime Câmara, que na época começava a expandir seu grupo de comunicação para o então norte goiano. A concessão saiu em 16 de fevereiro de 1977 e a emissora foi nomeada de Rádio Araguaia AM, sendo inaugurada em 05 de abril de 1979 com uma programação composta por música, prestação de serviço e participação dos ouvintes. A partir de então, outras emissoras foram surgindo em Araguaína, como a Rádio Araguaia FM (primeira FM da cidade em 1988) e a Rádio Tocantins FM (1989). A primeira pertencente ao Grupo Jaime Câmara e a segunda a Benedito Boa Sorte (Paixão; Rocha, 2018).

Nesse primeiro momento, verifica-se um monopólio das primeiras concessões nas mãos de políticos locais e da Organização Jaime Câmara, que implantaram suas rádios em vários municípios. Assim, as rádios abriam e fechavam de acordo com os interesses dos políticos. Por outro lado, as emissoras de rádio também surgiram como resposta aos cidadãos que queriam ter uma emissora local para buscar melhorias para suas cidades, mesmo que os veículos fossem comandados por políticos (Souza; Santos, 2024; Santos, 2019; Paixão e Rocha, 2018).

Há poucos relatos sobre as concessões que Siqueira Campos conseguiu quando era deputado federal. Segundo Paixão e Rocha (2018), o político conseguiu três concessões no início dos anos 1980: a Rádio Cultura de Miracema (1982), Rádio Tocantins de Tocantinópolis (1983) e uma emissora em Porto Nacional. Buscamos informações sobre o veículo de Tocantinópolis, mas não encontramos registros da produção desta emissora. Há no Diário Oficial da União (DOU), o

Decreto nº 89.605, de 2 de maio de 1984[8], que outorga concessão à Rádio Tocantins LTDA. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional na cidade de Tocantinópolis, Estado de Goiás. A outorga foi de 10 anos e sem direito de exclusividade na cidade de Tocantinópolis. O último registro que encontramos foi um processo de 1998, publicado no DOU de 2002[9], multando a Rádio Tocantins em R$ 674,87 por descumprir regras do Código Brasileiro de Telecomunicações (CTB).

Durante a visita ao município de Tocantinópolis e nas entrevistas com moradores, encontramos vestígios de que a rádio de fato funcionou na cidade, com uma programação variada e que agradava a população local. No entanto, a rádio não funciona mais há um tempo que não conseguimos precisar. Não encontramos pessoas responsáveis pela rádio ou que trabalharam no veículo. O prédio onde a rádio funcionou está abandonado.

No Bico do Papagaio, este foi o registro mais antigo que encontramos da chegada de emissoras de rádio na microrregião. Vale destacar que, por conta da distância, até os dias atuais os sinais de rádios sediadas na capital Palmas e na cidade de referência, que é Araguaína, não chegam à microrregião no rádio analógico, apenas por meio de sites via internet. Pela proximidade, os sinais das rádios da cidade de Imperatriz, no Maranhão, foram os primeiros sintonizados na microrregião.

Na cidade maranhense, as primeiras experiências radiofônicas ocorreram na década de 1960, com testes e emissoras funcionando de forma clandestina. Apenas em 1978 surgiu a primeira emissora legalizada da cidade, a Rádio Imperatriz Sociedade Limitada, inaugurada no dia 28 de outubro daquele ano. O advogado e radialista Moacyr Spósito Ribeiro conseguiu a concessão da rádio com o apoio político em plena ditadura militar. A emissora se destacou na região por sua programação musical e, especialmente, pela atuação jornalística com os programas Café da Manhã, Jornal dos Municípios, Sentinela Policial, Jornal 890, entre outros. Durante 27 anos, a Rádio Imperatriz levou informação e entretenimento aos ouvintes

[8] Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-89605-2-maio-1984-440088-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 15 out. 2024.
[9] Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=30/01/2002&jornal=1&pagina=237. Acesso em: 15 out. 2024.

de Imperatriz e região. Em 2005, depois da morte do proprietário, a emissora foi vendida para a Associação Cidade Esperança, que mudou o nome da rádio para Cidade Esperança, migrou para FM e a programação voltou-se para o público evangélico, permanecendo até os dias atuais (Brito, 2014).

Ainda conforme a autora, a emissora encontrou lugar no cotidiano dos imperatrizenses e de cidades circunvizinhas, além de formar muitos profissionais que até hoje atuam no rádio imperatrizense. É importante destacar que, nesse período, a partir da década de 1960, a cidade de Imperatriz começava a se fortalecer enquanto município e se tornava centro econômico, político, cultural e populacional da região. Com a construção da Rodovia Belém-Brasília, houve expressivo crescimento demográfico, o comércio foi fortalecido, as atividades pecuaristas cresceram, houve ocupação desordenada na cidade, entre outras atividades que mudaram as bases estruturais econômica, social e cultural de Imperatriz (Franklin, 2008; 2005; Sanches, 2003; Barros, 1996).

No território tocantinense, esse desenvolvimento foi mais tardio e os primeiros registros que encontramos para instalação de rádios no Bico do Papagaio datam do início dos anos 2000 para instalação de rádios comunitárias, que se consolidou em 2003 com a inauguração do funcionamento das rádios Cidade (Ananás), Sucesso FM (Araguatins) e Rádio Sucesso FM (Tocantinópolis). Esta última tem outorga de rádio comercial, já as duas primeiras são rádios comunitárias. Nesta esteira, outros municípios também foram beneficiados com rádios comunitárias nos anos seguintes, como Augustinópolis, Maurilândia, Darcinópolis, Axixá, entre outros.

Conforme levantamento do Mapa da Mídia do Tocantins (Rocha; Sousa; Alves, 2020), o Bico do Papagaio conta com nove rádios em nove municípios diferentes, enquanto o Projeto Atlas da Notícia (Projor, 2023) mapeou oito rádios em oito diferentes cidades. Outro banco de dados consultado foi o site da Federação das Associações de Rádios Comunitárias do Estado do Tocantins (Farcom/TO), entidade civil que foi criada em janeiro de 2015, com sede na capital Palmas, para promover o desenvolvimento e o fortalecimento das entidades mantenedoras das rádios comunitárias no estado.

De acordo com o site da instituição, em 2025, a entidade conta com 60 rádios associadas, outorgadas e em funcionamento[10] em todo o Tocantins. Deste total, 11

[10] Disponível em: https://www.farcomto.org/radiosassociadas/. Acesso em: 15 jan. 2025.

ficam localizadas no Bico do Papagaio, em 11 cidades diferentes. Mas o próprio banco de dados da Farcom apresenta inconsistências, pois não aparece link para acesso às rádios e, no aplicativo da instituição, apenas cinco veículos sediados no Bico do Papagaio são encontrados. Além disso, algumas que aparecem não é possível ouvir ou ter acesso à programação.

Diante das divergências dos dados encontrados e da nossa experiência enquanto morador da microrregião, realizamos o *survey* nos 25 municípios, em 2024, para também verificarmos o funcionamento das rádios e encontramos 17 emissoras (quadro 6) funcionando atualmente no Bico do Papagaio.

Quadro 6 - Rádios em funcionamento no Bico do Papagaio no ano de 2024

Nome	Município	Programação	Responsável	Data de criação	Site
Jovem FM 87,9 FM	Esperantina	Só musical	Elismar Silva	-----	Não possui
Clube FM - 104,9 FM	Buriti	Musical + 1 programa evangélico	Antônio Reis	2011	Não possui
Antena 1 FM 104,9 FM	Carrasco Bonito	Programas musicais com locutor, programa evangélico e retransmissão da Rádio Unitins FM	Antônio Reis	------	Não possui
Rádio Gazeta 96,1 FM	Augustinópolis	Programas musicais com locutor, programa evangélico e retransmissão da Rádio Unitins FM	Antônio Reis	2015	Não possui
Rádio Fenix 87,9 FM	Povoado Vinte Mil - Carrasco Bonito	Programas musicais com locutor, programa evangélico e retransmissão da Rádio Unitins FM	Antônio Reis	2013	https://www.fmfenix.com.br/
Rádio Hits 104,3 FM	Axixá, porém o estúdio funcionando em Imperatriz[11]	Programas musicais com locutor	(Rede de Palmas – a verificar)	------	Não possui

[11] Em 2025, retornamos ao município para verificar a programação da rádio e funcionamento, mas os estúdios em Augustinópolis foram fechados e fomos informados que as instalações da rádio mudaram para Imperatriz.

Rádio Sucesso FM 104,9 FM	Araguatins	Programas musicais com locutor e o radiojornal da Farcom	Getúlio Carneiro	2007	https://www.sucessofm104.com.br/
Rádio Top FM 98,7 FM	Araguatins	Programas musicais com locutor	Messias Filho	------	https://www.topfmaraguatins.com/
Rádio Interativa 104,9 FM	Maurilândia	Programas musicais com locutor e o radiojornal da Farcom	José Raimundo	------	https://interativamaurilandia.com/
Rádio Sucesso FM 96,1 FM	Tocantinópolis	Programas musicais com locutor	Ligações com o Deputado Valdemar Jr.	------	https://www.redesucessofm96.com.br/
Rádio Luz FM 104,9 FM	Luzinópolis	Só musical	------	------	https://www.luz104fm.com.br/
Rádio Centro	Aguiarnópolis	Programas musicais com locutor	------	------	https://radiocentroaguiarnopolis.com.br/
Rádio Cidade FM 87,9 FM	Ananás	Programas musicais com locutor	Wilson Saraiva de Carvalho	2003	https://acaananas.com.br/
Rádio Ribeira FM 104,9 FM	Darcinópolis	Programas musicais com locutor	------	2012	Não possui
Webrádio Atalaia do Bico	Araguatins	Programação musical com locutores	------	------	https://radioatalaiadobico.com.br/
Rádio Novo Tempo	Santa Terezinha	Programas musicais com locutor	Jeferson Agamenon	------	Não possui
Futura FM – 104,9	Praia Norte	Programação musical	------	------	Não possui

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

É importante destacar que, embora algumas rádios tenham nomes iguais a de redes de rádios comerciais conhecidas no eixo sul e sudeste, as emissoras biquenses não pertencem a esses grupos. São apenas nomes homônimos. Também ouvimos relatos ou vestígios de funcionamento de rádios em outros municípios, mas que no momento da pesquisa não foi possível verificar o funcionamento ou que já deixaram de funcionar (Quadro 6). A principal causa para tal situação foi que muitas rádios não conseguiram se estabelecer na microrregião por falta de recursos financeiros. Até procuramos os responsáveis por esses veículos a partir de indicação de moradores, mas não conseguimos encontrá-los.

Quadro 6 - Rádios que já funcionaram no Bico do Papagaio

Rádio	Município	Situação atual
Rádio Natureza FM	Sampaio	Já funcionou, mas no período da pesquisa não estava funcionando.
Rádios Fenix/Hits	Sítio Novo	Já funcionou, mas não funciona mais.
Rádio Natureza FM	São Bento	Já funcionou, mas no período da pesquisa não estava funcionando.
Rádio Dimensão FM	Axixá	Já funcionou, mas no período da pesquisa não estava funcionando.
Rádio Tocantins AM	Tocantinópolis	Já funcionou, mas foi extinta.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Ressaltamos que essa configuração pode ser alterada, pois há uma oscilação nessas rádios que hora funciona, hora estão fora do ar. A partir destes dados é possível verificar que há um ecossistema de rádios comunitárias no Bico do Papagaio, mas como observamos em visitas a algumas rádios como a Sucesso FM (Tocantinópolis), Sucesso FM (Araguatins), Interativa FM (Maurilândia), Jovem FM (Esperantina), Clube FM (Buriti) e Cidade FM (Ananás), algumas emissoras atuam de forma limitada, em sua maior parte apenas com programação musical e comandada por pessoas autodidatas ou com formação técnica, que têm outros

empregos além das atividades de locutores. Também são veículos que funcionam em casas ou espaços improvisados (Figura 7).

Figura 7 - Sede de algumas rádios comunitárias no Bico do Papagaio

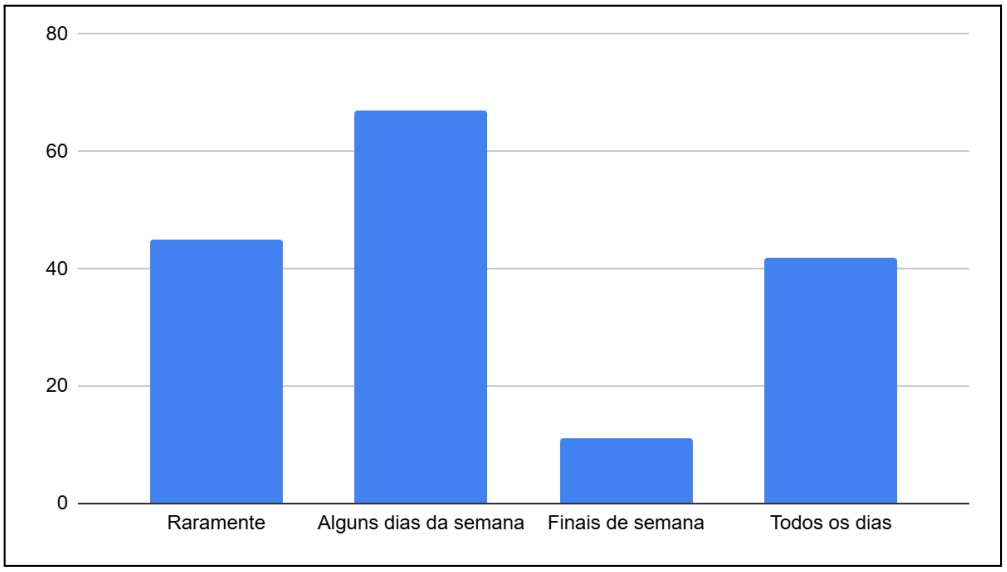


Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Mesmo com uma presença há mais de duas décadas na microrregião, as rádios comunitárias, atualmente, são pouco ouvidas pela população local e a principal reclamação que ouvimos nas entrevistas é que tocam apenas músicas. Mas encontramos indícios de que a população local consome rádio de alguma

forma. Das 590 pessoas que entrevistamos, 165 responderam que ouvem rádio algum dia na semana (Gráfico 4). São pessoas dos 25 municípios, com maioria formada por homens (98 respondentes) e com idade entre 35 anos ou mais (101 respondentes).

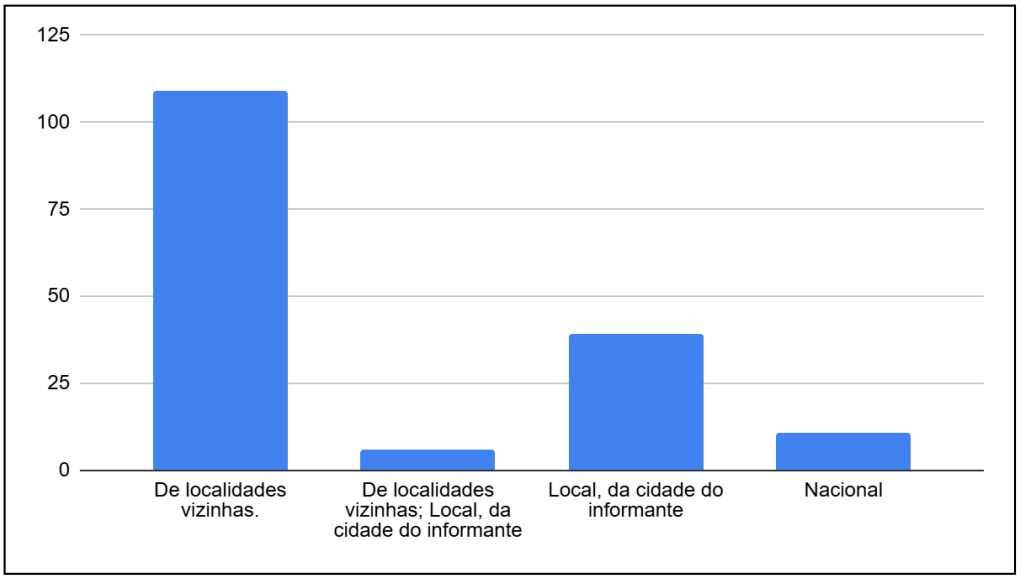
Gráfico 4 - Com que frequência ouve rádio



Fonte: elaborado pelo autor, 2025.

O aparelho tradicional ainda é o mais usado (105 respondentes) pelos biquenses para ouvir rádio. Porém, quando questionados se se informam pelo rádio, apenas 13 disseram que sim, o que pode ser, de alguma forma, reflexo da pouca programação informativa das rádios locais. As cidades onde encontramos mais pessoas que disseram ouvir rádio foram: Augustinópolis, Tocantinópolis, Araguatins e Maurilândia. Com relação às rádios citadas pelos entrevistados, ao todo foram 42 veículos diferentes mencionados, sendo a maioria de cidades vizinhas a cidade do entrevistado (Gráfico 5), com destaque para os veículos sediados em Imperatriz do Maranhão.

Gráfico 5 - De onde são as rádios que você ouve (Marque até duas opções)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A rádio mais citada pelos entrevistados foi a Nativa FM de Imperatriz, com 72 menções em 20 cidades diferentes. Criada em 1989 pelo ex-deputado federal Raimundo Cabeludo, a Rádio Nativa FM é uma das emissoras do Sistema Nativa de Comunicação, que conta ainda com a TV Nativa (Imperatriz), Rádio Nativa FM (Itinga do Maranhão/Dom Eliseu/ PA), Rádio Arara Azul (Paraupebas/PA) e, em 2025, inaugurou a Rádio Nativa FM (Barra do Corda/MA). O sinal da rádio de Imperatriz alcança 29 municípios no Maranhão, 23 no Tocantins e quatro no Pará.

A Rádio Nativa FM foi a primeira emissora de Imperatriz a transmitir um programa jornalístico em frequência modulada e, desde o início, tem como uma das marcas os programas de informação, que ficaram mais conhecidos pelo nome de seus locutores: Programa do Conor Farias, Amaral Reis, Renilson Sousa e o programa do Arimatéia Júnior, que é como os ouvintes se referem ao programa Rádio Alternativo, que vai ao ar todos os dias, das 8h às 12h, desde o ano 2000 (Fernandes *et al*., 2014, Albuquerque; Mustafá, 2021; Reis, 2022).

Conforme Reis (2022), o Rádio Alternativo é um dos programas com informações mais populares em Imperatriz e região. E verificamos isso na nossa pesquisa no Bico do Papagaio, sendo a rádio mais mencionada[12] pelas pessoas entrevistadas, que citaram a rádio ou o nome do apresentador. Em 2024, a jornalista

[12] Além disso, 1994 foi criado na emissora o departamento de eventos que ganhou força com a realização de grandes shows na região, inclusive no Bico do Papagaio, que ajudou na popularidade da Rádio Nativa FM.

Mônica Brandão dividia a apresentação com Arimatéia Júnior, mas saiu do programa no final daquele ano. Em fevereiro de 2025, o radialista Edy Soares retornou para dividir o programa com o Arimatéia. O radialista já havia passado pelo programa em anos anteriores.

Este programa recebe com frequência autoridades do Tocantins para entrevista, principalmente políticos locais. Governador, deputados federais e senadores, quando visitam o Bico do Papagaio, com frequência passam pela rádio para falar com os ouvintes biquenses. O ex-governador Siqueira Campos fazia isso com mais frequência pelas relações estreitas com o dono da rádio; ambos foram deputados constituintes. A equipe da emissora também sempre acompanhava o Siqueira Campos quando estava em visita no Bico do Papagaio. Destacamos também que a Rádio Nativa FM até hoje conta com publicidades do governo do Tocantins e de empresas do Tocantins, como a concessionária de energia elétrica, a Energisa.

O destaque do programa Rádio Alternativo é por conta, principalmente, de ser um programa informativo e que aborda assuntos de muitos municípios do Bico do Papagaio. O programa é de cunho jornalístico, mas também conta com uma programação musical. Criado pelo proprietário da emissora, Raimundo Cabeludo, o Rádio Alternativo é estruturado na primeira hora com as principais notícias de Imperatriz e região, informações sobre o tempo e a conexão Açaí-Cuxá, que é uma conexão com demais rádios do grupo para apresentar as principais notícias dos estados do Pará e Maranhão (na parte maranhense às vezes são citadas notícias do Bico do Papagaio). Nessa conexão, entram em rede as emissoras de Parauapebas (PA), Itinga do Maranhão (MA) e Imperatriz (MA). Em 2025, com a inauguração da Rádio Nativa em Barra do Corda (MA), esta emissora também passou a fazer parte da conexão.

A segunda hora de programa é dedicada à participação do público pelo WhatsApp e finaliza com uma avaliação do apresentador de tudo que foi noticiado. Esse cunho opinativo também é marca do Rádio Alternativo e do apresentador Arimatéia Júnior, que comanda o programa desde sua criação, no ano 2000.

> E o Programa Rádio Alternativo tem cumprido seu papel como vigilante. Por ser o único programa de rádio com conteúdo jornalístico e por dar voz aos ouvintes, ele tem funcionado como porta-voz da sociedade imperatrizense.

> [...] O programa Rádio Alternativo traz sempre questões polêmicas a fim de promover reflexões. Além de levar a notícia ao público, cumpre com seu papel e funciona como a voz do povo imperatrizense, pois dá espaço aos ouvintes fazerem reclamações e darem opiniões (Fernandes *et al.,* 2014, p. 11-12*)*.

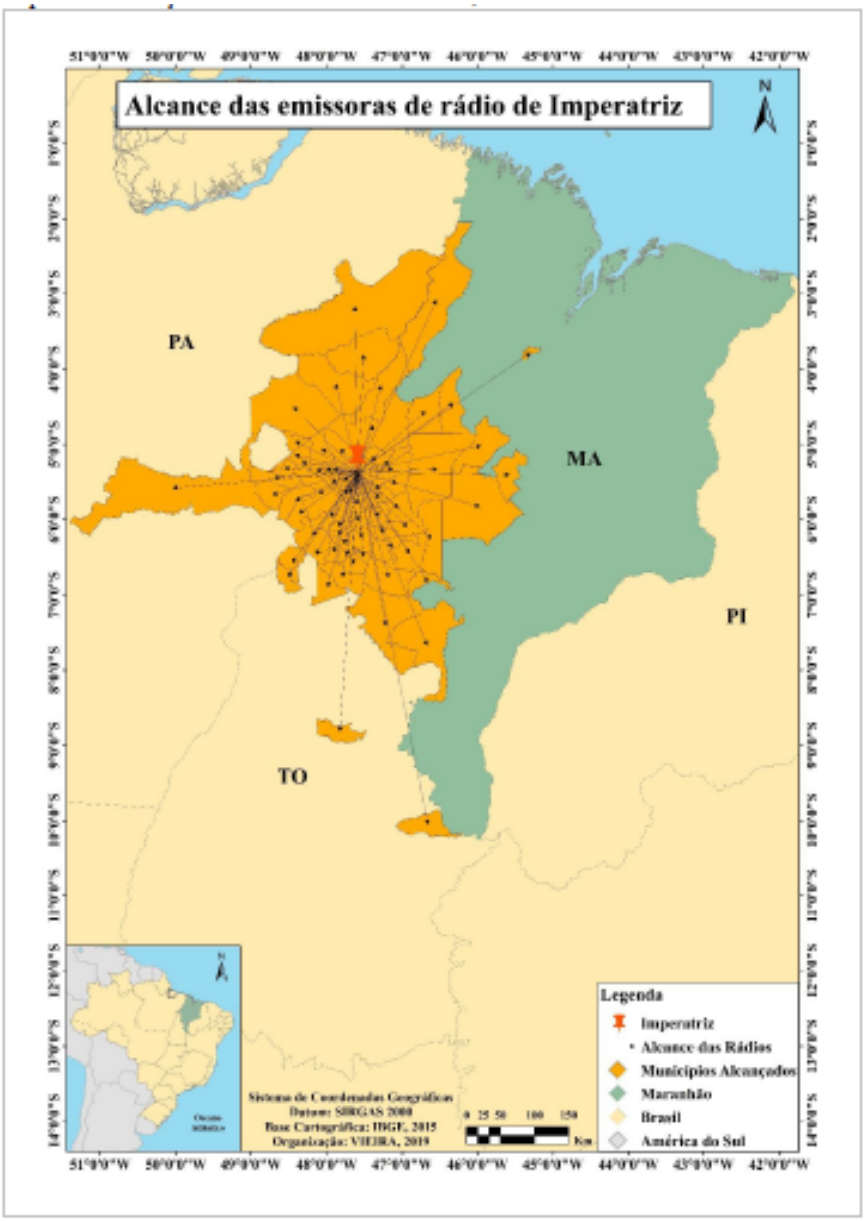
Além disso, o programa também abre espaço para os ouvintes biquenses e para as notícias locais. Desde o *survey*, em 2024, até a consolidação deste trabalho, em 2025, sua escrita foi ouvindo o programa Rádio Alternativo, pois a minha mãe ouve o programa, religiosamente, toda manhã. Assim como muitos entrevistados que ouvimos no Bico, ela afirma que é o único programa que tem notícias sobre nossa microrregião. Fato que já observamos durante a adolescência vivendo em Axixá e lembro-me bem que, quando o apresentador visitava a cidade, era recebido como uma celebridade.

Durante a escrita dessa tese e ouvindo o programa, percebemos que essa proximidade com o Bico do Papagaio continua com a participação diária de moradores locais por meio do WhatsApp. Além disso, o programa continua noticiando as informações sobre a microrregião, principalmente as notícias do mundo político, ações policiais e sobre a infraestrutura dos municípios, além de cobranças da comunidade local quanto à falta de água, de coleta de lixo, transporte escolar, entre outros. Isso ocorre por conta da rede de contatos da emissora, que mantém diálogo frequente com os comunicadores da região.

Reis (2022) constatou isso durante entrevistas com profissionais do Sistema Nativa de Comunicação, que afirmaram ter parceiros em várias cidades da Região Tocantina, como Paulo Palmares (Augustinópolis), Eliezer Almeida (Araguatins), além do apoio das emissoras comunitárias, cujos apresentadores informam à Rádio Nativa FM quando ocorre algo de interessante no seu município. “A gente firma parceria, aquele feedback onde eles nos passam informações de lá, e a gente repassa as daqui que são de interesse de lá (J8, TV Nativa, 2019, *apud* Reis, 2022, p. 188). Desta forma, a emissora conquistou um público cativo no Bico do Papagaio e mantém relações estreitas com a população local que participa diariamente da programação da emissora. A cidade maranhense conta, atualmente, com oito

emissoras de rádio[13]. Todas podem ser sintonizadas em boa parte dos municípios do Bico do Papagaio (Mapa 6).

Mapa 6 - Distribuição do sinal das emissoras de rádio de Imperatriz (MA)



Fonte: Reis, 2022.

Com relação às rádios sediadas no Bico do Papagaio, durante o nosso *survey* obtivemos menções a 21 veículos diferentes, porém só encontramos 17 funcionando atualmente no Bico do Papagaio. Isso aconteceu por conta das rádios que já

[13] As rádios de Imperatriz são: Rádio Mirante FM; Rádio Difusora FM; Rádio Terra FM; Rádio Nativa FM; Rádio 102,9 FM; Rádio Cidade Esperança FM, Rádio Maranhão do Sul e Rádio Açai FM. As duas últimas são comunitárias e as seis primeiras são comerciais.

funcionaram nas cidades, mas atualmente não estão em operação, e as pessoas entrevistadas ainda lembraram e citaram os veículos. Houve também casos de citarem rádios nas quais não encontramos nenhum vestígio de funcionamento, como a rádio Samambaia (São Miguel) e uma rádio experimental em Itaguatins.

As emissoras biquenses mais citadas foram: Sucesso FM (Tocantinópolis - 39 citações), Sucesso FM (Araguatins - 36 citações), Cidade FM - (Ananás - 20 citações), Interativa FM (Maurilândia - 20 citações), Ribeira FM (Darcinópolis - 19 citações) e Clube FM (Buriti - 17 citações). Aqui destacamos os casos de Ananás e Maurilândia, onde os 20 entrevistados souberam informar sobre as rádios das cidades, mesmo afirmando que não as ouvem. No caso de Maurilândia, metade dos respondentes disse que ouve rádio, mas são emissoras localizadas na cidade de Imperatriz (MA). Aqui vale uma ressalva, os números totais de menções divergem do total de pessoas que ouvem rádio, pois mesmo informando que não ouvia rádio, era questionado se a pessoa conhecia alguma rádio na cidade e muitos citaram que sabiam ou diziam o nome da rádio da sua cidade, mesmo não ouvindo.

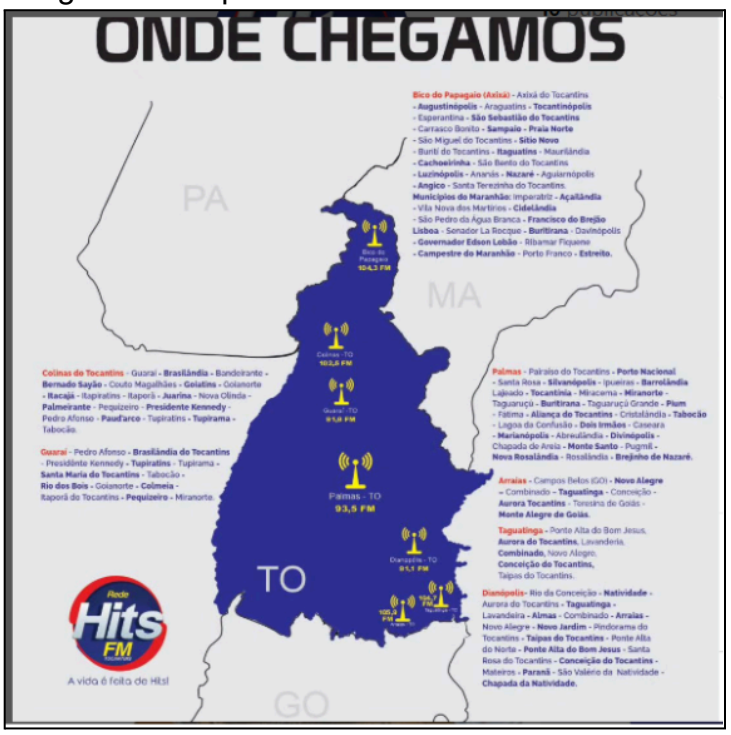
Por fim, destacamos as rádios locais nas quais conseguimos falar com os responsáveis que apresentam algum programa jornalístico ou informativo, são elas: Sucesso FM (Tocantinópolis), Sucesso FM (Araguatins), Top FM (Araguatins), Interativa (Maurilândia), Cidade FM (Ananás), Gazeta FM (Augustinópolis), Hits FM (Augustinópolis), Luz FM (Luzinópolis) e Ribeira FM (Darcinópolis). Essa veiculação de informações ocorre, principalmente, nos programas musicais com locutores no período da manhã. Algumas notícias/informações sobre acontecimentos locais são repassadas, assim como são realizadas, eventualmente, entrevistas com autoridades das municipalidades. Boletins informativos da rádio Unitins FM (emissora da Universidade Estadual do Tocantins) também são veiculados ao longo da programação em algumas rádios.

O único programa essencialmente jornalístico mapeado em algumas emissoras locais foi o radiojornal A Voz do Tocantins, que é produzido e gravado pela Farcom na Rádio Paraíso FM, localizada na cidade de Paraíso do Tocantins, e depois distribuído para as demais emissoras associadas. O noticioso tem 1h de duração e vai ao ar ao vivo na rádio de Paraíso das 10h às 11h. Depois a gravação é distribuída para as emissoras associadas, que costumam veicular o programa entre 12h e 13h. O radiojornal vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira e conta com

notícias, entrevistas, reportagens e debates sobre os últimos acontecimentos do Tocantins. O programa é apresentado por Ataíde Rodrigues e Adão Ribeiro Kojak. Nestes dois casos, dos boletins da Rádio Unitins e do radiojornal da Farcom, as notícias geralmente são de abrangência estadual, produzidas a partir da capital, Palmas. As rádios comunitárias biquenses informaram ter liberdade para participar no radiojornal, enviando seus materiais para a emissora geradora, porém pouco aproveitam esse espaço.

O interesse dos veículos comerciais pela microrregião só começou em 2024 com a instalação da Rádio Hits, que, segundo o site da Anatel, é sediada no município de Axixá, porém os estúdios estavam instalados na cidade de Augustinópolis em 2024. No ano seguinte, o estúdio fechou na cidade tocantina e mudou para Imperatriz (MA). A emissora pertence ao grupo Hits, que possui outras seis rádios comerciais espalhadas pelo Tocantins com a mesma nomenclatura. A Hits Bico do Papagaio, segundo divulgado no perfil do Instagram[14] da emissora (Figura 8), alcança 22 municípios tocantinenses na microrregião e mais 15 cidades no vizinho estado do Maranhão.

Figura 8 - Mapa de alcance das rádios Hits FM



Fonte: Instagram da emissora, 2024.

[14] Disponível em: https://www.instagram.com/p/C-sJognJVfd/. Acesso em: 05 out. 2024.

A rádio Hits FM possui uma programação pensada para o público adulto contemporâneo (40+), com uma mescla de músicas e programas jornalísticos. São dois programas informativos: o Direto da Redação (primeira edição às 7h e a segunda edição às 18h) e o Norte Agropecuário (às 8h e às 19h). Essas informações constam no site da emissora de Palmas[15]. Tentamos contato com a emissora no Bico do Papagaio, porém não conseguimos durante o período da pesquisa.

Essa caracterização do cenário radiofônico no Bico do Papagaio é importante para compreender que, mesmo após a criação do estado do Tocantins, o extremo norte do estado não seguiu as ondas de desenvolvimento de outras regiões do estado e os meios de comunicação, em especial o rádio, ficaram centrados nas três maiores cidades do estado: Palmas, Araguaína e Gurupi. Restam às demais regiões a cobertura por rádios comunitárias, que não possuem recursos financeiros, humanos e operacionais, além de estrutura física, para funcionar de forma estruturada. As rádios sobrevivem a partir de ajudas das prefeituras e de pequenos patrocínios dos comerciantes locais, o que acaba condicionando o funcionamento na lógica comercial, mesmo sendo uma emissora comunitária.

As rádios funcionam com estrutura mínima e são comandadas por pessoas que têm formação técnica ou que aprenderam na prática a manusear os equipamentos. São entusiastas da comunicação e do rádio que tocam essas emissoras nos municípios biquenses. Como exemplos, temos as rádios Clube FM, de Buriti, e Jovem FM, de Esperantina. A primeira é gerida por um senhor idoso em situação de vulnerabilidade social, que cuida da emissora pelo simples prazer de lidar com os equipamentos, pois não atua com locução. No dia em que conversei com ele (julho de 2024), a residência dele estava com a energia elétrica cortada por falta de pagamento. A rádio, que tem prédio próprio, tem a energia custeada pela prefeitura local. Já a emissora de Esperantina é gerida por uma família de idosos e apenas um filho do casal sabe manusear os equipamentos. Quando visitamos a emissora, ela estava fora do ar justamente por causa de uma queda de energia, que logo retornou, mas o filho do casal não estava em casa para ligar os equipamentos da emissora.

[15] Disponível em: https://www.hitsfmto.com.br/. Acesso em: 10 dez. 2024.

Por fim, destacamos que o rádio foi o veículo mais difícil de mapeamento, pois algumas emissoras foram citadas, mas não funcionam mais ou funcionam só na web. Por outro lado, houve outras não citadas que estão em funcionamento. Além disso, geralmente são poucas pessoas que atuam nesses veículos e sabem da história das emissoras. No caso de Esperantina, não conseguimos contato, tanto pessoalmente como por telefone, com o filho do casal responsável pela emissora. Em Luzinópolis, o responsável pela rádio também não nos recebeu. Os registros documentais dessas emissoras são quase inexistentes. As informações que conseguimos são apenas as dos sites da Anatel e do Senado Federal ou da Câmara dos Deputados.

5.3 O CENÁRIO TELEVISIVO

Trazida para o Brasil pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, dono do Diários Associados, na década de 1950, a televisão passou a fazer parte do dia a dia do brasileiro com uma programação variada, mesclando entretenimento e jornalismo. Com a inauguração, no dia 18 de setembro de 1950, da PRF-3 TV Tupi em São Paulo, o Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter televisão em caráter regular. A TV chegou inicialmente apenas para a elite paulista com poucos aparelhos na cidade, mas ao longo das décadas de 1950 e 1960 expandiu as estações de televisão nas principais cidades do país, como: TV Tupi do Rio de Janeiro (1951), TV Record de São Paulo (1953), TV Italocomi de Belo Horizonte (1955), TV Piratini de Porto Alegre (1959), TV Jornal do Comércio de Recife (1960), TV Itapoan de Salvador (1960), TV Globo (1965) e TV Cultura de São Paulo (1969) (Sampaio,1984; Mattos, 1990; Rezende, 2000; Paternostro, 2006; Silva, 2018).

Com o golpe de 1964 no Brasil, os militares incentivaram a expansão da televisão no país como forma de propagar o governo militar e de integração nacional. As produções desta época passavam por censura, regulamentações e normas dos militares para que representassem seus interesses disfarçados de interesses nacionais (Santos, 2015; Mattos, 1990; Rezende, 2000). Conforme Santos (2015), é nesse contexto de expansão que a televisão chega ao então norte goiano, atual território tocantinense.

Com os incentivos dos militares para investimentos na região Amazônica, o empresário Jaime Câmara decidiu levar a TV Anhanguera para a cidade de Araguaína, que começava a despontar como polo da região por conta da construção da Rodovia Belém-Brasília. Ainda segundo Santos (2015), a Organização Jaime Câmara se tornou uma das principais no ramo de telecomunicações de Goiás e inaugurou a TV Anhanguera em 1963 em Goiânia. Cinco anos depois, a emissora se tornou líder de audiência na capital goiana e uma das primeiras emissoras a afiliar-se à Rede Globo. “A intenção era tornar maciça a presença dos veículos pertencentes ao grupo no estado de Goiás, sobretudo, das emissoras de televisão, como estratégia de ocupação de espaço” (Santos, 2015, p. 79).

As discussões para a expansão da TV Anhanguera para Araguaína começaram no início da década de 1970, mas só foram concretizadas em 10 de dezembro de 1976 com a instalação da primeira antena da TV Anhanguera, como retransmissora da Rede Globo de Televisão. Os entraves estruturais impediram que esse processo fosse consolidado antes, pois naquela época não havia ainda um sistema de eletrificação permanente em grande parte dos municípios, além de problemas na infraestrutura das cidades e das estradas. Mas com a construção e pavimentação da rodovia Belém-Brasília, o eixo de crescimento populacional da região que era Tocantinópolis, mudou para Guaraí e Araguaína, municípios cortados pela rodovia.

Mas antes da chegada da TV Anhanguera em Araguaína, conforme Santos (2015), moradores da cidade se juntaram e formaram o grupo pró-TV, que ganhou apoio de empresários locais para comprar equipamentos e instalar uma retransmissora na cidade, motivados principalmente por conta da chegada do sinal de TV na cidade de Imperatriz, no Maranhão. A TV Araguaína foi instalada no início da década de 1970. O grupo conseguiu comprar cinco repetidoras, cinco torres, baterias e motores. As torres foram instaladas em Sumaúma e Estreito, no Maranhão, além de Tocantinópolis, Wanderlândia e Araguaína, no Tocantins.

Santos (2015) relata que a população de Araguaína reclamava da qualidade da imagem e foi preciso instalar uma segunda torre na cidade. A TV Araguaína utilizava fitas gravadas da repetidora de Imperatriz, que eram enviadas todos os dias para gravação e voltavam pelos ônibus da linha interestadual. A programação era da TV Tupi com telejornais e novelas consideradas sucessos na época, como: “Papai

Coração", "Apóstolo de Judas" e "Direito de Nascer", além de programas de auditório e filmes. Mas as articulações políticas e empresariais do Grupo Jaime Câmara permitiram que a TV Araguaína funcionasse por um período curto, pois atrapalharam as negociações para concessão de um canal ao grupo pró-TV. Assim como no caso do rádio, as interferências políticas e empresariais se impuseram para instalar a TV em Araguaína.

> A presença de uma retransmissora em Araguaína abastecida de programas copiados de uma emissora maranhense chamou a atenção de lideranças políticas locais, impressionadas com o repentino sucesso da nova emissora. Por outro lado, estas mesmas lideranças foram contatadas pelo empresário do sul de Goiás, Jaime Câmara, para apoiar a implantação de uma retransmissora da TV Anhanguera - Canal 2 na cidade. Representadas pelo senador biônico Benedito Vicente Ferreira, conhecido como o "Senador Boa Sorte", decidem apoiar o empreendimento da Organização Jaime Câmara (Santos, 2015, p. 88).

Conforme a autora, a cidade de Araguaína ficou dividida, com parte da população querendo a manutenção da TV Araguaína e outra parte defendia a instalação da TV Anhanguera. Jaime Câmara doou alguns televisores na cidade para convencer e garantir apoio de lideranças empresariais e políticas locais, o que foi fácil de conseguir com a promessa vantajosa de divulgar propagandas políticas e projetos da prefeitura gratuitamente.

> Ainda sobre este instituto destaca-se a observação de Francisco Onildo Moreira, grão-mestre da Maçonaria na cidade, que faz questão de destacar que: A TV Araguaína funcionou até o ano de 1977, quando apareceu aqui o grupo Jaime Câmara que, através do prestígio político do senador Boa Sorte junto ao Ministério das Comunicações, conseguiu engavetar nosso processo para regulamentar a nossa emissora e privilegiou para montar aqui um canal em Araguaína da TV Anhanguera. A verdadeira história da televisão é essa, e não o que certo diário de Palmas publica em suas páginas, mentindo para o leitor (Santos, 2015, p. 90)

Também como parte desse processo, ainda em 1976, a prefeitura de Araguaína abriu um crédito concedendo ajuda para a implantação do sistema de som e imagem de televisão de Araguaína. A perspectiva com a chegada da TV rendeu várias homenagens de políticos e empresários locais ao jornalista Jaime Câmara. Desta forma, com apoio político e empresarial, a TV Anhanguera se estabeleceu em Araguaína com transmissão de seus próprios programas, atingindo o então extremo norte goiano e parte dos estados do Pará e do Maranhão.

De acordo com Santos (2015, p. 121), a implementação da televisão no antigo norte goiano contribuiu para o processo separatista e de criação do estado do Tocantins, além de mudanças nos hábitos culturais e nos costumes locais. “Nesse sentido, contribuiu para reforçar o sentimento de autonomia do segmento que vivia no norte”. Embora tenha chegado em Araguaína apenas em meados da década de 1970, o sinal de TV já era sintonizado em Tocantinópolis, no Bico do Papagaio, dez meses antes. A cidade, distante 150 km de Araguaína, assistia a programas de quatro canais de televisão retransmitidos de Belém do Pará. As imagens da TV Marajoara chegavam a Tocantinópolis via Imperatriz, no Maranhão.

Nesse contexto, é importante destacar que na cidade maranhense as primeiras experiências de mídia audiovisual aconteceram em 1967 com Pedro Bala e o eletrotécnico Francisco Ramos, que conseguiram a doação de um aparelho de televisão, uma antena e, assim, captaram pela primeira vez o sinal de TV em Imperatriz. O sinal era de uma televisão boliviana, que na época noticiava a morte do guerrilheiro Che Guevara. Depois de vários testes e movimentações políticas e empresariais na cidade, em dezembro de 1975, a TV é definitivamente homologada em Imperatriz com sinais simultâneos das TVs Tupi e Globo. Atualmente, o canal pertence ao Sistema Mirante de Comunicação, de propriedade da Família Sarney e afiliado da Rede Globo no Maranhão (Macedo *et al*., 2009; Silva, 2013; Reis, 2022).

Em 1978, foi instalada a retransmissora TV Tropical, afiliada à Rede Bandeirantes de Televisão, e hoje sobrevive de arrendamentos por empresários e políticos locais. A TV Karajás, ligada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), foi instalada em 1981 e, atualmente, pertence ao Grupo Difusora do Maranhão. A TV Curimã, retransmitindo a Rede Manchete, em 1983, foi outra emissora instalada na cidade. Consequência de apadrinhamento político, a emissora pertence ao empresário e ex-deputado estadual constituinte Raimundo Cabeludo e faz parte hoje do Sistema Nativa de Comunicação, afiliado a Rede Record. Imperatriz também contou com a TV Educativa, instalada em 1984, mas extinta anos depois (Macedo *et al*., 2009; Silva, 2013; Reis, 2022).

Com a consolidação das emissoras de TV em Imperatriz, no Maranhão, os municípios do extremo norte do Tocantins passaram a receber o sinal de TV da cidade maranhense e acompanhar o dia a dia do estado vizinho. A TV Anhanguera e as demais emissoras de Araguaína ficaram com o sinal restrito a essa cidade e

outros municípios mais próximos. Assim, dos anos de 1980 até o início dos anos 2000, no Bico do Papagaio era possível acompanhar os seguintes canais maranhenses: TV Mirante (Globo), TV Difusora (SBT), TV Nativa (Record), TV Band Imperatriz (Band), TV Capital (Rede TV!) e TV Anajás (Rede Vida). Como o sinal analógico não era dos melhores, as famílias com mais condições financeiras passaram a adquirir a antiga antena parabólica, que tinha sinal melhor, porém a programação era via satélite e toda nacional do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

As primeiras mudanças nesse cenário só vieram em 2005[16], com a expansão da Fundação de Radiodifusão Educativa do Estado do Tocantins (Redesat), que abrigava as emissoras TVE Tocantins e a rádio 96 FM. Investindo na tecnologia de satélite, o sinal da TVE passou a chegar nos municípios de Luzinópolis, Maurilândia e Palmeiras. Em 2006, em mais uma parceria política e empresarial, o Governo do Tocantins, mesmo possuindo uma emissora pública estadual, resolveu apoiar[17] a expansão da TV Anhanguera, que resolveu instalar torres em todos os municípios biquenses para que as comunidades locais pudessem acompanhar os programas da emissora afiliada da Rede Globo.

Em março de 2006, o então governador do Tocantins, Marcelo Miranda (PMDB), participou das inaugurações de oito torres de transmissão de sinal da TV Anhanguera nos municípios de Araguatins, Augustinópolis, Sampaio, Praia Norte, Axixá, Sítio Novo, São Miguel e Itaguatins. Conforme o governo[18], o sinal da emissora iria beneficiar 90.231 moradores dos oito municípios do Bico do Papagaio. Na etapa seguinte do projeto, os municípios beneficiados foram: Darcinópolis, Angico, Ananás, Riachinho, Luzinópolis, Cachoeirinha, São Bento, Maurilândia, Tocantinópolis, Nazaré, Santa Terezinha, Aguiarnópolis e Palmeiras.

Além do governador, os eventos de inauguração das torres contaram, na época, com o diretor de Jornalismo da Organização Jaime Câmara, Luiz Fernando

---

[16] Disponível em: https://www.to.gov.br/secom/noticias/redesat-tocantins-amplia-sinal-em-mais-3-cidades-do-estado/6t1w4g0rujq4. Acesso em: 15 out. 2024

[17] Disponível em: https://www.to.gov.br/secom/noticias/governo-apoia-expansao-da-tv-anhanguera-no-tocantins/3vac6pfwvljd. Acesso em: 15 out. 2024.

[18] Disponível em: https://www.to.gov.br/secom/noticias/marcelo-miranda-prestigia-inauguracao-do-sinal-de-tv-no-bico-do-papagaio/573jqp7zpfp3. Acesso em: 15 out. 2024.

Rocha, a diretora-geral da Organização Jaime Câmara no Tocantins, Fátima Roriz, e o supervisor de telejornalismo da emissora, Rogério Silva, além de prefeitos e outras autoridades locais. A promessa foi a mesma da década de 1970 para a instalação da emissora em Araguaína, que a população local ia poder acompanhar o dia a dia do Tocantins por meio dos telejornais da emissora, e não mais ficar dependente do sinal das emissoras maranhenses.

> Agora esta região está definitivamente integrada ao restante do Tocantins. [...] Com mais esta ferramenta de desenvolvimento, os moradores destas cidades vão poder acompanhar mais de perto o trabalho dos representantes eleitos, e analisar as propostas daqueles que pleiteiam cargos públicos (Marcelo Miranda, 2003, on-line[19]).

De fato, isso passou a vigorar, porém a instabilidade no sinal da TV Anhanguera desagradou muito os moradores locais que continuaram acompanhando as TVs de Imperatriz e usando as antenas parabólicas, que recebiam programação nacional via satélite.

> A Anhanguera é uma das duas únicas geradoras na capital do Tocantins – a outra é a TV Educativa estadual. O estado é um exemplo de como as retransmissoras de TV são estratégicas nas comunicações na Amazônia Legal. As afiliadas das demais redes nacionais – SBT, Bandeirantes, Record e RedeTV – só possuem outorga de retransmissão.
> Embora possam gerar programação local e comercializar anúncios na Amazônia Legal, as retransmissoras têm situação jurídica precária, pois as outorgas não passam pelo Congresso e podem ser anuladas pelo governo. Por isso, há menos visibilidade e transparência de informações sobre elas.
> Desde que a União instituiu a venda de concessões das emissoras geradoras por licitações públicas, em 1997, só o canal 11 foi licitado para Palmas. O grupo que venceu a disputa revendeu a concessão para a TV Anhanguera. No interior do Tocantins, há mais três geradoras que são anteriores à criação do estado em 1988: duas do Grupo Jaime Câmara, em Araguaína e Gurupi, e outra em nome do Grupo Boa Sorte, em Araguaína, que é afiliada ao SBT e pertence aos herdeiros do ex-senador Benedito Boa Sorte (Lobato, 2016, on-line).

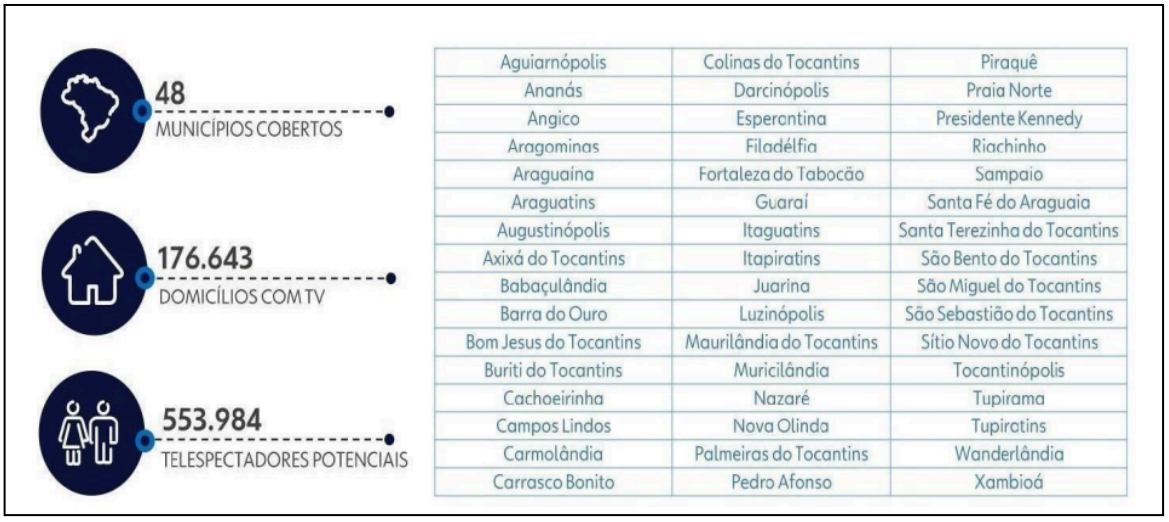
Mesmo com o sinal da TV Anhanguera podendo ser sintonizado no Bico do Papagaio, os telejornais da emissora eram produzidos apenas a partir da capital, Palmas, de Araguaína e de Gurupi, com pouca inserção de notícias sobre o Bico do Papagaio. Para piorar a situação do jornalismo local, em dezembro de 2018, o

[19] Disponível em: https://www.to.gov.br/secom/noticias/governo-apoia-expansao-da-tv-anhanguera-no-tocantins/3vac6pfwvljd. Acesso em: 15 out. 2024.

Jornal Anhanguera 2ª Edição, que era produzido de Araguaína para os municípios do norte do Tocantins, deixou de ser produzido. O telejornal passou a ancorado diretamente de Palmas para todo o Tocantins, e a equipe de jornalismo de Araguaína foi reduzida. O que permanece até os dias atuais.

Conforme Mendonça (2024), o sinal da emissora chega a 87 dos 139 municípios tocantinenses, correspondendo a 62,58% da cobertura de sinal no estado. Ainda segundo a autora, o sinal da TV Anhanguera de Araguaína (Figura 9) é o que cobre mais municípios, 48 ao todo. Porém, durante as visitas aos municípios, percebemos que essa informação que a emissora passou para a pesquisadora não condiz com a realidade do Bico do Papagaio.

Figura 9 - Malha de cobertura do sinal da TV Anhanguera Araguaína



Aguiarnópolis	Colinas do Tocantins	Piraquê
Ananás	Darcinópolis	Praia Norte
Angico	Esperantina	Presidente Kennedy
Aragominas	Filadélfia	Riachinho
Araguaína	Fortaleza do Tabocão	Sampaio
Araguatins	Guaraí	Santa Fé do Araguaia
Augustinópolis	Itaguatins	Santa Terezinha do Tocantins
Axixá do Tocantins	Itapiratins	São Bento do Tocantins
Babaçulândia	Juarina	São Miguel do Tocantins
Barra do Ouro	Luzinópolis	São Sebastião do Tocantins
Bom Jesus do Tocantins	Maurilândia do Tocantins	Sítio Novo do Tocantins
Buriti do Tocantins	Muricilândia	Tocantinópolis
Cachoeirinha	Nazaré	Tupirama
Campos Lindos	Nova Olinda	Tupiratins
Carmolândia	Palmeiras do Tocantins	Wanderlândia
Carrasco Bonito	Pedro Afonso	Xambioá

Fonte: Mendonça, 2024.

Nos municípios de Esperantina, Maurilândia, Sampaio, São Miguel e Axixá, por exemplo, acompanhamos algumas televisões sintonizadas na TV Mirante de Imperatriz, afiliada da Rede Globo no Maranhão. A informação repassada por moradores foi que o sinal da emissora do Tocantins não é sintonizado. Outra prova dessa realidade é a vivência do pesquisador em Axixá, que não consegue sintonizar o sinal da TV Anhanguera por meio da antena tradicional da TV digital. Só é possível acompanhar a emissora do Tocantins por meio da plataforma de *streaming* da Globo, o Globoplay. Durante o *survey,* conseguimos sintonizar o sinal da TV Anhanguera nos municípios de Ananás, Luzinópolis e Tocantinópolis. Enfim, o que podemos afirmar é que o sinal da emissora chega ao Bico do Papagaio, mas não

podemos precisar a quantos municípios. Até entramos em contato com a emissora, mas não obtivemos resposta até o fechamento deste trabalho.

Atualmente, a programação da TV Anhanguera contempla três telejornais locais: o Bom Dia Tocantins (6h às 8h30), Jornal Anhanguera 1ª Edição (11h45 às 13h) e Jornal Anhanguera 2ª Edição (19h10 às 19h40). Todos são apresentados a partir de Palmas com a inserção de conteúdos produzidos pelas sucursais em Araguaína e Gurupi. O único telejornal da TV Anhanguera no Tocantins, que não é feito totalmente no estado, é o Jornal do Campo (aos domingos das 6h15 às 6h45), conduzido pela equipe do estado de Goiás. Com relação ao quadro de profissionais, a redação de Palmas é a maior, com 40 profissionais, entre coordenadores, editores, apresentadores, produtores, repórteres e cinegrafistas. Em Araguaína, são cinco profissionais (editor de regional, repórter, produtor e cinegrafista) e em Gurupi, que possui apenas uma repórter desempenhando as funções de produção e apresentação das notícias, e o cinegrafista (Mendonça, 2024).

Além da TV Anhanguera, a mais antiga e com maior estrutura atuando no Tocantins, o cenário televisivo tocantinense é marcado pela concentração de emissoras na capital, Palmas, e nas cidades de Araguaína e Gurupi. Conforme Fonseca (2020), a cidade de Araguaína concentra o maior número de emissoras em canal aberto do Tocantins e com programação local, são elas: TV Alvorada (TV Gazeta), TV Amazônia (Band), TV Anhanguera (TV Globo), TV Araguaína (SBT), TV Aratins (Rede Meio Norte), TV Jovem Araguaína (Record TV) e Rede Líder (RedeTV!).

No cenário do Bico do Papagaio, além do sinal da TV Anhanguera, em fevereiro de 2011, a TV Novo Tempo[20], emissora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, começou a retransmitir os primeiros sinais em canal aberto em Augustinópolis. Segundo a igreja, esse foi o primeiro sinal da emissora no estado do Tocantins. O

[20] A TV Novo Tempo surgiu em 9 de novembro de 1996 na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Inicialmente era chamada de ADSAT e depois passou a integrar a Rede Novo Tempo de Comunicação, que surgiu da junção de instituições já existentes: A Voz da Profecia, Quarteto Arautos do Rei, Está Escrito, Rede Novo Tempo de Rádio e a TV Novo Tempo. Atualmente, a Rede Novo Tempo de Comunicação produz conteúdo para TV, rádio e internet em português e espanhol 24 horas por dia. Com instalações modernas na cidade de Jacareí (SP), possui uma infraestrutura de 19 mil metros quadrados onde trabalham quase 600 funcionários. A TV Novo Tempo está presente em mais de 450 cidades brasileiras em canal aberto, sendo dessas 25 das 27 capitais. Além de estar presente em todas as TVs por assinatura do Brasil. O sinal da emissora também é enviado à Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. A também atuam na América do Sul com a versão em espanhol dos programas.

canal é utilizado pela igreja como instrumento de evangelização e propagação da mensagem do adventismo. Nessa primeira fase, estavam previstos para serem beneficiados os municípios de Aliança, Brejinho de Nazaré, Gurupi, Paraíso, Cristalândia, Guaraí, Colméia, Araguaína, Augustinópolis e Tocantinópolis[21].

Na cidade de Tocantinópolis, a torre de retransmissão só foi inaugurada em evento festivo no mês de maio de 2012, que contou com a presença de autoridades civis e da igreja. A TV de Tocantinópolis passou a alcançar toda a cidade e mais três municípios do Tocantins e quatro cidades do Maranhão localizadas em um raio de 30km[22]. Para a instalação das torres, a igreja contou com o apoio do governo do estado e das prefeituras locais.

Com o processo de digitalização da televisão no Brasil, a partir de 2007, o cenário televisivo no Bico do Papagaio voltou a se modificar, mas isso só passou a ocorrer a partir de 2013 com a inauguração das transmissões digitais das emissoras de Imperatriz. A TV Mirante, em 2013, e as demais emissoras a partir de 2014 passaram a oferecer o sinal digital para Imperatriz, chegando também aos municípios do extremo norte do Tocantins. A TV Anhanguera de Araguaína só passou a operar com sinal digital em 2014. Com o desligamento do sinal analógico no final de 2018 em todo o Brasil, municípios biquenses voltaram a receber o sinal digital das emissoras maranhenses sediadas em Imperatriz, pois o sinal digital da emissora tocantinense não alcança todos os municípios do Bico do Papagaio.

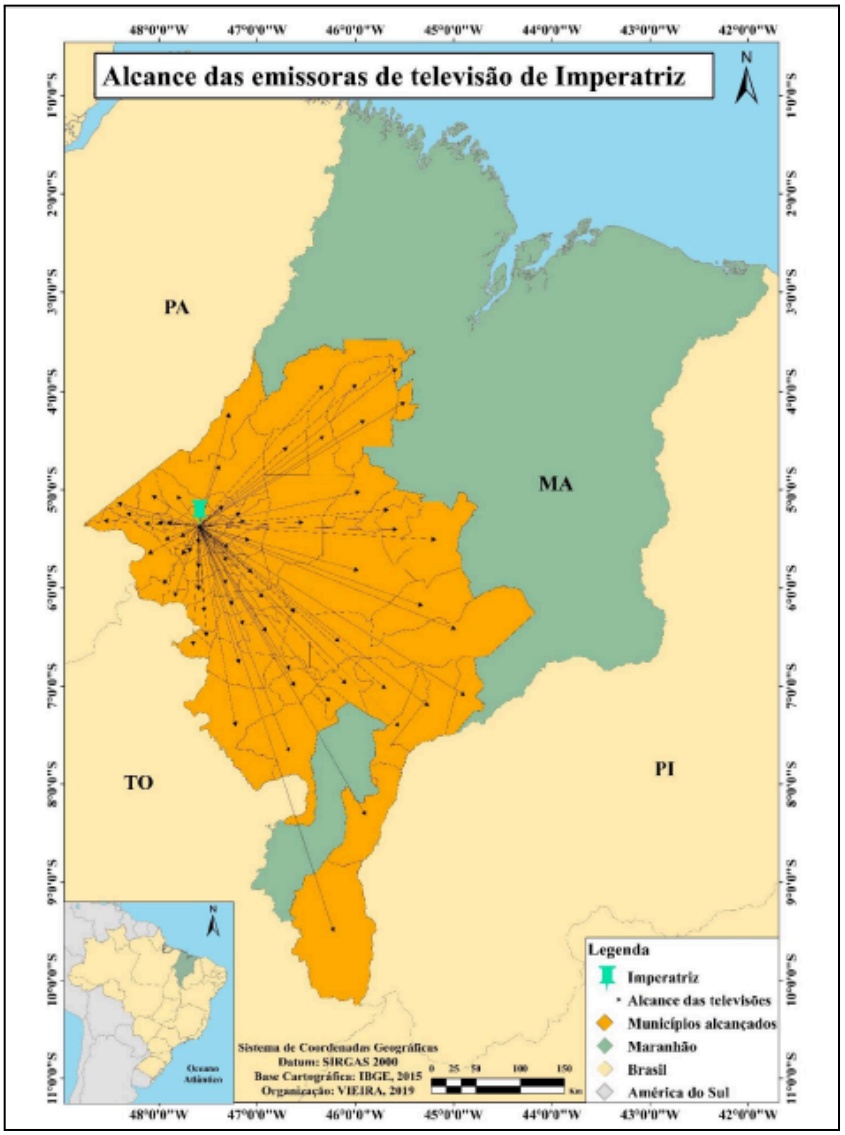
No caso de Imperatriz, a cidade conta atualmente com 11 sinais digitais de emissoras de TV e todos podem ser sintonizados na maioria dos municípios do extremo norte do Tocantins (Mapa 7). Deste total, três emissoras possuem telejornais produzidos e veiculados a partir de Imperatriz, são elas: TV Mirante (Rede Globo - 10.1), TV Difusora (SBT - 7.1), TV Nativa (Record - 13.1). A afiliada da Globo, por normas da empresa, não cobre acontecimentos no Bico do Papagaio, porém as outras duas emissoras, esporadicamente, cobrem os eventos no território tocantinense.

---

[21] Disponível em: https://www.novotempo.com/tv-novo-tempo-comeca-a-ser-retransmitida-no-tocantins/. Acesso em: 15 out. 2024.

[22] Disponível em: https://noticias.adventistas.org/pt/tocantinopolis-inaugura-tv-novo-tempo-em-canal-aberto/. Acesso em: 15 out. 2024.

Mapa 7 - Distribuição do sinal das televisões de Imperatriz em 2020



Fonte: Reis, 2022.

Além das três emissoras que possuem telejornais produzidos e veiculados a partir de Imperatriz, a cidade conta ainda com as emissoras: TV Band Imperatriz (Band - 31.1), que possui apenas equipe de reportagem na cidade que produz material local para os telejornais da cabeça de rede em São Luís; a TV Anajás (Rede Vida - 26.1) possui apenas um programa semanal sobre as ações da igreja católica na Diocese de Imperatriz; e as emissoras TV Cidade Esperança (Boas Novas - 14.1), CNT (TV Universal - 20.1), RIT (RIT - 23.1), TV Evangelizar (41.1) e TV Novo Tempo (TV Novo Tempo - 44.1), que têm programação nacional e, em alguns momentos, chegam a possuir programas independentes produzidos em Imperatriz.

Enquanto isso, no cenário biquense, temos apenas o sinal digital da TV Assembleia nos municípios de Araguatins, Augustinópolis e Tocantinópolis, que pode ser sintonizado em sinal aberto digital pelo canal 10.2. A emissora transmite sessões, eventos, discussões e procedimentos da Assembleia Legislativa do Tocantins, e integra a Rede Legislativa de TV Digital. Há 12 anos[23] no ar, a emissora atinge os municípios mais populosos do estado, chegando aos lares de cerca de 70% dos tocantinenses. A atuação ocorre com apoio e parcerias do Ministério Público Estadual, Defensoria Pública (Estado e União), universidades públicas locais e Câmaras Municipais. O conteúdo da emissora vai além das questões políticas, oferecendo uma programação com ênfase também nas atividades esportivas e nas manifestações culturais do estado, sempre produzido a partir de Palmas.

A microrregião ainda contou com uma experiência breve da TV Girassol (Rede TV!) em Augustinópolis. Em janeiro de 2022, a emissora começou a operar na cidade biquense e contou com a Focus Produtora para produzir o programa Jornal Girassol (JG), que ia ao ar de segunda-feira à sexta-feira, das 12h às 13h. A emissora tinha como foco de cobertura a cidade de Augustinópolis, mas também chegou a percorrer alguns municípios da microrregião.

Mesmo com uma importância para a localidade, as atividades da emissora duraram pouco tempo. Em 2024, o canal foi arrendado pela TV Norte Tocantins, afiliada do SBT. O que ainda permanece no ar é o site da TV Girassol [https://tvgirassol.com.br/], atualizado com conteúdos da Agência Brasil e releases do Governo do Tocantins e outros órgãos públicos do estado. Procuramos algum responsável pela emissora, mas não obtivemos respostas. A única informação repassada foi que a emissora continua com sua outorga em funcionamento, porém foi arrendada pela TV Norte e passou a exibir a programação da nova emissora, que é gerada em Araguaína e Palmas.

A TV Norte Tocantins pertence ao Grupo Norte de Comunicação, que surgiu em 2020, resultante da aquisição de emissoras de televisão, rádio e criação de portais de notícias nos estados do Amazonas, Acre, Roraima e Tocantins. Assim, o grupo passou a se configurar como a segunda maior rede de comunicação do norte

[23] Disponível em: https://al.to.leg.br/noticia/12465/tv-assembleia-do-tocantins-uma-decada-de-informacao-legislativa. Acesso em: 15 out. 2024.

do Brasil[24], com cinco emissoras de TV, duas emissoras de rádio, dois portais de notícias e 14 perfis nas redes sociais. O grupo nasceu no Amazonas, onde está situada a principal sede e a direção.

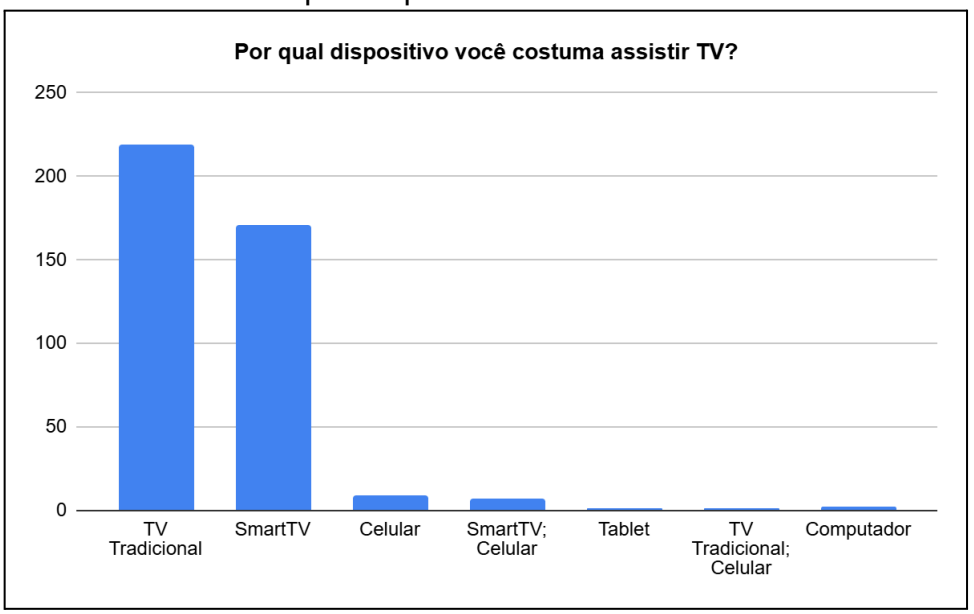
No Tocantins, a afiliada do SBT tem 11 anos de existência e está presente com retransmissoras nos municípios de Palmas (canal 9.1), Araguaína (9.1), Gurupi (8.1), Colinas (10.1) e Augustinópolis (3.1). A programação local de Araguaína, que é retransmitida em Augustinópolis, consta apenas com dois programas jornalísticos locais e diários, O Povo na TV e o Tá Na Hora. Tentamos contato com a emissora para obter mais informações sobre a programação e a cobertura no Bico do Papagaio, mas fomos informados apenas que a emissora conta com uma equipe de reportagem na microrregião.

Na entrevista com o responsável pelo Tocnotícias, fomos informados de que a TV Boa Vista, afiliada ao SBT, também iniciou as atividades em Tocantinópolis, porém foi por um curto período e o entrevistado não soube precisar datas e informar possíveis responsáveis. Buscamos levantar informações sobre esta emissora na internet, mas não encontramos registros.

A partir deste contexto, é possível verificar que a maior parte da população do Bico do Papagaio acompanha pouco o dia a dia do Tocantins por meio da televisão, pois os sinais com melhor qualidade na região são de emissoras maranhenses ou programação nacional via satélite. Mesmo diante deste cenário, a maior parte das pessoas entrevistadas no nosso *survey*, 410 dos 590, apontaram que assistem televisão com alguma periodicidade. A TV tradicional segue sendo o aparelho mais acessado (Gráfico 6), seguido pela Smart TV.

[24] Disponível em: https://gruponortecomunicacao.com.br/quem-somos. Acesso em: 15 mar. 2025.

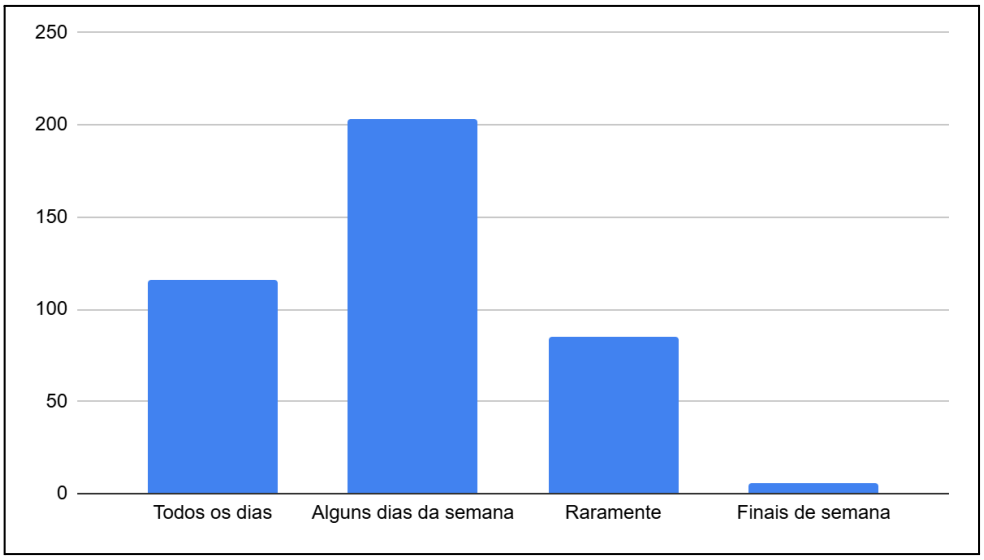
Gráfico 6 - Por qual dispositivo você costuma assistir TV?



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Essa maioria que se informa pela televisão costuma assistir telejornal algumas vezes na semana (Gráfico 7), com destaque para os noticiários nacionais produzidos a partir do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Das 410 pessoas que responderam se informar pela televisão, 116 disseram que assistem TV todos os dias da semana, o que indica uma presença ainda considerável deste meio de comunicação no cenário local.

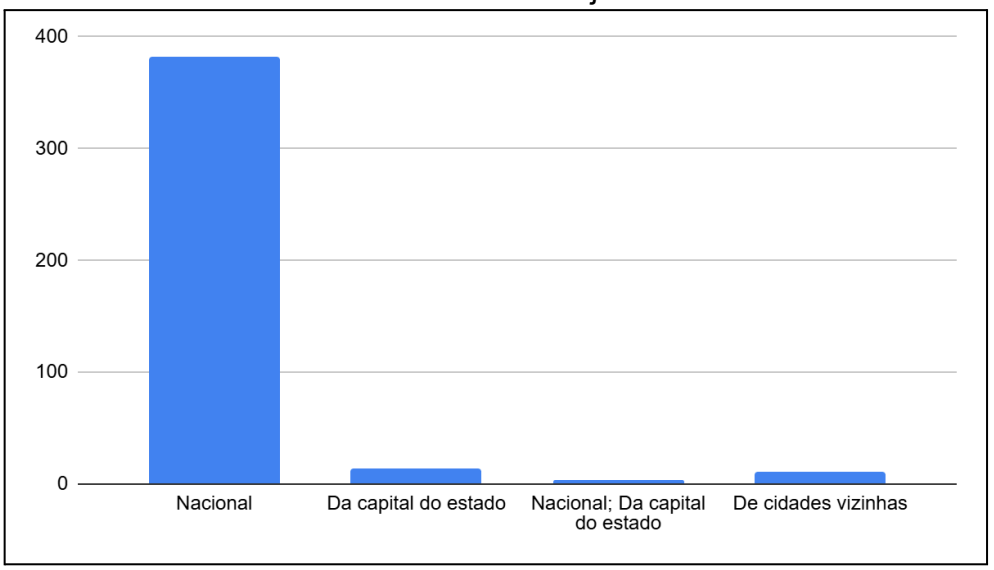
Gráfico 7 - Com que frequência assiste telejornal



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Com relação à localidade dos veículos/telejornais assistidos, os dados corroboram o que dissemos anteriormente quanto à população acompanhar a programação nacional por conta da qualidade e/ou falta de sinais locais. Quando questionados sobre de onde são os telejornais assistidos (Gráfico 8), a maior parte das pessoas informou que são telejornais nacionais transmitidos a partir de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

Gráfico 8 - Localidade dos telejornais assistidos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Ao todo, foram 40 menções diferentes entre telejornais e emissoras, pois algumas pessoas disseram apenas o nome da emissora e não especificaram qual telejornal assistiam. Deste total, tivemos 13 emissoras citadas pelas pessoas entrevistadas, sendo duas afiliadas (TV Nativa/Imperatriz - Record e TV Anhanguera/Araguaína - Rede Globo). A Rede Globo foi a emissora mais citada, seguida pela Record e o SBT.

Com relação aos telejornais em específico, foram 28 noticiosos diferentes citados pelos/as entrevistados/as, entre locais e nacionais. O Jornal Nacional (Globo) foi disparado o mais citado, com 276 menções, seguido de Jornal da Record (24) e Jornal Hoje (21). Os telejornais locais mais citados foram: Jornal Anhanguera/Tocantins (21) e Jornal da Mirante/Maranhão (10). Olhando de forma geral apenas para os telejornais, a TV Globo teve 12 telejornais diferentes citados, entre nacionais e locais. O SBT teve cinco telejornais citados e a Record apenas

três. Vale destacar que seis emissoras por assinatura foram citadas: Globo News, Record News, Band News, CNN, Rede TV News e Jovem Pan.

Assim, é possível compreender que o ecossistema televisivo no Bico do Papagaio ainda é marcado pelo atraso com relação aos sinais das emissoras locais que estão restritos ainda às três maiores cidades do estado (Palmas, Araguaína e Gurupi) e focando suas coberturas nessas localidades. Dessa forma, os moradores locais ficam com programação exclusivamente nacional, que pouco aborda a realidade local, ou de emissoras maranhenses.

Como a TV Globo e o Jornal Nacional foram os mais citados pelos entrevistados, fomos verificar, durante os meses de novembro e dezembro, os arquivos do telejornal na plataforma de *streaming* da Globo, o GloboPlay. Encontramos apenas nove notícias sobre o Bico do Papagaio, que exclusivamente tratam da tragédia que foi o desabamento da ponte sobre o Rio Tocantins que interligava o Tocantins ao Maranhão. O acidente aconteceu no dia 22 de dezembro de 2024. Foram veiculadas notícias entre os dias 23 e 30 de dezembro exclusivamente sobre a tragédia e seus desdobramentos, principalmente sobre a procura por corpos desaparecidos. Foram reportagens feitas do local do acidente pelas afiliadas da Globo no Tocantins e no Maranhão, além de reportagens feitas a partir de Brasília.

Esses dados corroboram os achados de Silva e Emerim (2022), que mostraram que o Bico do Papagaio pouco aparece na cobertura telejornalística local, e quando aparece é apenas a partir de notas, na maioria, sobre ações policiais ou tragédias, como foram as enchentes que atingiram a microrregião em 2022. Os autores analisaram duas semanas do Jornal Anhanguera 1ª Edição e verificaram que, quando ocorre tragédia na microrregião, há uma cobertura intensa nos dias do acontecido e depois a cobertura volta a se restringir apenas a notas sobre a situação. A mesma situação se repetiu com a queda da ponte, quando houve intensa cobertura na semana do ocorrido e depois pouco se falou do assunto. E as matérias sobre a tragédia, assim como nas enchentes de 2022, se centraram no fato principal e não contextualizaram os impactos em toda a microrregião que foi afetada pelo desabamento da ponte.

Ademais, a microrregião é mostrada raramente pelas emissoras locais tocantinenses em seus telejornais. Há ainda uma cobertura incipiente também de

emissoras maranhenses (TV Difusora e TV Nativa), que esporadicamente cobrem alguns eventos no Bico do Papagaio. Com relação às TVs tocantinenses, os principais entraves para a cobertura local são as equipes reduzidas e a distância entre as sucursais de Araguaína e os municípios do Bico do Papagaio, que chegam a ter mais de 100 km de distância. Essa situação acaba por ocasionar uma distribuição desproporcional da cobertura telejornalística sobre o Bico do Papagaio.

5.4 O CENÁRIO DIGITAL

A internet foi criada nos anos 1960 nos Estados Unidos, mas só chegou ao Brasil em 1987, restrita a atividades do governo e de instituições educacionais. Foi só em 1992 que a internet ganhou contornos comerciais no país e começou a se expandir. Em 1995, surgiram os primeiros provedores de internet e o primeiro noticioso em versão digital: o Jornal do Brasil. Conforme Baldessar, Letti e Dellagnelo (2009), em dois anos a internet estava consolidada no Brasil e, em 1998, já tínhamos mais de 1,5 milhão de brasileiros conectados. Mas foi só nos anos 2000 que tivemos o primeiro portal de notícias criado exclusivamente para a internet e sem ligações com empresas que tinham outros veículos jornalísticos, o Portal iG.

Neste mesmo ano, as Organizações Globo lançaram o portal Globo.com, que reunia os conteúdos dos demais veículos da emissora (jornal impresso, rádio e TV), além de outras funcionalidades oferecidas pela web, como o correio eletrônico. Apenas seis anos mais tarde, a empresa lançou um portal webjornalístico, isto é, com notícias 24h, em tempo real e possibilidades de interação do internauta com os elementos multimídia e leitura não-linear. O portal g1 se consolidou como um dos mais importantes do país nos anos seguintes.

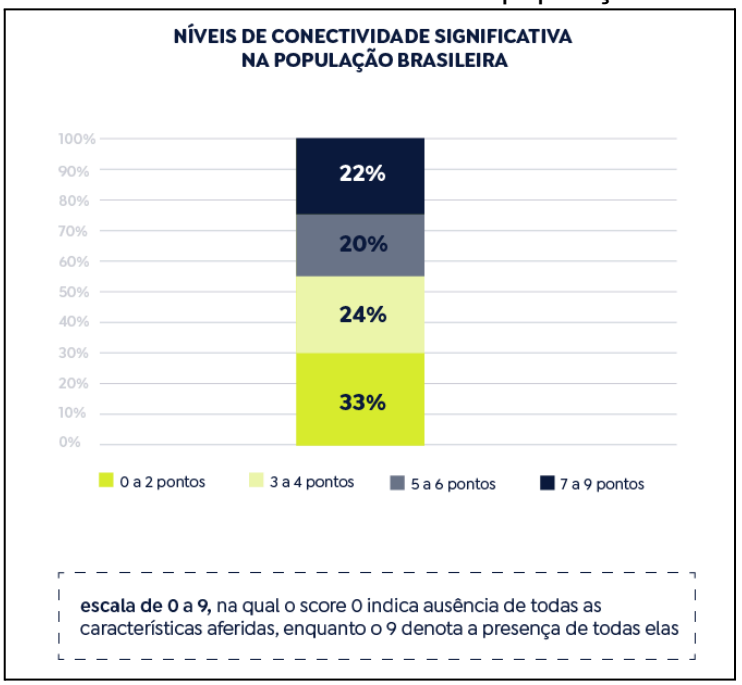
Conforme o último levantamento do IBGE[25], em 2023, o Brasil contava com 72,5 milhões de domicílios com internet, sendo 94,1% dos domicílios em áreas urbanas e 81% das casas nas áreas rurais. De 2022 a 2023, o percentual dos domicílios com Internet que usavam banda larga móvel era 83,3%, já o de banda larga fixa era 86,9%. O levantamento também mostrou que em 42,1% dos

[25] Disponível em:https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41024-internet-foi-acessada-em-72-5-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2023. Acesso em: 15 jan. 2025.

domicílios, havia serviço pago de *streaming* de vídeo. Entre os domicílios com serviço de streaming, 6,1% não possuíam acesso a televisão aberta ou a serviço de TV por assinatura.

Apesar de termos mais de 72 milhões de brasileiros com internet, segundo o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR[26], apenas 22% têm condições satisfatórias de conectividade (Gráfico 9). Outros 33% da população estão no nível mais baixo do índice que mede a conectividade significativa no país (de 0 a 2 pontos). O estudo mediu a qualidade e efetividade do acesso às tecnologias digitais a partir de nove indicadores: custo da conexão domiciliar; plano de celular; dispositivos per capita; computador no domicílio; uso diversificado de dispositivos; tipo de conexão domiciliar; velocidade da conexão; frequência de uso da internet; e locais de uso diversificado.

Gráfico 9 - Níveis de conectividade da população brasileira



Fonte: Agência Brasil, 2024.

O estudo também mostra que os índices são mais baixos entre pretos e pardos, nas classes D e E, nas regiões Norte e Nordeste e nas cidades menores. Ou seja, quem tem acesso à internet apenas pelo celular com pacote de dados pode

[26] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-04/apenas-22-dos-brasileiros-tem-boas-condicoes-de-conectividade. Acesso em: 15 jan. 2025.

terminar o mês sem conexão com a internet. Mesmo com as dificuldades de acesso à internet no Tocantins, principalmente no extremo norte do estado, a possibilidade de explorar as potencialidades desta infraestrutura global de conexão para o jornalismo motivou as empresas e entusiastas da comunicação no estado a criarem seus sites, principalmente a partir dos anos 2000.

Foi neste ano que o maior grupo de comunicação do estado, a Organização Jaime Câmara, lançou oficialmente a versão digital do Jornal do Tocantins, então principal jornal impresso do estado. Inicialmente, apenas disponibilizando a versão em pdf do jornal. Depois foi se estabelecendo e lançou a versão completa que explora as potencialidades da web. Também passou a contar com uma equipe de jornalistas exclusiva para atualizações do site, além do conteúdo do veículo impresso. O site foi passando por modificações ao longo dos anos até assumir a versão atual (Figura 10) (Silva, 2018).

Figura 10 - Parte da homepage do Jornal do Tocantins

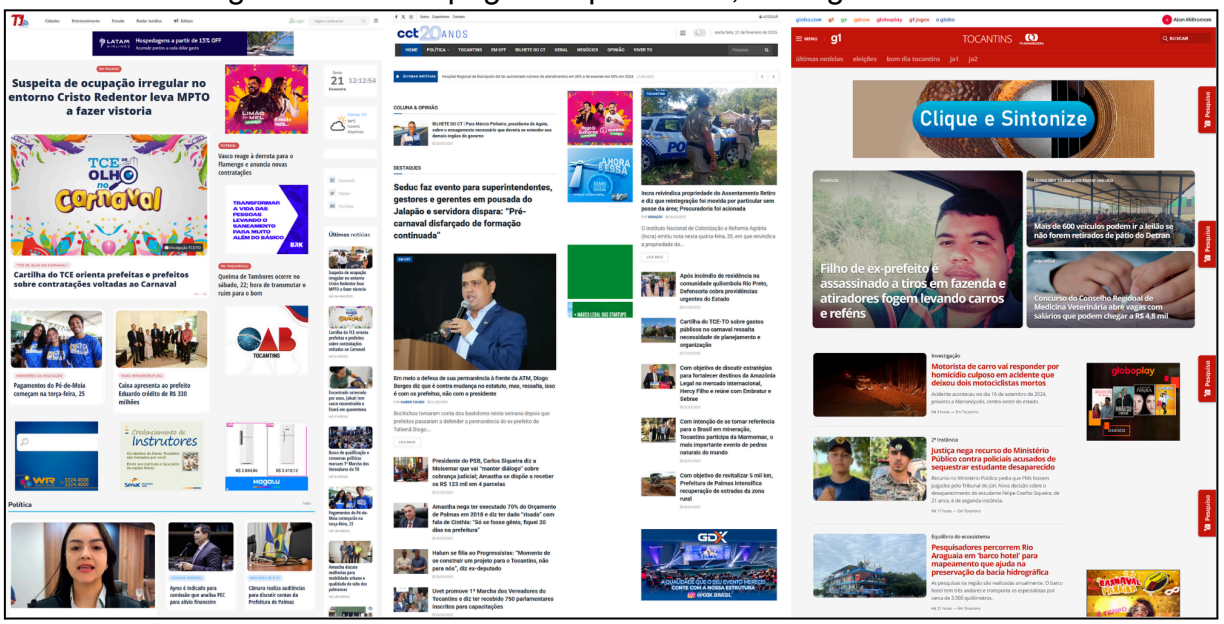


Fonte: Captura de tela, 2025.

Mesmo com a desativação da versão impressa do jornal em dezembro de 2018, o site continua funcionando e sendo referência na cobertura do dia a dia do Tocantins, a partir de Palmas. Ainda na capital, surgiram outros três veículos que viriam a se consolidar como os principais sites jornalísticos no Tocantins: Portal T1 Notícias [https://t1noticias.com.br/], Portal CT [https://clebertoledo.com.br/] e o g1 Tocantins [https://g1.globo.com/to/tocantins/] (Figura 11). Os dois primeiros começaram como blog, levando os nomes dos seus proprietários (Roberta Tum e

Cleber Toledo, respectivamente), principalmente com notícias do cenário político local. Depois evoluíram para sites e passaram a contar com coberturas dos mais variados assuntos, abordando todas as regiões do estado, mas com foco na capital. O g1 Tocantins integra a rede de afiliadas da TV Globo e foi inaugurado em 2013 no Tocantins com a proposta de noticiar os principais acontecimentos do estado. O site segue o layout e as diretrizes nacionais, além de contar com vídeos dos jornais da TV Anhanguera (Rocha, 2018).

Figura 11 - Homepage dos portais T1, CT e g1 Tocantins



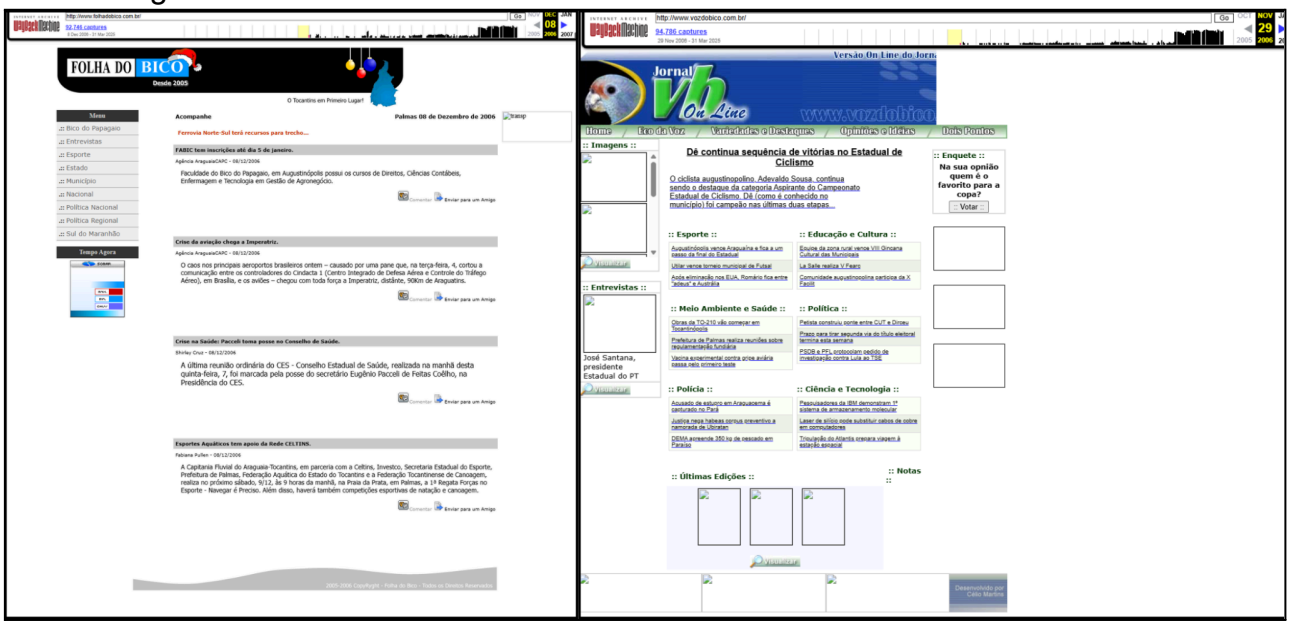
Fonte: Captura de tela, 2025.

Neste cenário, o Bico do Papagaio foi uma das primeiras microrregiões do Tocantins a registrar um domínio de site de notícias no Registro.br[27], que é o departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) responsável pelas atividades de registro e manutenção dos nomes de domínios que usam o .br. O protagonismo ficou por conta do advogado M. L. Moura Ribeiro, que registrou o site https://mouranet.com.br/, na cidade de Tocantinópolis, em julho de 1999. O veículo divulga informações da cidade desde então, porém de maneira esporádica e sem uma cobertura efetiva da cidade e região. No período desta pesquisa, o site estava desatualizado e, por isso, não entrou na nossa análise.

[27] Disponível em: https://registro.br/tecnologia/ferramentas/whois?search=. Acesso em: 10 fev. 2025.

No início dos anos 2000, os jornais biquenses Voz do Bico e Folha do Bico (Figura 12) lançaram seus sites para disponibilizar as versões impressas em PDF e também com atualização diária de notícias locais. Embora o registro do domínio www.vozdobico.com.br tenha sido feito em março de 2008, o site já estava no ar desde 2006, com uma versão que apresentava os recursos básicos dos sites da época: fotos, enquetes e links. Em março de 2006, o jornalista Tasso Antonio Cavalcante registrou o domínio www.folhadobico.com.br para publicar as informações de Araguatins e da microrregião divulgadas no jornal impresso e outros acontecimentos do Bico do Papagaio e do Tocantins.

Figura 12 - Primeiros sites do Voz do Bico e Folha do Bico em 2006



Fonte: Wayback Machine[28], 2025.

Três anos depois, em agosto de 2009, Roberlan Barbosa registrou o domínio www.tocnotícias.com.br em Tocantinópolis, transformando o blog Tocnotícias em site e divulgando notícias de Tocantinópolis e municípios vizinhos. Os três sites (Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias) estão ativos até hoje e são os principais veículos da microrregião do Bico do Papagaio, com a divulgação diária de notícias sobre os municípios locais, o estado e o país. Os sites têm uma cobertura focada no localismo e são analisados em maior profundidade no próximo capítulo.

[28] A Wayback Machine é uma iniciativa do Internet Archive, uma organização sem fins lucrativos que constrói uma biblioteca digital de sites da internet e outros artefatos culturais em formato digital. Disponível em: https://web.archive.org/. Acesso em: 15 fev. 2025.

De maneira geral, conforme Rocha (2018), grande parte dos sites no Tocantins surgiu após os anos 2000, especialmente depois de 2005, indicando consolidação tardia da mídia on-line no estado (cerca de 10 anos após a chegada da internet comercial no Brasil). Além disso, a autora destaca que a maioria dos sites transita por diversas fases do webjornalismo, explora recursos da internet (hipertextualidade, interatividade, multimídia) e foca no conteúdo local/regional (hiperlocalismo). A autora também identificou que boa parte dos sites veio do meio impresso, como é o caso do Voz do Bico e do Folha do Bico.

Ainda segundo Rocha (2018; 2015), a quinta fase de evolução do webjornalismo é marcada pela convergência, pela mobilidade e pelo hiperlocalismo. Este último é caracterizado pelo interesse do jornalismo em explorar as regiões, cidades ou bairros. Ou seja, com o avanço das tecnologias e da web, lugares antes desassistidos pela mídia tradicional passaram a criar meios para divulgar seus acontecimentos, reivindicar direitos e mostrar suas realidades culturais, políticas e sociais. Além disso, os veículos locais e hiperlocais são caracterizados por serem nativos digitais, por preencher zonas sem cobertura midiática e promover a participação da comunidade local.

Com o desenvolvimento das tecnologias e a expansão do acesso a internet, muitos outros sites foram surgindo no estado, principalmente nas cidades de Palmas, Araguaína e Gurupi (Rocha, 2018). No Bico do Papagaio também tivemos o surgimento de vários sites, porém são veículos efêmeros e de vida curta. Durante o *survey* que fizemos em 2024 no Bico do Papagaio, conseguimos mapear 18 (Quadro 7) sites em funcionamento e com atualização periódica, porém não conseguimos muitas informações sobre os veículos, pois nem todos têm a seção de expediente, a história do veículo e os contatos de seus responsáveis.

Quadro 7 - Sites mapeados no Bico do Papagaio no ano de 2024

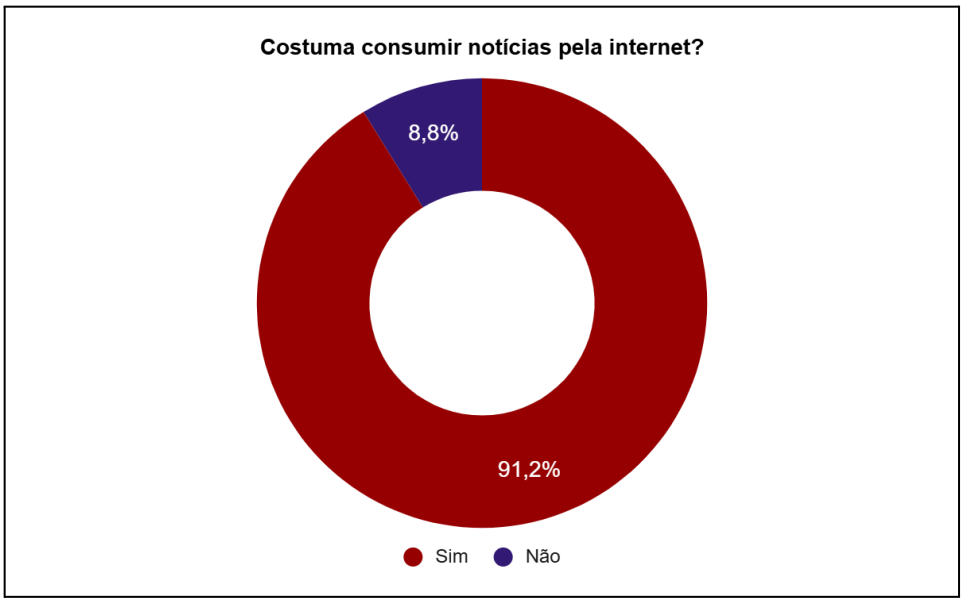
Nome	Município	Link	Responsável	Data de criação
Voz do Bico	Augustinópolis	https://www.vozdobico.com.br/	Paulo Palmares	1997
Folha do Bico	Araguatins	https://folhadobico.com.br/	Tasso Assunção	2006
Tocnotícias	Tocantinópolis	https://www.tocnoticias.com.br/	Roberlan Barbosa	2007
Portal Geiza	Augustinópolis	https://portalgeiza.com.br/	Geiza Freire	2011

Portal Antônio Veras	Praia Norte	https://www.portalantoniovera.com.br/	Antônio Veras	—-----
Bico 24h	Araguatins	https://bico24horas.com.br/	—-----	—-----
Portal Impacto	Araguatins	https://impactotocantins.com.br/	—-----	—-----
Gazeta do Bico	Augustinópolis	https://gazetadobico.com.br/	Antônio Reis	—-----
Bico Online	Buriti	https://bicoline.com.br/	—-----	—-----
Diário do Bico	Sem localização	https://diariodobico.com.br/	—-----	—-----
Diário de Augustinópolis	Augustinópolis	https://deaugustinopolis.com/	Mágson Alves	2022
Correio do Bico	Ananás	https://www.correiodobico.com.br/	—-----	—-----
Bico Notícias	Sem localização	https://biconoticias.com.br/	—-----	—-----
Portal Bico News	Araguatins	https://portalbiconews.com.br/	—-----	—-----
Itaguatins Notícias	Itaguatins	https://itaguatinsnoticias.com.br/	—-----	—-----
Sou do Bico	Sem localização	www.soudobico.com.br	—-----	—-----
Folha Tocantina	Augustinópolis	https://folhatocantina.com.br	—-----	—-----
TV Girassol	Augustinópolis	https://tvgirassol.com.br	—-----	2022

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A partir desse contexto, é possível perceber que o Bico do Papagaio também conta com um ecossistema webjornalístico com a presença de vários sites que destacam os acontecimentos locais ou reproduzem os releases oriundos das assessorias da capital. Nesse sentido, questionamos as 590 pessoas entrevistadas sobre o consumo de notícias na internet e a maioria (Gráfico 10) afirmou que consumia notícias na internet por meio de sites, redes sociais ou aplicativos de mensagens.

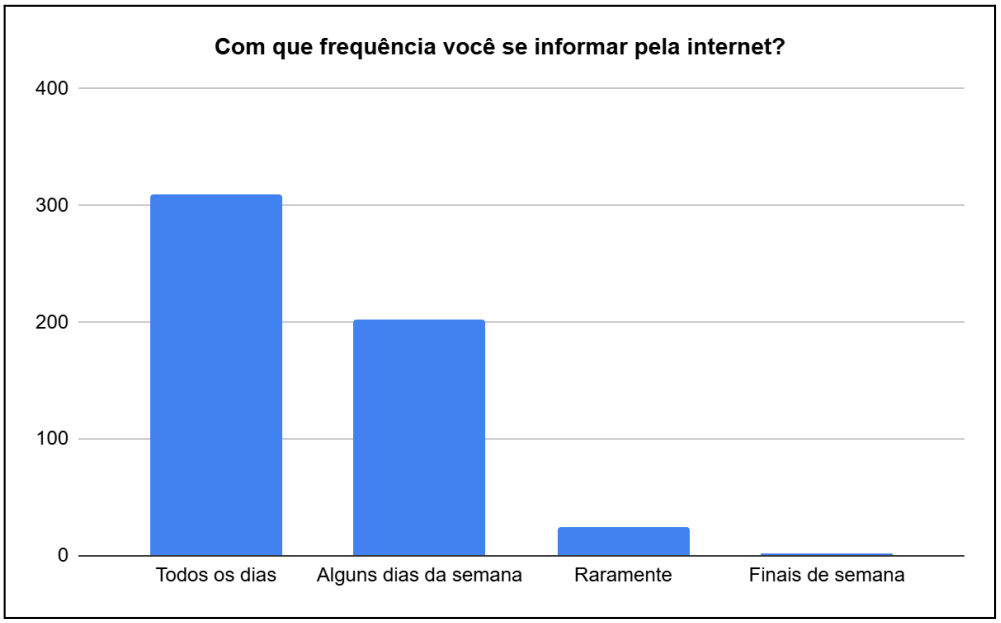
Gráfico 10 - Consumo de notícias na internet



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Ainda segundo as pessoas entrevistadas, esse consumo é feito todos os dias ou alguns dias da semana (Gráfico 11), o que indica um acesso frequente à internet pelos moradores locais para consumo de notícias e outras informações. Isso pode ter relação com a falta de cobertura televisiva e radiofônica sobre a microrregião, restando aos sites e, mais recentemente, às redes sociais digitais, a ocuparem essa lacuna de informação.

Gráfico 11 - Frequência com que se informa pela internet



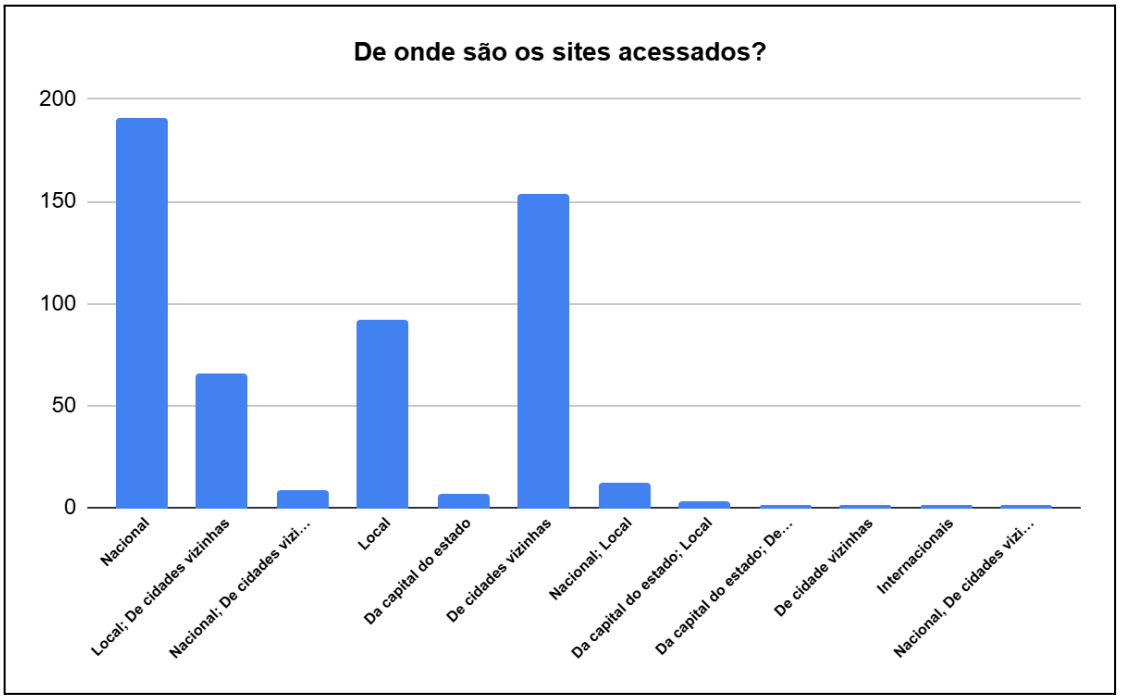
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Questionamos as pessoas entrevistadas, que disseram se informar pela internet algum dia da semana, por quais dispositivos elas mais acessam a internet no seu dia a dia para se informar sobre a localidade onde vivem. Dos 538 respondentes que disseram se informar pela internet, 486 afirmaram fazer isso pelo celular. Dado que segue a tendência nacional, segundo o IBGE[29], sobre acesso a internet. Conforme o instituto, em 2023, uma estimativa de 164,5 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade do Brasil utilizavam internet, sendo telefone móvel celular (98,8%), a televisão (49,8%) e o microcomputador (34,2%) os meios mais usados para acesso à Internet.

Com relação aos veículos mais acessados, os entrevistados mencionaram, ao todo, 31 sites diferentes, entre nacionais, regionais e locais. Foram 13 sites nacionais, nove do Bico do Papagaio, cinco da capital, dois de Araguaína e um de Imperatriz. Ou seja, a maior parte dos veículos acessados é nacional ou de cidades vizinhas (Gráfico 12). Os sites mais citados entre os nacionais foram: g1 (40 menções), Google Notícias (24) e UOL (14). Isso ocorre por conta de muitos municípios locais não contarem com sites locais, por isso os moradores dessas cidades acessam os sites de cidades vizinhas. Dos 25 municípios da microrregião, em apenas sete conseguimos mapear algum site ativo. Com relação aos nacionais, as próprias plataformas indicam para as pessoas notícias ou veículos noticiosos a partir de suas buscas na internet.

[29] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet#:~:text=O%20meio%20de%20acesso%20%C3%A0,tablet%20(7%2C6%25). Acesso em: 15 nov. 2024.

Gráfico 12 - Localidade dos sites acessados para se informar



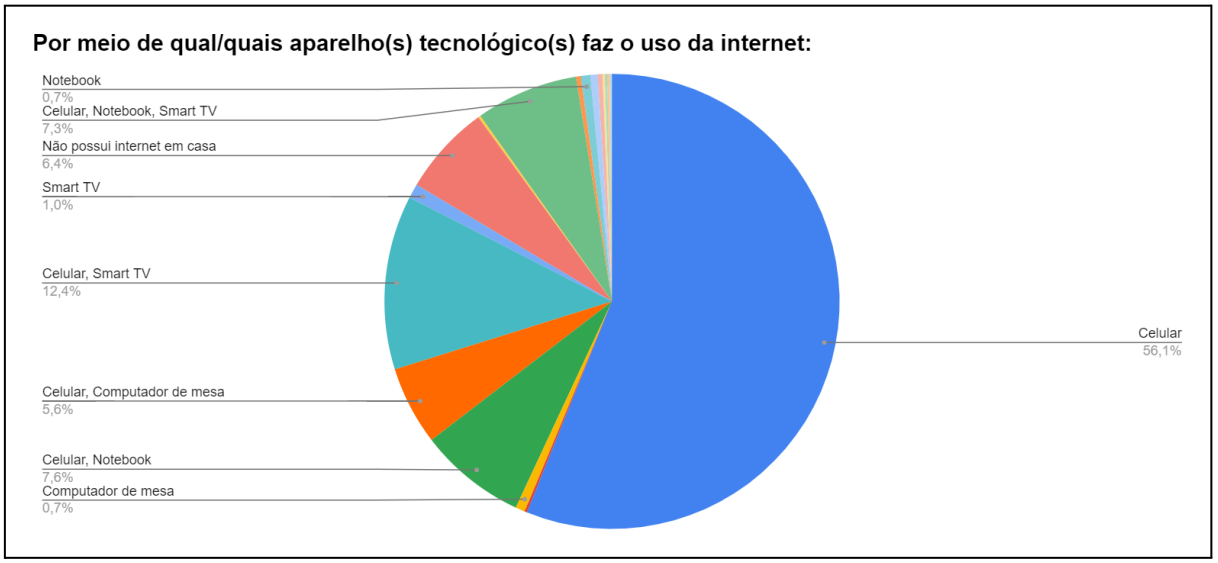
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Dos sites locais, os mais citados, coincidentemente, foram os que atuam há mais tempo na microrregião: Voz do Bico (37 menções), Folha do Bico (29) e Tocnotícias (28). Esses dados são mais uma justificativa para que esses sites sejam analisados, haja vista que nosso objetivo é analisar o jornalismo praticado na microrregião do Bico do Papagaio.

5.5 O CONSUMO DE NOTÍCIAS E O ECOSSISTEMA MIDIÁTICO BIQUENSE

Outros dados importantes levantados no nosso *survey* estão relacionados ao acesso da população local à internet, como costuma se informar sobre a realidade local e a confiança nos meios de comunicação. Do total de 590 entrevistados, apenas 42 afirmaram que não possuem internet fixa em casa, o que indica um maior acesso à internet na microrregião. Quanto ao uso dessa internet por aparelhos tecnológicos (Gráfico 13), 56% dos/as respondentes afirmaram que acessam a internet apenas pelo celular. Os outros aparelhos mais usados para acesso a internet são Smart TV e notebook.

Gráfico 13 - Quais aparelhos fazem uso da internet

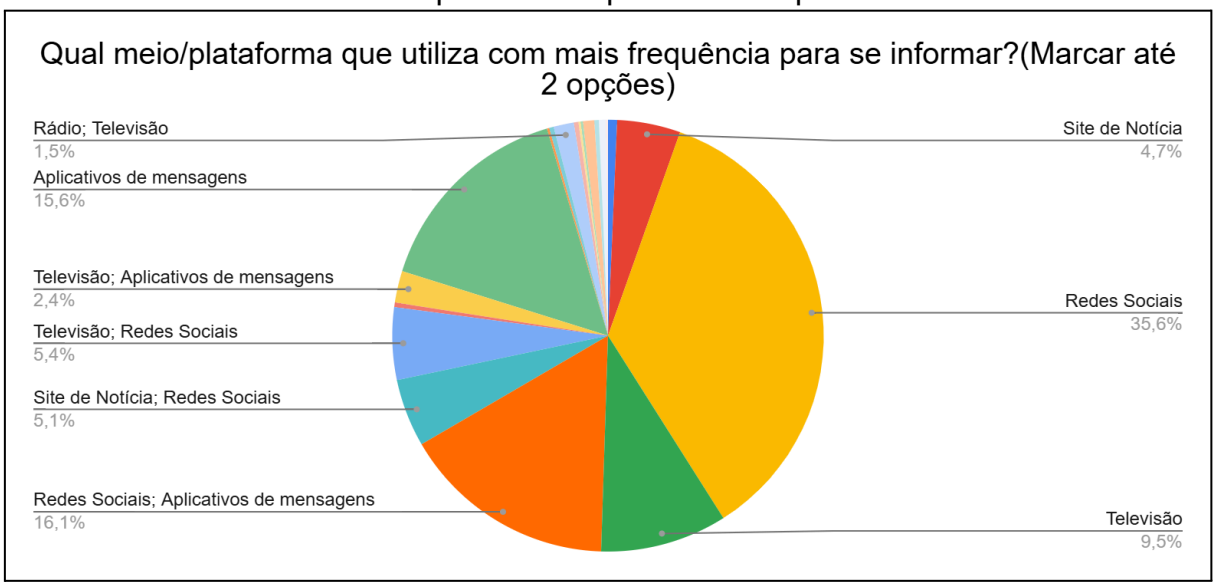


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Esses dados também indicam um maior acesso às tecnologias pela população local, principalmente com uso frequente de smartphone e Smart TV. São números que seguem a tendência apresentada pelo IBGE em 2021. Segundo o instituto, a internet chegava a quase 75% dos lares tocantinenses e o equipamento mais popular para navegar na rede no estado era o celular. Os dados são de 2019, porém só foram divulgados em 2021[30]. A popularização deste aparelho entre os tocantinenses tem levado a população a utilizar este recurso também para se informar. A maioria dos/das respondentes do nosso formulário afirmou se informar por meio de redes sociais digitais, aplicativos de mensagens instantâneas ou sites de notícias (Gráfico 14), ou seja, plataformas que são acessadas com mais frequência por este tipo de aparelho.

[30] Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/04/14/pesquisa-do-ibge-morta-que-internet-chega-a-quase-75percent-dos-lares-tocantinenses.ghtml Acesso em: 10 fev. 2024

Gráfico 14 - Meio/plataforma que mais usa para se informar



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

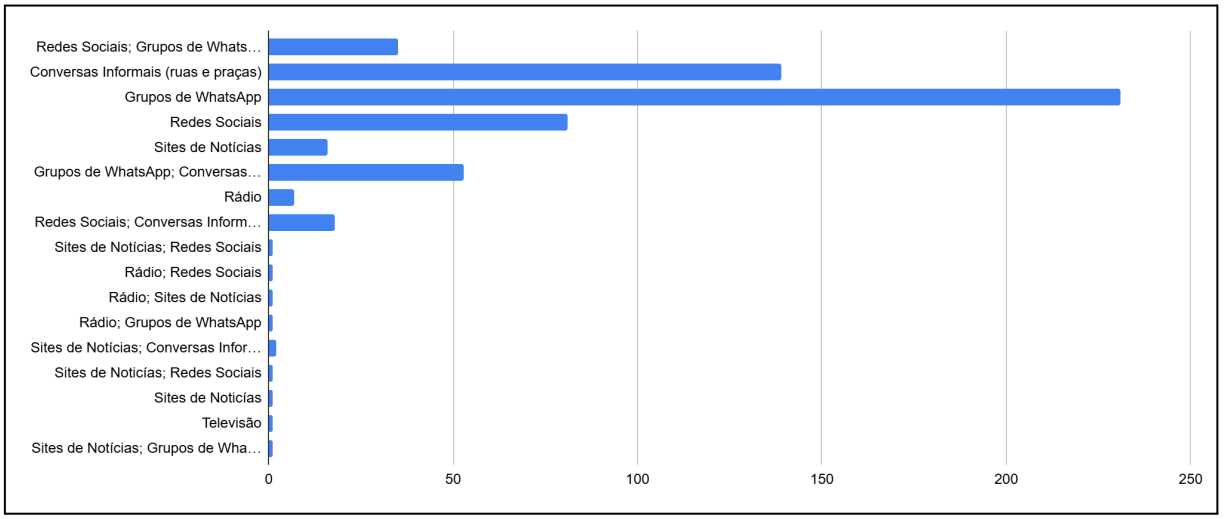
Esses dados nos levam aos seguintes apontamentos: 1) os perigos de consumir informações incompletas pelas redes sociais digitais, que, ao usarem as linguagens das plataformas, na maioria das vezes, funcionam como um espaço para divulgar as informações abreviadas das publicações completas feitas nos veículos principais, como sites de notícias, TVs e jornais. Como há limitações de operadoras que vendem planos com acesso grátis apenas para as redes sociais, sem os dados de internet móvel, as pessoas não conseguem acessar a informação completa no veículo jornalístico e ficam apenas com as informações das redes sociais. 2) Outro ponto a ser considerado são as mediações algorítmicas das plataformas, que tendem a mostrar conteúdos conforme a bolha em que aquele indivíduo está inserido, assim informações importantes sobre aquela localidade ou sobre assuntos relevantes podem ficar de fora do “feed” daquele/a internauta.

Desta forma, nas bolhas digitais, as ideias são disseminadas apenas entre pessoas que compartilham pensamentos semelhantes. São repetições comunicativas, originadas pela propagação contínua de um mesmo tema ou conteúdo dentro de um grupo específico. Esse cenário cria uma ilusão de debate diversificado, pois a diversidade de pensamentos é praticamente inexistente. Além disso, essas bolhas de informação fazem com que notícias que deveriam ser apresentadas de forma direta ao público sejam filtradas por algoritmos, exibindo

apenas aquelas que correspondem às preferências dos internautas (Pedrosa; Baracho Júnior, 2021; Palmieri, 2023).

Questionados a respeito de como se informam sobre a realidade local, os/as entrevistados/as responderam que se informam mais via grupos de aplicativos de mensagens instantâneas, conversas informais nas ruas e praças públicas e pelas redes sociais (Gráfico 15). Vale destacar que nesta última categoria estão incluídos os perfis pessoais no Facebook e Instagram, páginas institucionais e os grupos formados nessas plataformas.

Gráfico 15 - Como se informa sobre a realidade da sua cidade?



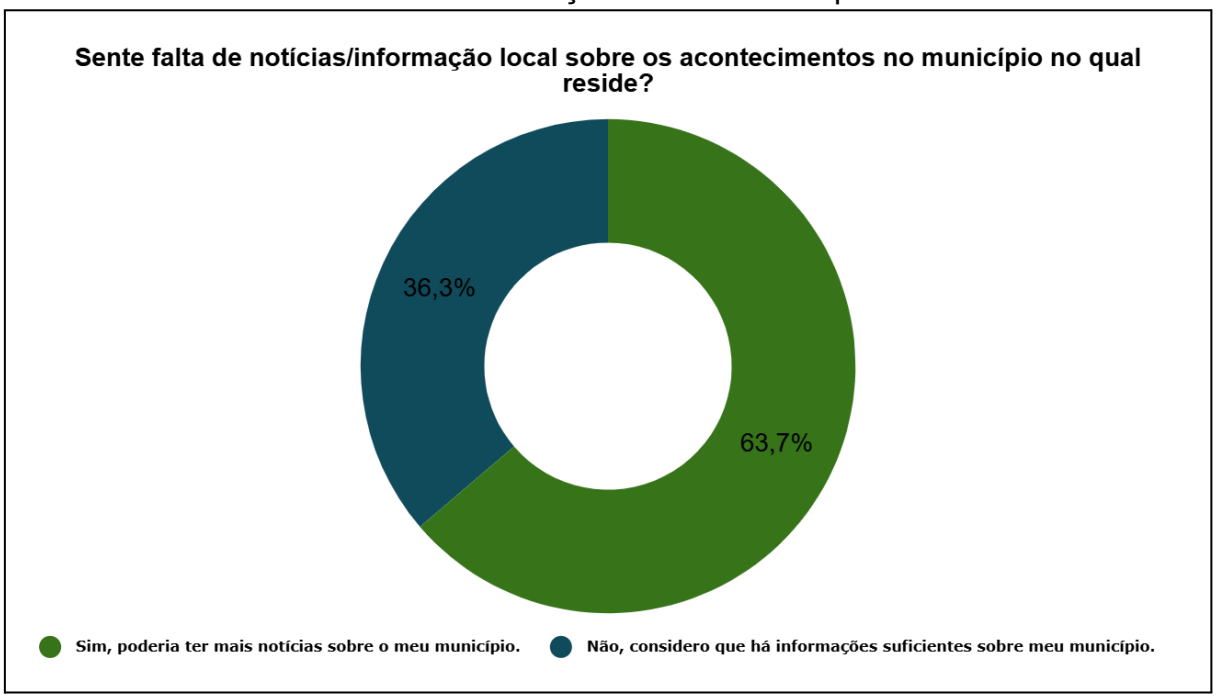
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Sobre as conversas informais como meio de se informar sobre a realidade local, isso ocorre principalmente nos municípios menores (até 5 mil habitantes), onde não há veículos de comunicação e a população respondente disse que “todo mundo se conhece”. As praças, as igrejas, as repartições públicas e as principais ruas da cidade são os pontos de encontro para conversas e trocas de informações sobre a realidade local, principalmente em período de eleições municipais, como o que ocorreu durante a realização desta pesquisa.

Ao serem questionados sobre a realidade local e se sentem falta de informações sobre o dia a dia do município ou mesmo informações de funcionamento da cidade, a maioria dos/das respondentes (63%) afirmou que poderia ter mais informações sobre a realidade local (Gráfico 16). Quando essa

pergunta era feita, muitos dos entrevistados reclamavam ora dos veículos locais, ora da administração municipal.

Gráfico 16 - Falta de informação sobre o município onde reside



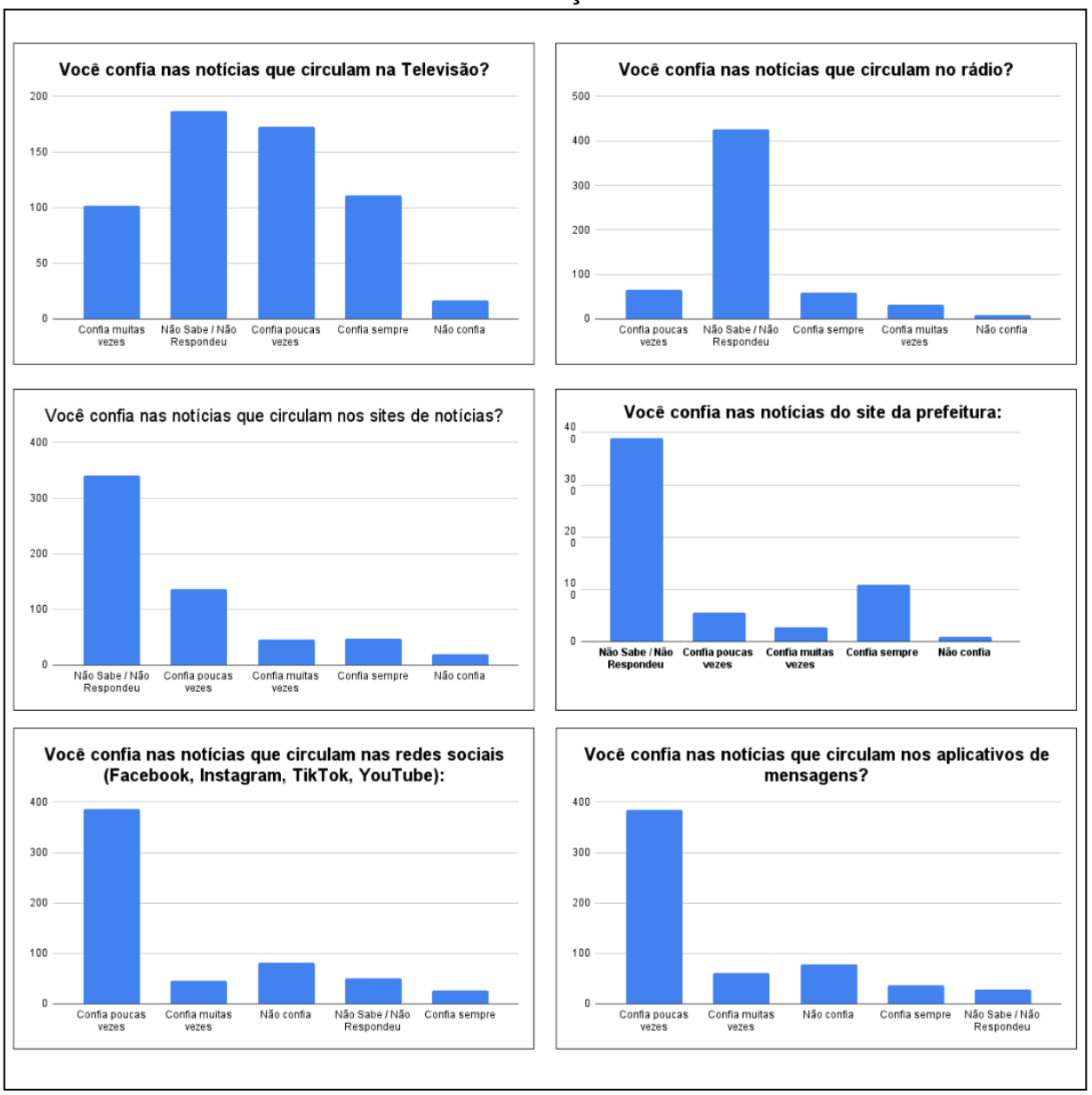
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Sobre a reclamação dos veículos locais, as pessoas afirmavam que as rádios da cidade só tocavam músicas e não tinham programas noticiosos. Essa também foi a justificativa de muitos que afirmaram ouvir a Rádio Nativa FM de Imperatriz, pois apresenta informações sobre o Bico do Papagaio. Com relação à reclamação sobre a prefeitura, os/as entrevistados/as disseram que pouco se sabiam ou tinham informações do funcionamento das repartições públicas, bem como dos recursos enviados ao município e até mesmo das ações realizadas pela municipalidade.

Com relação aos/às entrevistados/as que disseram que não sentem falta de notícias sobre a cidade onde moram, muitos deles afirmaram isso, complementando que a cidade já tem grupos demais no WhatsApp que dão conta da realidade local ou mesmo que o município é pequeno e os moradores acabam sabendo de tudo que acontece na cidade por meio das conversas informais. Uma pessoa sabe a informação e vai repassando aos demais, o que muitas vezes pode acontecer com ruídos e até informações desencontradas.

Ainda como um indício dessa necessidade da população sobre informações relacionadas à realidade local, foi questionado sobre ter um veículo de comunicação no município para noticiar os acontecimentos da cidade. A maioria (472) respondeu como algo muito importante. Dado que indica uma predisposição da comunidade local em acessar e valorizar um veículo de comunicação voltado para a realidade local. Por fim, a última parte do formulário buscou respostas sobre a confiabilidade da população biquense nas notícias e veículos jornalísticos. Foi questionado às pessoas entrevistadas o quanto elas confiavam nas notícias que circulam no rádio, televisão, site da prefeitura, redes sociais e aplicativos de mensagens (Gráfico 17). Embora os/as entrevistados/as tenham afirmado que se informam mais pelas redes sociais e aplicativos de mensagens, quando questionados sobre a confiança nas notícias que circulam nessas plataformas, observou-se uma desconfiança generalizada. Entretanto, a televisão ainda segue como o meio em que os moradores locais mais confiam.

Gráfico 17 - Confiança nas notícias



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Por desconfiar das redes sociais e aplicativos de mensagens, durante o *survey* no Bico do Papagaio foi comum ouvir dos moradores que todo mundo se conhece e assim que se deparam com uma notícia procuram confirmar sua veracidade com os moradores locais ou vão ao local do acontecimento, pois a cidade é pequena. Esses resultados dialogam com os achados Torre *et al.,* (2024), que identificaram, no cenário do pequeno município português de Manteigas, que os moradores locais dependiam das relações de proximidade dentro da própria

comunidade para verificar as informações, alegando a tamanho geográfico e demográfico da comunidade.

Com relação aos sites de notícias, site da prefeitura e rádio, os percentuais maiores em “não sabe ou não respondeu” são decorrentes da maioria dos/as entrevistados/as não acessar esses veículos. Os/as entrevistados/as para esta pesquisa não costumam acessar o site da prefeitura, boa parte até desconhece, e também não costumam ouvir rádio para se informar. Com relação aos sites de notícias, houve uma situação inusitada, pois, quando se fazia a pergunta, muitos dos entrevistados responderam que acessam sites de notícias, porém, quando se questionava o nome do site, davam como resposta algum perfil de rede social, principalmente as “páginas de notícias” do Instagram.

Estes perfis ganham popularidade na microrregião por divulgarem notícias locais, na maioria dos casos levam a terminação de “online”, “24h” ou “notícias” (Ex.: Bico online, Maurilândia 24h, Araguatins 2.0, Itaguatins 24 Horas), são administrados por pessoas sem formação na área do jornalismo e divulgam notícias, memes, vídeos virais, publicidades, entre outras publicações. Por essas características, aquelas pessoas que deram estes perfis como resposta aos sites que costumam se informar não foram consideradas e, por isso, a alternativa “não sabe ou não respondeu” aparece com maior percentual.

Outro ponto que vale destacar é que claramente os entrevistados dizem que se informam mais pelas redes sociais e aplicativos de mensagens. Por outro lado, quando questionados se confiam nas notícias que circulam nesses ambientes, a resposta imediata foi: confia poucas vezes. As explicações que muitos deram foram que nessas plataformas circulam muitas informações que não são verdadeiras ou que não são da localidade onde residem. Além disso, disseram que, por residirem em cidades pequenas, eles conseguem identificar mais rápido se a notícia é verdade ou não.

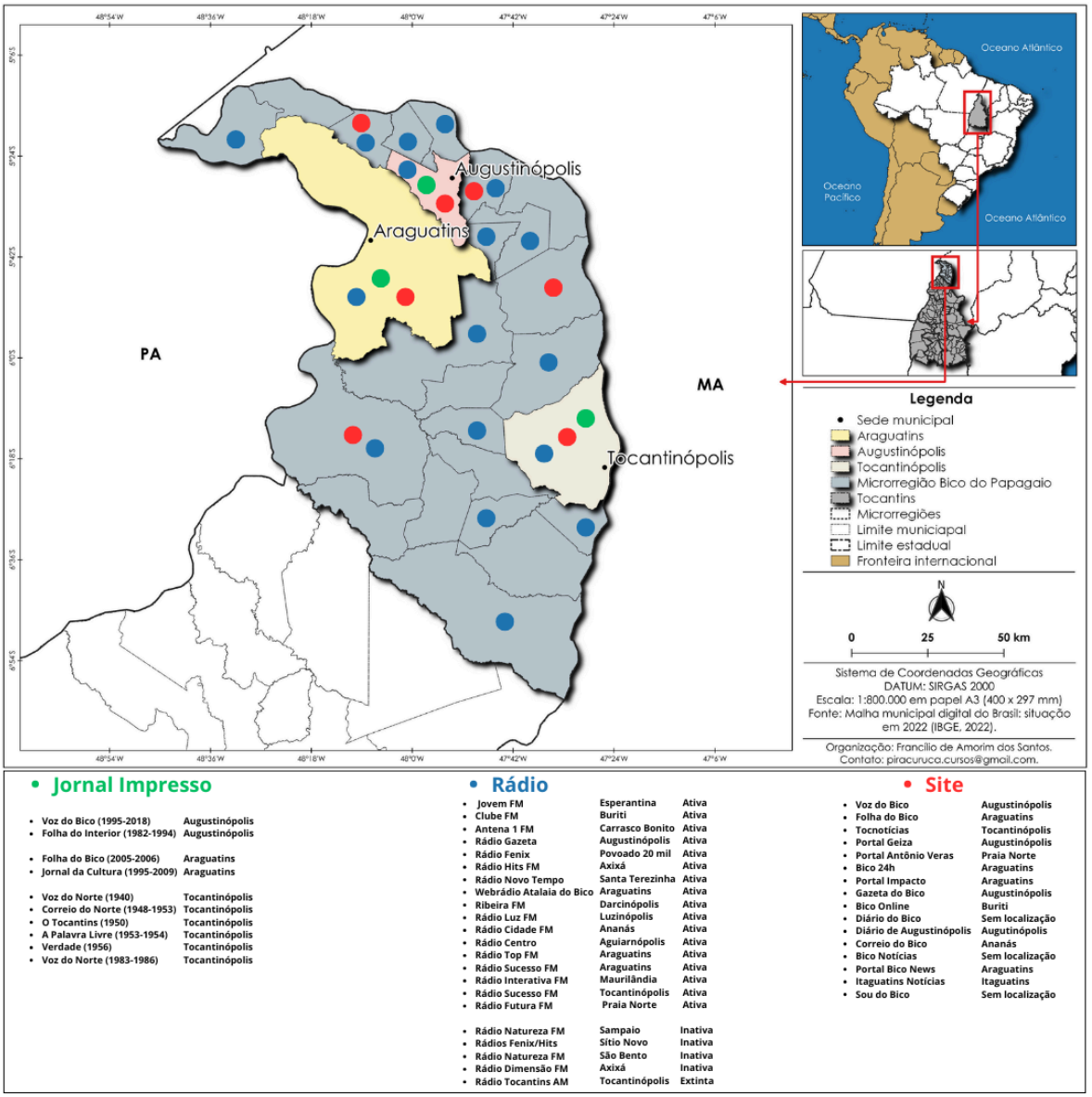
A partir desta contextualização do cenário midiático no Bico do Papagaio e do *survey* que fizemos nos 25 municípios da microrregião, temos alguns indicativos que dão conta de que a população local ainda se informa mais por meio da televisão, a partir dos telejornais nacionais, com uma pequena inserção da TV Anhanguera, afiliada da Globo no Tocantins. Isso tem relação com o contexto histórico no qual a microrregião só recebe sinal de uma emissora local e da busca por sinal de melhor

qualidade com as antenas parabólicas e, atualmente, com a antena digital. Além disso, as TVs por assinatura e as smart TVs já figuram com destaque no cenário local, que também são veículos com canais que não têm programação local.

No rádio, há um domínio de Imperatriz sobre a microrregião ainda, com a Rádio Nativa sendo escutada em quase todos os 25 municípios. Além de outras emissoras da cidade maranhense. A hipótese é por conta da pouca ou inexistente programação informativa das rádios locais. Poucas emissoras comunitárias têm alguma produção informativa, a maioria conta apenas com programação musical, o que leva os moradores a escutarem as rádios maranhenses. Ouvimos isso por diversas vezes nas entrevistas durante o *survey*. A microrregião continua até hoje sem o sinal (no dial) de rádios da capital ou de Araguaína.

Com relação aos sites, há uma produção considerável de veículos locais. Uma hipótese é que esses veículos são a forma mais barata de produzir conteúdos informativos sobre a microrregião que vivia um “vazio/silenciamento” de notícias deixado historicamente pelos veículos de Goiás. Isso também se repetiu com a criação do Tocantins, pois os veículos ficaram restritos a Palmas, Araguaína e Gurupi. O jornal impresso, apesar da circulação no passado, hoje não tem mais espaço/acesso local, principalmente pelo contexto digital e pela falta de circulação de veículos desse tipo. Até mesmo o jornal impresso de Imperatriz, que é o centro de notícias mais próximo, não circula na microrregião. De forma geral, o ecossistema midiático biquense (Mapa 8) começou a ser formado em 1940, está concentrado nas três principais cidades (Tocantinópolis, Araguatins e Augustinópolis).

Mapa 8 - Veículos mapeados nesta pesquisa no Bico do Papagaio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Atualmente, o ecossistema midiático microrregional no Bico do Papagaio é marcado pela presença dos sites com produção diária de notícias ou divulgação de releases com informações local, estadual e nacional, além de rádios comunitárias com predominância de programação musical e com poucos programas comandados por locutores. Por fim, esse contexto tem sido terreno fértil para a pulverização de páginas/perfis “informativos” nas redes sociais digitais, principalmente no Instagram. Na pesquisa de campo, escutamos os nomes de mais de duas dezenas desse tipo de perfis. Praticamente em todas as cidades, tem um deste tipo.

Os dados demonstram um desenvolvimento de mídia exclusivamente digital na microrregião, com atuação ainda incipiente do rádio e dos canais regionais de televisão. Estes últimos estão centrados nas três maiores cidades do estado (Araguaína, Gurupi e Palmas). Diante disso, para uma pesquisa mais aprofundada da produção jornalística microrregional, definimos como objeto de análise três sites locais (Folha do Bico, Voz do Bico e Tocnotícias) que são apresentados no próximo capítulo.

6 PRODUÇÃO JORNALÍSTICA MICRORREGIONAL

Para analisar a produção jornalística no Bico do Papagaio, foram definidos como objetos de estudo os sites Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias. Estes veículos foram escolhidos por serem os mais antigos em atuação na microrregião, são mais de 20 anos de existência, e por contarem com produção autoral. Isso é importante ressaltar, pois, apesar de mapear 16 sites ativos na microrregião, a maioria deles apenas reproduz releases das assessorias da capital, principalmente do governo estadual e dos deputados. Isso foi percebido durante os meses em que aplicamos o *survey* na microrregião, quando também acompanhamos os sites de forma exploratória.

Essa produção de conteúdo autoral também já foi constatada em outros estudos que realizamos (Silva; Rocha, 2017; 2023). Destacamos ainda que esses veículos são comandados por pessoas naturais da microrregião ou que já vivem no Bico do Papagaio desde a criação do Tocantins. Para tanto, os sites foram analisados durante dois meses (novembro e dezembro de 2024), quando foram coletadas todas as postagens feitas nos sites e nas redes sociais de cada veículo. Isso serviu de base para caracterizar a produção jornalística microrregional. Os dados também foram complementados com entrevistas em profundidade realizadas com os responsáveis por cada site no mês de março de 2025. Os dados são apresentados e discutidos a seguir.

6.1 NO CENTRO DO AUGUSTO[31], A VOZ É DO BICO

Em 14 de maio de 1982, pela Lei nº 9.180, foi criado o município de Augustinópolis desmembrando-se do município de São Sebastião do Tocantins. O nome da cidade vem do composto de Augusto (Augusto Pereira Costa, fundador da cidade) com Tocantinópolis, cidade natal do vereador Manoel Marinho de Souza Brito, autor do projeto de emancipação do município. A localidade que inicialmente se chamava Centro do Augusto foi elevada primeiramente a distrito com o nome de

[31] O povoado que deu origem a cidade era chamado de Centro do Augusto, levando em consideração o nome do fundador da povoação. Na linguagem simples do povo local, comumente se chamava “Cento do Augustu”, nomeclatura até hoje falada pelos moradores mais antigos.

Augustinópolis. Depois foi elevada a município e o nome permaneceu. A cidade cresceu e se tornou um dos pontos centrais da microrregião, de onde chegam e partem pessoas para vários municípios próximos.

Com o desenvolvimento da cidade, em junho de 1995, Paulo de Oliveira Santos, mais conhecido como Paulo Palmares, lançou o jornal Voz do Bico. O veículo nasceu para noticiar os fatos e acontecimentos de Augustinópolis e região. Conhecido na cidade por atuar no jornal Folha do Interior, Paulo Palmares é capixaba e chegou a convite de amigos no final da década de 1980. Em 1990, voltou para trabalhar no jornal Folha do Interior e não saiu mais. Constituiu família e passou a viver inicialmente do jornal que produzia. Depois passou a desenvolver outras atividades.

Conforme Paulo Palmares (2025), o nome do jornal Voz do Bico foi escolhido com o intuito de ter mais identificação com a região do Bico do Papagaio. A primeira edição impressa do novo jornal circulou em 1995. A produção era toda feita em Augustinópolis, depois o conteúdo era levado para Imperatriz, onde era digitalizado, diagramado e impresso o jornal. Posteriormente, o jornal era distribuído de forma gratuita em Augustinópolis e nos municípios mais próximos. O jornal impresso seguiu com a periodicidade mensal até 2016. Depois disso, passou a circular de forma esporádica e, em 2018, circulou pela última vez no formato impresso.

Desde então, o veículo funciona apenas na versão on-line [www.vozdobico.com.br]. Em maio de 2024, o jornal passou a editar uma versão reduzida (quatro páginas - Figura 13) no mesmo formato de jornal impresso, porém é divulgado apenas na versão PDF no site e distribuído em grupos de aplicativos de mensagens da região. A edição é publicada semanalmente no site.

> Nós voltamos a fazer o impresso/digital porque muitas prefeituras, muitas prefeituras querem publicar editais, né? E os editais, eles precisam estar no formato como se fosse impresso. Aí o que a gente faz? A gente publica ali e a prefeitura imprime o PDF daquela página, né? Pros arquivos contábeis dele, né? Os arquivos legais, né? E professores também cobrando da gente o impresso que às vezes eles querem imprimir isso pra levar pra a sala de aula, pra dar aula para os alunos e mostrar como que é um jornal, como que é isso e tal, né? E a gente, assim, terminou atendendo [...] (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Figura 13 - Versão digital do Jornal Voz do Bico 2024



Fonte: Captura de tela, 2024.

Esse retorno veio também em busca de verbas para custear o site, pois a publicação dos editais das prefeituras locais rende um valor considerável para o veículo. Na Figura 12, destacamos a capa do jornal na versão digital, que segue o mesmo projeto gráfico da antiga versão impressa. Além disso, destacamos as publicações de edital das prefeituras, como citado por Paulo Palmares. Segundo ele, essa estratégia tem se mostrado positiva e vem rendendo receitas para o site.

Outro destaque é a publicação de uma carta que a redação do jornal recebeu de alunos do sexto ano da Escola Estadual Fazenda 16, de Augustinópolis, agradecendo o jornal por noticiar a conquista de um aluno surdo da escola que foi aprovado em primeiro lugar na vaga de cotas no curso de Licenciatura em Computação no IFTO, Campus Araguatins. Um exemplo da proximidade estabelecida pelo veículo com a comunidade local.

Com a chegada do sinal de internet no Bico do Papagaio, no início dos anos 2000, a versão impressa do Jornal Voz do Bico era destaque na microrregião e não havia concorrência. Esse cenário só passou a mudar no final da primeira década dos anos 2000, com o surgimento dos sites TocNotícias e Folha do Bico, por exemplo. Antes disso, ainda em 2002, Paulo Palmares inovou e lançou a primeira versão do site Voz do Bico. Foi algo de forma experimental para publicar os conteúdos da versão impressa do jornal. O site foi passando por modificações ao longo do tempo e melhorando conforme o sinal de internet na microrregião avançava e com o

aparecimento de profissionais que sabiam lidar com essa nova tecnologia na época. O registro do domínio do site só foi feito oficialmente em 2008.

> Foi mais ou menos em 2002 de forma muito experimental. Eu vou lembrar da minha forma aqui. Tinha um senador no Tocantins chamado João Ribeiro, né? E um dia eu conversando com ele e toquei no assunto, e ele falou assim: “Não, eu te dou um patrocínio pra você para você começar”. Entendeu? Na época essas coisas tudo era muito cara, porque tudo era novidade. Inclusive muitas pessoas para criar o site, eles cobravam em dólar. Entendeu? Porque era novidade, entendeu? Eu não sei se era algumas ferramentas que eles compravam ou pagavam em dólar e eles terminavam aqui ali cobrando aquilo em dólar, né? E eu paguei a empresa Artinsite. A Artinsite foi quem fez o primeiro registro do portal. E ficamos assim de forma experimental, né? Aí a gente não abastecia todos os dias, às vezes era uma vez por semana, duas vezes por semana e tal. Aí quando a gente sentiu que o negócio estava evoluindo, evoluindo, nós fomos mudando o layout, melhorando aqui, melhorando ali. Eu diria, eu diria que assim, 2005, 2006 é que nós começamos assim de fato o site. Ele ser mais dinâmico, ele ser mais diário, ele ser mais constante, né? (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Ainda de acordo com o dono do veículo, o foco do jornal Voz do Bico sempre foi a realidade da microrregião do Bico do Papagaio, com enfoque especial para a cidade de Augustinópolis, onde fica a sede do veículo. Este dado também foi confirmado em pesquisas anteriores de Silva e Rocha (2017; 2023), que analisaram a produção jornalística do Voz do Bico e constataram as características do jornalismo hiperlocal, com uma produção diária de matérias sobre municípios da microrregião. Na análise para esta tese, esse dado voltou a ser corroborado, como é mostrado mais adiante.

Nesse sentido, Paulo Palmares salienta que, atualmente, há uma proliferação de sites, blogs e perfis de redes sociais com a proposta de ser informativos sobre o Bico do Papagaio, mas o saber prático adquirido pelo jornal ao longo dos anos o credencia como um “porto seguro” de informação local diante da proliferação de informações e desinformações propagadas pelas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas sobre o Bico do Papagaio.

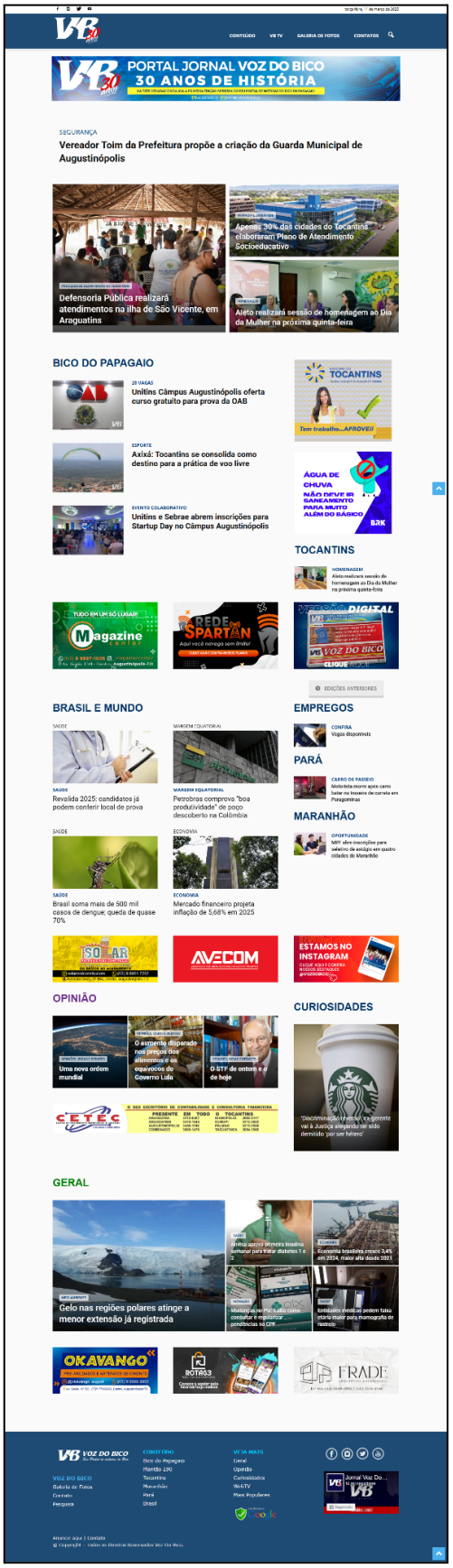
O site também sempre esteve atento a esses avanços tecnológicos e buscou fazer parte das redes e mídias sociais que foram surgindo. Hoje[32], o Voz do Bico conta com 16 mil seguidores e 14 mil likes em sua página no Facebook e pouco mais de 5.700 seguidores no Instagram, rede social na qual tem 1.056 publicações

[32] Dados coletados em 10 mar. 2025.

no feed. No canal no YouTube, são 2 mil seguidores, 549 vídeos publicados e 350.231 visualizações desde 12 de agosto de 2015, quando o canal foi criado.

Atualmente, o site Voz do Bico é gerenciado pelo WordPress, que é um sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS) que permite criar e gerir sites, blogs, entre outras produções. A homepage está estruturada em 11 seções, além da lista de contatos do veículo e da lupa de pesquisa no site. Essas seções aparecem no cabeçalho do site divididas em cinco ícones: conteúdo, no qual aparecem as nove seções de notícias do site; VBTV, que apresenta apenas as notícias que contam com vídeos em sua estrutura; Galeria de Fotos, que apresenta apenas as notícias com galerias de fotos em sua composição; Contatos, no qual apresenta o endereço, e-mail e telefones do veículo; e a lupa para pesquisa no site por meio de palavras-chave. A *frontpage* (Figura 14) do site é formada pelo cabeçalho descrito anteriormente, uma manchete principal, três notícias de destaque com foto e segue com as seções Bico do Papagaio, Brasil, Mundo, Geral, Maranhão, Pará e Empregos. O rodapé do site conta com as mesmas seções já descritas e os ícones das redes sociais (Facebook, Instagram, X e YouTube).

Figura 14 - Homepage do site Voz do Bico



Fonte: Captura de tela, 2025.

De maneira geral, o site do Jornal Voz do Bico utiliza um layout com cabeçalho contendo o logotipo do site, menu e informações de contato. Ao abrir uma publicação, o corpo da notícia ocupa a maior parte do espaço, com a barra lateral contendo as últimas notícias e publicidade. A tipografia utilizada é relativamente simples e legível, com os títulos em tamanhos maiores e em negrito para destacar as informações principais.

As cores predominantes são azul, branco e amarelo, que combinam com a identidade visual do site. Este também tem a possibilidade de incorporação de elementos multimídia, como galeria de fotos, vídeos, incorporações de postagens das redes sociais, entre outros. Possibilidade que enriquece a experiência do usuário na leitura das notícias no site. Há também a presença de anúncios que indicam que o site busca gerar receita por meio de publicidade. Atualmente, o site tem média diária de 2 mil acessos, mas há notícias locais que chegam a ter 5 mil acessos diários.

A hierarquia visual é relativamente clara, com o título da notícia em destaque, seguido por foto e o corpo do texto. Há também um espaçamento razoável entre os elementos, o que facilita a leitura e evita a sensação de poluição visual. Por fim, destacamos que a navegação na página é intuitiva, os links são fáceis de identificar e o menu permite acessar outras seções de forma rápida. Além disso, o site é responsivo, isto é, se adapta a diferentes tamanhos de tela (desktops, tablets e smartphones). O design é relativamente simples e funcional, sem muitos elementos gráficos extravagantes, e a clareza na hierarquia visual contribui para uma boa experiência do usuário.

6.1.1 A produção jornalística

Durante dois meses de análise, foi possível constatar a publicação diária de notícias no site Voz do Bico, com destaque para a divulgação de releases produzidos por assessorias de diversos órgãos públicos, do governo estadual, da justiça e de empresas que atuam na microrregião. Ao todo, foram 623 postagens no site (Quadro 8 - Apêndice K) nos dois meses analisados, distribuídas em quase todas as seções. As publicações são feitas ao longo do dia, com predominância de postagens pela manhã e à tarde. Apenas as seções Galeria de Fotos e Plantão 190

estavam desatualizadas no período analisado, mesmo havendo publicações que contavam com galeria de imagens em sua composição.

Quadro 8 - Resumo das publicações no site Voz do Bico

Seções do site	Novembro	Dezembro	Total
Bico do Papagaio	97	100	197
Tocantins	49	65	114
Maranhão	10	18	28
Pará	13	19	32
Brasil	69	79	148
Geral	21	35	56
Opinião	18	23	41
Curiosidades	2	3	5
Plantão 190	0	0	0
VBTV	0	2	2
Galeria de Fotos	0	0	0
Total	279	344	623

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Apesar de aparecer como total 623 postagens, para análise contabilizamos apenas 621, pois as duas matérias que aparecem na seção de VBTV são repetidas da seção Bico do Papagaio, portanto foram contabilizadas apenas uma vez. No quadro, colocamos todas apenas para demonstrar o total do material analisado inicialmente para definição do corpus para análise aprofundada. Desta forma, nos debruçamos sobre os 621 textos jornalísticos postados no período analisado para categorizar conforme os gêneros jornalísticos, as características webjornalísticas, as autorias, os assuntos e as abrangências dessa produção.

Na seção **Curiosidades,** foram cinco textos caracterizados como notícias e reportagens, não produzidos pelo Voz do Bico e compostos apenas por texto e fotografia. Todas as postagens foram copiadas do site *Page Not Found***,** que é um blog de notícias curiosas, inusitadas, polêmicas e bizarras do jornal Extra, do Rio de

Janeiro. As matérias são copiadas na íntegra e publicadas no site com os devidos créditos no final do texto.

A seção **Opinião** contou com 41 textos publicados no período analisado, abordando os mais diversos assuntos, como economia, política, comunicação, direitos, entre outros. São publicações compostas apenas por texto e foto (Figura 15), que na maioria são imagens dos autores do texto. Não foi identificada nenhuma produção com temática local, porém três autores atuam e/ou moram na região: o professor e escritor Valdo Rosário e os advogados André Luiz e Fábio Alcântara. Alguns textos apresentam uma breve biografia do autor, outros não. Mas todas as produções são assinadas por seus respectivos autores.

Figura 15 - Exemplo de um artigo de opinião publicado no Voz do Bico



De folião a advogado: meu primeiro caso

terça-feira, 24 de dezembro de 2024 às 09:37

176 Visualizações

*Por Fábio de Alcântara

Era o início de 2003, recém-formado há pouco mais de três meses, com o registro da OAB em mãos, mas ainda sem sequer um escritório e, talvez, sem a intenção de ter um. Estava residindo em Palmas à época, porém passei o carnaval daquele ano em Augustinópolis. O que eu não sabia era que a última noite daquela festa mudaria os rumos da minha vida profissional de forma definitiva.

Na última noite de carnaval, madrugada para ser mais preciso, a praça Ary Valadão ainda com os últimos foliões. No palco, uma banda animava a multidão até que um incidente inesperado tomou conta do evento. Houve um desentendimento envolvendo os seguranças da banda e os foliões e, após uma confusão, aqueles foram acusados de tentativa de homicídio, em razão do disparo de arma de fogo. O tumulto foi grande, e os seguranças acabaram presos em flagrante. A notícia se espalhou rapidamente pela cidade, trazendo uma reviravolta àquela noite de celebração.

Na manhã seguinte, fui abordado de forma inusitada por um empresário responsável pela anda. Ele estava preocupado em conseguir a liberdade dos seus funcionários, e algum conhecido lhe contou que eu era advogado. Até então, eu não tinha tido a oportunidade de atuar em um caso real desde que me inscrevi na OAB, e confesso que fiquei surpreso com o pedido. Sem estrutura alguma — nem escritório, nem experiência prática —, aceitei o desafio. Era uma situação urgente, e eu sabia que precisava agir rápido.

Com base no relato do empresário e nas informações a que tive acesso, comecei a fundamentar o pedido de liberdade provisória. O caso me exigiu atenção detalhada às circunstâncias: a conduta dos seguranças, as razões alegadas para a prisão e, principalmente, a avaliação sobre possíveis requisitos que autorizassem que respondessem ao processo em liberdade. Respirei fundo e preparei o pedido com todo o cuidado, ciente de que aquela poderia ser minha primeira grande oportunidade.

O pedido foi protocolado ainda naquele dia, e no mesmo ritmo a justiça analisou a situação. O magistrado responsável teve sensibilidade em compreender os fatos e acolheu os argumentos que apresentei, determinando, no dia seguinte, a liberdade dos envolvidos.

Lembro-me da sensação de alívio e da felicidade de poder dar a boa notícia ao empresário e aos seguranças. A gratidão por parte deles foi enorme, mas, para mim, além do resultado positivo, o que ficou daquele dia foi a certeza de que estava na profissão certa.

Agora, quase 22 anos depois, olho para trás e percebo como aquele episódio foi marcante na minha trajetória. Não só marcou o início do meu exercício profissional como também me ensinou lições valiosas sobre o compromisso, a urgência da profissão e a responsabilidade de representar aqueles que depositam em nós sua confiança.
O carnaval de 2003, para muitos, foi apenas mais uma festa, mas, para mim, foi o início oficial de uma jornada que, hoje, é sinônimo de dedicação e realização profissional.
Tudo começou na praça Ary Valadão, no calor da folia, e, desde então, trilho este caminho com paixão, levando comigo a memória daquela noite que me introduziu à advocacia de maneira tão inesperada.

José Fábio de Alcântara Silva (Fábio de Alcântara)

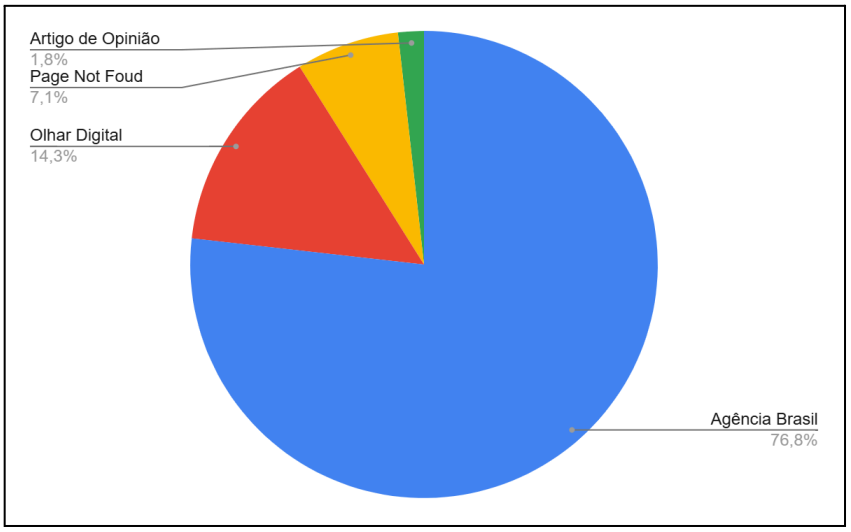
O texto acima expressa a visão de quem o assina, não necessariamente do Portal Voz do Bico. Se você quer publicar algo sobre o mesmo tema, mas com um diferente ponto de vista, ***envie sua sugestão de texto para vozdobico@uol.com.br***

Fonte: Captura de tela, 2024.

Os textos, como o próprio nome da seção indica, são artigos opinativos sobre algum tema/assunto da atualidade ou vivências profissionais. Ao final do texto, o site deixa claro que a produção expressa a visão de quem o assina e não a do Voz do Bico. Também é informado o e-mail do veículo para que outras pessoas interessadas possam enviar textos sobre o mesmo tema com diferentes pontos de vista ou sobre outras temáticas.

Na editoria **Geral,** foi possível verificar a publicação de textos oriundos principalmente da Agência Brasil, que é uma agência pública de notícias da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e prioriza a cobertura de políticas públicas e dos poderes públicos (Executivo, Judiciário e Legislativo). Do total de 56 textos, 43 foram creditados à Agência Brasil, oito textos ao site Olhar Digital, quatro do blog *Page Not Found* e um artigo de opinião (Gráfico 18). Todas as matérias são creditadas aos sites que publicaram originalmente, mas nem sempre há o nome dos profissionais que produziram o conteúdo.

Gráfico 18 - Percentual de notícias da editoria geral



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Na maioria, os textos são notícias e algumas reportagens compostas por textos e fotos. Houve, no período analisado, a publicação também de um artigo de opinião na editoria Geral. Os temas mais trabalhados durante o período analisado foram: saúde, economia, tecnologia e meio ambiente, além de matérias sobre curiosidades. Nesta seção também foi possível observar a exploração, mesmo que incipiente, das possibilidades narrativas do ciberjornalismo, como a composição de

matérias com links, várias fotos, a incorporação de postagens das redes sociais e a introdução de vídeos. Um exemplo é a notícia sobre uma cratera na lua, de autoria do site Olhar Digital, no qual há um vídeo (Figura 16) explicando todo o contexto da descoberta.

Figura 16 - Notícia com vídeo na composição



Fonte: Captura de tela, 2024.

No material analisado, também foi possível verificar uma postagem com assunto local. Uma notícia da Agência Brasil sobre a possível contaminação no Rio Tocantins com a queda de veículos que estavam na ponte que desabou no rio, entre os municípios de Aguiarnópolis (TO) e Estreito (MA). Embora tratasse de um tema local, o conteúdo foi cadastrado na seção Geral.

Já na seção **Brasil,** no período analisado, contabilizamos 69 textos publicados em novembro e 79 em dezembro. Com relação às temáticas, a maioria dos textos tratava de assuntos relacionados à educação, economia, sorteios e resultados da loteria e justiça, com destaque para publicações sobre ações do Supremo Tribunal Federal (STF). A maior parte dos textos, 132 ao todo, é oriunda também da Agência Brasil (Figura 17), mas também foi possível identificar textos de autoria das assessorias do Ministério da Educação, da Caixa Econômica Federal, do g1, do Congresso em Foco e da Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Figura 17 - Texto publicado na seção Geral e creditado à Agência Brasil



Início › Geral › PF investiga grupo que comercializava ouro ilegal de terras indígenas

PF investiga grupo que comercializava ouro ilegal de terras indígenas

quarta-feira, 11 de dezembro de 2024 às 15:06

Compartilhar no Facebook Tweet

152 Visualizações

Esquema movimentou mais de R$ 4 bilhões. – Foto: Márcio Lopes/Casa Civil BR

A Polícia Federal (PF) deflagrou, nesta quarta-feira (11), a *Operação Flygold II*. Visa combater organizações criminosas que teriam transportado ilegalmente ouro extraído de terras indígenas. Estima-se que mais de R$ 4 bilhões foram movimentados pelo grupo criminoso.

Entre as localidades de onde o ouro foi retirado está a Terra Indígena Munduruku, no Pará. Segundo os investigadores, o metal precioso tinha como destino tanto o exterior como estados brasileiros.

De acordo com a PF, 19 mandados de busca e apreensão e nove mandados de prisão estão sendo cumpridos em São Paulo, Pará, Paraná, Roraima, Amapá e Goiás. Mais de R$ 615 milhões, em bens e valores, foram apreendidos pelos policiais.

Publicidade

Ilegalidade

"Durante um ano de investigações, constatou-se que, aproximadamente, uma tonelada de ouro foi transportada de maneira ilegal, além da movimentação de mais de R$ 4 bilhões entre os envolvidos [no crime], incluindo pessoas interpostas e empresas fantasmas"", informou a Polícia Federal.

Ainda segundo os investigadores, os integrantes da organização criminosa recrutavam principalmente estrangeiros usados para despachar em voos comerciais bagagens carregadas com ouro.

(AGÊNCIA BRASIL)

Fonte: Captura de tela, 2024.

São produções caracterizadas em sua maior parte como notícias e reportagens, que também exploram pouco as possibilidades da web, como a inclusão de links externos, fotos e gráficos. Nesta seção, os textos publicados são de assuntos de abrangência nacional, como educação, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), pagamento de Bolsa Família, investigações da Polícia Federal e ações do Governo Federal. Foi possível identificar ainda notícias de caráter local, ambas da Agência Brasil, que tratavam sobre a queda da ponte no Rio Tocantins, que interligava os estados do Tocantins e Maranhão. Um dos textos tratava sobre o consumo de água do Rio Tocantins e outro sobre o inquérito que a Polícia Federal instaurou para investigar a queda da ponte.

Conforme Paulo Palmares, os textos são copiados gratuitamente da Agência Brasil e são colocados os devidos créditos. A preferência pela agência vem pelo fato de ser uma agência pública, com produção diária e confiável. Além disso, o proprietário argumenta que são copiadas as produções de caráter nacional que podem ser de interesse da comunidade local do Bico do Papagaio, como notícias sobre o Enem, sorteios da loteria e ações do governo federal. Além disso, ele informou que sempre utilizam o material da Agência Brasil por conta dos créditos nas postagens e nas imagens, pois já tiveram problemas com cópia de imagens de outros sites. O material da agência apresenta sempre informações e imagens confiáveis com os devidos créditos e o Voz do Bico pode fazer a reprodução gratuitamente, desde que coloque os créditos da origem do material. No período analisado, todas as postagens oriundas da agência estavam devidamente identificadas.

Na seção **Pará**, como o próprio nome sugere, são publicados textos com assunto do estado vizinho ao Bico do Papagaio. Foi possível verificar que a seção é atualizada com frequência, mas não diariamente. Nos dois meses analisados, identificamos alguns hiatos entre as publicações. Ao todo, foram 31 textos publicados nos dois meses, sendo 13 publicações em novembro e 19 em dezembro. A maioria dos textos é de origem do portal de notícias g1 Pará, pertencente ao Grupo Liberal, afiliado da Rede Globo no Pará. Mas também foi possível identificar releases creditados à assessoria do Hospital Regional de Marabá e à agência de notícias do governo estadual, além de produções da Agência Brasil e do jornal paraense Diário Online.

Entre os assuntos noticiados no período analisado, a maioria é de notícias da área policial, saúde e economia, com destaque para informações sobre a cidade de Marabá. São textos caracterizados como notícias e que exploram pouco as possibilidades da web. Houve apenas textos com links externos e galeria de fotos. Vale destacar que as notícias desta seção não apareceram em destaque no principal site, apenas no destaque da seção no lado esquerdo do site.

Assim como na anterior**,** a seção **Maranhão** trata de assuntos do estado vizinho, principalmente os ligados à área policial e oriundos da cidade de Imperatriz. Dos 28 textos publicados entre novembro e dezembro, apenas um se caracteriza como reportagem e aborda a descoberta de fósseis de dinossauros no município de Davinópolis, que fica ao lado da cidade de Imperatriz. Os demais textos são apenas notícias oriundas principalmente do portal de notícias g1 Maranhão. Também encontramos textos creditados à Agência Brasil, ao jornal maranhense O Imparcial e à assessoria da Polícia Federal. Assim como na seção Pará, os conteúdos desta seção são compostos apenas por texto, fotos e links. Todos os textos publicados no período analisado foram replicados de outros veículos com os devidos créditos.

Questionado sobre essas duas seções e os materiais publicados nelas, Paulo Palmares justificou por conta da relação entre a microrregião e os dois estados, principalmente por conta da presença de familiares nessas três localidades.

> Porque assim, a gente vive aqui numa região entre esses dois estados, né? E aqui tem muita gente daqui que tem familiares no Pará e tem familiares no Maranhão. E vice-versa. No Maranhão tem muita gente que tem familiares aqui, no Pará tem muita gente que tem familiares aqui. Muita gente, no decorrer da história, saiu daqui e foram morar no Pará e foram morar no Maranhão. Então, a gente entende que muitas coisas que a gente publica do Maranhão tem interesse do leitor aqui. E muita gente de fora tem interesse em ler no que é daqui. [...] A gente pega, a gente geralmente em outras fontes, em outros canais, entendeu? Às vezes pega em WhatsApp, às vezes pega em outros jornais, às vezes pega em assessoria de comunicação das cidades que aconteceu aquele fato ali, entendeu? Ou do estado (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Na seção **Tocantins,** são postados textos de abrangência estadual produzidos, principalmente, a partir da capital, Palmas. São releases, em sua maioria, advindos da Secretaria Estadual de Comunicação (Secom) sobre assuntos políticos, saúde, educação, economia e ações do governo. Ao todo, foram 114 matérias publicadas nos dois meses analisados, sendo 49 em novembro e 65 em

dezembro. São na maioria, notícias compostas por texto, foto ou galeria de fotos e links. As publicações são devidamente creditadas como da assessoria, aqui com destaque a Secom, que teve 36 textos assinados ao todo.

Além da Secom, mapeamos diversas assessorias que conseguiram emplacar seus releases no período analisado, entre elas a do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), da Superintendência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Tocantins, da Assembleia Legislativa (Aleto) e da Universidade Estadual do Tocantins (Dicom Unitins), além das secretarias estaduais que enviam suas produções diretamente para o site sem passar necessariamente pela Secom.

Das 114 matérias publicadas na seção Tocantins no período analisado, apenas uma publicação é assinada como Redação Voz do Bico, o que indica produção autoral do veículo. Ou seja, não há uma produção do jornal de notícias de abrangência estadual. A única publicação feita no período analisado trata-se de uma nota sobre o senador do Tocantins Eduardo Gomes (Figura 18), que estava em visita ao Bico do Papagaio e falou sobre a sua possível eleição para a vice-presidência do Senado Federal, que naquele momento era um assunto em discussão.

Figura 18 - Nota produzida pelo Voz do Bico e publicada na seção Tocantins



Início › Destaques › O senador Eduardo Gomes é cotado como favorito para vice-presidência do Senado;...

O senador Eduardo Gomes é cotado como favorito para vice-presidência do Senado; veja vídeo

segunda-feira, 30 de dezembro de 2024 às 12:08

Compartilhar no Facebook | Tweet

328 Visualizações

1 de 4

O senador Eduardo Gomes falou sobre o assunto durante breve entrevista no evento político promovido pelo prefeito de Axixá, dr. Auri. – Fotos: Paulo Palmares/ VB

AXIXÁ – O senador Davi Alcolumbre é o nome que deve presidir a Casa no próximo Biênio a primeira vice-presidência da Mesa Diretora do Senado para o próximo período já foi assegurada ao Partido Liberal (PL) e o senador tocantinense Eduardo Gomes, é o principal nome cogitado para ocupar o cargo.

Sobre este assunto o senador abordou brevemente para o portal ***Voz do Bico*** durante evento político promovido pelo prefeito de Axixá, dr. Auri.

Publicidade

VEJA VÍDEO

VBTv | Senador Eduardo Gomes é cotado como favorito para vice... Copiar link

EDUARDO GOMES
SENADOR DO TOCANTINS

Assistir no YouTube

(Redação Voz do Bico)

Fonte: Captura de tela, 2024.

A sessão **Bico do Papagaio** foi a que teve maior número de publicações no período analisado, foram 197 ao todo, sendo 97 em novembro e 100 em dezembro. Dado que demonstra a vocação do webjornal em noticiar os assuntos locais com uma publicização diária de notícias sobre o Bico do Papagaio. Das publicações em novembro, foram 79 releases, 17 matérias com produção própria e uma publicação replicada do site Diário de Augustinópolis. Já no mês de dezembro foram 68 releases, 21 produções autorais e 21 publicações sem autoria. Embora esses textos não tenham indicação de autoria, se aproximam mais das características dos textos assinados como Redação Voz do Bico, que são notícias curtas e com apenas uma fonte.

Com relação às assessorias que tiveram seus textos publicados no mês de novembro, identificamos representação de 23 instituições diferentes, com destaque para a Dicom da Unitins, com 18 publicações, e a Secom, com 14 textos. No mês de dezembro, foram 29 assessorias diferentes, sendo destaques a Secom com 16 publicações (Figura 19) e a assessoria da Secretaria Estadual de Segurança Pública (SSP) com 10 textos.

Figura 19 - Exemplo de release local publicado pela Secom



Seduc promoveu II Conferência para as Relações Étnico Raciais em Araguatins

segunda-feira, 16 de dezembro de 2024 às 08:00

Compartilhar no Facebook Tweet

156 Visualizações

O evento foi realizado nessa quarta-feira, 11, no auditório da SRE de Araguatins – Foto: Seduc/Governo do Tocantins

ARAGUATINS – A Secretaria de Estado da Educação (Seduc) promoveu na última quarta-feira, 11, a II Conferência para as Relações Étnico Raciais para os profissionais da Superintendência Regional de Araguatins (SRE). O evento aconteceu no auditório da SRE e contou com a presença de professores da área de Ciências Humanas das 39 unidades escolares do Bico do Papagaio.

Com o intuito de proporcionar um espaço de respeito, acolhimento e diálogo, o evento trouxe diversos convidados que abordaram temas como racismo religioso, racismo de classe, violências de classe, raça, gênero e todas as opressões que funcionam de maneira interseccional.

A técnica da Diversidade da SRE Araguatins e organizadora do evento, Marina Resplandes da Costa, revela que nesta edição o debate foi muito enriquecedor. "Trouxemos a dona Francisca, quebradeira de coco, que falou da importância para a região do Bico do Papagaio, uma vez que as quebradeiras de coco são em sua maioria mulheres pretas; trouxemos também o Dr. Ubiratan Francisco para falar sobre a educação étnico-racial e os efeitos do racismo na vida da pessoa negra; a Dra. Herli, que falou sobre a educação escolar quilombola e trouxe uma discussão que permeia a importância e a necessidade da formação de professores para o cumprimento da Lei 10.639/03. Todos trouxeram contribuições importantíssimas", destacou.

O professor David Brandão levou a pauta do racismo religioso, mostrando um pouco dos desafios enfrentados pelas religiões de matriz africana. "Fiquei muito feliz em participar e poder levar um pouco do meu conhecimento. Esse é um evento de suma importância para a educação tocantinense no combate ao racismo e pela pluralidade de educação diversidade e inclusão da cultura afro na educação básica na busca da valorização das heranças africanas", pontuou.

(SECOM-TO)

Fonte: Captura de tela, 2024.

Os assuntos mais abordados no período analisado na editoria Bico do Papagaio foram: Educação (57 publicações), Cidades (34 publicações), Polícia (27 publicações) e Política (18 publicações). Na primeira categoria estão inclusas notícias sobre a educação estadual, municipal e o ensino superior. Na categoria Cidades, agrupamos os textos que tratam do dia a dia dos municípios, infraestrutura e ações sociais. Em Polícia, foram incluídos os textos sobre crimes e ações das polícias Civil e Militar. Por fim, a categoria de Política reúne textos sobre o mundo político dos municípios locais, bem como a atuação dos três deputados (Jair Farias - União Brasil/Sítio Novo, Amélio Cayres - Republicanos/Augustinópolis e Wiston Gomes - PSD/Araguatins) que representam a microrregião na Assembleia Legislativa do Tocantins.

Sobre a abrangência do material publicado nos meses de novembro e dezembro na seção Bico do Papagaio, conseguimos identificar 21 textos que trazem no título e no conteúdo informações de caráter microrregional, ou seja, sobre o Bico do Papagaio como um todo e/ou assuntos de interesse de todos os 25 municípios. Além disso, houve nove publicações de notícias com abrangência estadual e 167 publicações de caráter local, que estão sintetizadas no quadro 9. São publicações específicas de algum município, geralmente destacado no título da notícia ou da reportagem.

Quadro 9 - Municípios com notícias locais publicadas em 2024

Cidades (20)	Total em novembro (97)	Total em dezembro (100)
Augustinópolis	36	33
Araguatins	20	11
Tocantinópolis	10	9
Sítio Novo	1	5
Maurilândia	1	0
Ananás	2	1
Praia Norte	1	3
Esperantina	1	1

Darcinópolis	2	0
Carrasco	1	0
Santa Terezinha	1	0
Luzinópolis	1	0
São Miguel	1	1
São Sebastião	2	2
Axixá	1	6
Buriti	3	2
Palmeiras	1	1
Sampaio	2	2
Nazaré	0	2
Aguiarnópolis	0	10
Microrregional	12	9
Estado	3	6

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

É possível perceber que dos 25 municípios que compõem a microrregião, 20 tiveram pelo menos uma publicação no período analisado, dado que demonstra o localismo nas publicações do Voz do Bico e o interesse em noticiar assuntos sobre os municípios biquenses. As cidades de Augustinópolis, sede do veículo, Araguatins e Tocantinópolis foram as que mais tiveram publicações no período analisado. São os maiores municípios e que concentram os principais serviços públicos da microrregião, como demonstrado no Capítulo 3.

Apenas os municípios de São Bento, Cachoeirinha, Itaguatins, Angico e Riachinho não tiveram notícias publicadas no período de análise. Coincidentemente, são municípios em que não mapeamos veículos durante nossa pesquisa de campo. A exceção é Itaguatins, que conta com um site, porém não há publicações periódicas. O fato de serem cinco municípios pequenos, com menos de 6 mil habitantes, não quer dizer que não tenham acontecido fatos noticiáveis nestes lugares, porém são municípios mais distantes de Augustinópolis e que o veículo não

se preocupou em noticiar no período analisado, principalmente por conta dos recursos humanos limitados.

Vale destacar que o município de Aguiarnópolis aparece com 10 publicações em dezembro devido a queda da ponte sobre o Rio Tocantins que interligava o município a cidade de Estreito no Maranhão, se configurando como uma das principais rotas de ligação das regiões centro-oeste e sudeste com a região nordeste e parte da região norte. A Ponte Juscelino Kubitschek de Oliveira desabou no dia 22 de dezembro de 2024, deixando 14 mortos e três pessoas desaparecidas. O acidente e as consequências do sinistro passaram a ser noticiados com frequência na mídia local e nacional. Desta forma, boa parte das notícias publicadas pelo Voz do Bico sobre o acontecimento foi centralizada no município de Aguiarnópolis.

Sobre os gêneros jornalísticos das publicações, é possível categorizar 146 textos como notícias, pois trazem apenas relatos factuais de determinados acontecimentos, 11 notas e uma entrevista pingue-pongue. Os demais textos podem ser enquadrados como uma notícia ampliada, isto é, expandem o relato factual da notícia com mais fontes ou detalhes, porém não se aprofundam no assunto a ponto de se caracterizar como reportagem definida nos manuais jornalísticos. Conforme Marque de Melo (2003), a reportagem é um relato ampliado de algo que já aconteceu e suas repercussões na sociedade, bem como as alterações provocadas por esse acontecimento.

Ainda nesse contexto, foi possível verificar a pouca exploração das possibilidades narrativas da web nas publicações da seção Bico do Papagaio, porém foi esta que mais contou com conteúdos que mesclam texto, fotos, vídeos e links, 18 ao todo. E a maior parte são publicações autorais do Voz do Bico, o que indica que o veículo sabe destas possibilidades e busca, de certo modo, colocá-las em prática. Um exemplo deste tipo de produção é uma notícia sobre um encontro de lideranças políticas da região na cidade de Axixá (Figura 20).

Figura 20 - Notícia composta por galeria de fotos e vídeo



Dr. Auri destaca a senadora Dorinha como candidata a governadora, Jair Farias para deputado Federal e apoio a reeleição de Eduardo Gomes ao Senado em 2026; veja vídeo

segunda-feira, 30 de dezembro de 2024 às 10:43

478 Visualizações

Fotos: Paulo Palmares/VB

AXIXÁ – O prefeito reeleito de Axixá, Dr. Auri-wulange Ribeiro, do União Brasil (UB), recebeu em uma chácara no interior do município o senador Eduardo Gomes (PL), os deputados Estadual Jair Farias (UB), Marcus Marcelo (PL), prefeitos eleitos, reeleitos e ex-prefeitos, vereadores e lideranças regionais, onde cobriu de elogios o senador Gomes, a quem chamou de *'grande timoneiro'*, reafirmando seu apoio para sua reeleição, assim como o deputado estadual Jair Farias para federal e lançou a senadora Professora Dorinha (UB) ao governo do Estado em 2026.

Segundo o prefeito de Axixá, ele tomou a liberdade de convocar o senador, deputados, prefeitos e lideranças e anunciar senadora como candidata do grupo por acreditar que *"essa é vontade de todos os que circulam no entorno das lideranças que a cerca"*. O prefeito disse ao portal **Voz do Bico** que sabe que o desafio será grande, embora entenda que o processo eleitoral e as alianças terão que ser discutido e construída de agora em diante. *"O objetivo é deixar claro que a senadora tem o nosso total e irrestrito apoio, é preparada, está credenciada para ser governadora e de agora em diante é construir uma estrada com forte aliança que leve a uma eleição vitoriosa"*, argumentou.

VEJA VÍDEO

VBTV | Prefeito reeleito de Axixá, Dr. Auri-wulange Ribeiro reúne li...

Assistir no YouTube

Também ganharam apoio do prefeito para as próximas eleições o senador Eduardo Gomes que deve ir para a reeleição em 2026 e o deputado Jair Farias, que em 2026 já externou a vontade de disputar uma cadeira na Câmara Federal. Em sua fala o prefeito Auri wulange diz que se ganhou as eleições em sua cidade foi com o voto popular, mas *"efetivamente"* com a participação direta do senador por meio de emendas que beneficiaram a comunidade. *"Gomes, seu mandato tem impactado diretamente e positivamente todos os munícipes de Axixá do Tocantins, você fez a diferença!"*, disse em tom de agradecimentos.

Quanto ao deputado Jair Farias disse que este tinha uma missão maior. *"É muito difícil fazer gestão, tivemos muitos parceiros, e, deste temos um desprendido, corajoso, líder nato e que fez por merecer nos representar na Câmara Federal"*, pontou, se colocando também como apoiador. Em último ponto, o nome do prefeito é lembrado como destaque para uma futura candidatura a deputado estadual, coisa que ele não descarta. *"Sou um soldado do grupo pronto para cumprir qualquer missão"*.

(Redação Voz do Bico)

Fonte: Captura de tela, 2024.

A notícia aborda o apoio do prefeito de Axixá, Dr. Auri, à senadora Dorinha como candidata a governadora, assim como a de Jair Farias para deputado federal e a reeleição de Eduardo Gomes ao Senado nas eleições de 2026. Uma notícia que destaca as movimentações políticas na microrregião e o comportamento de algumas autoridades locais. O material foi produzido por Paulo Palmares e conta com a incorporação de uma galeria de fotos e um vídeo. O conteúdo escrito complementado com os recursos multimídia favorece a experiência do usuário. Mesmo verificando que, minimamente, o site produz conteúdo multimídia, é importante destacar que, em alguns casos, essa multimidialidade encontrada não é

produzida pelo veículo, mas, sim oriunda de terceiros, como do site Olhar Digital, que produz conteúdos com vídeos e incorporação de redes sociais que são replicados pelo Voz do Bico.

6.1.2 A atuação nas redes sociais

O site Voz do Bico conta com perfil ou página nas redes sociais Facebook, Instagram, X e YouTube, porém percebemos a pouca utilização e interação na rede social X. Por conta disso, acompanhamos por dois meses a atuação do veículo apenas nas outras três redes sociais, que no geral são usadas para propagar as notícias postadas nos sites. Não foram identificadas neste período outras atuações do veículo jornalístico nas referidas redes sociais digitais. Das três redes analisadas (Apêndice K), percebemos o Facebook e o Instagram como os principais canais de distribuição das notícias, porém sem muitas estratégias. A propagação é feita apenas com a divulgação do link e a imagem principal das notícias.

No Facebook, nos dois meses analisados, contabilizamos 278 posts no feed, o que indica um esforço consistente em manter a página ativa e relevante para o público. Os posts seguem o layout padrão do Facebook (Figura 21), com o link, título da notícia e a principal foto da publicação no site. As fontes utilizadas são as fontes padrão do Facebook, otimizadas para leitura na plataforma. Nos posts são liberados os comentários, curtidas, reações e compartilhamentos, permitindo assim o engajamento do público. Todas as postagens no período analisado seguem esse padrão. Com relação a preferência pelas publicações no Facebook, a justificativa do responsável do site foi por conta da facilidade, pois é só divulgação do link das notícias. Não há uma estratégia específica para esta rede social.

Figura 21 - Post no feed da página no Facebook do Jornal Voz do Bico

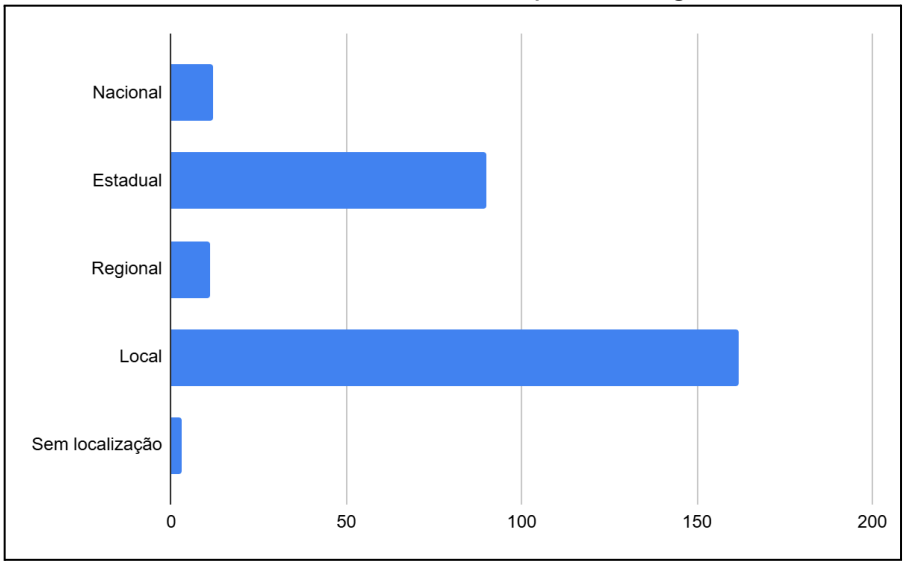


Fonte: Captura de tela, 2024.

O layout das postagens busca destacar a imagem da notícia como principal elemento de atração, seguido pelo título e o primeiro parágrafo do texto postado no site. Aqui identificamos uma primeira fragilidade do veículo, que não produz um texto específico para os posts no Facebook seguindo a gramática da rede social, como uso de *hashtags* e emojis. Além disso, as legendas nem sempre são concisas e informativas, fornecendo um breve resumo da notícia e incentivando o clique no link para ler a notícia completa no site. Esse incentivo poderia aumentar o tráfego e a visibilidade do site.

Constatamos ainda que o Facebook se destaca como o principal canal de distribuição do conteúdo do Voz do Bico, com frequência diária de publicações. Não houve um padrão na quantidade de publicações, havendo dias com apenas uma publicação e outros dias com oito ou dez posts. Outra constatação é que o veículo, apesar de publicar notícias nacionais, internacionais e de curiosidades, as postagens nesta rede são apenas das notícias sobre assuntos locais, microrregional e estadual (Gráfico 19), com uma pequena parcela de notícias nacional. Estas últimas foram apenas sobre sorteios da loteria e informações sobre o Enem.

Gráfico 19 - Posts no feed do Facebook por abrangência das notícias



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A estratégia de compartilhar mais as postagens das notícias locais no Facebook amplia o alcance do conteúdo, tornando a página um *hub* de informações sobre o Bico do Papagaio. As notícias com mais engajamento (Figura 21) durante a análise foram as que abordaram os assuntos locais, com destaque para as ações sociais, policiais e políticas. Porém, mais de duas centenas dos posts feitos tiveram pouco engajamento, sem reações e comentários, contabilizando até 10 curtidas.

Figura 21 - Os dois posts com mais engajamento nos meses analisados



Fonte: Captura de tela, 2024.

Vale destacar que a tragédia da queda da ponte sobre o Rio Tocantins em Aguiarnópolis chocou toda a região e o país, por isso o post foi o com maior engajamento no período analisado, mesmo não sendo um conteúdo autoral do site Voz do Bico. O pouco engajamento não desmotiva o veículo a atualizar o Facebook, que contou com posts diários no período analisado. Outra fragilidade perceptível foi a ausência de publicação de stories no Facebook, fato que também contribui para limitar a capacidade de engajamento do público e a uniformidade da mensagem em diferentes plataformas.

Outra rede social usada pelo Voz do Bico para propagar as notícias postadas no site é o Instagram, que de maneira geral se mostra como um potencial ainda inexplorado no veículo, mesmo havendo uma atualização diária nos stories. No *feed*, constatamos uma baixa frequência de posts (Figura 22), apenas dois em novembro e três em dezembro. Três posts são de notícias locais e dois de informações de abrangência microrregional, o que demonstra mais uma vez a estratégia do veículo de se destacar como referência de informações sobre o Bico do Papagaio.

Figura 22 - Exemplo de post no feed do Instagram do Voz do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

Com relação a pouca publicação no feed, o responsável pelas redes disse que são feitas apenas publicações locais e regionais. Não há outro tipo de publicação, pois o objetivo é ser referência em conteúdo local. Além disso, a prioridade para o feed são publicações de caráter mais social e que foquem na população local, pois o engajamento nas redes sociais do jornal é maior com este tipo de publicação. As pautas policiais e de morte também atraem muita movimentação para as redes, mas a prioridade segue sendo as notícias positivas e as pessoas da microrregião. E a pouca publicação no feed foi justificada também como estratégia de não “poluir” o perfil com muitas informações diariamente. Para divulgar as informações do dia a dia, é usado o story do Instagram.

Nos posts do *feed*, percebemos uma padronização das postagens com layout no formato quadrado característico do Instagram. Além disso, é perceptível que a arte é criada especificamente para a rede social, com as cores e tipografias alinhadas com as do veículo. Os posts contam com a logo do veículo para reforçar a identidade visual, e as imagens são complementadas com o chapéu e título da notícia, além da legenda, localizada abaixo da imagem, que complementa a informação visual. Todas as postagens incluem hashtags, que promovem uma maior circulação do conteúdo e ampliam o alcance da publicação. Há também na legenda um *call to action* convidando o usuário a visitar o site.

Verificamos um certo profissionalismo do veículo na atualização do feed do Instagram, porém sem uma periodicidade razoável de publicação. Os posts do Voz do Bico no Instagram são visualmente atraentes e informativos, com uma diagramação bem cuidada, um conteúdo relevante para o público local e legendas informativas. O site busca fortalecer a sua identidade visual nas publicações, no entanto, para otimizar a presença no Instagram, poderia haver uma maior consistência na atualização do feed.

O baixo número de postagens no feed contrasta com a alta produção de stories, 227 nos dois meses analisados. Este dado indica uma preferência por conteúdos efêmeros e menos estruturados, pois os 206 stories são apenas o print (Figura 23) da versão *mobile* das notícias postadas no site com o link que direciona para o acesso ao conteúdo completo no site.

Figura 23 - Exemplo das postagens mais frequentes nos stories



Fonte: Captura de tela, 2024.

De forma geral, os *stories* do Voz do Bi*c*o apresentam um layout vertical, típico de dispositivos móveis e da plataforma da rede social. Como é um print da página do site, a imagem conta com um cabeçalho fixo que contém o logotipo, o nome do site, informações de contato e um ícone de pesquisa. Logo em seguida aparece o título da notícia, a data de publicação, botões de compartilhamento e a imagem postada no site. Vale destacar que, por ser um print da notícia, os botões de compartilhamento não podem ser usados. Há também o link adicionado para acesso ao conteúdo completo no site, pois não são colocados textos complementares ao título da matéria para atrair a atenção do leitor. Por fim, destacamos que a data de publicação é exibida logo abaixo do título, fornecendo contexto temporal ao leitor, e o alinhamento à esquerda do título facilita a leitura em dispositivos móveis.

Assim como no Facebook, as postagens no Instagram, tanto no feed como nos stories, são apenas das notícias sobre assuntos locais, microrregional e estadual. Outro ponto de destaque é que nas notícias locais há a marcação do perfil

da principal fonte da matéria (Figura 24), o que indica uma proximidade com as fontes e favorece uma maior circulação do conteúdo, que pode ser repostado pelas pessoas marcadas. Ao todo, nos dois meses, foram 25 menções a pessoas ou instituições nos stories do Voz do Bico.

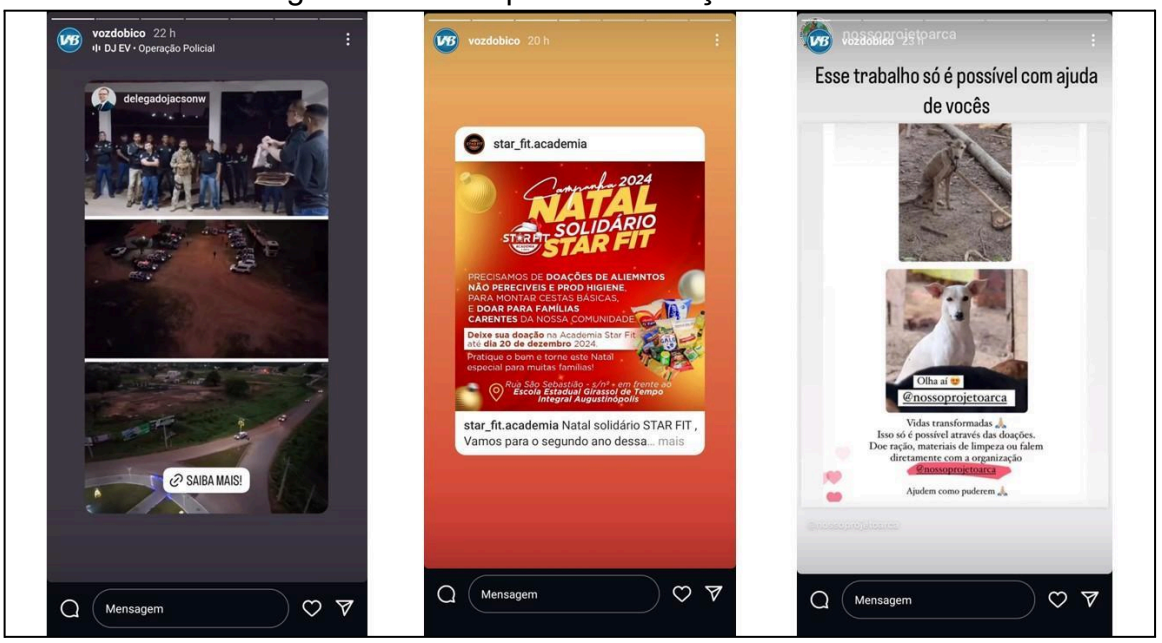
Figura 24 - Story no Instagram com a marcação de fonte da notícia



Fonte: Captura de tela, 2024.

Verificamos ainda nos stories a publicação de publicidade/parcerias, reposts de publicações do delegado local (Figura 25) e a produção da versão digital do jornal. São publicações que indicam uma pequena variação nas postagens do veículo e uma aproximação maior com o público. Na entrevista, o responsável pelo site disse que há um engajamento nas redes sociais, principalmente pelos stories, mas não soube precisar os números.

Figura 25 - Exemplo diversificação de stories



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Assim, percebemos que o Voz do Bico utiliza com frequência o Instagram para propagar conteúdos e interagir minimamente com as fontes das notícias produzidas ou replicadas de releases. Porém, a ausência de *reels*, formato de vídeo curto e altamente popular na plataforma, limita a capacidade de alcance e engajamento do público mais jovem. Outros recursos de interatividade, como as enquetes, não foram explorados no período analisado. Para otimizar a presença e atividade nas redes sociais, o Voz do Bico deve expandir a produção de conteúdo original e adaptado para cada plataforma, explorando formatos como vídeos, *reels*, transmissões ao vivo, enquetes e quizzes. Além de manter uma frequência de publicação consistente no feed, evitando a desatualização.

Por fim, acompanhamos também a atuação do Voz do Bico no YouTube. Nesta plataforma, o veículo apresenta uma atividade mais modesta, com um total de nove vídeos e dois shorts publicados (Figura 26) no período analisado. A produção concentrada em dezembro sugere uma possível sazonalidade ou um esforço recente em investir no formato audiovisual. A ausência de transmissões ao vivo indica uma lacuna na exploração de formatos interativos e em tempo real, que poderiam fortalecer a conexão com o público e promover um maior engajamento.

Figura 26 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Voz do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

Assim como no Instagram, o Voz do Bico no YouTube apresenta uma atuação com toque de profissionalismo. Os vídeos são gravados em boa qualidade, há caracteres de identificação do/a entrevistado/a, tarja com a logo do veículo e vinhetas de abertura e encerramento, reforçando a identidade visual do veículo. Verificamos ainda que a plataforma funciona como um repositório de conteúdo audiovisual, isto é, os vídeos postados no YouTube são para incorporação na plataforma do site para aparecer na notícia relacionada àquele vídeo. Este fato indica que o site não possui um espaço para armazenamento da sua produção no servidor do site. Por não conter conteúdos específicos para a plataforma e a integração com as demais redes sociais, não analisamos detalhadamente os vídeos.

Desse modo, destacamos que o site Voz do Bico tem uma atuação frequente nas redes sociais, com destaque para o Instagram e o Facebook. Embora seja uma atuação diária, é necessário estimular a interação com o público por meio de perguntas, comentários, respostas a mensagens e promoções. Além disso, falta uma integração entre as diferentes plataformas, como replicar os stories do Instagram no Facebook e promover os vídeos do YouTube nessas redes também. Ao implementar estratégias nesse sentido, o Voz do Bico poderá fortalecer sua presença nas redes sociais, ampliar o alcance de seu conteúdo e construir uma comunidade on-line engajada e participativa. Além disso, carece também de explorar

formatos de conteúdo mais dinâmicos, como vídeos e webstories. A análise da presença e atividade do Voz do Bico nas redes sociais mostra um perfil com pontos fortes e oportunidades de aprimoramento estratégico.

6.1.3 As rotinas produtivas e a sustentabilidade do veículo

As dinâmicas de produção e atualização do site de notícias Voz do Bico valorizam o contexto regional e os assuntos locais. A produção de conteúdo começa sempre às 8h da manhã com a atualização do site a partir do material recebido das assessorias de comunicação e instituições como as polícias Civil e Militar, além de sugestões de moradores locais enviadas via WhatsApp. Essa produção é feita por Paulo Palmares e pelo funcionário do site, Juscelino Soares. Ambos não são jornalistas de formação. Paulo Palmares atua no jornalismo na região desde 1990 e tem bacharelado em Direito, que concluiu na primeira turma do curso na Faculdade do Bico do Papagaio (Fabic) em 2012. O funcionário dele é técnico em informática e designer. Conforme o proprietário do site, a rotina produtiva do Voz do Bico reflete a agilidade e a adaptabilidade frequentemente necessárias em redações de menor porte focadas no local.

> A gente produz desde cedo. Juscelino chega e já faz uma atualização e às vezes eu chego, eu escrevo. O Juscelino também tá escrevendo já, bota alguma coisa, entendeu? E às vezes no final de semana a gente já deixa alguma coisa programada também. Aí quando acontece alguma coisa final de semana que é excepcional, tipo, a queda da ponte lá do Estreito, né, que aconteceu no domingo. Aí o Jucelino tá namorando, aí eu ligo pra ele, ele sai correndo, tá? Vai correndo, entendeu? Sabe? E a gente termina fazendo isso. É assim, a relação também com o Juscelino, em termos de trabalho, é uma relação bastante flexível, né? Não é aquela coisa assim… A gente procura ser flexível porque a gente sabe que é necessário, né? (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Essa estrutura, mesmo que pequena, permite uma resposta rápida a eventos imprevistos, que é algo característico do jornalismo e demanda prontidão sempre das equipes, mesmo em veículos pequenos. A cobertura da queda da ponte entre Estreito (MA) e Aguiarnópolis (TO) ilustra essa capacidade de mobilização instantânea. Esse processo alinha-se ao que Franklin (2006), Helder Lima (2024), Reis (2022), Volpato (2019) e Martins (2022), identificaram como uma das

características de pequenos veículos locais: o funcionamento com recursos limitados, principalmente recursos humanos. Isso exige uma multifuncionalidade e capacidade de adaptação às demandas do dia a dia da prática jornalística.

Com relação aos critérios de seleção dos materiais, principalmente dos releases recebidos, Paulo Palmares afirmou que o principal critério é o regional, ou seja, aquilo que trata do Bico do Papagaio ou dos municípios da microrregião. O segundo critério seria o interesse público, aquilo que interessa a comunidade e/ou pode interferir no seu dia a dia. Assim, a curadoria do material recebido pelo site segue principalmente esses critérios.

> A gente dá prioridade para as coisas as coisas que são regional, é o primeiro passo, né? É regional? Diz a respeito da região do Bico do Papagaio? É o primeiro passo, né? Em termos de governo, né? É assim, aí o segundo seria o que é de interesse público geral, né? Às vezes não é regional, mas é uma coisa de interesse público estadual, né? Um concurso público, isso né? O que que é regional? É uma inauguração de uma escola, um asfaltamento da região, máquinas fazendo represas pra população de baixa renda, essas coisas. Então, a gente vai dando sempre primeiro enfoque no que é regional, o segundo que é de interesse coletivo, né? E o que é de deputado e tal? A gente também vai mais ou menos nessa linha. O deputado encaminhou uma emenda para a construção de uma escola em São Sebastião. Aí digamos assim, que ele mandou um texto aqui para gente: “Ah, que o deputado fulano de tal encaminhou uma emenda para uma escola de São Sebastião, uma em Gurupi e outra em Palmas”. A gente resume o texto, focando o que ele fez aqui na região, né? Então, geralmente a gente atua mais ou menos nesse sentido, dando sempre prioridade para o local (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Além disso, o dono do site Voz do Bico ressaltou que todo o material recebido das assessorias é lido antes de ser publicado. Alguns passam por ajustes, como destacado anteriormente na fala dele, outros são publicados na íntegra e sempre destacando a fonte que produziu o conteúdo. Essa espécie de curadoria também envolve a recontextualização da informação para o público específico do site, que são os moradores do Bico do Papagaio. Para isso, Paulo Palmares destacou que às vezes é preciso entrar em contato com as assessorias ou autoridades locais para buscar informações adicionais e complementar o texto. Isso demonstra um esforço ativo em complementar informações recebidas nos releases.

Os critérios de seleção de conteúdo no Voz do Bico reforçam seu compromisso com a esfera microrregional, atuando como uma espécie de gatekeeper (Traquina, 2004) com foco geográfico definido, neste caso, o Bico do

Papagaio. Isto é, a “lente” editorial do Voz do Bico é a relevância local e microrregional. Ainda nesse contexto de rotinas produtivas, na redação do Voz do Bico, o uso das tecnologias ainda é limitado a recursos de edição de fotos e vídeos. A produção e edição de texto ainda são feitas sem o uso de tecnologias como a Inteligência Artificial Generativa, por exemplo. Mas há na redação uma consciência clara da necessidade de adaptação tecnológica contínua.

> É uma coisa quase que constante e diária. Você tá ali o tempo todo atento pra isso, que você sabe que se antes as coisas aconteciam a cada 10 anos, hoje acontece a cada 10 minutos, né? Então assim, a gente tá atento e procurando de todas as formas ir se adequando e melhorando. Esses dias mesmo eu tava falando pro Juscelino pra gente fazer um novo layout pro jornal. Mandei até ele perguntar o preço, né? E a gente vê o que a gente precisa se adequar dentro disso aí pra melhorar, né? [...] Rapaz, eu não uso não (Inteligência Artificial Generativa), porque eu ainda não sei como mexer com aquele trem direito. Eu testei usar no começo aí, mas eu como leitor, vamos dizer, quando você conhece o negócio, você sente uma dificuldade, uma dificuldade não, um padrão [...] (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Essa menção à intenção de desenvolver um novo layout para o site é um exemplo dessa busca por atualização, mas o não uso de outras tecnologias que podem otimizar o processo produtivo, principalmente por conta dos recursos humanos reduzidos, expressa ainda uma certa resistência pessoal ao trabalho com essas inovações tecnológicas. Essa postura também tem um certo fundo de defesa do “fazer jornalístico” tradicional e uma certa desconfiança sobre a capacidade das tecnologias de capturarem as nuances e a sensibilidade necessárias ao jornalismo local.

Outro ponto sensível no jornalismo microrregional é a questão financeira e a sustentabilidade dos veículos. No caso do Voz do Bico, percebemos que a empresa ainda sobrevive da forma “tradicional” no jornalismo, que é por meio de publicidades, principalmente de órgãos públicos, como governo e prefeituras. Essa dependência de contratos públicos foi admitida abertamente.

> Rapaz, é essencialmente os contratos, né? Como eu falei logo no início, né? Infelizmente, a gente depende muito do poder público para poder se manter, né? É, tem um período que ela tá mais, digamos assim, tá melhor, né? E tem outro período que às vezes tá pior, né? Geralmente, final de ano o negócio dá uma reduzida, né? E a gente vai se mantendo dentro desse ritmo aí, né? Assim, anúncios mesmo particular, privado, é quase zero. Agora mesmo a gente tá pintando esse negócio dos anúncios aí dos editais,

> parece que vai dar uma potencializada nisso aí, entendeu? (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Essa dependência traz consigo uma vulnerabilidade aos ciclos políticos e orçamentários, principalmente no caso das prefeituras de pequenos municípios, como é o caso do Bico do Papagaio. Em trocas de gestão, o jornal sofre com as dificuldades de fechar contratos. Com relação à monetização via plataformas digitais (Google Ads, YouTube, redes sociais e outros), Paulo Palmares a descreve como lenta e insuficiente. No caso do Google Ads, os recursos só podem ser sacados quando o veículo atinge o mínimo de U$100,00. No caso do YouTube, houve alterações na política de pagamento da plataforma e o site deixou de receber recursos, que são pagos agora só quando os vídeos do Voz do Bico alcançarem 100.000 visualizações. No caso de contrato com parlamentares, com predominância dos federais, os contratos são feitos via assessoria de comunicação, que quase sempre não paga o valor da tabela de preços do site (Anexo B). Já o governo estadual reduziu muito os valores pagos aos veículos locais nos últimos anos.

> Ó, geralmente no caso dos deputados federais, os estaduais quase não acontece. Geralmente, a própria assessoria deles mesmo que procura a gente, né? Eles ligam: 'e aí como é que é pra a gente formatar uma parceria e tal?'. Ah, eu vou mandar minha tabela. 'Ah, não manda tabela não porque a gente tem condições pra conforme tabela, não sei o quê e tal'. Aí, mas manda um preço aí. Aí a gente chuta um valor. 'Não, mas tá caro, não sei o quê e tal. Tem como a gente fechar em tanto?' Não, mas bora pra tanto. Não, só da pra tanto. Aí é aquela coisa: ou você aceita ou você fica sem. [...] Quer dizer, às vezes é melhor você ganhar, porque sabe que se eu não pegar esses 500 ou o valor que eles estão oferecendo ali, outros vão pegar. Outros vão pegar e eu vou terminar ficando sem. E, vou usar uma palavra aqui que é uma palavra que comumente se usa, como o advento das redes sociais, a comunicação se prostituiu. Literalmente se prostituiu. Né? Serviço que antes você cobrava…Ó, pra você ter uma ideia, só pra você ter uma ideia. No tempo do Siqueira Campos, você sabe quanto que era uma mídia no jornal impresso? Eu ainda tenho ali os blocos de nota fiscal. Sabe quanto que era uma mídia de impresso? Era DEZ mil reais. DEZ mil reais. Hoje, primeiro que eles não faz mais impresso, né? Hoje pra você pegar aí R$ 2.000, R$ 2.500 é a maior luta do mundo. Entendeu? (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Ainda conforme Paulo Palmares, essa realidade de poucos recursos dos órgãos públicos para os sites jornalísticos também é fruto da pulverização de sites e perfis de notícias em redes sociais. Assim, essa publicidade institucional de baixo

valor atua como uma espécie de tentativa de silenciamento ou controle sutil dos governos sobre os veículos locais.

> É uma espécie assim de cala boca. No fundo, no fundo, você sabe o que é um cala boca. Né? Assim, às vezes assim, talvez eles não calam a boca daquele que é mais mais estabilizado, que sabe o seu papel, que sabe a sua importância na comunicação, que ele sabe que tem que comunicar qualquer fato, independente de qualquer coisa, talvez esse ele não cala a boca, independente do valor que ele tá pagando. Mas cala a boca do cara que quer trezentos conto, quinhentos reais pra não falar besteira nas redes sociais (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Essa fala expõe a tensão entre a necessidade de receita e a manutenção da independência editorial, um dilema crítico para o jornalismo local economicamente fragilizado. Isso também espelha os desafios enfrentados por muitos veículos de jornalismo local e regional na era digital (Torres-Toukoumidis *et al.,* 2024; Torre *et al.,* 2024). Vale destacar que o retorno da publicação impressa em formato digital é uma estratégia nova do veículo para conseguir recursos para custear o funcionamento do jornal. Durante a etapa de acompanhamento dos sites, identificamos 11 cards de publicidade no site Voz do Bico. Um da prefeitura de Axixá, outro do governo do estado e um da concessionária de água que opera em Augustinópolis. As demais são de pequenas empresas locais com publicações feitas por meio de permuta, isto é, troca de serviços entre o jornal e as empresas.

Vale destacar que o proprietário do jornal conta com uma loja de material de construção e uma empresa de pré-moldados, que são outras formas de sobreviver de Paulo Palmares, pois ele não consegue se sustentar apenas com o jornalismo produzido. Toda essa realidade revela a necessidade da implementação da diversificação de receitas pelo Voz do Bico, como as possibilidades de financiamento por meio de editais públicos, fundações de apoio, monetização de redes sociais, entre outros.

Por fim, sobre a relação com o público, Paulo Palmares afirmou que a percepção da relação com o público é central para a identidade do Voz do Bico, com a construção de uma reputação baseada na confiança. Isso também é perceptível pelos comentários que escuta nas ruas de Augustinópolis e quando visita outros municípios da microrregião.

> Rapaz, assim, a gente subentende que tem uma boa relação, porque a gente sabe que o site tem uma boa aceitação, tem um respeito, tem uma credibilidade. Isso as pessoas dizem diretamente pra gente, sabe? 'Olha, eu gosto muito do site de vocês, vocês são muito sucinto nas matérias, são muito claros, são muito objetivos'. A gente vê que é uma relação boa. Em termos de perfis, temos vários perfis de leitores também. E a gente sabe que tem uns picos, as matérias que tem pico, né? Quando acontece um acidente grave aí, o pico ali em cima, né? Como é o nome daquela menina que morreu ali? A Rafiza. Moço do céu! O site travou. O site travou. Primeiro que ela era uma menina muito pública, era muito conhecida, né? Era uma pessoa muito importante. Deu mais de 15.000 de acessos, o site só suportava 10. O servidor, né, de acesso simultâneo. Caiu! O site aí não aguentou não. Tinha mais de 15.000 pessoas acessando o site simultaneamente, aí não tem cache pra esse tanto de acesso não. Aí acabou derrubando (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Esses feedbacks positivos recebidos pelo site sugerem uma valorização da objetividade e da concisão, atributos frequentemente associados à eficácia da comunicação em contextos locais onde a informação prática e direta é valorizada. Além disso, a força do hiperlocalismo (Radcliffe, 2012; Negreira-Rey; López-Garcia, 2021; Hujanen *et al.,* 2019; Torres-Toukoumidis *et al.,* 2024; Torre *et al.,* 2024) manifesta-se nos picos de audiência gerados por eventos de grande comoção na comunidade ou por assuntos que afetam diretamente o dia a dia da comunidade, como falta de água, questões de segurança pública, infraestrutura e outros.

O caso da morte da jovem, citado por Paulo Palmares, ilustra o papel vital do veículo como centro de informação e repercussão para a comunidade em momentos críticos, validando sua relevância e conexão com o público local. A capacidade de gerar tal engajamento espontâneo é um ativo fundamental para veículos hiperlocais. Outro exemplo foi a queda da ponte entre Aguiarnópolis e Estreito, que gerou muito engajamento nas redes sociais do site, pois as pessoas queriam informações sobre o assunto e, ao mesmo tempo, reclamar das autoridades que pouco lembram da microrregião do Bico do Papagaio.

Mas essa proximidade com o território e com as pessoas locais pode implicar em pressões diretas e, por vezes, hostilidade. Paulo Palmares relatou ter recebido, por várias vezes, ameaças verbais e enfrentado processos judiciais decorrentes de publicações, tanto políticas quanto policiais. Soma-se a isso as questões políticas locais que assumem reações mais efetivas e desmedidas dos moradores que têm ligações com grupos políticos. Paulo Palmares (2025, informação verbal) citou dois exemplos clássicos desse processo:

> Tiro não! Mas ameaças eu já recebi. Não física, mas verbal eu já recebi. Entendeu? Já fomos processados, entendeu? Tanto no âmbito político quanto no âmbito de postar matéria policial, já fomos processados. Já pagamos indenização por veicularmos, inclusive, matéria que a gente retirou do site da própria polícia, né? E já fomos processados, pagamos indenização por danos, né? É o preço que a gente paga pelo serviço, né? E, no caso de político, há sempre aquela questão: 'é, você não devia ter feito isso'. [...]. Aí, o irmão dele, um mais novo, fez foi me ameaçar assim, tipo, verbalmente, num outro espaço aí que eu fui, num local que a gente vai tomar um shake e ele falou assim: "Rapaz, fica com esse teu jornalzinho aí, foi falando esse tipo de coisa aí". E eu nem dei atenção, né? Porque eu já conheço ele, sei que ele é nervosinho e eu nem dei atenção pra ele, né? Então assim, nesse caso político há muito é estressezinho, há muitas pessoas que se estressam mesmo, sabe?
> [...]
> E uma vez aconteceu um outro fato que eu acho curioso. Isso deve ter mais ou menos uns 20 anos. Mataram uma menina no bairro Boa Vista. Né? E eu escrevi no texto que era na periferia de Augustinópolis. Moço, para quê? Nesse tempo, ainda não tinha o on-line, foi no impresso. Umas três pessoas falaram que iam fazer eu engolir o jornal, chamando o local deles de periferia (Paulo Palmares, 2025, informação verbal - sic).

Esses casos ilustram a sensibilidade ligada à representação do território no jornalismo local e a intensidade das reações que a proximidade pode gerar, na qual o jornalista atua não apenas como informador, mas também como um ator social sujeito a contestações diretas sobre a nomeação e classificação do espaço vivido pela comunidade. Isso também demonstra que o Voz do Bico emerge como um veículo profundamente enraizado em seu contexto regional, exibindo características centrais do jornalismo hiperlocal. Porém, enfrenta desafios estruturais significativos, como a sustentabilidade financeira, a forte dependência de verbas públicas e as dificuldades em monetizar eficazmente no ambiente digital.

As pressões e ameaças relatadas também sublinham os riscos inerentes ao exercício do jornalismo de proximidade em ambientes onde as relações de poder são diretas e a contestação pode ser feita pessoalmente ao profissional da imprensa. Outro destaque é a priorização editorial do conteúdo regional, que parece ser tanto uma estratégia de engajamento quanto um reflexo das fontes de sustentação do veículo, que consegue contratos por atuar especificamente nessa microrregião. Por fim, ressaltamos que o relato da atuação do Voz do Bico demonstra que o veículo desempenha um papel importante na esfera pública microrregional, mas sua trajetória evidencia também a complexa interação entre a

atividade jornalística geograficamente localizada, a viabilidade econômica e as dinâmicas sociopolíticas do território onde atua.

6.1.4 Primeiras ponderações

De maneira geral, a produção jornalística do site Voz do Bico é caracterizada pela publicação de notícias e pouca publicação de reportagens, com foco nas informações locais e estadual. O site tem uma produção considerável de notícias relacionadas ao dia a dia do Bico do Papagaio, além de também trazer informações do cenário nacional, principalmente a partir de conteúdos produzidos pela Agência Brasil.

A análise da abrangência geográfica das publicações revela um predomínio do conteúdo de cunho local (167 matérias), com destaque para as cidades de Augustinópolis (69 textos), Araguatins (31) e Tocantinópolis (19). A cobertura microrregional do Bico do Papagaio (21 publicações) apresenta-se em menor proporção. Esses dados indicam um compromisso com a cobertura dos acontecimentos locais, o que pode ser considerado um fator positivo na construção de uma identidade jornalística relevante para a comunidade. No entanto, a limitada cobertura microrregional e estadual sugere uma possível restrição na capacidade de conectar os eventos locais com contextos mais amplos.

Com relação aos assuntos mais abordados pelo site, foi perceptível a predominância de temas relacionados à educação, saúde, política, polícia, economia e o dia a dia dos municípios biquenses. A ênfase na educação sugere um interesse do veículo com a divulgação de informações relevantes para o desenvolvimento social da região. Dado que também coincide com o assunto de maior interesse pelos moradores locais, como demonstrado no *survey* que realizamos. A cobertura de temas relacionados às cidades, polícia e política também indica um compromisso com informações de áreas importantes para a compreensão da dinâmica social e política da região.

Apesar da diversidade temática encontrada nas publicações, a exploração das possibilidades narrativas da web é bastante limitada. A análise de 197 publicações da seção Bico do Papagaio mostra um uso limitado de recursos

multimídia. Apenas 10 delas incorporam vídeos, posts de redes sociais ou links externos relacionados. O restante das publicações restringe-se a apenas texto e fotos. O veículo perde, nesse contexto, a oportunidade de enriquecer a experiência do leitor e aprofundar a informação com a multimidialidade nos conteúdos.

No período analisado, não foi verificada a produção de gráficos, infográficos, narrativas imersivas, mapas interativos, entre outras possibilidades oferecidas pela web para as produções jornalísticas. A restrição a formatos mais tradicionais pode comprometer a capacidade de engajar o público e de apresentar a informação de forma mais rica e acessível.

Um aspecto positivo é a inclusão de links externos, que servem para complementar a informação e direcionar o leitor a outras fontes relevantes. No entanto, essa prática poderia ser potencializada com uma curadoria mais ativa e contextualizada, oferecendo ao público uma visão mais completa e integrada dos temas abordados. Além disso, o veículo poderia ter um banco de dados que comportasse documentos, imagens e outras produções para que o usuário acessasse esse material no próprio site e não precisasse ir para links externos. Nessa saída para acessar outros materiais, o usuário pode se dispersar e não retornar mais para o site Voz do Bico.

A partir da análise dos dois meses de produção jornalística do jornal Voz do Bico, foi possível verificar também a dependência do veículo de produções externas, como os releases enviados pelas assessorias, textos da Agência Brasil e de outros veículos jornalísticos, com destaque para o portal g1 Pará, g1 Maranhão e g1 Nacional. As publicações mapeadas sobre os estados vizinhos (Maranhão e Pará) são todas copiadas de outros sites ou releases enviados por assessorias, o que demonstra que não há uma produção do veículo sobre informações desses estados vizinhos, mas reconhece o interesse dos moradores da microrregião por essas localidades e, por isso, replica informações sobre esses estados, em especial das cidades de Marabá e Imperatriz.

Por fim, destacamos que a produção jornalística do Voz do Bico é dependente de releases, principalmente das produções das assessorias localizadas na capital, Palmas. Isto mostra uma debilidade do veículo, pois os releases, apesar de aparecerem completos com as informações necessárias sobre determinado assunto ou fato, eles trazem uma visão institucional e positiva do órgão que produz. Assim,

não identificamos materiais jornalísticos que questionem as ações e as atividades destas instituições públicas e de políticos locais, bem como sobre a realidade social biquense.

A análise revela uma produção jornalística com limitações no que tange à originalidade dos conteúdos publicados e a exploração do potencial narrativo da web. A principal característica da produção jornalística do site Voz do Bico é a forte dependência de conteúdo de assessorias de comunicação. Embora a reprodução de conteúdo de agências e assessorias seja uma prática comum no jornalismo regional e local, a predominância dessa estratégia sugere uma carência de produção de conteúdo original e com as cores do local. No caso do Voz do Bico, isso ocorre principalmente por conta das limitações de recursos humanos. São apenas duas pessoas para cuidar da atualização do site e das redes sociais.

Somado a isso, a frequente publicação de releases sugere uma forte influência de agentes externos na definição da pauta e na construção das narrativas publicadas pelo site Voz do Bico. Essa dependência, embora comum em veículos de comunicação de menor porte, pode comprometer a independência editorial e a diversidade de perspectivas apresentadas ao público.

Por outro lado, a seção de Opinião demonstra uma pequena tentativa de diversificar o conteúdo do site, com conteúdos opinativos e variados com as devidas identificações dos autores, o que favorece a transparência e a credibilidade da publicação. Porém, não há publicações nessa seção sobre assuntos e/ou temáticas locais, o que se mostra como uma lacuna que pode ser explorada pelo veículo.

Assim, destacamos que a análise de um volume significativo de produções, 621 publicações ao todo, sinaliza uma lacuna na cobertura de questões específicas da região do Bico do Papagaio. A ausência de notícias originais e aprofundadas sobre a realidade local limita o papel do Voz do Bico como um veículo de comunicação essencial para a comunidade biquense. Para se consolidar ainda mais como um veículo jornalístico relevante para a microrregião, o site precisa investir na produção de reportagens próprias, explorar formatos multimídia e aprofundar a cobertura dos temas que afetam diretamente a comunidade do Bico do Papagaio. Essa consolidação também requer um investimento em recursos humanos e tecnológicos, bem como o estabelecimento de parcerias estratégicas com outras instituições e organizações da sociedade.

6.2 AS MARGENS DO ARAGUAIA ESTÃO NA FOLHA DO BICO

Sediado em Araguatins, cidade localizada às margens do Rio Araguaia que também marca a divisa entre os estados do Tocantins e o Pará, o site Folha do Bico iniciou suas atividades em 2005 com o lema: informação com liberdade de expressão. Não há um texto no site contando sua história ou com informações sobre seu funcionamento. Na aba expediente contém apenas a informação de que o site é registrado como empresa e tem como nome Araguaia Comunicações, Workshop e Edições, sob responsabilidade do jornalista Tasso Antonio Cavalcante Passos e o diretor comercial é Marco Antônio Cavalcante Passos. O contato para anúncios é disponibilizado apenas pelo e-mail: folhadobico@hotmail.com.

Na aba sobre, há um texto destacando os princípios do site, mas não conta sua história e estava desatualizado no período de análise desta pesquisa, em 2024, e também quando retornamos ao site em 2025 para fechamento do trabalho.

> Pluralismo, jornalismo crítico, independência e participação do leitor. Esses são os lemas que norteiam o trabalho jornalístico da Folha do Bico, o mais dinâmico jornal do Bico do Papagaio. [...] Buscamos seguir regras e princípios que visam produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Qualquer fato e qualquer pessoa: problemas políticos, decisões governamentais, cotidiano, meio ambiente, mas também a narrativa de fatos simples e comuns como um atropelamento, o surgimento de um buraco na rua, a descrição de um assalto à loja da esquina, um casamento, as novas regras para um tipo de postura no convívio social ou mesmo divulgação da biografia de destacados cidadãos biquenses. A nossa atividade, portanto, busca um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. O fenômeno recente do efetivo aparecimento da cobertura jornalística na região chega a provocar questionamentos quanto a divulgação de assuntos mais polêmicos, principalmente acontecimentos político. Nossa cobertura não tem lados, partidos ou bandeiras, nos limitamos apenas a contar o fato, o acontecimento, seja onde tenha ocorrido. Conclusões cabem apenas ao leitor formular, nosso papel é informar ([SIC] Folha do Bico, on-line, 2025[33]).

Não há data de publicação do texto, mas ele é anterior a 2017, pois neste ano Silva e Rocha (2017) analisaram a produção do site e constataram que o veículo era dividido em seis editorias diferentes das citadas no texto do site: Bico do Papagaio, Tocantins, Pará, Maranhão, Geral e Coluna Social. De 2024 até março de 2025, o

[33] Disponível em: https://folhadobico.com.br/sobre/. Acesso em: 10 mar. 2025.

site era dividido em quatro seções: Amazônia, Bico do Papagaio, Bastidores e Geral. Há ainda o hotsite Bico Rural, produzido por outra equipe, e o Simbora, que não estava funcionando no período dessa pesquisa. Destacamos as datas, pois os sites jornalísticos locais são efêmeros e mudam com frequência.

O que permanece até hoje do texto descrito no site é sobre a atuação do veículo, que tem como marca, ao longo desses quase 20 anos, noticiar o dia a dia do Bico do Papagaio, com destaque para as informações do mundo político local, das ações policiais e do cotidiano biquense. Além disso, traz informações dos estados vizinhos: Pará e Maranhão. Atualmente, o site é atualizado apenas pelo jornalista e proprietário Tasso Antonio, mas ele conta com dois colaboradores em Araguatins. São duas pessoas que atuam no período matutino e fazem as pautas repassadas pelo jornalista. A empresa Folha do Bico também conta com um advogado e um contador, além de outra jornalista que trabalha em outro projeto da empresa.

Com relação ao site, ele é gerenciado pelo WordPress, que é um sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS) que permite criar e gerir sites, blogs, entre outras produções. A homepage do site Folha do Bico (Figura 27) começa com uma linha fina no topo com os ícones das seis seções do site atualmente. Amazônia, Bico do Papagaio, Bastidores, Geral, Bico Rural e Simbora. Ao clicar em algum desses ícones, o usuário é direcionado para a página que apresenta apenas as notícias cadastradas nesta seção. Logo abaixo, no canto esquerdo, tem a lupa para busca no site, que também não funcionou no período de análise desta pesquisa.

Ao centro, tem a logo do veículo e a data, com o dia da semana, data do mês e ano. No canto direito há os ícones das redes sociais: Facebook, Instagram, X e YouTube. Ao clicar nestes ícones, o internauta é direcionado para as redes do veículo. Também é apresentada uma linha com os valores atualizados das principais moedas do mundo: dólar, euro, peso argentino, real e do petróleo. Em seguida, aparece mais uma linha com os ícones das seis seções do site atualmente.

Em seguida, são apresentadas as notícias, divididas em três colunas. Na primeira, há uma única notícia em destaque. Na segunda, estão três destaques menores e a terceira é destinada a publicidades e seção Bastidores. Ao rolar a barra de rolagem, na coluna à esquerda ficam as notícias do Bico do Papagaio, ao centro as cadastradas como Amazônia e à direita a seção Geral. O rodapé do site conta

com quatro ícones que apresentam informações gerais sobre o veículo: **Contato** (telefone, WhatsApp, e-mail e endereço); **Expediente** (apresenta os nomes dos responsáveis); **Como anunciar** (que disponibiliza o e-mail para contato) e **Sobre** (que apresenta o texto citado anteriormente). Vale destacar que essa organização em colunas e linhas do site proporciona organização e facilita a leitura.

Figura 27 - Homepage do site Voz do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

Ao analisar a homepage da Folha do Bico, destacamos como primeiro ponto a atualização do site com frequência e a data das postagens, o que denota uma preocupação com a atualização constante do conteúdo, um princípio fundamental do webjornalismo. Os ícones das redes sociais em destaque também é um elemento importante do webjornalismo, pois incentivam a interatividade por meio de comentários e compartilhamento nas redes. Essa possibilidade também denota uma busca pela convergência midiática, pois o site integra diferentes mídias e formatos, como texto, imagem, vídeo e links para redes sociais. Estes elementos também são passíveis de incorporação nas publicações, possibilitando enriquecer o conteúdo apresentado e a experiência do usuário na leitura das notícias no site.

Outro ponto de destaque do site Folha do Bico é a responsividade, ou seja, o site se adapta a diferentes dispositivos (desktops, tablets, smartphones), garantindo a acessibilidade do conteúdo em qualquer lugar. O ponto negativo que destacamos é a busca no site, pois a lupa de busca não funcionou no período analisado. Este recurso é importante, pois facilita a localização de notícias específicas e permite acessar o arquivo de matérias publicadas.

Na homepage, há uma hierarquia visual estabelecida através do tamanho dos títulos, da utilização de negrito, da disposição das imagens e do espaçamento entre os elementos. A notícia principal sempre aparece em tamanho maior no lado direito e as demais em tamanho menor ao centro e à esquerda. O espaçamento entre as colunas e os elementos também é adequado, evitando a sensação de poluição visual e facilitando a leitura.

Nesse ponto, é importante destacar que a estrutura dos sites influencia como a informação é encontrada. Por conta disso, é preciso construir a interface dos sites prezando pelos princípios da ordenação, a estrutura, o ritmo, tipologias, modularidade e a extensibilidade (Rosenfeld; Morville; Arango, 2015). Isso reflete diretamente na experiência do usuário no consumo das informações nos sites. Santos e Agnes (2016), a partir da análise das respostas de usuários do site jornalístico O Dia, apontam que a construção inadequada da arquitetura de informação em sites jornalísticos pode influenciar negativamente a encontrabilidade e a compreensibilidade das informações, impactando a experiência.

Também é importante destacar que na homepage há a presença de anúncios que demonstram uma forma de monetização do site. As cores predominantes no site

são azul, branco e preto, que são utilizadas de forma harmoniosa. Em geral, o site Folha do Bico demonstra uma homepage com princípios básicos do webjornalismo e um design funcional e informativo.

Ao abrir uma publicação, o layout do site permanece o mesmo, com a divisão em três colunas. O corpo da notícia ocupa a maior parte do espaço e fica ao centro, com título em fonte maior, seguido da imagem e o texto da notícia. Na coluna à esquerda são apresentadas as notícias mais lidas e na coluna da direita aparecem as últimas notícias postadas e algumas publicidades.

A página finaliza com o espaço para comentário do internauta na postagem, que precisa estar logado no Facebook para utilizar o recurso. Além disso, logo abaixo do título da publicação, há os ícones das redes sociais Facebook, X e Pinterest, além do WhatsApp para compartilhamento da publicação. A tipografia utilizada é relativamente simples e legível, com os títulos em tamanhos maiores e em negrito para destacar as informações principais. De forma geral, é um site relativamente simples, funcional e com clareza na hierarquia visual, elementos que contribuem para uma boa experiência do usuário.

6.2.1 A produção jornalística

Analisamos a produção jornalística do Folha do Bico por dois meses e verificamos uma atualização diária do site com informações sobre o dia a dia do Bico do Papagaio, os principais assuntos do Tocantins e informações relevantes sobre os estados do Pará e Maranhão, com destaque para o estado nortista. Ao todo, foram 332 postagens (Quadro 10 - Apêndice L) no site nos dois meses analisados, distribuídas em todas as quatro seções analisadas: Amazônia, Bico do Papagaio, Bastidores e Geral. O hotsite Bico Rural não foi analisado por ser uma produção recente (2020) e de responsabilidade de outra equipe a parte do Folha do Bico. O jornalista Davino Lima Pereira Júnior e o biólogo Leandro Oliveira Campos são os responsáveis pelo site especializado. No período de análise desta pesquisa, acompanhamos o Bico Rural e percebemos apenas a publicação de releases de abrangência estadual, sem notícias sobre o setor rural no Bico do Papagaio.

Quadro 10 - Resumo das publicações no site Folha do Bico

Seções do site	Novembro	Dezembro	Total
Amazônia	21	38	59
Bico do Papagaio	79	131	210
Bastidores	22	24	46
Geral	7	10	17
Total	129	203	332

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Na seção **Geral,** observamos a primeira característica de destaque do Folha do Bico: a publicação de documentos das prefeituras locais (Figura 28). Nos dois outros sites analisados, essa prática não foi observada. De maneira geral, como o próprio nome da seção sugere, são feitas publicações dos mais diversos assuntos e que não estão restritos ao Bico do Papagaio ou Tocantins. Porém, no período analisado, verificamos a predominância de publicações de documentos das prefeituras locais. Das publicações nos dois meses, 12 foram de documentos das prefeituras de Axixá, São Sebastião e Maurilândia. Das 10 publicações em dezembro, 8 foram de documentos, que variam entre avisos de licitação, pregão eletrônico e chamamento público.

Figura 28 - Exemplo de publicação de documentos pelo Folha do Bico



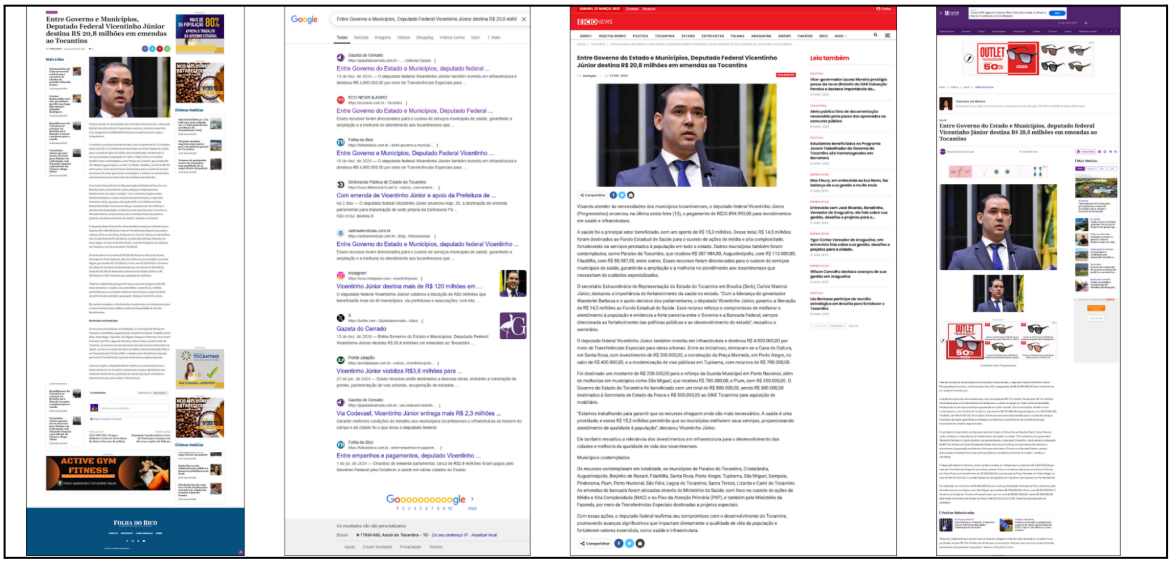
Fonte: Captura de tela, 2024.

As publicações, embora sejam feitas como notícias no site, não têm texto explicando a publicação. Ocorre apenas a publicação do documento na íntegra. Na seção Geral também há publicações de notícias de curiosidades, de troca de antenas digitais e cuidados na Black Friday. Esta última é uma publicação copiada do site Assobiar, de Imperatriz, porém o crédito é dado apenas ao jornalista que produziu o material. Outra publicação de destaque nesta seção foi a do programa de TV Conexão Rural, que é um programa sobre o setor rural do Tocantins, Pará e Maranhão veiculado no YouTube, na Rede TV! de Parauapebas (PA) e na TV Milagro. Na publicação do Folha do Bico, são disponibilizados apenas os quatro blocos do programa publicados no YouTube no dia 28 de dezembro. Não há qualquer informação a mais sobre o programa e outras edições.

Todas as publicações da seção Geral são compostas por texto e foto ou só texto, quando se trata dos documentos. A única publicação que vai além disso é do programa de TV, que não tinha texto, mas os vídeos publicados no YouTube. As notícias publicadas nesta seção são oriundas de releases ou cópias de outros sites e não contam com outros elementos narrativos, como links, gráficos ou animações.

Na seção **Bastidores,** as 46 publicações analisadas são todas da área de política, o que caracteriza a seção como um espaço para publicações dos bastidores da política tocantinense de forma geral. E aqui temos outra característica do Folha do Bico: publicações sem a creditação de autoria do material. Das 46 publicações, apenas uma é um release com assinatura das autoras. Identificamos ainda 15 releases publicados sem a devida autoria e mais cinco publicações copiadas de outros sites. Todas as publicações são postadas como “Por Folha do Bico”, o que indica ser uma publicação de autoria do próprio site. Como encontramos publicações que também apareceram em outros sites creditadas como autoria, então resolvemos pesquisar os textos publicados no buscador do Google (Figura 29) para tentar encontrar a origem da publicação.

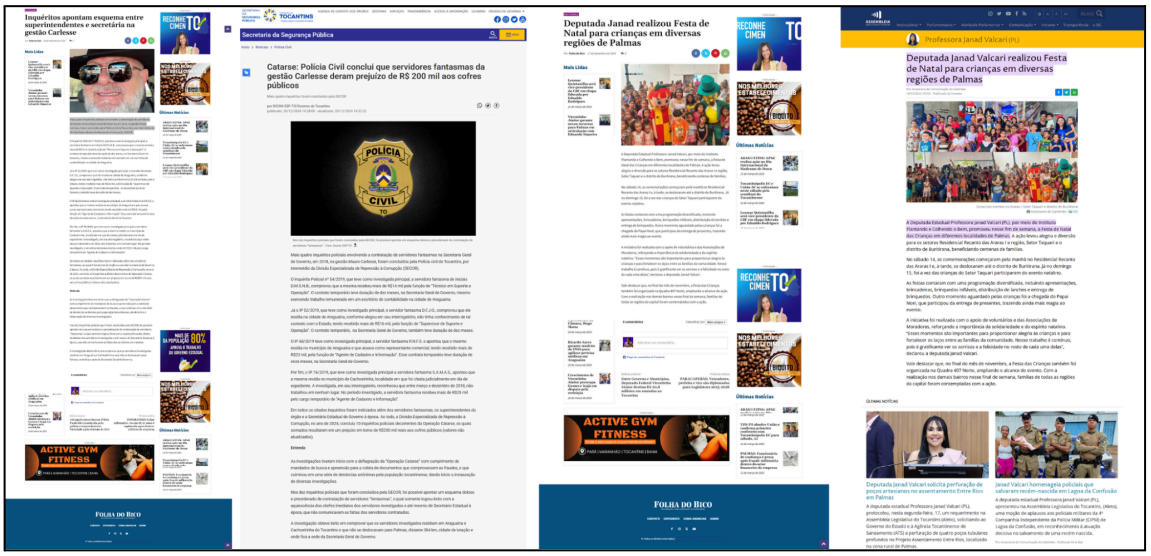
Figura 29 - Exemplo de pesquisa do Google de textos do Folha do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

No caso mostrado na Figura 28, encontramos uma publicação do deputado federal do Tocantins Vicentinho Júnior (PP) no site Folha do Bico e, ao colocar no título no buscador do Google, foi possível encontrar a mesma publicação em outros sites do estado com títulos parecidos e textos iguais. Elementos que sugerem ser um release encaminhado pela assessoria do parlamentar e publicado nos sites. Em outros casos, o texto publicado pelo Folha do Bico sem a devida autoria foi encontrado em sites institucionais (Figura 30), como do governo do estado, de secretarias estaduais, assembleia legislativa ou de parlamentares locais.

Figura 30 - Exemplo de release copiado de sites institucionais



Fonte: Captura de tela, 2024.

Além dos releases, verificamos 26 produções próprias do site, pois não encontramos em outros veículos ou sites institucionais. São predominantemente notícias compostas por textos e fotos. Identificamos apenas duas notícias que continham vídeos (Figura 31) e outras quatro publicações que se caracterizam como notas. Não verificamos nesta seção o uso de outros recursos narrativos como links, gráficos ou infográficos. Assim, como não identificamos textos jornalísticos com características de reportagem. Dados que indicam uma produção focada nos assuntos factuais e informações rápidas, sem aprofundamento ou desdobramentos dos acontecimentos.

Figura 31 - Exemplo de notícia com vídeo



Fonte: Captura de tela, 2024.

Por fim, destacamos que a seção Bastidores trata mais de assuntos de abrangência estadual, foram 29 ao todo, principalmente sobre ações governamentais e atuação dos parlamentares na capital Palmas, bem como as ações políticas da capital do estado. Do Bico do Papagaio, identificamos apenas três publicações sobre o prefeito de Axixá, o deputado Jair Farias (Sítio Novo) e o deputado Amélio Cayres (Augustinópolis). Além de uma publicação microrregional, destacando a votação dos deputados Fabion Gomes, Jair Farias e Wiston Gomes para a reeleição de Amélio Cayres para a presidência da assembleia.

A seção **Amazônia** reúne publicações (Figura 32) de abrangência estadual, além de notícias dos estados vizinhos do Maranhão e Pará, com predominância do último no período analisado. Foram 21 publicações em novembro e 38 em dezembro, com destaque para os municípios de Imperatriz (MA) e as cidades paraenses de Parauapebas, Brejo Grande, Marabá e Belém, além de outros seis municípios do estado vizinho. As publicações sobre o Tocantins, 28 ao todo, são sobre as cidades de Araguaína e Palmas, além de 19 publicações de abrangência estadual, que não focam em uma cidade em particular.

Figura 32 - Exemplos de publicações na seção Amazônia



Fonte: Captura de tela, 2024.

Sobre as temáticas abordadas nesta seção, as informações das áreas política, policial e econômica ganharam relevância. São publicações caracterizadas apenas como notícias (56 publicações) e notas (3 publicações). Não houve a publicação de entrevistas ou reportagens no período analisado. Assim como também não foram observadas publicações que exploram recursos multimídia. Apenas cinco publicações tinham mais de uma fotografia e uma publicação tinha links para acesso a outros conteúdos. Dados que remetem aos primórdios do uso da internet pelo jornalismo, quando as publicações eram compostas apenas por texto e uma imagem.

Da mesma forma que observamos na seção anterior, algumas publicações tinham as características de releases, por isso também fizemos buscas no Google para verificar a publicação dessas notícias em sites institucionais. Desta forma, verificamos que das 59 publicações da seção, 40 publicações eram oriundas de informações de assessorias, principalmente do Governo do Tocantins, Secretaria de Segurança Pública do Tocantins, Prefeitura de Imperatriz, Polícias Civil do Pará, Tocantins e Maranhão e Governo do Pará. Desse total de publicações oriundas de assessorias, apenas cinco estavam assinadas com o nome dos jornalistas ou assessorias responsáveis. Os demais foram postados no site apenas com a assinatura “Por Folha do Bico”.

A seção Amazônia se caracteriza mais como uma tentativa de ocupar um espaço de informações sobre a região circunvizinha, porém sem a produção autoral de conteúdo, apenas com a replicação de releases de assessorias ou informações compiladas de outros veículos, sem a exploração de conteúdos mais aprofundados, bem como a exploração de possibilidades narrativas oferecidas pela web. É notória a circulação de pessoas entre os três estados: Tocantins, Pará e Maranhão, e o Folha do Bico busca trazer algumas notícias dessas localidades de forma mais geral, mas não é o foco do veículo, prova disso foi o número razoável de publicações no período analisado. É uma estratégia semelhante ao Voz do Bico, que também publica este tipo de conteúdo, mas sem grandes destaques no site.

Assim como ocorreu no caso do Voz do Bico, a sessão **Bico do Papagaio** no site Folha do Bico foi a que teve maior número de publicações no período analisado, foram 210 ao todo, sendo 79 em novembro e 131 em dezembro. Esses dados corroboram os achados de Silva e Rocha (2017), que demonstram a vocação do

Folha do Bico para o jornalismo local e hiperlocal no Bico do Papagaio. Essa vocação é destacada por uma característica do site: trazer sempre o nome do município da notícia em caixa alta antes do título da publicação. Isso já demonstra o destaque ao local da informação, que ocorre apenas nas publicações locais.

A partir desta característica do site, ficou fácil estabelecer a abrangência do material publicado nos meses analisados. E aqui vem outro destaque do Folha do Bico, foi o site que publicou mais informações sobre diferentes municípios biquenses (Quadro 11). Das 25 cidades que compõem a microrregião, apenas os municípios de Riachinho, Nazaré e Maurilândia não tiveram informações locais publicadas no período analisado. Vale destacar que Maurilândia e Nazaré não aparecem com notícias específicas, mas são citados em duas publicações que tratam da diplomação dos eleitos no pleito eleitoral de 2024 nas zonas eleitorais da microrregião e que citam os dois municípios. Apenas o município de Riachinho não teve menção no site durante a análise. Além disso, houve seis publicações de notícias com abrangência estadual e 27 publicações de caráter microrregional, que tratam o Bico do Papagaio como um todo.

Quadro 11 - Municípios com notícias locais publicadas em 2024

Cidades	Total em novembro - 79	Total em dezembro - 131
Araguatins	32	26
Augustinópolis	8	8
Tocantinópolis	8	7
Sítio Novo	-	4
Luzinópolis	1	1
Ananás	2	7
Praia Norte	-	1
Esperantina	1	1
Darcinópolis	1	1
Carrasco Bonito	1	-

Santa Terezinha	-	2
Angico	-	1
São Miguel	-	4
São Sebastião	1	5
Axixá	2	7
Buriti	-	1
Palmeiras	-	1
Sampaio	-	1
Aguiarnópolis	-	18
São Bento	2	6
Cachoeirinha	6	8
Itaguatins	1	-
Xambioá	4	5
Microrregional	10	17
Estado	3	3

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Também destacamos aqui que o município de Aguiarnópolis aparece com 18 publicações em dezembro devido a queda da ponte sobre o Rio Tocantins que interligava o município à cidade de Estreito no Maranhão. A tragédia ganhou destaque no site com diversas publicações sobre o assunto. Assim também como ocorreu no caso do site Voz do Bico, as cidades de Araguatins, sede do Folha do Bico, Augustinópolis e Tocantinópolis foram as que mais tiveram publicações no período analisado. São os maiores municípios e que concentram os principais serviços públicos da microrregião, como demonstrado no Capítulo 3.

Do total de 210 publicações, nove foram excluídas pois são sobre o município de Xambioá, que o site usa uma prática antiga que considera o município como pertencente ao Bico do Papagaio. Na divisão que adotamos nesta pesquisa, este município não está incluído na microrregião, por isso não analisamos as publicações

sobre ele feitas no site. Assim, ao todo, foram 201 publicações (Figura 33) analisadas da seção Bico do Papagaio, sendo 75 em novembro e 126 em dezembro.

Figura 33 - Exemplo de publicações na seção Bico do Papagaio



Fonte: Captura de tela, 2024.

Das publicações em novembro, foram 33 oriundas de releases ou texto de assessoria publicado na íntegra, e 42 que identificamos como produção própria por ter encontrado vestígios dessas publicações em sites institucionais ou outros sites jornalísticos. No mês de dezembro, foram 36 releases, 90 produções identificadas como produção da redação do Folha do Bico. Aqui vale destacar que o site tem uma política de editar boa parte dos releases recebidos antes da publicação, mas em momento algum informa que este conteúdo é oriundo de assessoria. Das 69 publicações que partiram de releases, identificamos apenas seis publicações com assinatura dos autores e autoras dos textos.

Com relação às assessorias que tiveram seus textos publicados nos meses analisados, destacam-se as assessorias do Governo do Tocantins, da Secretaria de Segurança Pública Estadual, do Naturatins, da Unitins, da Assembleia Legislativa e dos parlamentares de forma individual, com predominância dos deputados Amélio Cayres (Augustinópolis) e Wiston Gomes (Araguatins). O jornalista responsável pelo site não trabalha com estes parlamentares atualmente. Ele atuou como assessor da deputada estadual Luana Ribeiro, mas foi exonerado em 2023.

De forma geral, agrupamos os dados das análises das notícias publicadas na seção Bico do Papagaio no quadro 12, que demonstram uma publicação diária com informações sobre a microrregião, com produções próprias e publicações de releases, assim como a preferência por publicações de notícias e notas.

Quadro 12 - Resumo das publicações na seção Bico do Papagaio

Narrativas		
	Novembro	Dezembro
Texto + Foto	71	116
Texto + Fotos	2	9
Texto + Vídeos	1	1
Autoria		
Redação	42	93
Release não assinado	31	29
Release assinado	2	4
Gênero Textual		
Nota	5	10
Notícia	70	113
Reportagem	-	3

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Sobre os gêneros jornalísticos das publicações, é possível enquadrar 183 textos como notícias, pois trazem apenas relatos factuais e curtos de determinados acontecimentos. Os três textos que categorizamos como reportagem são, na verdade, uma espécie de notícia ampliada, isto é, expandem o relato factual da notícia com mais fontes ou detalhes, porém não se aprofundam no assunto a ponto de se caracterizar como reportagem definida nos manuais jornalísticos.

Verificamos ainda a pouca exploração das possibilidades narrativas da web nas publicações da seção Bico do Papagaio, com a publicação predominante de produções compostas apenas por texto e foto. O que demonstra o desinteresse do veículo por narrativas multimidiáticas e que aprofundem os assuntos abordados,

além de proporcionar uma experiência mais rica ao usuário. Um exemplo desse processo que poderia ser ampliado é o caso do acidente com cavalo em Araguatins (Figura 34). O site publicou uma nota sobre o caso e complementou com um vídeo que possibilita ao internauta compreender melhor como foi a operação de resgate do animal. Não fica explícito na publicação se o vídeo foi produzido pelo jornal ou enviado por algum morador local.

Figura 34 - Notícia com vídeo e fotos publicada pelo Folha do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

Por fim, com relação aos assuntos mais abordados no período analisado na editoria Bico do Papagaio, foram: Política (55 publicações), Polícia (28), Esporte e Educação (19 publicações cada). Nessa categoria esporte, precisamos fazer dois apontamentos importantes que ficaram nítidos durante a análise. Primeiro, a preocupação do site em publicar informações sobre o esporte local, mesmo que focado nos times profissionais da microrregião: Tocantinópolis Esporte Clube, Arsenal e Bela Vista. Os dois primeiros são da cidade de Tocantinópolis e o último é de Cachoeirinha, mas costuma jogar na cidade vizinha de Luzinópolis, pois a cidade sede não tem um estádio adequado. Das 14 publicações sobre o município de Cachoeirinha, 13 foram sobre o time da cidade que naquele momento de 2024 disputava a série B do campeonato estadual e se sagrou campeão. As publicações de Tocantinópolis também destacaram muito a atuação do TEC, caso que aconteceu raramente na análise do Tocnotícias.

O segundo ponto é que um dos responsáveis pelo Folha do Bico, o jornalista Tasso Antonio, trabalha na Assembleia Legislativa do Tocantins, ou seja, tem muitas informações da política tocantinense, em especial, do Bico do Papagaio. Esse é um dos motivos do site ter publicado o número de notícias sobre essa temática. Além disso, este é um assunto que movimenta muito a microrregião e foi citado pelos entrevistados durante o nosso *survey.* Dado que demonstra também que o veículo está atento aos interesses do público local.

Além disso, o Bico do Papagaio contava, até 2024, com quatro deputados estaduais, inclusive o presidente da assembleia, deputado Amélio Cayres (REP), que é de Augustinópolis e cuja família comandava três municípios da microrregião. Esse cenário mudou em 2025, pois o deputado Fabion Gomes (PL) deixou o sétimo mandato de deputado estadual para assumir o terceiro mandato de prefeito na cidade de Tocantinópolis, onde sua família se alterna no poder há quase 50 anos. Já Amélio Cayres está no quinto mandato de deputado estadual depois de ter sido prefeito de Esperantina por dois mandatos. Em 2025, a cunhada dele assumiu o segundo mandato de prefeita na cidade de Buriti e o irmão assumiu pela sexta vez o comando de Augustinópolis. Em Sampaio, o irmão de Amélio deixou a prefeitura depois de dois mandatos, mas elegeu seu apadrinhado.

O Bico do Papagaio conta ainda com Wiston Gomes (PSD/Araguatins), que está no primeiro mandato, e Jair Farias (União/Sítio Novo), que está no segundo

mandato, depois de ser prefeito de Sítio Novo duas vezes, elegeu o sobrinho prefeito também duas vezes e, na última eleição, conseguiu colocar a irmã para comandar a cidade. Por esses elementos, a temática política é pulsante no Bico do Papagaio e acaba ganhando destaque nos veículos locais.

6.2.2 A atuação nas redes sociais

O site Folha do Bico conta com perfil ou página nas redes sociais Facebook, Instagram, X e YouTube, porém percebemos a pouca utilização e interação na rede social X. Por conta disso, acompanhamos por dois meses a atuação do veículo apenas nas outras três redes sociais (Apêndice L), que assim como nos demais veículos, no geral, são usadas para propagar as notícias postadas nos sites. Porém, o Folha do Bico se destaca por essa propagação apenas via stories. O feed de suas redes foi pouco utilizado para este fim, sendo publicados apenas vídeos de alguns assuntos abordados no site, que é outra estratégia de movimentação das redes sociais. Também não foi identificada neste período atuação do veículo com a divulgação de publicidades nas redes sociais.

No Facebook, o Folha do Bico conta com 35 mil curtidas e 37 mil seguidores[34], porém não foram feitas publicações no feed da página no período analisado. A última publicação datava do dia 2 de agosto de 2024. Já nos stories, 186 postagens no período analisado. São as mesmas feitas no Instagram, o que sugere que são apenas postagens replicadas nas redes. Os posts seguem um layout padrão (Figura 35), com o título da notícia, a foto publicada no site e o link que direciona o usuário direto para a notícia no site.

[34] Dados coletados no dia 10 mar. 2025.

Figura 35 - Exemplo dos stories do Facebook publicados pelo Folha do Bico



Fonte: Captura de tela, 2024.

Não há qualquer outro tipo de texto para incentivar o leitor a clicar no link ou informações preliminares do assunto abordado. Todas as postagens no período analisado seguem esse mesmo padrão. Durante o período analisado, identificamos publicações das seções Bastidores, Amazônia e Bico do Papagaio. Não verificamos publicações da seção Geral. A estratégia de priorizar a divulgação das notícias locais nos stories amplia o alcance do conteúdo e também torna a página um hub de informações sobre o Bico do Papagaio. A principal fragilidade do Folha do Bico no Facebook foi a não publicação de post no feed, o que pode diminuir o alcance da página e as interações e engajamento dos seguidores.

No Instagram, a atuação do Folha do Bico segue quase a mesma lógica do Facebook, com pouca atualização do feed e publicação diária de stories. Nos dois meses analisados, foram apenas cinco posts no feed e 186 stories publicados. Conforme o responsável pelo site, essa é uma estratégia adotada por ele que não quer ficar refém das redes sociais, mesmo reconhecendo que o público está mais presente nas redes sociais e utilizando essas plataformas para se informar e conseguir conteúdos das autoridades locais para publicação no site.

> Essa questão da atualização das redes sociais também quem faz sou eu. Também quem faz sou eu. E assim, você observou que lá também não é um local assim onde a gente tem focado muito, né? Focado muito. Por que que eu não tenho interesse e não vou fazer? Da audiência? Da! De fato as pessoas que estão nas redes sociais, isso é inegável, entendeu? Mas eu

> sinto assim, eu não quero ficar refém de rede social. Entendeu? Eu não quero adestrar o meu leitor, a minha audiência condicional-la a qualquer rede social. A qualquer que eu falo assim, não no sentido pejorativo, mas na amplitude delas, ou seja Twitter, ou seja Instagram, ou seja Facebook e tal, porque eu entendo que aquela rede social, ela tem um dono. Quando você fortalece, você tem… Como eu te falei, a minha prioridade é a minha marca. Qual é a minha marca? A minha marca é a Folha do Bico. Isso é meu. Ninguém me toma. Ninguém vai me tomar isso daí, entendeu? É eu que elaborei, eu que trabalho por ela, eu que faço tudo. A partir do momento que todo o material que eu tenho, todo o material que eu produzo, eu me condiciono a transferir aquilo pra uma empresa de outro cidadão que tá lá nos Estados Unidos, que é o dono daquilo, que é o cara que tá ganhando dinheiro em cima daquilo e tal. Pra mim não é o meu o meu felling, entendeu? Então, eu acabo publicando algumas coisas lá, sim, para não perder o perder assim, vou dizer assim o foco, porque de fato hoje as pessoas estão muito nas redes sociais sim e você não pode estar ausente, né? Ausente total, total daquilo. Então, mas definitivamente não é o foco, não são as redes sociais (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Ou seja, mesmo reconhecendo a importância das redes sociais digitais, o Folha do Bico não prioriza a divulgação nessas plataformas. Prova disso, é que apenas cinco posts foram feitos no feed do Instagram. Dessas cinco publicações, a primeira é do dia 3 de novembro, que é o vídeo do time sub-20 do Tocantinópolis levantando o troféu de campeão estadual da categoria. É um vídeo curto da comemoração, acompanhado de todo o texto da notícia publicado no site.

O segundo post é de uma notícia sobre a pesquisa que indica que 69,5% das usuárias de uma plataforma consideram os homens mais jovens descompromissados, o que tem levado muitas a buscar relacionamentos com homens mais maduros e financeiramente estáveis. A terceira publicação é um vídeo da mina de exploração de minério em Canaã do Carajás (PA). Não há notícia no site sobre a mina e o pequeno texto que acompanha a postagem informa apenas sobre a localização do projeto e diz ser o maior da história da empresa Vale.

Os dois últimos posts tratam de política. Um é do momento inusitado de despedida do deputado Fabion Gomes da Assembleia Legislativa do Tocantins (Figura 36) para assumir o cargo de prefeito de Tocantinópolis. O deputado celebrou seus últimos dias na Casa de Leis com música e levou instrumentistas para animar os departamentos e o plenário da instituição. O vídeo curto é acompanhado de todo o texto da notícia sobre o assunto publicado no site. A segunda postagem é sobre o comportamento da então prefeita de Palmas, Cinthia Ribeiro, com a deputada estadual Janad Valcari, que perdeu a eleição para prefeita na capital. A prefeita se recusou a cumprimentar publicamente a deputada estadual durante um evento.

Figura 36 - Post sobre a despedida do deputado Fabion Gomes



Fonte: Captura de tela, 2024.

O post da despedida do deputado foi o mais engajado no período analisado com 174 curtidas e 15 comentários até a data da coleta dos dados (01 de dezembro de 2024), mais uma vez demonstrando o interesse da comunidade local pelos assuntos ligados à política. Sobre o Instagram do Folha do Bico, destacamos como pontos negativos a pouca publicação no feed e a falta de um texto personalizado para a rede social. Nas postagens do período analisado, os textos das publicações são os mesmos publicados no site. Não há, por exemplo, a utilização de *hashtags* que facilite a busca pelo conteúdo na rede social, e é uma prática comum no Instagram. Ou seja, o veículo não utiliza as técnicas de *Search Engine Optimization* (SEO), que são estratégias de otimizar conteúdo para motores de busca com o objetivo de aumentar a visibilidade, o alcance e a descoberta do perfil e do posts dentro das próprias plataformas.

Os posts também não contam com a logo do veículo para reforçar a identidade visual. Não há também na legenda um *call to action* convidando o usuário a visitar o site. Assim como ocorre no Voz do Bico, o baixo número de postagens no feed contrasta com a alta produção de stories, foram 186 nos dois meses analisados. O que indica a preferência do site pela publicação dos conteúdos efêmeros e menos estruturados na rede social. O padrão das publicações (Figura 37) segue o mesmo do Facebook: título da notícia em destaque, com uma imagem e o link para acesso a postagem.

Figura 37 - Exemplo das postagens mais frequentes nos stories

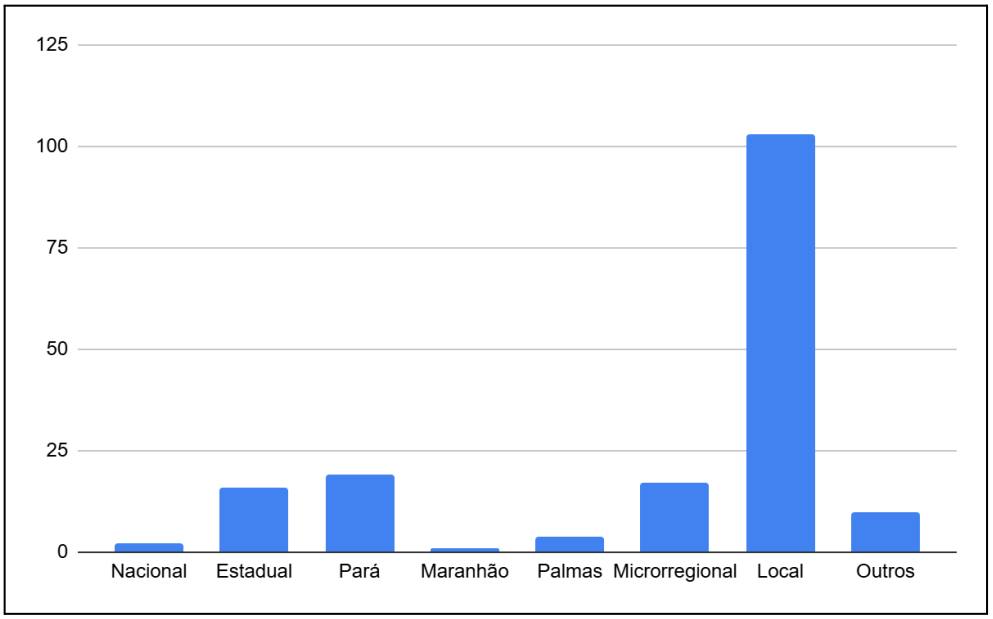


Fonte: Captura de tela, 2024.

De forma geral, os stories do Folha do Bico apresentam um layout vertical, típico de dispositivos móveis e da plataforma da rede social. Aqui os posts contam com a logo do veículo na parte superior para reforçar a identidade visual. Os títulos sempre vêm em fontes grandes, que ajudam na leitura, e é usada a ferramenta automática da rede que possibilita apenas o deslize na tela do celular para acessar diretamente a notícia no site. Além disso, há um *call to action* "ver mais", que convida o usuário a deslizar o dedo na tela do celular e acessar a notícia completa.

As postagens nos stories do Instagram são de notícias sobre assuntos locais, microrregional e estadual. Diferente do Voz do Bico, que publica apenas os prints das notícias no site, o Folha do Bico apresenta um layout mais profissional, porém não a marcação de outros perfis nas postagens, o que poderia favorecer uma maior circulação do conteúdo, que pode ser repostado pelas fontes ou perfis marcados. Os stories são recursos utilizados apenas para divulgação das notícias, com predominância de assuntos locais (Gráfico 20) e não foi verificada a utilização para publicação de publicidades, como constatamos nos outros dois sites analisados.

Gráfico 20 - Abrangência das notícias publicadas nos stories



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Assim, percebemos que o Folha do Bico utiliza com frequência o Instagram para propagar conteúdos. Mesmo com a pouca publicação no feed, o veículo opta pela publicação de *reels*, formato de vídeo curto e altamente popular na plataforma, que favorece o alcance e as interações com os públicos mais jovens. Outros recursos de interatividade, como as enquetes, não foram explorados no período analisado. Também foi verificada a preferência por assuntos locais nas publicações nas redes sociais, principalmente nos stories. Das 172 publicações neste formato, 103 foram para divulgar notícias locais.

Para otimizar a presença e atividade nas redes sociais, o veículo precisa expandir a produção de conteúdo original e adaptado para cada plataforma, com uma frequência maior de publicação no feed para evitar desatualização. Isso é importante, porque também ajuda no engajamento e possibilita o acompanhamento da repercussão das produções, pois o Instagram mostra o número de vezes que o conteúdo foi curtido, comentado e compartilhado, que pode servir de parâmetros para avaliações do veículo.

Por fim, acompanhamos também a atuação do Folha do Bico no YouTube. Esta plataforma é utilizada pelo veículo como repositório para postagens dos vídeos que são incorporados nas matérias (Figura 38). No período analisado, foram cinco vídeos publicados, sendo dois em novembro e três em dezembro. Não houve

publicações de shots ou realização de transmissões ao vivo. Essas ausências indicam uma lacuna na exploração de formatos interativos e em tempo real, que poderiam fortalecer a conexão com o público e promover um maior engajamento.

Figura 38 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Folha do Bico



Fonte: Captura de tela 2024.

Na análise da atuação do Folha do Bico no YouTube, foi possível verificar que o site, atualmente, não apresenta vídeos profissionais no seu canal. As publicações são de vídeos gravados de qualquer forma e em qualquer resolução. Não são produções do veículo, mas a utilização de vídeos sem a devida qualidade indica uma certa atuação amadora neste sentido. Não há caracteres de identificação do/a entrevistado/a, tarja com a logo do veículo e vinhetas de abertura e encerramento. São apenas publicações soltas no canal e a única identificação é o título do vídeo, que repete o título da notícia postada no site. Por não conter conteúdos específicos para a plataforma e a integração com as demais redes sociais, não analisamos detalhadamente os vídeos.

O site Folha do Bico tem uma atuação frequente nas redes sociais, mas ainda de forma tímida, com poucas publicações no feed e uma maior atuação nos stories. Embora seja uma atuação diária, ainda faltam investimentos em recursos de interação nessas plataformas e a utilização desses espaços para publicidade e monetização, que são formas de conseguir verbas para a sustentabilidade do veículo. Além disso, falta uma integração entre as diferentes plataformas, para

expandir os conteúdos produzidos para os sites e ampliar o alcance das produções, bem como proporcionar uma melhor experiência para os usuários. Além disso, precisa explorar formatos de conteúdo mais dinâmicos, como publicações em carrossel e vídeos nos stories. A publicação de card padronizados com as informações do site também se apresenta como uma estratégia possível de exploração.

6.2.3 As rotinas produtivas e a sustentabilidade do veículo

Para entender melhor a dinâmica operacional do site Folha do Bico, entrevistamos o proprietário e jornalista responsável, Tasso Antonio. Com ele, discutimos a estrutura da equipe, as rotinas produtivas, o uso de tecnologias digitais, as estratégias de seleção de conteúdo, a relação com o público e o modelo de sustentabilidade do veículo.

Com relação à estrutura da equipe, o site opera com uma estrutura enxuta, apenas o jornalista atualiza o site e as redes sociais do veículo. Ele conta com a colaboração de dois funcionários não jornalistas que atuam na apuração das pautas no Bico do Papagaio, a partir das pautas repassadas pelo jornalista. Eles atuam apenas no período matutino e, segundo Tasso Antonio, suprem a necessidade de atualização do site sem ele estar presencialmente no Bico do Papagaio. Ele atua diretamente de Palmas, onde vive atualmente, e visita a microrregião pelo menos uma semana por mês.

> Agora, especificamente em redação, eu tenho eu que sou jornalista, eu tenho uma outra jornalista que trabalha comigo, ela também é formada, só que ela faz o trabalho pra minha empresa, só que não diretamente no jornal Folha do Bico. Eu tenho outro site, entendeu? E aí eu contrato ela pra fazer, ela é contratada [...] e paga pela Folha do Bico, só que eu desloquei ela para comandar esse outro projeto em questão. E aqui na Folha do Bico fica eu e mais dois colaboradores. Esses dois que eu que eu chamo eles de repórter, eles não têm formação, entendeu? [...] Então, assim eu faço a pauta, eu faço o planejamento e peço pra eles: “ó, vai tirar foto de tal coisa, vai entrevistar fulano de tal, vai atrás dessa informação”. Porque como eu não fico lá, como eu fico daqui [Palmas], então eu faço, planejo e peço para eles irem atrás dessas questões, entendeu? De alguma entrevista, de foto ou de informação que seja necessário ir em locu. Eles ficam em Araguatins, exatamente. Eles são contratados pelo Folha do Bico (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Como fica claro na fala do responsável, ele centraliza as funções editoriais e de gestão, atuando como jornalista principal, planejador de pautas e redator final dos textos. Além disso, a estrutura funcional da empresa conta com profissionais que atuam de alguma forma para o bom funcionamento da empresa e do site, são eles: advogado, contador e programador. Todos, segundo Tasso Antonio, são pagos a partir das receitas do Folha do Bico. O contador gerencia o fluxo financeiro, o programador atua no gerenciamento e funcionamento do site, e o advogado lida com processos judiciais decorrentes da atividade jornalística. Conforme o responsável pelo site, o veículo lida com processos anualmente. “Eu recebo aí pelo menos três, quatro, cinco processos por ano. Entendeu? Então eu preciso ter um advogado para acompanhar toda essa todas essas situações” (Tasso Antonio, 2025, informação verbal).

Em se tratando das rotinas produtivas para atualização do site, ela é intensa e flexível, sem horários fixos de atualização, refletindo a natureza do jornalismo digital e a dedicação do proprietário, que relatou trabalhar mais de 14 horas diárias. Além de coordenar remotamente os colaboradores em Araguatins, ele atualiza as redes sociais do veículo, monitora as redes sociais de autoridades estaduais e municipais e faz postagens no site, além de realizar entrevistas presenciais, quando necessárias, em Palmas.

> Eu pra te dizer a verdade, o que que acontece, eu trabalho mais de 14 horas por dia. Eu trabalho mais de 14 horas por dia. Eu! Entendeu? Porque nenhum conteúdo vai pro ar sem que eu veja antes ou que eu ajuste antes. Entendeu? Então assim, e faço porque pra mim, o que eu acho bom de trabalhar 14, 15 horas por dia, eu não tô fazendo por como se fosse uma obrigação, entendeu? Eu na verdade, eu me divirto fazendo jornalismo. Eu consigo aliar, porque pra mim é um prazer fazer, entendeu? Então, eu passo mais de 14 horas trabalhando. Aqui, por exemplo, aqui é onde eu fico, aqui é na minha casa e aqui é o meu escritório, eu trabalho daqui. Eu tenho um escritório lá em Araguatins, do jornal, né, que tem a sede do jornal, fica ali do lado dos Correios e tal. Mas eu trabalho daqui. [...] Então aqui, eu trabalho daqui, eu passo o dia inteiro aqui, aí eu vou monitorando. Porque com essa questão também do crescimento do jornal, um problema que, assim um problema, entre aspas, mas que é uma obrigação nossa. Ter que checar mais a informação e ajustar mais os textos, por exemplo, para evitar qualquer tipo de erro. Porque tudo que a gente faz, primeiro tem a cobrança do leitor que tá ali, ele na hora que ele identifica, ele já cobra, entendeu? E também de quem você tá falando, também ele logo cobra. Se você publica um material que ele pode até não gostar do que você publicou, mas se tem algo errado naquela informação, fica ruim pra você, né? Porque o cara vem cobrar aquilo que tá errado e quando você depois vai checar melhor e aquilo de fato tá errado, pra gente é meio frustrante, né, como jornalista. É muito frustante. Às vezes você publicou um trem lá que o cara não gostou, mas se

> tá correto, aí problema. Entendeu? A gente não tem nada a ver com isso. O cara pode xingar, pode falar o que quiser e tal. Mas quando ele interpela por uma informação errada, pra gente é muito frustrante essa situação. Então, acaba que você checar um pouco mais a informação, demanda mais tempo (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Ainda nesse quesito de produção de conteúdo do site, conforme o jornalista responsável, o foco atualmente tem sido em materiais políticos e policiais, pois são os que mais têm audiência no site. Além disso, a partir do comportamento dos leitores do veículo, o conteúdo produzido é basicamente notícia com foto, pois conteúdos mais extensos demandam mais tempo de produção e têm pouco acessos. A equipe reduzida também é outro condicionante dessa realidade no Folha do Bico. Assim, a seleção do conteúdo é fortemente orientada pela demanda da audiência regional, com foco no conteúdo policial e o político a partir da percepção clara de que o público prefere este tipo de informação.

> O que a turma quer ler é fofoca de política e treta policial e texto curto, sabe? Se você prolongar muita coisa, meu irmão... sabe? O cara tem que pegar ali, bater o olho e pronto. Muitos deles tiram conclusões só pela manchete.
> [...]
> Até vídeo, por exemplo, é pra um ou outro, a gente coloca um vídeo e tal, mas se for um vídeo, por exemplo, cara, se você fizer uma entrevista legal com um cara, um trem mais profundo, um negócio mais, galera não assiste não. Entendeu? Agora se você já estampar lá um vídeo de acidente, um vídeo de morte, um vídeo de briga, um vídeo de treta, aí dá views, dá like, aí estoura. Entendeu? Agora se você for fazer um negócio assim de que vai interesse mesmo assim, a galera não não assiste não. E é rápido, é coisa rápido. O cara quer abrir, quer ler, ali a informação enxuta, viu ali a foto, leu a imagem, beleza, e já vai embora. Isso é fato! Fato, fato, fato! É claro assim, vamos fazer um detalhe, eu tô te falando da maioria. Então, eu te digo assim, com plena e absoluta certeza, não são todos, não são todos, mas a ampla maioria quer esse tipo de informação: rápida, ligeira e espetaculosa. É o que a ampla maioria quer (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Essa condicionante da equipe enxuta também leva a republicação de muitos conteúdos de assessorias, principalmente do governo do estado. Apesar do foco do site ser na microrregião do Bico do Papagaio, muitos conteúdos de abrangência estadual são publicados, oriundos principalmente das assessorias de órgãos públicos. Além da condicionante de equipe, tem a questão de quem o site recebe anúncios desses órgãos ou do próprio governo e precisa publicar materiais enviados pela assessoria.

> Você sabe muito bem que nada funciona, nada funciona sem ser financiado. Ninguém mantém um jornal, seja ele do grande centro ou ao do pequeno centro, ninguém mantém uma estrutura só no oba, oba. Ninguém mantém! Você tá entendendo? Então, o que que acontece? A gente tem também, ninguém, as pessoas não vão te falar isso, agora eu falo e não escondo de ninguém. A gente publica sim conteúdo publicitário. A gente publica de político, de empresa e é isso que banca o jornal. O que a gente não faz, é publicar conteúdo pago denegrindo A e B. Eu até abro pro cara denegrir A e B desde que ele fale. Se o cara quiser falar, tá aqui o espaço, agora eu não, o jornal não. Aí, no conteúdo governamental, que você vê que a gente tem, a gente abre sim o conteúdo, vamos dizer assim, que eu tecnicamente ele chama de conteúdo patrocinado. Sim, a gente trabalha com esse conteúdo, sim. Entendeu? E na questão de governo, por exemplo, o que você muda? Você muda? Sim, às vezes muda, às vezes não muda, depende muito de como o texto vem de lá, sabe? O texto dos governos, eles são, até porque são jornalistas que fazem também, são textos profissionais. É claro que ele tem, os textos das assessorias, eles têm um foco, eles têm uma angulação pró cliente, pró chefe, pró que contrata, isso é claro que tem. Mas também não é uma coisa escrachada, uma aberração, entendeu? Ele é feito também dentro de uma norma. Você pode acompanhar qualquer uma dessas assessorias de governo, a gente peca mais, eu vejo muito mais erros nesse ponto nos de prefeitura. Nos de prefeitura, eu tenho que mudar muita coisa. Até porque não são profissionais que fazem, entendeu? Então, os textos são assim deprimentes. Então, eu sempre tenho que fazer, dar uma mudada ali e tal. E às vezes, aí eu vou te abrir um detalhe dentro disso daí, é que às vezes a mudança é pouca. Deveria ter, às vezes, a gente peca também, em não fazer a mudança nesses textos de assessoria de prefeitura como deveriam ser feitas por falta também de tempo, pra poder ajustar o texto de forma mais profissional (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Essa situação de reproduzir textos das assessorias também ocorre com os conteúdos dos estados do Pará e Maranhão. Toda a produção relacionada a esses dois estados são provenientes de material das assessorias e outros veículos locais. Os conteúdos são editados por Tasso Assunção antes de serem publicados. Além disso, carregam uma marca do jornalista com relação ao estado vizinho do Pará, que é a divisão do estado. No caso maranhense, as informações são quase na totalidade referentes ao município de Imperatriz. A justificativa para publicação dos conteúdos dos dois estados é por conta das ligações dessas unidades federativas com o Bico do Papagaio.

> A maioria a gente pega das assessorias. [...]. Você sabe que nossa região ali ela tem uma ligação, o Bico tem uma ligação muito grande com o Sul do Pará e com a região… Na verdade no Pará eles chamam de sudeste do Pará, mas como eu sou defensor da divisão da divisão do estado, eu costumo chamar de Carajás, né? Eu só trato de Carajás. Se você pegar nossos textos lá, tanto do material do Bico do Papagaio, você pode observar lá que sempre eu faço questão de citar, por exemplo: São Sebastião, no Bico do Papagaio. Araguatins, no Bico do Papagaio. Você tá entendendo?

> Porque eu faço isso pra invocar e dar ênfase no regional. E lá no Pará também. [...] Eu, pra todos esses municípios aqui que compõem a possível divisão do estado de Carajás, eu trato como os municípios do Bico do Papagaio. A região do Bico, lá eu cito a região de Carajás, dando ênfase pra Marabá e Parauapebas, que são as duas maiores cidades. [...] Então, às vezes eu faço isso. Às vezes não. Geralmente, um conteúdo por dia, dois, eu dou um outro ponto de vista, mas na maioria das vezes eu republico o material por conta desse fato que que te falei da equipe ser pequena.
> [...]
> No Maranhão, eu dou mais ênfase a Imperatriz, por conta que você também conhece muito bem a influência gigante que Imperatriz tem em Araguatins. Em Araguatins não, no Bico do Papagaio. Mas na ampla maioria do conteúdo também é republicado das assessorias. [...] Eu dou prioridade pro tipo de informação de interesse público. De interesse público (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Para ajudar nesse processo de produção de conteúdos para o site, Tasso Antonio utiliza diversos recursos tecnológicos, porém segundo ele, esse uso é feito de forma pragmática. A plataforma do site é o principal veículo de publicação. Já as redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook, YouTube) são ferramentas tanto para o monitoramento de pautas, especialmente declarações de autoridades e figuras públicas, quanto para o recebimento de informações e denúncias do público. Além disso, o contato com a audiência se dá por múltiplos canais: ligação telefônica, WhatsApp, direct em redes sociais, e-mail e contato direto pessoalmente. Outro destaque nesse quesito é o uso da inteligência artificial generativa para produção de textos, pois agiliza o processo de produção, mas carece de moderação e cuidados na utilização.

> A inteligência artificial ela ajuda demais, demais, só que eu te digo assim, é impossível você fazer um texto de inteligência artificial e não ter a revisão humana. É impossível. Então, ajuda? Ajuda! Agiliza o processo? Demais! Entendeu? Agiliza muito. Só que nenhum texto, eu uso a inteligência artificial, só que nenhum texto ele sai sem ter o ajuste. E a pessoa que faz isso, ela pode publicar exatamente o que a inteligência escreve para você, ela vai implicar em muitos erros, muitos erros de variação de texto, alguma informação que tá fora, entendeu? Mas a gente usa sim (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Com relação às formas de sustentabilidade do site, Tasso Antonio informou que o Folha do Bico se sustenta financeiramente através de um modelo misto de publicidade, similar ao de grandes veículos de comunicação. As principais fontes de receita são anúncios do comércio local/regional e anúncios públicos (governo, prefeituras, entidades como Federação da Agricultura do Estado do Tocantins

(FAET), Sebrae e associações comerciais). O proprietário destaca ainda a distinção entre anúncios em formato de banner e conteúdo patrocinado (“matéria publicitária”). Curiosamente, as empresas locais menores procuram mais a veiculação de matérias pagas do que os banners tradicionais. Ele não soube explicar o motivo de tal comportamento. O site também conta com anúncios de eventos de grande porte que ocorrem nas cidades de Palmas, Araguaína e Imperatriz, como as feiras agropecuárias e as empresariais.

Apesar de se sustentar financeiramente, o site enfrenta desafios na precificação de seus espaços publicitários, resistindo à pressão por valores baixos, especialmente diante da concorrência informal de influenciadores e páginas em redes sociais. Tasso Antonio defende a manutenção de sua tabela de preços (Anexo C), que ele considera justa, e a recusa às propostas que visam nivelar por baixo o valor do trabalho jornalístico.

> Sim, sim, se sustenta. Se sustenta por conta disso, porque a gente tem várias opções, vários clientes, entendeu? Te reforço novamente, a gente não cobra nada, os valores dos anúncios nossos, eles não são nada assim absurdos, não são fora da realidade, porém não é essa chacina que essa galera da rede social quer fazer, pegando serviço de R$ 20, de R$ 30, e passar o mês inteirinho republicano. Até acho que o preço, por exemplo, citando a amiga nossa, eu tô te falando do lado profissional, a Geiza criou um site lá, 400 reais. Tá ótimo pra ela. Não escreve, não tem audiência, tá justo. Dentro da realidade tá justíssimo. Agora eu não vou me sujeitar, entendeu, pra publicar material da prefeitura de Augustinópolis dentro do valor que esse pessoal cobra. Então, o cliente fica pra lá. E te falo isso não só no público, te falo isso no privado. Te dei dois exemplos de empresas que eu dispensei, dispensei assim entre aspas, porque eles queriam baixar e eu disse: “não, dessa forma aí não quero”. Mas é dentro da minha tabela. Como nós vivemos num país livre, eles têm direito de não anunciar, como eu também tenho o direito de estabelecer o meu valor. Então, assim, sendo direto na tua resposta, o site hoje se sustenta sim. Tudo que eu tenho e tudo que eu construí de material foi via o jornal. só pra tu ter noção, eu, quando eu comecei o jornal, eu tinha acabado de encerrar o mandato de vereador e era professor concursado do estado do Tocantins. Acabou meu mandato em 2004, em 2005 eu era só professor do estado de nível superior. E o que eu fiz? Eu pedi demissão, vim pra Palmas pra estudar e toquei o barco do jornal. Eu vivo hoje exclusivamente do jornal. Exclusivamente. É fácil? Não é fácil, e piorou com essa questão de redes sociais. Piorou, entendeu, mas dá pra se manter, se você fizer o trabalho e tal. Não pode ser mole, né, porque se você forma mole, você não consegue. Mas dá sim! (Tasso Antonio, 2025, informação verbal - sic).

Em suma, o Folha do Bico exemplifica um modelo de jornalismo digital hiperlocal que, embora operando com recursos limitados, desenvolve uma rotina produtiva intensa e centralizada, utiliza tecnologias de forma pragmática, mantém

múltiplos canais de interação com o público, adapta suas pautas aos interesses da audiência local e busca a sustentabilidade através de um modelo publicitário misto, enfrentando os desafios do mercado e da concorrência digital.

6.2.4 Segundas ponderações

A partir da descrição das principais características de atuação do site Folha do Bico, com base na avaliação de sua produção jornalística e de sua presença em redes sociais, conseguimos identificar um veículo com um foco geográfico delimitado, concentrando seus esforços na cobertura de eventos e temas relevantes para a região do Bico do Papagaio, além de trazer informações, mesmo que em menor proporção, do estado do Tocantins como um todo e notícias do Pará e Maranhão.

No âmbito da produção jornalística, o site se caracteriza pela veiculação de notícias e notas, com uma ausência notável de formatos mais aprofundados e investigativos, como reportagens e entrevistas. A temática predominante abrange os acontecimentos locais, com ênfase nos assuntos de política, esporte e segurança pública. Essa configuração editorial sugere uma priorização da disseminação rápida de informações factuais, em detrimento da análise contextualizada e da investigação de temas complexos. Além da vocação do veículo para um tema que interessa a população local, que é a política. Isso por conta da atuação profissional do seu responsável na capital Palmas.

A análise da atuação nas redes sociais mostra um padrão de utilização diferenciado para cada plataforma. No Facebook, a ausência de atualização do feed sugere um baixo investimento nessa rede social, possivelmente em função de um menor retorno em termos de engajamento ou de limitações em recursos humanos. No Instagram, por outro lado, observa-se uma maior atividade, com a produção de *reels* e a publicação frequente de stories. Essa preferência pelo Instagram pode ser justificada pelo maior alcance da plataforma entre o público jovem e pela facilidade de criação e disseminação de conteúdos visuais e efêmeros.

A disparidade entre a produção jornalística e a atuação nas redes sociais levanta questões sobre a estratégia de comunicação do site Folha do Bico. A priorização de formatos mais rápidos e superficiais, tanto na produção jornalística

quanto na atuação nas redes sociais, pode comprometer a capacidade do veículo em construir uma reputação de credibilidade e gerar um impacto significativo na formação da opinião pública. O investimento na produção de reportagens e entrevistas, bem como na diversificação das estratégias de engajamento nas redes sociais, buscando equilibrar a disseminação de informações factuais com a oferta de conteúdo analítico e interativo, pode ser uma saída para qualificar a produção jornalística do Folha do Bico.

6.3 NO ALTO DA BOA VISTA, O TOC É DE NOTÍCIAS

Em 2007, em Tocantinópolis, um quarteto de amigos vislumbrou, a partir do alcance da internet e impulsionado pelo surgimento do YouTube, uma oportunidade de dar voz às questões da cidade. Adotando uma abordagem bem-humorada e incorporando personagens folclóricos, o grupo conquistou notoriedade local. O projeto, inicialmente como uma brincadeira, atraiu a atenção dos moradores locais e passou a ter reconhecimento na cidade. Esse foi o embrião do que no futuro viria a ser o principal site de notícias de Tocantinópolis. Por ser o único site dos três analisados que tem uma seção contando sua história, resolvemos trazer essa história de forma completa também neste trabalho.

> Criado na data de 19 de maio de 2007, o Tocnoticias começou como uma brincadeira feita por um grupo de quatro amigos, que tinham ideias revolucionárias sem muita expressão no meio da sociedade, e andando pelas ruas da cidade em um veículo com som de CD, quase não conseguiam ouvir a música tocada, haja vista os buracos existentes nas ruas de Tocantinópolis, e toda vez que o carro passava por um buraco o som cortava automaticamente.
> Com isso, “Roberlan Cokim”, juntamente com seu irmão Raeulan, Weric Marinho, o “Peteca”, e Gilvan Sousa, o “Cobra”, resolveram protestar e, para isso, usaram da internet, na época em que o famoso site YouTube estava em ascensão. No início, os quatro jovens, munidos de uma câmera de imagens com pouca qualidade, inventaram o Tocnotícias, abreviação de “Tocantins Notícias”. Com seus personagens fictícios, Roberlan passou a ser “Wiliam Boné”, Raeulan passou a ser o “Repórter Garça Branca”, Weric era o repórter “Peteca Bulimia”, e Gilvan o “MC Cobreti”.
> O quarteto saía pelas ruas da cidade gravando nos locais mais abandonados pelo poder público, sempre com muito humor, mas cobrando do atual gestor melhorias para o setor filmado.
> Aos poucos, o canal do YouTube começou a ser conhecido na cidade, e, empolgados pelos elogios, onde a turma ficou conhecida como a única oposição ao gestor da época, saíram as edições 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07. A cada edição, os jovens eram mais procurados pela população para visitar

> suas ruas, e às vezes, antes mesmo de publicarem os vídeos, o prefeito ficava sabendo que o grupo estivera lá gravando e consertava primeiro.
> A fama foi crescendo e, junto com ela, vieram alguns processos na justiça impostos pelo gestor e seus filhos, mas nada que intimidasse a turma de amigos, que partiram para o lado musical gravando uma paródia da música Titanic, onde o texto foi modificado com trocadilhos que citavam a cidade e seus problemas.
> A música foi gravada em vários pontos da cidade e divulgada no YouTube em forma de clipe, alcançando um sucesso estrondoso tanto de público local como também de processos na justiça que foram aplicados ao quarteto.
> Como as perseguições vieram juntas, um deles teve que abandonar o quarteto e, para não pararem, atendendo ao clamor da população, Raeulan Barbosa da Silva Pereira criou o blog tocnotícias, com endereço (www.tocnoticias.blogspot.com), passando a postar textos de notícias locais e reclamações do povo. Com o passar do tempo, já em 2008, o blog passou para os cuidados de Roberlan Barbosa da Silva, que continuou com o trabalho de postagens de textos, fotos e vídeos no blog, e no ano de 2011 o blog passou a categoria de site, por causa dos milhares de acessos diários que recebia, ganhando notoriedade após a cobertura da trágica morte da professora Andressa Doná, que havia sido morta estrangulada quando fazia caminhada próximo ao estádio Lauro Assunção na manhã de 02 de março de 2011.
> Aos poucos, o site Tocnotícias foi crescendo em número de visitas e hoje faz parte da cultura dos tocantinopolinos, e também passou a ser referência em notícias na região norte do Tocantins e sul do Maranhão, bem como também de todo o Estado do Tocantins. Ficando cada vez mais moderno, foi inaugurada no mesmo endereço www.tocnoticias.com.br uma rádio on-line, a Web Rádio Toc On-Line, que passou a ter programação oficial com locutores no dia 06 de julho de 2015, e hoje conta com programas com locutores ao vivo de notícias, esportes e evangélicos diariamente.
> O site Tocnotícias está localizado na Avenida Nossa Senhora de Fátima, N° 1595, Tocantinópolis - TO. O editor do site é Roberlan Barbosa da Silva, ou "Roberlan Cokim", como é mais conhecido. A interface do site foi desenvolvida pelo webdesigner Dionei Moreno.
> (Tocnoticias, on-line, 2024[35]).

Por questões políticas e ameaças, os integrantes Weric Marinho e Gilvan Sousa deixaram o grupo. Roberlan e Raeulan continuaram e passaram a cuidar do blog e depois do site. Por questões pessoais, Raeulan também se afastou do projeto e Roberlan toca o site sozinho atualmente. Ele conta com a ajuda de um filho e de um webdesigner que cuida da interface do site. Desta forma, o Tocnotícias é considerado um nativo digital, pois já nasceu na internet, ou seja, não possui uma versão em mídia tradicional.

Destacamos também que, apesar do pioneirismo em Tocantinópolis, o Tocnotícias só começou a produção de notícias on-line quase 10 anos depois do primeiro site de notícias na região, que foi o Voz do Bico, criado por Paulo Palmares (Silva; Rocha, 2023). Com relação à webrádio criada em 2015, o projeto ficou

[35] Disponível em: https://www.tocnoticias.com.br/quem_somos.php. Acesso em: 03 mar. 2025.

apenas três anos no ar e foi descontinuado. Esse projeto veio após uma experiência de Roberlan Barbosa na rádio Sucesso FM, de Tocantinópolis. Ele apresentou o programa A Hora é Agora, com duração de uma hora, por 100 dias. O contrato era de um ano, mas a prefeitura passou a anunciar na rádio e exigir que o programa não mais criticasse a administração municipal, como era feito desde o início do programa.

> Quando eu saí de lá, aí eu não entrei em acordo com ele, eu disse: "Não, pois eu não aceito isso não, vou vou vou encerrar". Não, pois, completa pelo menos os 100 programas, tal. Aí tá bom, aí eu falei dos caras, me expliquei, aí eu falei para os caras, digo, lá no último programa eu falei, eu disse: "ó, todo mundo me conhece como uma pessoa de palavra, um homem de palavra. E eu digo pra vocês, é a última vez, no último programa, é a última vez que vocês escutam minha voz nessa rádio. Eu trabalhando num programa. É a última vez que eu nunca mais trabalho aqui. Posso colocar uma rádio para mim". Inclusive, faz é tempo que eu labuto pra conseguir uma comunitária pra cá e eles sempre atrapalham esses políticos, né? Não tem comunitária aqui, só para ter uma ideia. Eles tem medo, né, disso. Aí eu peguei, quando eu saí de lá, o que que eu fiz? O povo falou: "Ah, Cokin, não para não, tal". Aí eu ainda continuei aqui, ainda fiz vários programas aqui. Essa brancada essa aqui, isso aqui foi preparado pra isso, entendeu? Aí teve uns evangélicos que pediram para fazer, eu deixei. Só que é aquela mesma história, tava me prendendo só na rádio e o site ficando pra trás. Aí eu resolvi, não rapaz, vou largar de mão. Ainda ficou foi tempo ela no ar só música, essas coisas, botava notícia, né? Eu gravava, botava, mas aí depois eu disse: "Quer saber de uma coisa? Não estou vendo vantagem, não influenciava, não ganhava nada com isso, aí parei, larguei de mão. Me parece que foi 2017. Eu fiquei 2015, 2016, 2017, ainda ficou três anos ela. Aí depois eu parei. Porque tinha, na verdade, não ganhava nada e ainda gastava. Você tinha que comprar programas, entendeu?(Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Desde 2007, o site Tocnotícias passou a ser o principal veículo jornalístico de Tocantinópolis, com milhares de acessos e atualização diária. De acordo com o proprietário, outros sites, rádios e TVs já iniciaram suas atividades na cidade, mas ficaram por pouco tempo, principalmente por conta da sustentabilidade financeira. Com o advento das redes sociais digitais e aplicativos de mensagens instantâneas, o Tocnotícias teve queda nos acessos, mas a produção continua (Silva; Rocha, 2023).

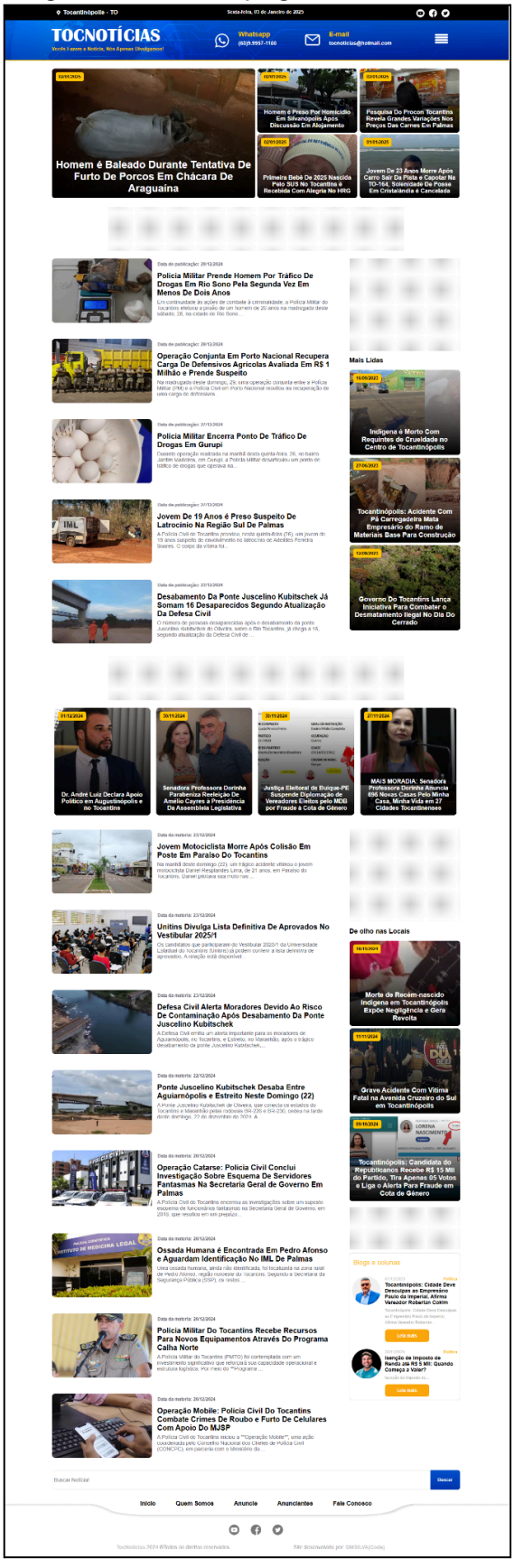
Atualmente, o site Tocnotícias apresenta uma arquitetura digital caracterizada pela simplicidade e funcionalidade, com um layout nas cores azul e amarelo e dividido em sete seções. A estrutura não apresenta elementos gráficos mais elaborados e prioriza o destaque das notícias com o título e foto, o que facilita a

acessibilidade e a navegação para o público local. Para uma região que ainda sofre problemas com a conexão de internet, esse se mostra como um trunfo do site para facilitar o acesso do público local. Vale destacar que a simplicidade do design, contudo, não diminui a importância do veículo como fonte de informação sobre acontecimentos de Tocantinópolis e seu entorno.

A funcionalidade do site também se manifesta na homepage (Figura 39) e na facilidade de busca e acesso às notícias, que aparecem em cinco destaques no início do site e, ao descer na barra de rolagem, tem acesso às últimas 17 notícias publicadas. No lado esquerdo, o usuário também pode verificar as três notícias mais lidas do site, as três últimas notícias locais e os últimos posts dos blogs do Roberlan e do Raeulan. Este primeiro blog estava desatualizado no momento da coleta de dados em 2024 e segue assim em 2025[36]. O último post data do dia 07 de julho de 2023. Já o blog do Raeulan[37] tem uma atualização esporádica. Nos dois meses analisados em 2024, houve apenas um post em novembro. Em 2025, até março, já houve três atualizações.

[36]Disponível em: https://www.tocnoticias.com.br/blogs/blog_roberlan/leitura_post.php?idpost=13. Acesso em: 19 mar. 2025.
[37] Disponível em:https://www.tocnoticias.com.br/blogs/blog_raeulan/index.php?pagina=1. Acesso em: 19 mar. 2025.

Figura 39 - Homepage do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Ainda na parte superior do site, há os ícones das redes sociais (YouTube, Facebook e Twitter), que o internauta pode clicar e seguir para os perfis do site nas redes sociais. Há ainda o número de WhatsApp e o e-mail do veículo. No menu no canto esquerdo, ao clicar, são apresentadas as seções do site no lado direito: **início,** que volta para a página inicial do site; **destaques,** que são apresentadas as notícias cadastradas como destaque no site; **notícias,** direciona para as notícias gerais postadas; **política,** elenca apenas as notícias sobre o cenário político local e estadual; **locais,** apresenta as notícias sobre Tocantinópolis e cidades vizinhas; **vídeos,** apresenta os vídeos postados no canal do YouTube do veículo; **e todas**, que apresenta todas as notícias postadas no site em todas as outras seções e também as notícias cadastradas sem especificar seções.

Por fim, o rodapé do site Tocnotícias apresenta os ícones de cinco seções: **Início,** que leva o internauta para a página inicial do site; **Quem somos,** que apresenta a história do veículo; **Anuncie,** que leva o internauta direto para o WhatsApp do site; **Anunciantes,** seção que apresenta os anunciantes do site, porém não estava atualizada no período analisado; **e Fale conosco,** que ao clicar abre o espaço para enviar mensagem à redação do site, bem como aparecem os contatos, endereço e geolocalização da sede do veículo. O site finaliza com os ícones das redes sociais novamente.

De maneira geral, a página inicial do Tocnotícias apresenta a variedade de notícias recentes postadas no site com suas respectivas datas de publicação. As notícias que não estão no destaque apresentam título, foto e o início do texto da notícia. Há também espaços para publicidades na homepage, porém não estavam preenchidos no período analisado. O design do site é simples e sem poluição visual.

A diagramação segue uma estrutura de colunas e linhas, o que proporciona organização, facilita a leitura e apresenta a informação de forma clara e acessível. Ao abrir a notícia, a hierarquia visual é clara, com o título em destaque, seguido pela imagem principal e pelo corpo da notícia. O design é limpo e organizado e a diagramação facilita a leitura. De forma geral, o site proporciona uma boa experiência ao usuário. Em março de 2025, quando realizamos entrevista com o responsável pelo Tocnotícias, o site estava em processo de reformulação para entrar no ar no fim do mês ou no início de abril.

6.3.1 A produção jornalística

Conforme Silva e Rocha (2023), a produção noticiosa do Tocnotícias é voltada para a realidade local de Tocantinópolis, cidade referência para, pelo menos, cinco municípios menores que vivem ao seu entorno (Nazaré, Santa Terezinha, Aguiarnópolis, Palmeiras e Maurilândia). Os acontecimentos destes municípios são noticiados pelo site e, quando há algo de maior proporção, Roberlan Barbosa vai até o município para produzir conteúdo sobre o assunto. Além disso, às vezes ele é contratado pelas prefeituras locais para produzir conteúdos institucionais e que também podem ser publicados no site.

Durante dois meses de análise, foi possível constatar a atualização frequente do site Tocnotícias, porém não há publicações diárias. Em novembro, foram oito dias alternados sem publicação. Já em dezembro, foram 13 dias sem atualização do site. Assim como o Voz do Bico, foi constatado um destaque para a divulgação de releases produzidos por assessorias de diversos órgãos públicos, do governo estadual e da justiça, com destaque para publicações das áreas policial e política. Ao todo, foram 283 notícias mapeadas (Quadro 13 - Apêndice M) no site nos dois meses analisados, distribuídas em quatro seções. Apenas a seção **Vídeos** estava desatualizada no período analisado, mesmo havendo publicações que contavam com vídeos em sua composição.

Quadro 13 - Resumo das publicações no site Tocnotícias

Seções do site	Novembro	Dezembro	Total
Destaques	21	3	24
Notícias	57	54	111
Política	10	1	11
Locais	2	0	2
Vídeos	0	0	0
Todas	78	57	135
Total	168	115	283

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Ao se debruçar sobre o material coletado, foi possível perceber que algumas notícias se repetiram entre as seções. Foram cinco notícias repetidas na seção Notícias, nove replicadas em Política e duas em Locais. Na seção Todas, foi possível perceber que são todas as notícias publicadas no site, independente da seção, mas foi possível verificar três notícias publicadas nesta seção que não apareceram nas demais e foram incorporadas no conjunto de conteúdos analisados (Quadro 14). Desta forma, foram 135 notícias publicadas nos meses de novembro e dezembro de 2024 e analisadas neste trabalho.

Quadro 14 - Total de publicações analisadas do site Tocnotícias

Seções do site	Novembro	Dezembro	Total
Destaques	21	3	24
Notícias	53	53	106
Política	2	0	2
Locais	0	0	0
Vídeos	0	0	0
Todas	2	1	3
Total	78	57	135

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Esse resultado configura o Tocnotícias como o site que menos produziu conteúdo no período analisado. Um dos motivos é que o responsável pelo veículo disputou a eleição municipal para o cargo de prefeito, mas não foi eleito. Em novembro, retornou ao cargo de vereador para concluir o mandato. Desta forma, estava mais preocupado com as questões políticas locais e o site foi atualizado com menos frequência. Essa é uma realidade comum nos veículos locais, pois geralmente são comandados por uma pessoa que precisa desenvolver outras atividades para conseguir se sustentar, pois não conseguem sobreviver apenas com o trabalho jornalístico.

De posse do material reunido, procedemos com a análise mais aprofundada das notícias publicadas no período analisado. A primeira categoria que analisamos essas publicações foi quanto à abrangência dos conteúdos (Quadro 15). Foi

possível identificar que assuntos de oito cidades diferentes do Bico do Papagaio foram publicadas, além de notícias das cidades vizinhas de Porto Franco e Estreito, no Maranhão. Há publicações de várias cidades do Tocantins que não estão na microrregião do Bico do Papagaio e que foram agrupadas na categoria “outras cidades do TO”, haja vista a quantidade variada de municípios.

Quadro 15 - Municípios com notícias locais publicadas em 2024

Cidades	Total de notícias - 135
Tocantinópolis	11
Araguatins	3
Sítio Novo	2
Ananás	1
Darcinópolis	1
Nazaré	1
Aguiarnópolis	3
Palmas	14
Augustinópolis	2
Araguaína	11
Estreito (MA)	2
Porto Franco (MA)	3
Imperatriz (MA)	2
Outras cidades do TO	37
Estado	31
Brasília	3
Sem Localização	1
Brasil	1
Internacional	2
Pernambuco	1

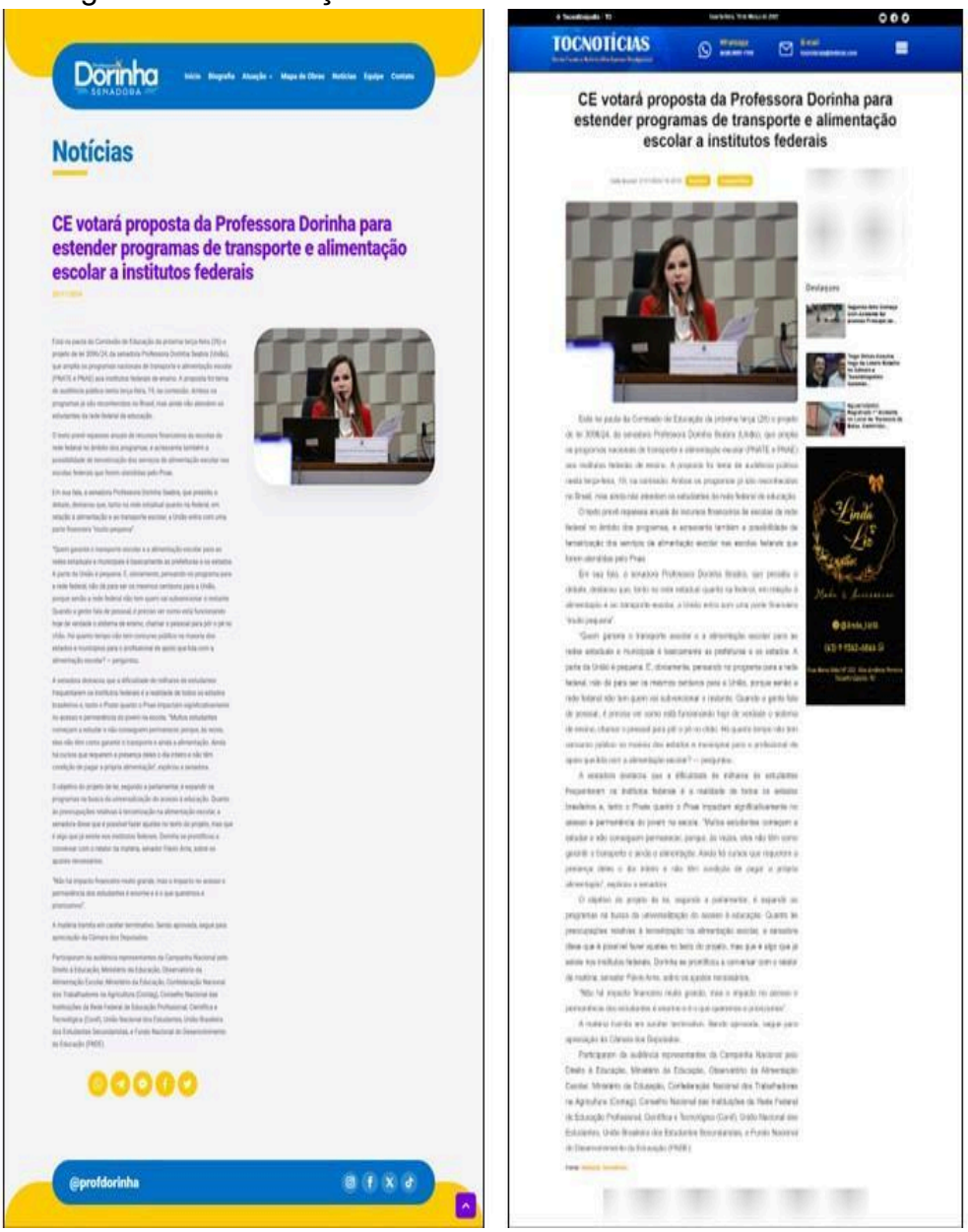
Bico do Papagaio	1
Norte do Tocantins	2

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

O destaque da abrangência dos conteúdos fica para a predominância de notícias de caráter estadual, ou seja, com o foco no Tocantins como um todo e não nas especificidades de cada microrregião ou município. Além disso, a capital Palmas (14 notícias) e a cidade de Araguaína (11 notícias) também apareceram com destaque, o que indica que o Tocnotícias tem deixado a cobertura local e focado mais em assuntos estaduais e das maiores cidades do Tocantins. Dado que é um prejuízo para o Bico do Papagaio, pois a cidade de Tocantinópolis e os municípios próximos ficam sem cobertura noticiosa. Um exemplo disso é que, no período analisado, encontramos apenas uma notícia de caráter microrregional sobre uma exposição de fotografias que retrata o dia a dia das quebradeiras de coco babaçu da microrregião.

Com relação à autoria dos textos publicados, encontramos uma dificuldade nessa categorização, pois há vários conteúdos que são claramente releases, mas que estão postados no site com a fonte “Redação Tocnotícias”, que indica produção autoral do site. A identificação dos conteúdos como publicações de assessoria não foi difícil, pois houve pouca alteração nos textos e já havíamos verificado algumas dessas publicações em outros sites locais identificados como material de assessoria. Mas vamos citar como exemplo a notícia intitulada “CE votará proposta da Professora Dorinha para estender programas de transporte e alimentação escolar a institutos federais” (Figura 40), que não tínhamos verificado em outros sites. Ao analisar a publicação, suspeitamos que o texto era parecido com material de assessoria. Ao colar o título da publicação no buscador do Google, logo apareceu a publicação do site da senadora.

Figura 40 - Publicação no site da senadora e no Tocnotícias

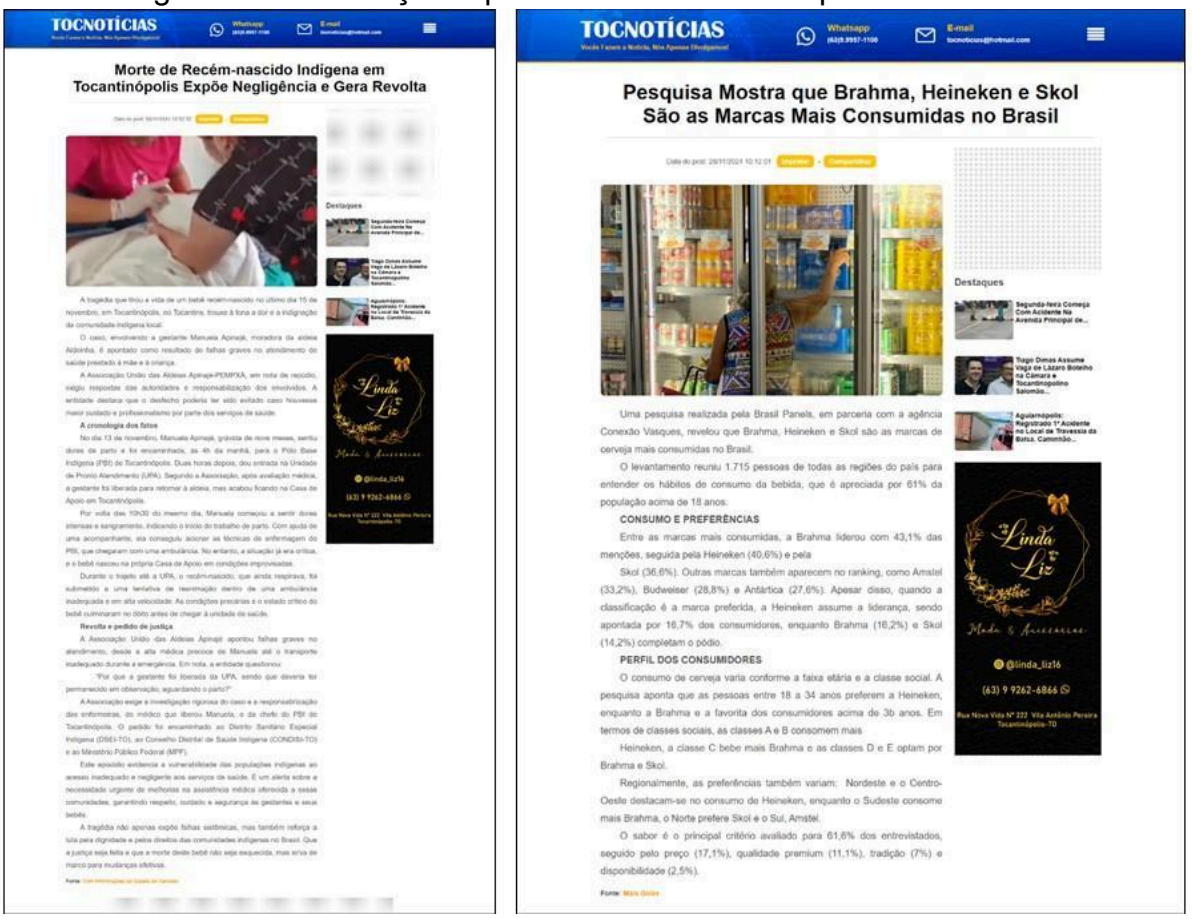


Fonte: Captura de tela, 2024.

No exemplo citado, é possível verificar que houve a publicação na íntegra de um texto da assessoria da parlamentar, mas a postagem no site está creditada como “Redação Tocnotícias”, o que pode levar o leitor à errônea compreensão de que o material foi produzido pelo site. Na seção Destaques, as notícias publicadas nos meses analisados apresentam as devidas creditações. Dos 23 textos publicados nesta seção, verificamos 19 autorias diferentes, dentre assessorias de parlamentares e outros políticos tocantinenses, cópias de outros veículos, como Gazeta do Cerrado e Mais Goiás (Figura 41), além de quatro publicações assinadas

pela redação e que parecem ter sido produzidas pelo veículo, pois são assuntos locais e que não encontramos em sites institucionais.

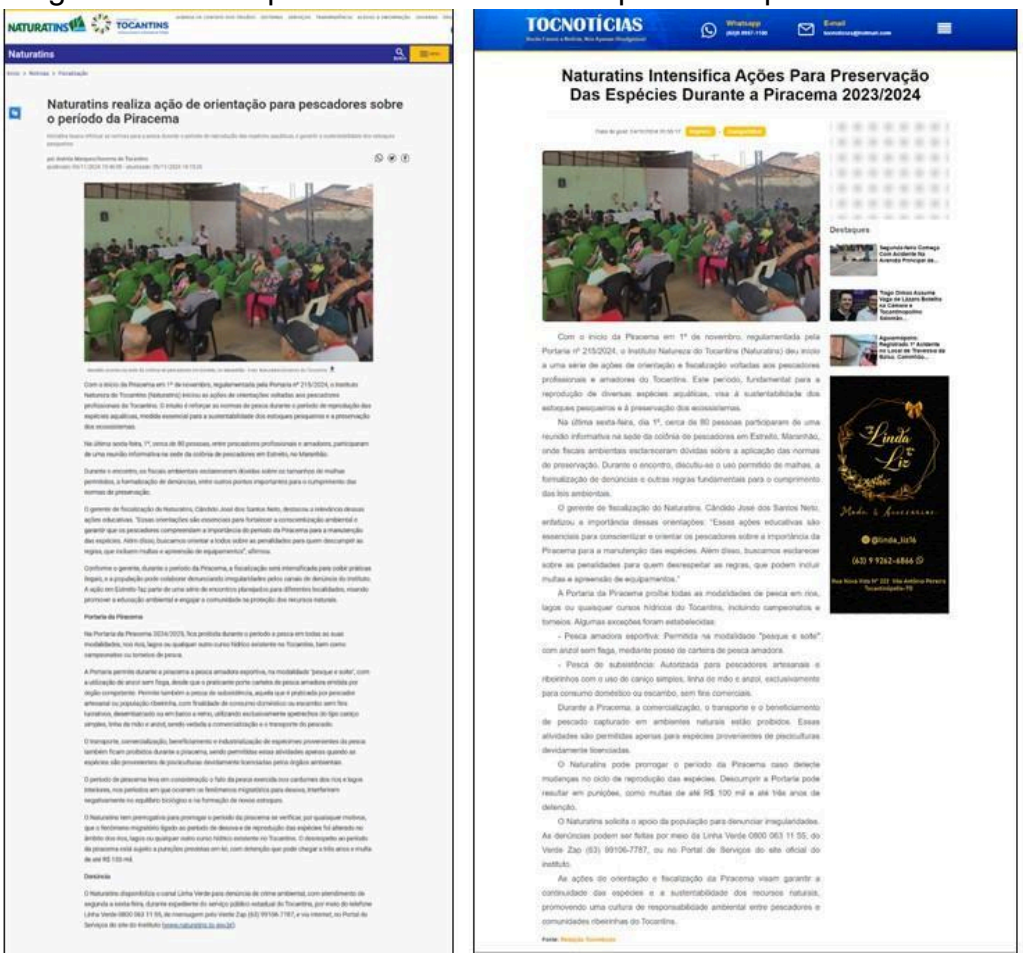
Figura 41 - Publicação reproduzida de outro site pelo Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Na seção Notícias, do total de 106 notícias publicadas, apenas duas são creditadas como material da assessoria da senadora Dorinha. As demais são assinadas como “Redação Tocnotícias”. Aqui fomos verificar essas produções, pois muitas delas foram publicadas em outros sites como material de assessoria. Nessa análise, verificamos que os conteúdos são oriundos de assessoria, porém são editados pela redação do veículo antes da publicação (Figura 42).

Figura 42 - Exemplo de release editado e publicado pelo Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

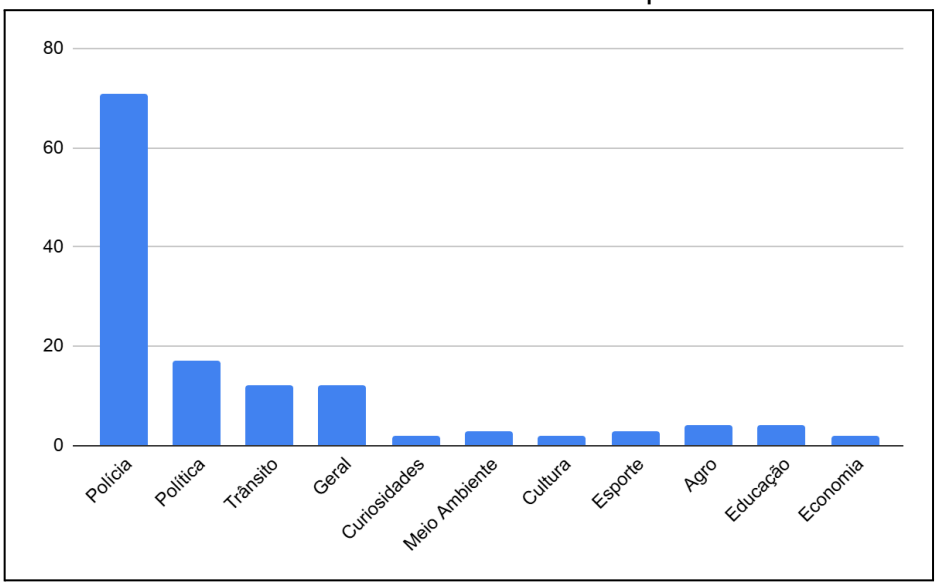
Vale destacar que publicar releases de assessoria em um site jornalístico sem a devida identificação da fonte apresenta alguns perigos quanto à credibilidade do veículo e à confiança do público. Publicar um release como notícia original induz o leitor a acreditar que a informação foi apurada e confirmada pelo veículo jornalístico, quando na verdade se trata de um material de produção institucional e com as marcas da instituição que o produziu.

Mesmo que haja um apelo público ou um valor jornalístico no material, a produção das assessorias é sempre com o objetivo de promover uma agenda específica, com uma visão de uma única fonte e sem diferentes perspectivas e pontos de vista sobre o fato abordado. Além disso, sem o trabalho investigativo do jornalismo e o aprofundamento dos temas, a mera publicação de releases pode levar a uma cobertura superficial e pouco relevante de temas importantes para a comunidade local. O release pode ser usado como uma ferramenta complementar

para a produção de notícias, sem comprometer sua credibilidade, os princípios éticos e a qualidade do jornalismo.

Quanto às temáticas abordadas pela produção noticiosa do Tocnotícias, ficou evidente a predominância de pautas políticas, policiais e de tragédias (morte) (Gráfico 21), mas houve também publicações relacionadas a esportes, curiosidades, meio ambiente, educação e geral, sobre o dia a dia do estado e do município. Com relação às notícias policiais, a maioria é oriunda de releases da Secretaria de Segurança Pública do Tocantins (SSP-TO) e dos mais variados municípios do Tocantins, com destaque para as notícias de Palmas e Araguaína. Além disso, são sempre pautas positivas para a segurança, como prisões, apreensões e investigações de crimes.

Gráfico 21 - Temáticas das notícias publicadas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Nas notícias sobre política, houve a predominância de publicações das ações da senadora Professora Dorinha (UB), o que sugere que o veículo possui alguma ligação ou contrato de publicação com a parlamentar. Das 17 notícias da área política, 12 são sobre a senadora, que é cotada para disputar o governo estadual em 2026. São sempre notícias positivas e que mostram a atuação de Dorinha em conseguir benefícios para o Tocantins.

Em se tratando de gênero textual, dos 135 conteúdos analisados, quase 95% são notícias e o restante são notas e um artigo. Não foi verificada a publicação de

reportagens ou entrevistas no período, o que sugere que o Tocnotícias trabalha mais com as notícias factuais e informações curtas sobre os acontecimentos locais. A ausência de formatos mais extensos e aprofundados também sugere uma orientação para a disseminação rápida de informações, em detrimento da análise e contextualização dos eventos, principalmente no contexto local. Essa constatação levanta questões sobre a profundidade da cobertura jornalística do veículo, bem como do engajamento com temas complexos e no fomento do debate público local.

Por fim, analisamos as publicações com relação às características do ciberjornalismo e às possibilidades narrativas da web. No período analisado, verificamos que o veículo não trabalha com conteúdos e narrativas mais elaboradas e explorando as potencialidades da web. Dos 135 conteúdos publicados, 115 eram compostos apenas por texto e uma foto. Houve também a publicação de notícias ou notas compostas só por texto e sem o uso de imagens (Figura 43). A publicação de vídeos também foi quase inexistente, apenas duas publicações tinham vídeo e uma delas o vídeo não funcionava no site.

Figura 43 - Exemplos tipos de postagens do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Os dados levantados nesta pesquisa sobre a produção jornalística do Tocnotícias revelam uma utilização limitada dos recursos multimídia e das potencialidades narrativas do ambiente digital. Houve, no período analisado, uma

subexploração das ferramentas e formatos disponíveis na web, como links, vídeos, infográficos, animações, áudios e recursos interativos. Essa prática compromete a capacidade de enriquecer os conteúdos produzidos, bem como a experiência do usuário e o estímulo ao engajamento com o conteúdo. Verificamos uma atuação tradicional na produção jornalística com características ainda da primeira fase do webjornalismo, quando os materiais dos veículos impressos eram apenas transpostos para a web e não havia exploração da interatividade e nem de multimidialidade.

6.3.2 Atuação nas redes sociais

Se, por um lado, o Tocnotícias foi o que menos produziu notícias para o site dos três veículos analisados, por outro lado, foi o noticioso que mais produziu para as redes sociais (Apêndice M), principalmente para o Instagram. Atualmente[38], o site conta com 20 mil curtidas e 37 mil seguidores na página no Facebook. No Instagram, são 23,8 mil seguidores e mais de 8 mil publicações e, no YouTube, são 69 mil inscritos, 2,9 mil vídeos publicados e 27.314.642 visualizações desde 02 de maio de 2007, quando o canal foi criado. No X, são 1.096 seguidores, sendo essa a rede menos utilizada e com menor engajamento, como apontaram Silva e Rocha (2023).

No Facebook, percebemos que o Tocnotícias realizou atualizações de forma esporádica no período analisado. Foram feitas postagens em 10 dias diferentes no mês de novembro, totalizando 43 posts. Em dezembro, houve atualizações em apenas quatro dias que, ao todo, renderam 19 postagens. Todas foram apenas o link do site acompanhado do print da notícia no site (Figura 44). Ao clicar no link, o usuário era direcionado para a página inicial do site e não para a notícia divulgada.

[38] Dados coletados no dia 10 mar. 2025.

Figura 44 - Exemplo de postagem no Facebook do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Com relação às estratégias de publicação, ficou evidente que o site utiliza o Facebook apenas para propagar algumas notícias publicadas no site. Quanto aos critérios de publicação, não ficou claro quais foram adotados, pois houve publicações de diversas abrangências e assuntos. Até uma notícia sobre uma situação política em Pernambuco, que foi publicada no site e não tem qualquer relação com Tocantinópolis ou o Tocantins, também foi compartilhada na página do Facebook do Tocnotícias. Com relação às interações, no período analisado foi constatado que o público pouco se engaja nas publicações feitas na página. Dos 62 posts, o mais engajado (Figura 45) tratava de uma notícia sobre o encontro de ex-alunos da turma de 1977 do Colégio Dom Orione, tradicional instituição de ensino de Tocantinópolis.

Figura 45 - Post mais engajado no período analisado



Fonte: Captura de tela, 2024.

O post contou com sete curtidas, três reações, um compartilhamento e cinco comentários parabenizando pelo evento realizado. Números irrisórios se comparados aos 37 mil seguidores que a página conta. A falta de atualização diária pode ser um dos motivos da baixa interação na página. Outro possível motivo é com relação à temática, pois dos 62 posts feitos no período de análise, apenas 10 tratavam de assuntos locais (Tocantinópolis e outras cidades do Bico do Papagaio), e o mais engajado abordava justamente um assunto de Tocantinópolis.

Embora nosso período de análise esteja compreendido entre dois meses no ano de 2024, continuamos acompanhando os sites e suas redes sociais de forma exploratória em 2025. No caso do Tocnotícias, foi possível perceber que houve alteração no layout das publicações no Facebook (Figura 46), que passou a contar com posts compartilhados originalmente no Instagram e replicados no Facebook.

Figura 46 - Exemplo de post com novo layout

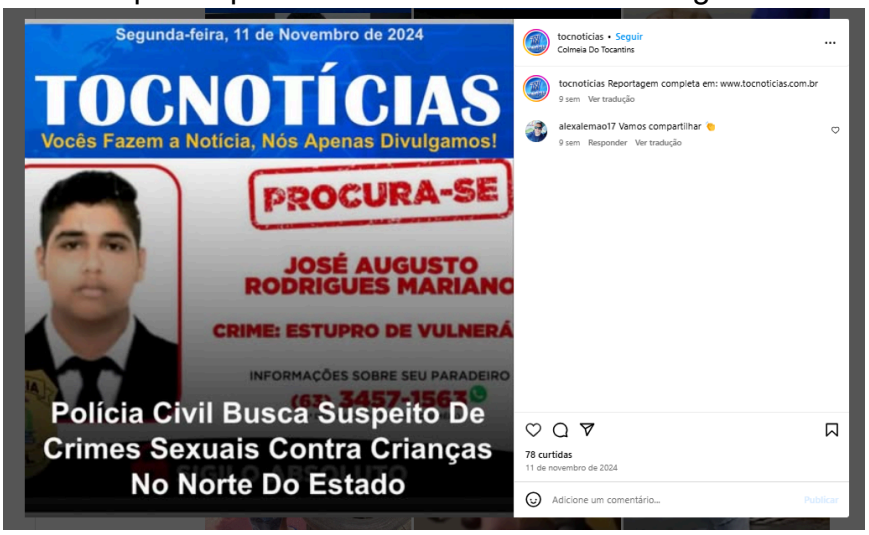


Fonte: Captura de tela, 2025.

O novo formato indica algo mais profissional, com uma arte com o título da notícia, a foto principal e um pequeno texto com informações do assunto. Porém, não há link para acesso ao material. O endereço do site aparece na arte do post, mas não é possível clicar. Para ter acesso ao conteúdo, o usuário precisa ir até as informações da página no lado esquerdo e clicar no endereço do site ou digitar o endereço na sua barra de navegação na internet, o que dificulta o acesso para o internauta e pode não levar ao acesso do conteúdo no site.

A rede social que teve maior produção de conteúdos pelo Tocnotícias foi o Instagram. Ao todo, foram 142 posts no feed (Figura 47) e 805 stories nos dois meses analisados. No feed, houve o mesmo número de publicações em novembro e dezembro, 71 em cada. Nos stories foram 423 em novembro e um pouco menos em dezembro, 382 ao todo. Os conteúdos são uma mescla de notícias postadas no site ou feitas para rede social, vídeos virais e memes, dia a dia de Tocantinópolis, assuntos polêmicos e postagens pessoais de Roberlan Barbosa.

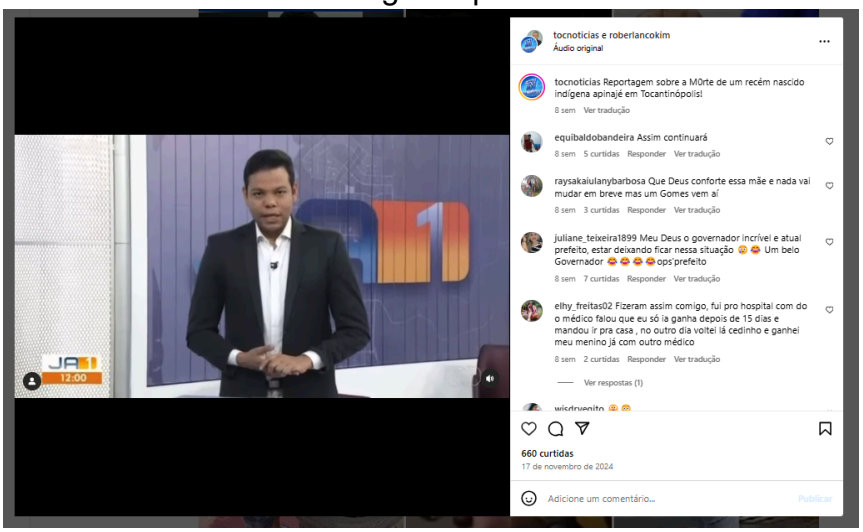
Figura 47 - Exemplo de post de notícias no feed do Instagram do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Assim como no Facebook, as postagens no feed do Instagram, em 2024, eram compostas pelo print da notícia no site com foto e título. O texto dos posts dizia apenas para ler a notícia completa no site, cujo link está na bio do perfil. Diferente do Facebook, as postagens do Tocnotícias no Instagram sempre contam com dezenas de curtidas e algumas também ganham vários comentários. Dos 52 posts de notícias no feed em novembro, 43 eram divulgando publicações do site. Houve também a publicação de notícias de outros veículos, como da TV Anhanguera (Figura 48). Neste caso, há notícias locais, estaduais e até nacionais.

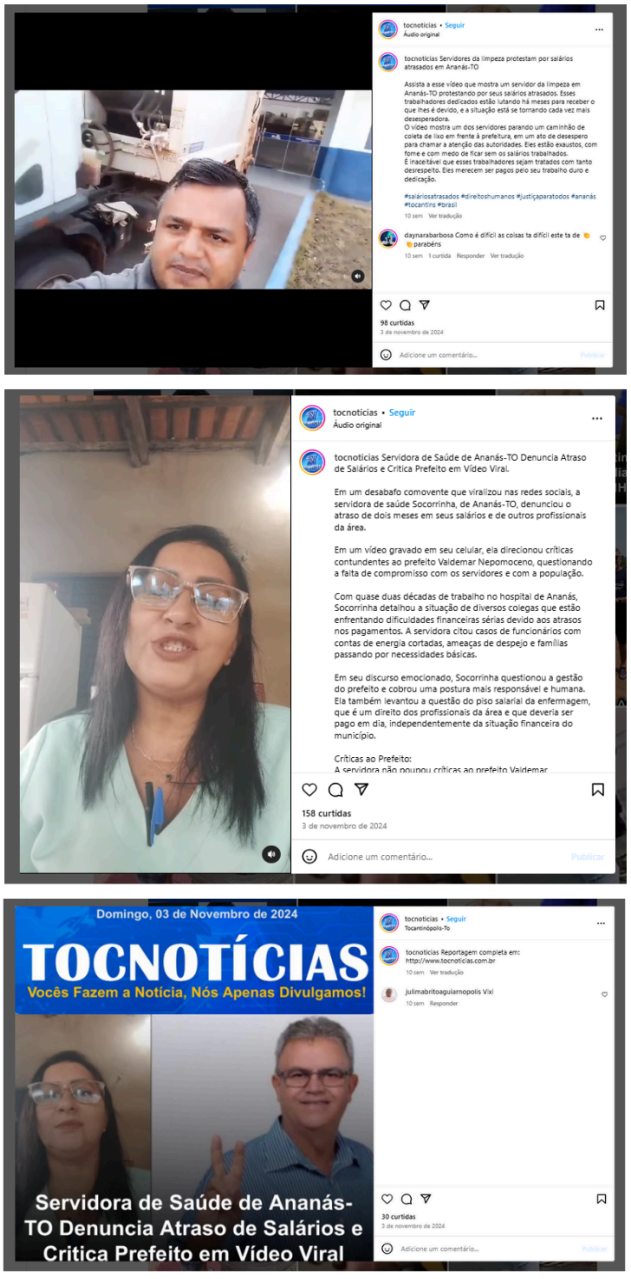
Figura 48 - Notícia da TV Anhanguera publicada no feed do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Outro tipo de notícias publicada no feed são informações locais que ganham destaque na rede social e depois são publicadas no site. Um exemplo foi o caso do atraso no pagamento dos servidores municipais de Ananás. O caso ganhou três posts no feed (Figura 49): dois vídeos de servidores locais relatando a situação do município e a notícia publicada no site. Houve também o caso de um acidente em Tocantinópolis, cuja notícia foi publicada na rede social e depois ganhou postagem no site.

Figura 49 - Notícias sobre a situação dos servidores municipais de Ananás



Fonte: Captura de tela, 2024

Por fim, o último destaque do feed do Tocnotícias são as publicações que classificamos como “pessoal” (Figura 50), são informações, reclamações e eventos do dia a dia de Roberlan, que quase sempre são publicações feitas em colaboração com o perfil do Tocnotícias. Classificamos como pessoal, pois são posts em que a figura de Roberlan é o centro, são comentários que ele faz de determinado assunto local, são gravações pela cidade ou mesmo viagem para municípios próximos, como Maurilândia. Nessas situações, ele aproveita para alimentar as redes com publicações em tom pessoal e emitindo opiniões sobre determinadas situações.

Figura 50 - Exemplo de publicações classificadas como “pessoal”



Fonte: Captura de tela, 2024.

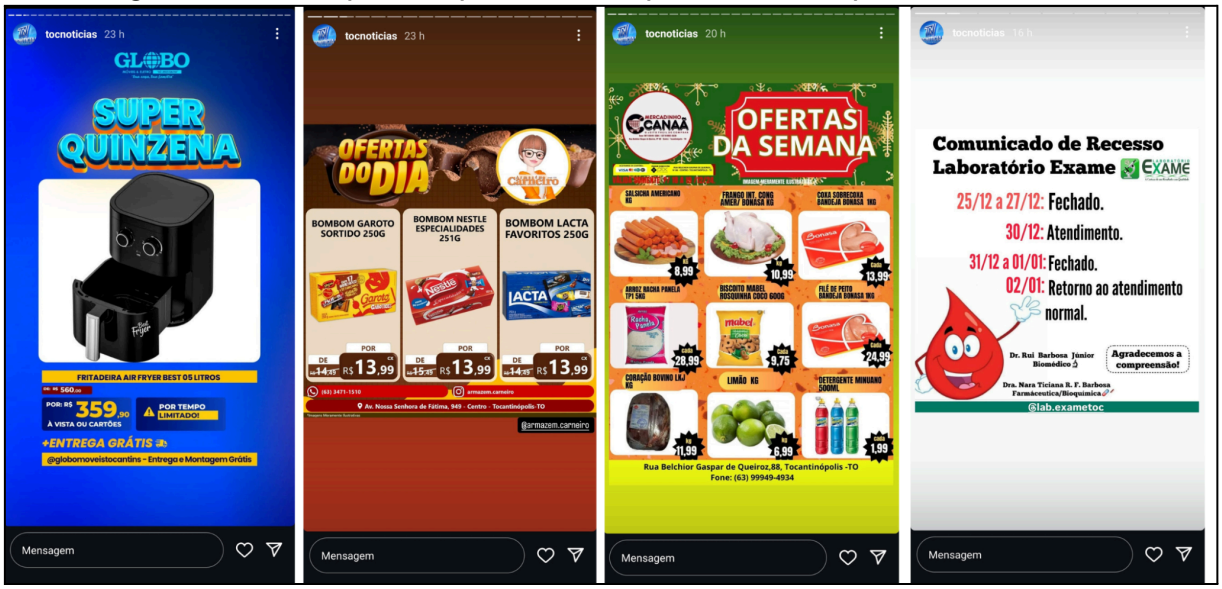
Nos casos mostrados na Figura 48, Roberlan visita uma aldeia indígena na região e conversa com a cacique, que apresenta os problemas da comunidade, principalmente com relação à falta de energia elétrica. No post do centro, ele mostra os serviços paliativos realizados pela Agência de Transportes, Obras e Infraestrutura do Tocantins (AGETO) na rodovia que liga Tocantinópolis a Maurilândia. Anteriormente, ele havia publicado vídeos reclamando da situação da rodovia estadual e agora postou agradecendo pelo serviço prestado, mas sempre com o tom crítico que é característico dele. Por fim, o terceiro post destaca a atuação do dono do site também como vereador. Ele exerceu o cargo por quatro anos e algumas vezes publicou sua atuação parlamentar em colaboração com o perfil do Tocnotícias.

Por fim, destacamos do Instagram do Tocnotícias a expressiva publicação de stories, foram 805 nos dois meses analisados. As publicações seguem as mesmas características do feed com três outros tipos de publicações: motivacional, vídeo viral/meme e publicidades. No primeiro caso, são feitas publicações de frases e vídeos motivacionais dos mais variados tipos. Foram 53 publicações deste tipo ao

todo. Já os vídeos virais e memes são as publicações extremamente populares e amplamente compartilhadas na internet sobre os mais variados temas. No caso do Tocnotícias, foram 169 dessas publicações, que na maioria eram de humor, entretenimento, ironias, aspectos da cultura popular e críticas a políticos.

Com relação às publicidades (Figura 51), foram 282 publicações no período analisado, que mostram uma atuação importante do veículo em aproveitar a rede social como espaço para conseguir retorno financeiro. Vale destacar que, apesar do grande número de publicações, houve muita repetição no período analisado em dias diferentes. Sete empresas foram as que mais anunciaram neste período, sendo que todas são de atuação local, como laboratório de exames clínicos, loja de eletrodomésticos, supermercados e lojas de variedades. Dos sites analisados, o Tocnotícias foi o que mais investiu nesta prática com a divulgação diária de publicidades nos stories. Não houve publicações no feed no período analisado. São posts simples e aparentemente não são produzidos pelo veículo.

Figura 51 - Exemplos de publicidades publicadas no período analisado

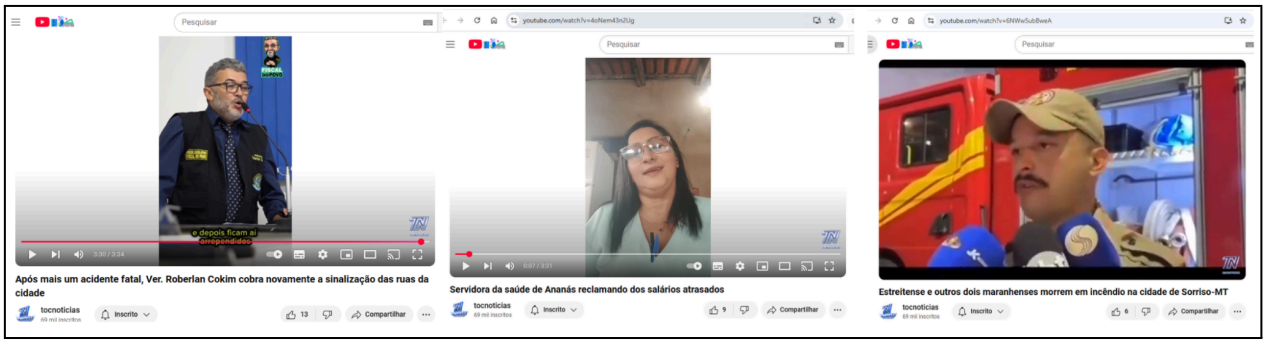


Fonte: Captura de tela, 2024.

A última plataforma de mídia social analisada foi o YouTube, onde nasceu o embrião do Tocnotícias. Por conta disso, o veículo foi o que mais atuou nesta plataforma de vídeo no período analisado, pois já ocorre uma prática de produção de vídeos no veículo. Ao todo, foram oito vídeos publicados (seis em novembro e dois em dezembro), além de sete shots (dois em novembro e cinco em dezembro). Assim

como os demais sites analisados, o Tocnotícias utiliza o YouTube (Figura 52) como repositório para vídeos que são publicados no site. São exemplos desse processo os vídeos da moradora de Ananás reclamando do atraso no pagamento dos salários dos servidores municipais e do vídeo de emissoras do Mato Grosso sobre o acidente que vitimou moradores de Estreito (MA).

Figura 52 - Exemplo de vídeo postado no YouTube do Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Diferente do Voz do Bico, que produz vídeos com tarjas e vinhetas personalizadas do veículo, não foi possível identificar essa prática no Tocnotícias. Além disso, o veículo de Tocantinópolis foi o único analisado que publicou shots (Figura 53), que são vídeos curtos no YouTube. As publicações são as mesmas de stories do Instagram e tratam de assuntos locais, mas que nem sempre são derivados ou são base para notícias postadas no site, como no caso da reclamação de uma cacique da região e das condições de trafegabilidade da rodovia entre Tocantinópolis e Maurilândia.

Figura 53 - Exemplo de shots postados pelo Tocnotícias



Fonte: Captura de tela, 2024.

Os dados apresentados demonstram que, apesar das limitações, o Tocnotícias tem uma produção local considerável, mesmo que tenha feito poucas publicações locais no período analisado. Prova disso são os dados do nosso survey, em que o veículo foi citado com frequência pelos tocatinopolinos entrevistados. As redes sociais são usadas para divulgar as notícias postadas no site, mas há também uma produção de conteúdo específica para estas plataformas, mesmo que não seja autoral.

6.3.3 Rotinas produtivas e a sustentabilidade

O site Tocnotícias está atualmente sob responsabilidade apenas de Roberlan Barbosa da Silva, 49 anos, que possui ensino médio completo e graduação a distância interrompida em Jornalismo. Ele conta com a atuação do filho, Roberlan Barbosa da Silva Junior, 26 anos, e formado em tecnologia da informação. A equipe também já contou com um fotógrafo, mas foi desligado há um tempo. A interface do site foi desenvolvida pelo web designer Dionei Moreno.

Com relação às rotinas produtivas, apenas Roberlan Barbosa e o filho dele atualizam o site, principalmente com a publicação de releases recebidos das assessorias de órgãos públicos tocantinenses. Com relação aos políticos locais, os conteúdos são publicados apenas mediante fechamento de parceria por meio de contrato. É o que acontece com a senadora Dorinha, que tem contrato mensal para divulgação no site e seus releases são publicados.

> É assim, antigamente ocorria muito, né? Quando acontecia um acidente, eu tava aposto aqui, já deixava as câmeras no jeito aqui que era pra mim chegar a rente. Agora não precisa mais, né? Todo mundo tem um celular que tira foto, na mesma da hora joga nos grupos. Como eu tô em muitos grupos e o mais, não é querendo me achar não, mas o grupo de informação da cidade é o meu, o Tocnotícias, né? Eles são dois: [...] o Tocnotícias 1.0 e o Tocnotícias 2.0. Aí Todo mundo que quer ficar bem informado, fica lá dentro. Aí hoje eu não preciso mais correr tanto, Alan, entendeu? Fico esperando, porque já dá para você aproveitar e agora com essa inteligência artificial, meu irmão do céu… Eu, se eu pegasse as prefeitura que eu pegava antes, rapaz, eu ia morrer de ganhar dinheiro. Entendeu? Mas agora no momento eu não quero me vincular não. [...] Aí quem fica responsável pra colocar as notícias que chegam no e-mail, é o meu filho, Roberlan Júnior, né? [...] Aí eu pago ele com o que eu recebo das divulgações, né? Pago um salário para ele. E ele fica responsável por essa parte das notícias que chegam, por exemplo, dessas das Secom (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Ainda segundo o responsável pelo site, o filho dele tem a liberdade de escolher as notícias que serão postadas no site a partir do material recebido pelas assessorias. A única orientação é a não publicação de materiais de promoção pessoal, principalmente de autoridades da microrregião e do estado. Os releases que chegam no e-mail da redação do Tocnotícias eram publicados na íntegra, mas atualmente os textos estão sendo modificados com uso da inteligência artificial generativa. Tanto Roberlan quanto o filho dele usam essa nova ferramenta tecnológica para ajudar na produção de conteúdos para o site. Roberlan disse que usa mais o Grok, enquanto o filho trabalha mais com o ChatGPT.

> Antigamente, Alan, nós publicava do jeito que vinha, né? Agora não. Eu já peço pro Roberlan Júnior pegar o texto e pedir pro ChatGPT dar uma modificada e corrigida também, né? Porque eles erram também. Corrige o texto e dê uma melhorada nele. Aí nós já usa o do ChatGPT. Já utilizando a ferramenta que apareceu, né? Entendeu? Que é para não deixar igual. Porque a pessoa, quando ela entra no site, e já vê o mesmo título, ah, nem clica, porque eu já li essa notícia ali. Agora, se você modificar pelo menos alguma coisa do título [...] (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Assim, o filho do responsável fica com a função de atualizar o site a partir dos releases recebidos, enquanto Roberlan Barbosa atua mais na produção de conteúdos locais e conteúdos com envolvimento de autoridades. Essa produção ficou defasada nos últimos quatro anos por conta da atuação como vereador de Reberlan, que disse voltar para essas produções agora em 2025. Outra alteração significativa na rotina produtiva foi o afastamento de um modelo inicial de cobertura presencial nos municípios, pois a empresa tinha contrato de divulgação com as prefeituras locais e o responsável pelo site visitava esses municípios frequentemente. Hoje, a rotina é mais de monitoramento de informações digitais, principalmente em grupos de WhatsApp e perfis de notícias no Instagram.

> É porque aquela história, antigamente eu ia muito lá. Eu prestava serviço pros municípios, o que que eu fazia, Alan? Todo dia eu ia no município, eu ia na região, eu dava uma volta de carro. Chegava lá na prefeitura: tem alguma coisa pra divulgar? Não, hoje tem. Ia lá na outra e o povo me via, entendeu? Pra me testar, para saber assim, ó, vou já mandar isso aqui pra ele, essa reclamação só pra ver se ele vai divulgar, entendeu? E tinha muito isso. E também teve o fato de eu tá vereador aqui no município, aí o povo me largou mais de mão. Imaginaram assim: ah, ele não vai querer mais divulgar nada daqui, né, que ele tá vereador é lá, ele quer saber é de lá. Tá entendendo? Mas eu quero voltar de novo à ativa. Mas eu recebo muita

> reclamação dos municípios da região. Na hora que eu recebo, eu não hesito em publicar não, entendeu? (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Para monitorar as informações da cidade, da microrregião, do estado e outras unidades da federação, Roberlan Barbosa participa de mais de 200 grupos em aplicativos de mensagens instantâneas. Ele garante que as informações recebidas nesses grupos são checadas com autoridades das cidades antes de serem publicadas no Tocnotícias.

> Não! Tenta confirmar, tenta confirmar porque senão dá B.O. né? Tenta confirmar principalmente com a PM. Eu tenho um contato de quase todos nas cidades aí. Aí eu sempre mando mensagem: isso aí procede? Procede! Então, bora botar no ar, entendeu? (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Ainda dentro das rotinas produtivas do Tocnotícias, o escopo geográfico de cobertura do site é centrado em Tocantinópolis e municípios próximos, como: Angico, São Bento, Luzinópolis, Palmeiras, Aguiarnópolis, Maurilândia, Santa Terezinha e Itaguatins. Além das cidades de Carolina, Estreito, Porto Franco e Imperatriz, no Maranhão. Informações do estado do Pará não entram no escopo do site e só são publicadas quando há muita repercussão nacional. Além disso, não há um horário específico para publicações, elas são feitas ao longo do dia a depender da disponibilidade de tempo dos dois responsáveis pela atualização do site, que não contava com ferramenta de agendamento de notícias. Essa alteração será implementada na nova versão do site, programada para o início de abril de 2025.

Outras duas mudanças importantes no site, que estão em planejamento para implementação em 2025, são: acompanhamento e publicações constantes sobre os repasses de verbas constitucionais aos municípios da microrregião; e alterações nas publicações no Instagram, que passarão a contar com resumo das notícias.

> E o que eu quero focar agora é o seguinte: por que você posta direto, só se tu postar nos stories que ele dá o direcionamento pra ir para o site, mas no feed não dá, não tem link, né? Não tem link pra levar o povo. O que que eu quero fazer? Nós estamos programando pra fazer agora: publica a notícia no site do Tocnotícias, uma notícia completa, e faz uma usando a inteligência artificial menorzinha para colocar no Instagram, tá entendendo? Aí lá no final coloca: a notícia completa, você vê no site Tocnotícias.
> [...]

> A minha redação, eu vou fazer o quê? Eu vou divulgar no site Tocnotícias os repasses constitucionais das prefeituras do Bico, entendeu? Por exemplo, dia 10, dia 20, dia 30. Quero fazer um editorial só pra isso. Entendeu? Só para manter o povo informado. A cidade tá cheia de buracos? O prefeito, ah, não tem dinheiro. Tá aqui, entrou tanto. Eu quero fazer uma redação só pra isso, entendeu? Uma parte lá do site pra deixar o povo bem informado, também de olho no diário oficial, que não é toda a prefeitura que tem, né? Mas se tivesse, era bom demais. Porque se você ficar de olho no Diário Oficial mesmo, alí é notícia fresquinha, né? E licitação, essas coisas tudinho chama (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Essas alterações são pensadas também com o intuito de aumentar o engajamento nas redes sociais e, consequentemente, a monetização da empresa nessas plataformas, além de aumentar os anúncios e gerar mais receita. São estratégias para a sustentabilidade do site, que já chegou a render cerca de R$15 mil mensalmente, quando havia contrato com as prefeituras locais. Atualmente, o site consegue se sustentar a partir da monetização do Facebook, YouTube, Instagram e publicidades publicadas nessas plataformas. É cobrado R$450,00 por mês para publicação de cards de publicidade nos perfis do Tocnotícias. Durante os dois meses analisados, contabilizamos anúncios frequentes de sete empresas locais nos perfis do Tocnotícias, principalmente no Instagram. Inclusive, atualmente, a negociação para anúncios vem a partir do engajamento nas redes sociais e não mais do site, como era antes.

> Antes eu ganhava até 4.000 reais com ele [site], só em monetização. No tempo antes de eu estar vereador. Como houve um abandono, né, praticamente, ficou só notícia mandada pelos outros, colocadas pelo Junior. Aí caiu, né? Como eu mandei fazer esse outro site agora, esse outro modelo, que já tem uns espaços que nós vamos agora agregar os AdSense nele, entendeu, pra começar a tentar. Mas hoje quem mantém é o Instagram Tocnotícias. Entendeu? Além da monetização do Instagram, tem as propagandas que eu faço no Instagram, daqui da cidade, entendeu? Da região e assim vai.
> [...]
> E do Facebook também. Facebook também paga. Porque assim, o que você posta no Instagram, já vai direto pro Facebook, né? E aí um já cobre o outro. Facebook dá uns R$1.000 só. É pouco, já o Instagram dá mais. Por que eu cobro o quê? Eu cobro R$450 para divulgar 30 dias de propaganda no Instagram. No folder diário. Entendeu? Aí tem mêi mundo de propaganda que eu faço.
> [...]
> É! Já virou mais foi a rede social mesmo. Porque lá eu tenho garantido, tu vê, ó, um milhão de visualizações mensal. Entendeu? Então, o cara quer ser visto ali, veicula ali. Aí ele nem fala mais no site, tu acredita? Nem fala. Então, o site eu vou usar só os AdSenses. Que é aquele do Google, Mercado Livre, essas coisas… (Roberlan Barbosa, 2025, informação verbal - sic).

Essa diversificação de receitas pelas redes sociais e monetização é usada apenas pelo Tocnotícias. Outro diferencial é a produção de vídeos com frequência. Os outros dois sites analisados focam mais na produção textual e ainda não desenvolvem com frequência e estratégias a monetização dos sites e das redes sociais. Essa produção de vídeos é outra fonte de receita a partir da monetização do YouTube, onde de fato o Tocnotícias começou. Pela quantidade de vídeos, que são postados desde 2007, Roberlan Barbosa recebe mensalmente valores da plataforma, pois mesmo que não haja publicação diária, os vídeos já postados na plataforma seguem gerando algum engajamento.

Roberlan Barbosa também se destaca dos demais responsáveis por sites locais na questão de investimentos em equipamentos. Ele faz aquisição com frequência de equipamentos de última geração, principalmente para captação de imagens. Atualmente, ele conta com drones, máquinas fotográficas profissionais, câmeras para filmagem em 360º, câmeras para acoplamento em carros, mesa de som, microfones, entre outros. Os demais sites analisados contam apenas com máquinas fotográficas. Por conta desse aparato tecnológico para produção audiovisual, Roberlan Barbosa é contratado com frequência para filmar eventos ou fazer documentários de gestões municipais, via empresa de publicidade que ele abriu para atender essa demanda.

A partir da análise da atuação do Tocnotícias, é possível perceber que o veículo jornalístico microrregional está em constante adaptação, fortemente influenciado pelas tecnologias digitais. A rotina produtiva é realizada entre pai e filho, com o uso intensivo de ferramentas como WhatsApp e inteligência artificial generativa. A sustentabilidade financeira migrou do site para as redes sociais, com o Instagram emergindo como plataforma central de receita e divulgação. As estratégias editoriais refletem um pragmatismo na seleção de conteúdo, evitando autopromoção não remunerada e utilizando tecnologia para otimizar materiais externos, enquanto se mantém um foco geográfico definido em Tocantinópolis e no Bico do Papagaio. A trajetória do veículo ilustra os desafios e as soluções encontradas para sobreviver e operar no complexo ecossistema microrregional biquense.

6.3.4 Terceiras ponderações

O que começou como uma iniciativa humorística no YouTube, consolidou-se como referência informativa em Tocantinópolis e região. Mesmo diante das dificuldades e percalços da produção jornalística no interior tocantinense, o Tocnotícias tem demonstrado resistência e adaptações ao longo dos anos. A transição da produção de conteúdo humorístico para a cobertura jornalística lá em 2011 demonstra esse processo adaptativo e atenção às demandas por informações relevantes sobre a realidade tocantinopolina e do Bico do Papagaio.

Apesar das limitações em recursos humanos, a manutenção de uma atualização diária demonstra um compromisso com a disseminação de informações. Contudo, a predominância de publicações oriundas de releases das áreas policial e política sugere uma dependência de fontes externas, o que pode comprometer a diversidade de perspectivas e a profundidade da cobertura jornalística. Há ainda a possibilidade de restrição quanto à capacidade do veículo exercer um papel proativo na investigação de temas relevantes para a comunidade local.

A carência identificada na produção de informações locais representa uma oportunidade de aprimoramento estratégico. O retorno às produções próprias, como fez no início da atuação jornalística, e com temas relevantes para a comunidade, como saúde, educação, infraestrutura, meio ambiente e cultura, pode elevar a audiência do veículo e promover um debate na comunidade local . A diversificação das fontes de informação, principalmente com a presença de moradores locais relatando suas dificuldades, conquistas e problemas locais, pode enriquecer a cobertura jornalística e aumentar o engajamento do público.

A maioria das publicações se resume a texto e fotos, desta forma o veículo perde a oportunidade de enriquecer a experiência do usuário e aprofundar a informação com infográficos, geolocalização e vídeos, que é uma especialidade do veículo. No período analisado, não foi verificada a produção de narrativas que explorem as possibilidades oferecidas pela web para as produções jornalísticas. A restrição a formatos mais tradicionais compromete a capacidade de engajar o público e de apresentar a informação de forma mais rica e acessível.

Nas redes sociais, a atuação revela um perfil heterogêneo. No Facebook, a baixa taxa de engajamento sugere a necessidade de estratégias para estimular a

interação com o público, como a promoção de debates e a produção de conteúdo adaptado aos interesses dos usuários da plataforma. No Instagram, a produção de posts, vídeos e memes, aliada à veiculação de publicidade, demonstra uma capacidade de adaptação às características da plataforma e de geração de receita.

Assim, o Tocnotícias demonstra potencial para se consolidar ainda mais como uma fonte de informação relevante para a comunidade de Tocantinópolis e região. A superação das limitações em recursos humanos e a adoção de estratégias para aumentar a produção de conteúdo local e o engajamento nas redes sociais são fundamentais para o alcance desse objetivo. O estabelecimento de parcerias com instituições locais pode contribuir para fortalecer o papel do veículo como agente local de informação confiável e debate público.

Os dados levantados nesta pesquisa dialogam com os achados de Torres-Toukoumidis *et al.* (2024) sobre a mídia equatoriana. Ao analisar mais de 6 mil notícias de 17 sites locais de 13 capitais provinciais daquele país, os autores identificaram que os veículos menores concentram seus esforços na produção de notícias locais devido aos laços próximos com as comunidades, aos recursos humanos e financeiros limitados e foco estratégico na relevância do engajamento local. Além disso, a temática mais abordada é a de assuntos políticos, que representou 30% do conteúdo analisado, destacando as questões governamentais na cobertura da mídia local. Em que pese as especificidades de cada país e regiões, encontramos situação parecida no Bico do Papagaio, mesmo publicando assuntos de relevância estadual e nacional, os veículos locais focam na produção de conteúdos locais e têm a política como assunto mais trabalhado pelos sites locais.

Ao analisar os três veículos (Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias) é preciso destacar alguns pontos dessa produção local. A publicação de muitos releases identificada na pesquisa significa a manutenção de pautas e assuntos monotemáticos, pois partem sempre do mesmo conteúdo. Nesse processo, os veículos locais cedem, de certa forma, sua força e principal característica, que é a relação com o público local, para assessorias. Estas, na maioria dos casos, ficam sediadas em Palmas e pouco se relacionam diretamente com a microrregião. A única exceção verificada foi no caso da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), que mantém jornalistas da sua equipe nas cidades de Augustinópolis e Araguatins. Essa prática também leva os veículos locais a divulgar conteúdos

baseados em uma fonte e com certa apropriação da linguagem e dos discursos das assessorias. Ou seja, às vezes são as assessorias que dão conta de fazer a cobertura local.

Mesmo trabalhando com uma quantidade considerável de conteúdos produzidos pelas assessorias, os sites locais atuam na lógica da publicação de factuais, sem a prática de pautas frias e mais aprofundadas de assuntos locais. Isso ocorre, principalmente, pela falta de recursos humanos nas redações. Os poucos que atuam no jornalismo microrregional estão assumindo mais o papel de gestores de conteúdos com poucas idas às ruas, fato que pode afetar a relação que estabelecem com o público local. No caso dos sites investigados, os profissionais monitoram frequentemente e-mail, grupos de WhatsApp e perfis de redes sociais digitais para conseguir informações para as publicações locais, ou aguardam os conteúdos enviados por esses canais por moradores locais. Os materiais e assuntos recebidos constantemente viram pautas e são publicados nos sites.

Essa situação é justificada, segundo os responsáveis dos sites, pelo fato de exercerem atividades multitarefas, ou seja, além de alimentar os sites com conteúdos, precisam desenvolver funções administrativas, como a negociação de publicidades. Não há uma organização empresarial que dê subsídios para o desenvolvimento pleno e exclusivo do jornalismo, em especial do webjornalismo. O conteúdo analisado dos três veículos é caracterizado ainda por produções que transitam entre a segunda e a terceira fase do webjornalismo (Mielniczuk, 2002), com publicações de textos com hiperlinks, fotos e vídeos. Não há recursos de personalização de conteúdos, interatividades, imersão e inovação na linguagem adotada.

Mesmo diante das adversidades, condições econômicas e poucos recursos humanos, esses veículos não podem perder de vista o foco na produção local e na qualidade da informação, sempre guiada pela relação de proximidade com as comunidades e fortalecendo os vínculos de pertencimento.

7 CONFIGURAÇÕES DO JORNALISMO MICRORREGIONAL BIQUENSE: UMA ANÁLISE CONCLUSIVA

Ao chegarmos à conclusão desta jornada investigativa, que se debruçou sobre as dinâmicas do jornalismo praticado na microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins, é importante retomar os fios condutores que nortearam este trabalho e refletir sobre as descobertas e suas implicações para o campo da Comunicação e do Jornalismo. O primeiro ponto foi a relação do pesquisador com o território, que ao final dessa pesquisa se tornou mais forte, comprometida e de orgulho pela gente que vive neste ponto do Brasil.

O objetivo central foi identificar qual é o ecossistema midiático dos 25 municípios que compõem a microrregião do Bico do Papagaio com vistas a verificar que jornalismo é produzido e qual a função que exerce no contexto microrregional. Compreender as especificidades da produção noticiosa em um território geograficamente delimitado e como um jornalismo se manifesta e opera nesse contexto particular nos permite afirmar que o jornalismo microrregional desempenha funções sociais relevantes, ancorado em um elemento fundamental: a proximidade.

Nesta direção, a literatura acadêmica tem apontado a importância do jornalismo local como pilar da cidadania e da coesão social, pois além do outras características oferece um espaço para o debate público sobre questões que afetam diretamente a vida cotidiana das comunidades, fortalece identidades e promove o sentimento de pertencimento. Nesse escopo, a proximidade não se revela apenas como uma categoria geográfica, mas como um valor-notícia intrínseco e um modo de operação que molda a seleção, apuração e narrativa dos fatos. Isso foi explícito nas entrevistas com os três responsáveis pelos três sites estudados nesta tese e na análise dos conteúdos postados durante os dois meses nos quais acompanhamos a produção desses veículos.

Essa proximidade geográfica, cultural, social e afetiva confere ao jornalismo microrregional uma capacidade singular de ressonância junto à audiência, o que o distingue do jornalismo praticado na mídia nacional e até de cobertura regional. Investigar o jornalismo no Bico do Papagaio significou, portanto, perscrutar como essa proximidade se materializa e como é desafiada em um ambiente midiático específico e em um território com características singulares.

É fundamental, neste ponto, resgatar a caracterização do Bico do Papagaio não como um “entre-lugar” ou uma zona de transição difusa, mas como um espaço complexo, dotado de múltiplas territorialidades (Haesbaert, 2004; 2021). Sua localização na tríplice fronteira (Tocantins, Maranhão, Pará), sua história marcada por fluxos migratórios, conflitos agrários, projetos de desenvolvimento e identidades culturais diversas (ribeirinhos, assentados, indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais) tecem uma trama territorial multifacetada e característica dessa localidade. Essa complexidade desafia visões simplistas e exige um olhar atento às dinâmicas internas que configuram a vida social, política e cultural da microrregião. Ignorar essas múltiplas territorialidades seria incorrer em uma generalização que apaga as particularidades que moldam, inclusive, a produção e o consumo de informação local.

Ao percorrer os 25 municípios do Bico do Papagaio, entrevistar 590 pessoas da microrregião e analisar a produção de três veículos locais por dois meses, nos permitiu identificar as especificidades de um jornalismo neste contexto. No mapeamento dos veículos locais, identificamos 17 rádios e 18 sites de notícias ativos, bem como uma dezena de jornais impressos que circularam no passado da microrregião e ajudaram a registrar a história das comunidades locais.

Este ecossistema midiático microrregional se configura como um cenário peculiar. As rádios comunitárias, embora presentes e com potencial de alcance, dedicam-se predominantemente à programação musical, com espaços informativos escassos ou inexistentes, limitando seu papel como instrumento de debate local ou como fonte regular de notícias. Os 12 municípios da ponta do Bico do Papagaio não recebem sinal no dial até hoje de rádios de Araguaína ou da capital Palmas, que só podem ser acessadas via aplicativos ou sites na internet. O jornalismo impresso, que teve uma presença histórica remontando à década de 1950, marcando épocas e registrando a memória regional, sucumbiu às pressões econômicas e tecnológicas, desaparecendo do cenário microrregional desde 2018.

A ausência de canais de televisão locais ou mesmo de sucursais de emissoras estaduais é outro traço marcante. O primeiro sinal de uma emissora do estado só chegou em 2005, com a Redesat. Mas foi no ano seguinte, com a instalação de retransmissoras da afiliada da Rede Globo, a TV Anhanguera, que todos os municípios do Bico do Papagaio passaram a ter sinal de uma televisão

local em canal aberto. Com o sinal das emissoras tocantinenses sediadas em Araguaína chegando com dificuldades na microrregião, parte significativa da população biquense sintoniza canais da cidade vizinha de Imperatriz (MA) ou acessa a programação nacional por sinal via satélite ou através de TV por assinatura.

Embora a análise aqui empreendida não se ancore primariamente em fatores econômicos, é importante destacar a relação intrínseca entre a vitalidade econômica de uma microrregião e a sustentabilidade do seu jornalismo. Uma conjuntura econômica desfavorável impacta diretamente as fontes de receita do jornalismo local, como publicidade de empresas locais. Essa escassez de recursos restringe a capacidade de investimento em infraestrutura, remuneração adequada de profissionais, produção de conteúdo investigativo e inovação. Esse fator foi destacado pelo responsável do Voz do Bico, que reconhece a necessidade de ter mais pessoas na equipe ou mesmo de manter colaboradores como freelancer, porém a situação financeira do veículo não permite remunerar adequadamente um profissional jornalista. Consequentemente, essas regiões fragilizadas economicamente tendem a apresentar um ecossistema midiático frágil, com veículos lutando pela sobrevivência, muitas vezes incapazes de cumprir plenamente seu papel fiscalizador, de forma independente e autossustentável.

Essa configuração cria um vácuo na cobertura noticiosa sobre o Bico do Papagaio e de assuntos estritamente locais e microrregionais. É nesse contexto de ausências e limitações dos meios tradicionais que emerge a proliferação de sites jornalísticos na internet. Como constatado na fase exploratória desta pesquisa, das quase duas dezenas de sites mapeados, muitos deles operam, de fato, com um modelo baseado na reprodução de releases e conteúdos oriundos das assessorias de comunicação sediadas na capital, Palmas, principalmente de órgãos do governo e de políticos.

Contudo, um olhar mais atento, focado em veículos com maior longevidade e produção própria, como os analisados em profundidade nesta tese – Voz do Bico, Folha do Bico e Tocnotícias – revela um quadro mais complexo. Estes sites, atuantes há duas décadas na microrregião, demonstram uma dinâmica que, embora também recorra à divulgação de material externo, especialmente do governo estadual e de políticos locais, refletindo as fontes de financiamento e as relações de

poder, reserva um espaço para uma produção noticiosa autoral, ainda que em volume reduzido, focada nos acontecimentos e personagens da microrregião.

No Voz do Bico, por exemplo, a produção jornalística se concentra na publicação de notícias curtas sobre o Bico do Papagaio, com foco na cidade de Augustinópolis e municípios próximos, recorrendo também a conteúdos da Agência Brasil para o cenário nacional. Os temas predominantes são educação, saúde, política, polícia e economia, alinhando-se ao interesse local, mas a cobertura carece de reportagens aprofundadas e de uma visão mais ampla da microrregião ou do estado. Apesar da diversidade temática, o site subutiliza os recursos da web, limitando-se majoritariamente a texto e fotos, com pouco uso de multimídia (vídeos e galerias de fotos, por exemplo). Porém, foi o veículo que mais utilizou este recurso no período da análise. Os poucos recursos humanos (duas pessoas) e a dependência de contratos públicos para se sustentar são as principais fragilidades do veículo.

O Folha do Bico tem uma cobertura mais abrangente da microrregião e com uma produção autoral significativa, mas também publicando notícias de relevância estadual (Tocantins) e dos estados vizinhos (Pará e Maranhão). Sua produção editorial é marcada pela veiculação de notícias curtas e factuais, com ênfase em política, esporte e segurança pública, mas carece de formatos como reportagens e entrevistas que permitam maior aprofundamento nos assuntos. Essa priorização da agilidade informativa, especialmente em política, parece refletir tanto o interesse do público local quanto a atuação profissional do responsável pelo site, que vive em Palmas. Além disso, precisa de uma melhor estratégia nas redes sociais para ampliar o alcance do conteúdo produzido.

O Tocnotícias é o veículo que, apesar da adaptação e resistência no jornalismo, mais precisa otimizar a produção jornalística local com informações de Tocantinópolis e região. A publicação majoritária de releases e informações de outras cidades do estado enfraquece a cobertura local. Por outro lado, é o que se apresenta mais independente dos contratos públicos e da dependência política, pois consegue diversificar suas formas de financiamento com a monetização das redes sociais e do site, além da divulgação de publicidades no perfil jornalístico do Tocnotícias nessas redes. Também sofre com os poucos recursos humanos para

produzir conteúdos e alimentar o site e as redes sociais, pois apenas pai e filho fazem este trabalho.

A análise aprofundada desses veículos nos permite defender, como tese central deste trabalho, a existência de um jornalismo microrregional no Bico do Papagaio. Este não se configura como um modelo idealizado ou purista do jornalismo local, mas como uma prática situada, adaptada às condições específicas do território biquense e do seu ecossistema midiático. Suas características, delineadas ao longo desta pesquisa, podem ser sistematizadas da seguinte forma:

- Função de curadoria com filtro microrregional: uma das marcas distintivas do jornalismo microrregional biquense é a prática de curadoria de conteúdos provenientes de fontes externas, notadamente assessorias de imprensa. Contudo, essa não é uma mera replicação desse material. Observa-se um esforço, ainda que variável, em selecionar e, por vezes, recontextualizar as informações, destacando a relevância ou impacto direto para os municípios e a população do Bico do Papagaio. Essa atividade de filtragem e reenquadramento, focada na proximidade geográfica e de interesse, constitui uma forma de gatekeeping adaptada ao contexto, conferindo um caráter microrregional a informações originalmente produzidas com um escopo mais amplo (estadual ou de interesses políticos específicos).
- Dominância e viabilidade do meio digital: no ecossistema midiático biquense, onde jornais impressos não existem mais, a TV tocantinense é ausente e os programas informativos no rádio são escassos, os sites jornalísticos se configuram como o principal, mais barato e, potencialmente, de maior alcance meio de comunicação noticiosa na microrregião. A infraestrutura necessária para manter um site é significativamente menor do que a exigida por uma rádio, TV ou jornal impresso, tornando-o uma opção viável para empreendedores de comunicação locais, haja vista que as formas de sustentabilidade financeira e os recursos humanos limitados se mostram como os principais empecilhos para a manutenção dos veículos jornalísticos na microrregião. Desta forma, a natureza digital permite, teoricamente, uma produção menos onerosa e com alcance amplo, ultrapassando barreiras geográficas dentro e fora da microrregião, embora a penetração efetiva dependa do acesso à internet pela população.

- Disputas e acesso via redes sociais: a pesquisa indicou que o acesso a esses veículos ocorre, muitas vezes, por meio das redes sociais (como Facebook, Instagram e WhatsApp). Os sites atuam como repositórios do conteúdo, mas a distribuição e a descoberta das notícias se dão mais pelo compartilhamento e a circulação nessas plataformas. Isso implica que os algoritmos das redes sociais e as dinâmicas de interação nessas plataformas exercem uma influência no que chega efetivamente ao público. Além disso, a proliferação nos últimos anos de perfis informativos nas redes sociais tem desafiado esses sites jornalísticos e disputado com eles a busca por financiamento dos governos estadual e municipais na microrregião.
- Mediação e função social no contexto local: apesar das limitações e das críticas possíveis quanto à originalidade ou profundidade de parte do conteúdo produzido pelos sites analisados, esses veículos locais cumprem uma função social importante ao mediar informações oficiais e eventos locais para o público biquense. Eles divulgam comunicados governamentais, repercutem decisões políticas, noticiam ocorrências policiais, registram eventos sociais e culturais, preenchendo lacunas deixadas por outros meios. Essa mediação é frequentemente realizada por “entusiastas da comunicação”, indivíduos com forte ligação com a região, que muitas vezes atuam com recursos limitados e sem a formação jornalística formalizada. Dos três sites analisados, apenas o responsável pelo Folha do Bico tem formação em Jornalismo. É inegável, como a pesquisa demonstrou, que essa atuação está permeada por marcas das alianças políticas locais e por contratos comerciais, refletindo as relações de poder e as necessidades de sustentabilidade financeira. Contudo, apontar essas conexões não deve servir como uma descredenciação sumária. Como ocorre em diferentes escalas, inclusive na grande mídia nacional, as relações políticas e econômicas atravessam o fazer jornalístico. Desconsiderar esses veículos locais com base nesses vínculos seria ignorar as particularidades de cada território, o contexto local e suas implicações concretas no exercício do jornalismo possível nessas condições. É preciso analisar criticamente, mas reconhecer a função desempenhada por estes sites no ecossistema midiático microrregional descrito ao longo desse trabalho.

- Apropriação de conteúdos externos como estratégia: a utilização de conteúdos produzidos por veículos de maior abrangência (nacional ou estadual) não é apenas um indicativo de limitação de recursos humanos para produção própria, mas também uma estratégia para compor um leque informativo mais amplo para a audiência local. Ao republicar ou referenciar notícias sobre as políticas nacional ou estadual que impactam a região, esses sites buscam oferecer um panorama informativo mais completo, adaptando essa prática à sua linha editorial e aos interesses percebidos do seu público. Vale destacar que, nos casos analisados, esses conteúdos aparecem, na maioria das vezes, com os créditos das publicações originais, o que demonstra um indício de transparência dos veículos locais com os conteúdos publicados.

Feita esta devida caracterização do jornalismo microrregional, é pertinente também destacar que ao defender essa prática jornalística, nos opomos parcialmente a noção de “Deserto de Notícias” (Abernathy, 2018) para aplicar ao Bico do Papagaio. Contrariando parcialmente esta noção, argumentamos que, embora a densidade e a diversidade da oferta noticiosa possam ser limitadas e alguns pequenos municípios não possuam veículos de comunicação, a ausência não é total. Há veículos, como os analisados neste trabalho, localizados nas cidades maiores e atuando, cobrindo e divulgando informações dos municípios menores ao seu redor. Isso se configura como um ecossistema midiático, ainda que frágil, no qual os municípios do Bico do Papagaio consomem conteúdo, mas não necessariamente produzem. Ou seja, um município consome informações sobre sua realidade a partir de um veículo localizado na cidade vizinha no qual partilham de um contexto semelhante.

Além disso, não é o fato de ter ou não um veículo de comunicação que vai fazer aquele município se informar sobre sua realidade. Como exemplos desse processo, citamos as cidades de Esperantina, Buriti e Cachoeirinha. As duas primeiras contam com uma rádio comunitária, mas se informam sobre a realidade local nos sites de Araguatins e Augustinópolis como os entrevistados nos responderam. Já a cidade de Cachoeirinha, que tem menos de 2 mil habitantes e

não possui veículo de comunicação, teve 14 notícias publicadas no site Folha do Bico durante o período na nossa análise.

Assim, aqui propomos, em diálogo com Reis (2022), que os veículos sediados nas três maiores cidades (Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis) exercem um “jornalismo de influência” sobre os municípios menores do entorno, que têm uma infraestrutura midiática precária ou que não possuem essa infraestrutura. Esses veículos maiores atuam como polos informacionais, cobrindo eventos e pautas dos municípios vizinhos e servindo como referência para uma área geográfica que transcende seus limites municipais, criando uma dinâmica de influência informacional microrregional.

Em suma, o jornalismo que se pratica no Bico do Papagaio, aqui denominado microrregional, é um fenômeno complexo, moldado por fatores históricos, geográficos, sociais, econômicos e tecnológicos específicos. É um jornalismo de resistência e adaptação, que opera em um ecossistema midiático com lacunas significativas, mas que encontra no ambiente digital, especialmente nos websites e nas redes sociais, seu principal canal de expressão e alcance.

Esse jornalismo caracteriza-se por uma forte orientação para a proximidade, manifesta na curadoria de conteúdos oriundos das assessorias, na cobertura de eventos locais, com destaque para as informações do mundo político, e na mediação de informações para a população biquense, ainda que atravessado por relações políticas e comerciais intrínsecas ao contexto. Apesar dos desafios econômicos, se mostra como viável e que consegue se sustentar financeiramente. Além disso, é marcado por uma cobertura factual e possui um respeito junto a seu público também marcado pelo valor da proximidade, pois o público local reconhece as informações publicadas e quem o produz e, por isso, estabelece relações de confiança, mesmo entendendo as ligações políticas locais.

Por fim, acreditamos que este estudo oferece contribuições significativas para o campo do jornalismo, especialmente para as áreas de jornalismo local-regional, e para os estudos sobre mídia e território. Primeiramente, ao focar em uma microrregião específica e negligenciada pelos grandes centros de pesquisa, a tese lança luz sobre as particularidades do fazer jornalístico em contextos não metropolitanos, desafiando generalizações e oferecendo um retrato mais nuançado

da diversidade das práticas jornalísticas no Brasil. Demonstra como o conceito de “proximidade” se manifesta concretamente em um ambiente midiático específico.

Em segundo lugar, a pesquisa contribui para o debate sobre os ecossistemas midiáticos locais na era digital, evidenciando como a ausência ou declínio de meios tradicionais (impresso, TV) é compensada, ainda que parcialmente e com características próprias, pela emergência de veículos on-line. A análise da dependência das redes sociais para distribuição e acesso ao conteúdo é particularmente relevante para compreender as dinâmicas atuais do consumo de notícias locais, que carecem de mais estudos para propormos as melhores estratégias nesse processo.

Terceiro, ao propor e caracterizar a noção de “jornalismo microrregional” e estabelecer diálogo com o conceito de “jornalismo de influência” (Reis, 2022) para analisar as relações entre municípios de diferentes portes dentro da mesma microrregião, a tese oferece um panorama que pode ser útil para analisar dinâmicas semelhantes em outros territórios com características comparáveis. Rejeita a aplicação automática do rótulo de “deserto de notícias” para tais áreas, propondo uma análise mais contextualizada.

Por fim, ao abordar a função social do jornalismo local, as pressões econômicas e as relações políticas, a pesquisa contribui para uma compreensão mais realista e menos idealizada das condições de produção do jornalismo em pequena escala, reconhecendo seus atores como sujeitos inseridos em redes de relações complexas.

Naturalmente, como toda pesquisa científica, este trabalho possui limitações. O foco em três veículos específicos, embora justificado pela sua relevância e longevidade, não esgota a diversidade do ecossistema midiático local. Estudos futuros poderiam ampliar o escopo, incluindo outros sites ou mesmo investigando mais a fundo o papel residual das rádios ou as novas formas de comunicação via aplicativos de mensagem e perfis informativos nas redes sociais digitais, em especial no Instagram. Pesquisas de recepção, que não foram o foco deste trabalho, também são fundamentais para compreender como a população local efetivamente percebe, consome e interage com esses veículos microrregionais, e qual o impacto real desse jornalismo em suas vidas e na formação da opinião pública local.

Análises comparativas com outras microrregiões do Tocantins ou de outros estados também poderiam enriquecer o debate. Outra proposta de continuidade deste trabalho poderia voltar ao mapeamento e características apresentadas e tentar observar os traços mais singulares demonstrados pelos produtos jornalísticos estudados, com vistas a investigar se tem possibilidades narrativas diferentes e se seguem os parâmetros de base do jornalismo forjado no compromisso social e no comprometimento com o desenvolvimento da sociedade.

Concluímos esta tese reafirmando a importância de se estudar e compreender o jornalismo que pulsa para além das capitais e dos grandes centros urbanos. O jornalismo microrregional do Bico do Papagaio, com suas especificidades, desafios e potencialidades, é um testemunho da resiliência da comunicação local e da necessidade humana fundamental de informação e conexão com o próprio território. Esperamos que este trabalho sirva de estímulo para novas investigações sobre a comunicação no Bico do Papagaio. E também para pesquisas que continuem a mapear, analisar e valorizar a rica diversidade do jornalismo brasileiro em suas múltiplas escalas e manifestações.

É importante enfatizar que, por conta das divergências nos dados iniciais sobre os veículos na microrregião do Bico do Papagaio, a pesquisa acabou realizando um mapeamento inédito e mais amplo sobre as mídias existentes na microrregião, além de trazer contatos e características do jornalismo praticado por estes veículos. Tais contribuições permitirão que outras pesquisas possam basear-se nestes dados para não só inserir mais veículos e regiões, bem como ajudar a compreender os modelos e naturezas deste jornalismo praticado nas microrregiões ou locais.

Por fim, os resultados deste trabalho também respaldam aquele anseio antigo, de infância, em poder usar o conhecimento do jornalismo para devolver, de alguma forma, por meio da prática ou dos estudos, ações propositivas para a região na qual pertenço e que, de agora em diante, passei a conhecer com mais aprofundamento. Interessante, ainda, verificar que a metodologia escolhida ajudou não só a chegar aos resultados pretendidos quanto a potencializar os estudos sobre um território afetivo e representativo para este pesquisador.

REFERÊNCIAS

ABERNATHY, P. M.. **News deserts and ghost newspapers:** will local news survive? Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2020.

ABERNATHY, P. M.. **The expanding news desert.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2018.

ABERNATHY, P. M.. **Thwarting the emergence of news deserts**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017.

ABERNATHY, P. M.. T**he rise of a new media baron and the emerging threat of news deserts**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.

AGUIAR, S. **Territórios do jornalismo**: Geografias da mídia local e regional no Brasil, 2016.

ALBUQUERQUE, M.; MUSTAFÁ, I.. Conexão Açaí-Cuxá: o rádio rompendo as fronteiras geográficas entre Pará e Maranhão. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, evento virtual. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2021. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/morgana-albuquerque.pdf. Acesso em: 05 out. 2024.

ALDIGHIERI, M. **Josimo:** a terra, a vida. São Paulo: Loyola, 1993.

ALENTEJANO, P. R. R. Espaço, território e região: uma tentativa de conceituação. **Caderno Prudentino De Geografia**, v. 1, n. 23, p. 7–37, 2020. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7317 Acesso em: 20 nov. 2022.

ALMEIDA, R. L. **A formação regional do Bico do Papagaio**: regionalização e polarização. 125f. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ANDERSON, Chris W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo da ESPM**, São Paulo, ano. 2, n. 5, p. 30-39, 2013.

ANTERO, R. Centralidade urbana em cidades médias da Amazônia: a área de influência compartilhada entre Araguaína (TO), Imperatriz (MA) e Marabá (PA). **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana,** v.1, n. 1, p. 1-11, jan. 2019. Disponível em: https://www.eumed.net/rev/oel/2019/01/centralidade-urbana-cidades.html Acesso em: 20 jan. 2024.

ASSIS, F. de. **Imprensa de Interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Carta de Natal**. Natal, 20 jun. 2019. Disponível em: https://redealcar.org/carta-de-natal/. Acesso em: 05 out. 2024.

BALDESSAR, M. J.; LETTI, G.; DELLAGNELO, P.. Hiperlocalismo no jornalismo on-line: alternativas para vencer a crise e conquistar audiências. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1776-1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

BARBOSA, N. N. **Modelos de negócio do webjornalismo no Piauí**: estudo dos sites com maior audiência nas cidades mais populosas de 11 territórios de desenvolvimento. 159f. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

BARRETO, B. A. A. **Geografia da Comunicação no Centro do Brasil**. 2011.Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/METO_d00cea711cdcd4608045067e8f28d041. Acesso em: 25 set. 2021.

BARROS, E. M. de M.. **Imperatriz:** Memória e Registro. Imperatriz: Ética, 1996.

BARROS, J. F. **O blog jornalístico regional**: um estudo de caso sobre o processo de regionalização midiática nas cidades maranhenses de São Luís e Imperatriz. 136f. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2020.

BARROS, J. V. **Conglomerados midiáticos regionais**: os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BARROS, S. M..; ROCHA, L. V.. Mídia regional: mapeamento dos veículos de comunicação no Estado do Tocantins. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2019. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0410-1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In:* Bauer, M.; Gaskell, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, p.189-217, 2007.

BENEZATH, R. de C. V. **Reterritorialização informacional:** As formas de comunicar no interior do Espírito Santo. 97f. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal Espírito Santo, Vitória, 2023.

BITAR, M. P. B.; ROCHA, L. V.; SILVA, E. de M (Orgs.). **Mapa da Mídia do Tocantins:** processos e perspectivas. Palmas: Unitins, 2025. - no prelo

BOENERGIO, Luis. As vozes do rádio e suas representações econômicas e culturais nos anos 80 e 90 em Araguaína. **AF Notícias**, Araguaína, on-line, Cidades, 01 abr. 2021. Disponível em: https://afnoticias.com.br/cidades/as-vozes-do-radio-e-suas-representacoes-economicas-e-culturais-nos-anos-80-e-90-em-araguaina. Acesso em: 05 out. 2024.

BONIN, J. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. *In:* MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. do. (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.

BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 121–127, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4809 Acesso em: 15 dez. 2021.

BONIN, J. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. *In:* MOURA, C. P. de M.; LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BONIN, J. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. *In:* MALDONADO, A. E. *et al*. (orgs.). **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

BRASIL. **Pesquisa Brasileira de Mídia - 2016.** Brasília: Secretaria de Comunicação da Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-2013-a-2018/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view. Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, nº 12, 12 de dezembro de 2012, seção 1, p. 9. Disponível em: https://cep.paginas.ufsc.br/files/2010/06/Reso466.pdf. Acesso em: 9 jan. 2022.

BRASIL. Resolução Nº 510, de 07 de Abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, nº 98, seção 1, p. 44-46, 2016. Disponível em:

https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view. Acesso em: 9 jan. 2022.

BRITO, E. P. de.; ALMEIDA, M. G. de. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. **Geosul,** Florianópolis, v. 32, n. 63, p 229-248, jan./abr. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2177-5230.2017v32n63p229 Acesso em: 20 jan. 2024.

BRITO, N. C. R. de. **Ondas da Memória**: a pioneira Rádio Imperatriz. 1. ed. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora, 2014.

BUCAR, R. A. P. **Ecos do Tocantins:** A imprensa no norte de Goiás. 2019. 193 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/5028/1/Ruy%20Alberto%20Pereira%20Bucar%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade**: Rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CAMPONEZ, C. Jornalismo regional: proximidade e distanciações. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. *In:* CORREIA, J. C. **Ágora Jornalismo de Proximidade:** Limites, Desafios e Oportunidades. Portugal: Labcom, 2012. p. 35-48.

CANAVILHAS, J.. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.Brasil

CANIELLO, M. Mercado Regional. *In:* **Enciclopédia Intercom de Comunicação** – Conceitos. São Paulo: Intercom, 2010, v. 1, p. 809.

CARSON, A. *et al.* A new symbiosis? Opportunities and challenges to hyperlocal journalism in the digital age. **Media International Australia**, v. 161, n. 1, p. 32-146, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1329878X16648390 Acesso em: 15 set. 2023.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito chave da Geografia. *In:* CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

COSTA, C. T. Os jornais não podem ficar parados. **Jornal A Tribuna**, São Paulo, 26 mar. 2015. Disponível em: http://caiotulio.com.br/2015/03/os-jornais-nao-podem-ficar-parados Acesso em: 10 jan. 2022.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisas de métodos mistos**. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DEOLINDO, J. da S. **Regiões jornalísticas**: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense. 2016. 343f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/8857. Acesso em: 20 jul. 2022.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M.. O delineamento da pesquisa qualitativa. *In:* POUPART, J. *et al.*. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução: Ana Cristina Arantes Nasser. 3 ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2012.

DIAS, K. B. dos S. **Midiatização, circulação e jornalismo regional**: uma análise dos fluxos comunicacionais e das práticas de atores sociais. 85f. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria, RS, 2023.

DORNELLES, B. O futuro dos jornais do interior. **Intratexto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/2171/pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In:* DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FADUL, A. Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, A.; GOBBI, M. C. (org.). Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática. São Paulo: Arte & Ciência, 2006, p. 23–40.

FADUL, A.; MOREIRA, S. V. O generoso guarda-chuva das Geografias da Comunicação. *In:* MOREIRA, S. V. *et al.* (Org.). **10 anos:** o percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil. São Paulo: Intercom, 2019. p. 7-8.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO TOCANTINS – FIETO. Perfil das Indústrias do Tocantins – 2016. FIETO: Palmas, 2016. Disponível em: http://www.fieto.com.br/DownloadArquivo.aspx?c=94c38acb-a27f-4802-9222-036301de0028 Acesso em: 10 abr. 2024.

FERNANDES, B. H. *et al*. Buscando Alternativa: Rádio Nativa FM. *In:* ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA – ALCAR NORDESTE, 3., 2014, São Luís, MA. **Anais eletrônicos** [...]. Alcar: São Luís, 2014. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1wv_ILOjYb2UJEwZUw36HAEYbBHV2JSEo/view. Acesso em: 05 out. 2024.

FERRARETTO, L. A.. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez., 2021. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.40142. Acesso em: 05 out. 2024.

FERRARETTO, L. A.. **Rádio** – O veículo, a história e a técnica. 3. ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERRARETTO, L. A.. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic** - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura. Aracaju, v. 14, n. 2, p. 1-24., maio-ago., 2012. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/418. Acesso em: 05 out. 2024.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FONSECA JÚNIOR, W. C. da. Análise de conteúdo. *In:* DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FONSECA, A. N. da. **Telejornalismo regional:** O percurso histórico do telejornal Bom Dia Tocantins. 2021. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/3665. Acesso em: 25 out. 2024.

FONSECA, A. N. da. Trajetória do telejornalismo no Tocantins: Um olhar sobre o percurso histórico. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 174-192, set.-dez. 2020. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/12159/19458. Acesso em: 25 out. 2024.

FRANKLIN, A.. **Apontamentos e fontes para história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

FRANKLIN, A.. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIRALDIN, O. **Axpên Pyràk**: história, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje. 2000. 296 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GIRALDIN, O. “Árvore da providência”; “refrigério da pobreza”. O universo cultural do babaçu no Bico do Papagaio. *In:* INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Universo Cultural da Palmeira Babaçu.** Palmas: IPHAN, 2017. p. 9-23. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/universo_cultural_da_palmeira_babacu.pdf Acesso em: 10 abr. 2024.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. *In:* CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GUIMERÀ, J. A., DOMINGO, D., & WILLIAMS, A. Jornalismo local na Europa. Introdução. **Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo**, v. 7, n. 2, p. 12–19, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.25200/SLJ.v7.n2.2018.354 Acesso em: 20 fev. 2023.

HAESBAERT, R. **Região, regionalização e regionalidade**: questões contemporâneas. Antares Letras e Humanidades, Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, n. 3, p. 2-24, 2010.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2021.

HAUSER, V. **A práxis das redações em contexto de crise**: continuidades e rupturas no jornalismo. 2017. 206f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6467. Acesso em: 20 out. 2021.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de Conteúdo. *In:* LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. **Estimativa da população residente no Brasil em 2018.** Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2018/estimativa_dou_2018_20181019.pdf. Acesso em: 10 de ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Quadro geográfico de referência para produção, análise e disseminação de estatísticas.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101962.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e estado: Tocantins.** 2023. Disponível em: **https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to.html** Acesso em: 30 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e estado: Tocantins.** 2023. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to.html**.** Acesso em: 30 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estimativa da população brasileira para 2020**. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf Acesso em: 12 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, [2022]. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=37225. Acesso em: 29 jan. 2025.

JENKINS, J.; NIELSEN, R. K. **The digital transition of local news**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, University of Oxford, 2018. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/digitaltransition-local-news Acesso em: 15 set. 2023.

KARLSSON, M.; ROWE, E. Local journalism when the journalists leave town. **Nordicom Review**, n. 40, v. 2, p. 15-29, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.2478/nor-2019-0025 Acesso em: 15 set. 2023.

KEMPE. E. *et al.*. Who/What/Where Is The Local “Us”?: The reciprocation between proximity, feelings of closeness and shared interests in relation with the local press. **Community Journalism Journal,** v. 9., n. 1., on-line, 2021. Disponível em: https://tccjtsu.com/who-what-where-is-the-local-us-the-reciprocation-between-proximity-feelings-of-closeness-and-shared-interests-in-relation-with-the-local-press/. Acesso em: 15 fev. 2025.

LADEIRA, M. E.; AZANHA, G. **Apinajé.** [*s.l.*], 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9. Acesso em: 10 mar. 2025.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, A. G. D.; CARNIELLO, M. F.; SANTOS, M. J. dos S. Um panorama do ensino superior no estado do Tocantins. **Revista Cereus,** v. 4, n. 1, p. 79-90, 2012. Disponível em: http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/209/92 Acesso em: 20 jan. 2024.

LIMA, H. S. dos S. **A proximidade além do território:** a configuração do radiojornalismo sul-mato-grossense num cenário de multiplataformas. 2023. 320f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

LOESCH, C. **Probabilidade e Estatística.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÓPEZ GARCÍA, X. **Ciberperiodismo em la proximidade**. Sevilla (España): Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2008.

LÓPEZ-GARCÍA, X.; NEGREIRA-REY, M. C.; RODRÍGUEZ-VÁZQUEZ, A. I. Iberian hyperlocal online media: The birth of a new proximity network. **Cuadernos. info**, 39,

p. 225-240, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.7764/cdi.39.966 Acesso em: 15 set. 2023.

LÓPEZ LITA, R. *et al..* **La prensa local e la prensa gratuita.** Castellón: Universidade Jaume I, 2002.

MACEDO, G. de J. *et al.* Mídia em Imperatriz - MA: Apontamentos sobre as décadas de 60, 70 e 80. *In:* CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11., 2009, Teresina. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0227-1.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. *In:* MALDONADO, A. E.; ROSÁRIO, N. M. do; BONIN, J. (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação:** novos desafios da prática investigativa. 2. ed. Salamanca-Sevilha: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013.

MALDONADO, A. E. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, n 34, p. 713-27, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58439. Acesso em: 15 nov. 2021.

MALDONADO, A. E.. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. *In:* LOPES, M. I. V. de. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MALDONADO, A. E.. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. *In:* LOPES, M. I. V. de. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho cientifico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINO, L. M. S.. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARTINS, C. F. dos S.. **Desertos de notícias na região da zona da mata mineira**: produção e carência de informação local. 2022. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14073. Acesso em: 20 fev. 2023.

MARTINS, E.; PALACIOS, M. **Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo**. v. 2. Beira do Interior: LabCom Books, 2016.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MEDINA, C. de A. **Entrevista**: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, E.. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. *In:* MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Francisco de (org.). **O novo rádio:** cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.

MELO, J. M. de. **Falta uma pesquisa genuinamente brasileira** (Entrevista a Bruno de Vizia). São Paulo: IPEA, 2010.

MENDONÇA, F. A. de.. **WhatsApp e a prática do jornalismo regional nas redações jornalísticas da TV Anhanguera e CBN Tocantins.** 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2024. Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/6917/1/Fernanda%20Alves%20de%20Mendon%c3%a7a%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

METZGAR, E. T., KURPIUS, D. D., & ROWLEY, K. M. Defining hyperlocal media: Proposing a framework for discussion. **New Media & Society**, v. 13, n. 5, p. 772-787, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1461444810385095 Acesso em: 15 set. 2023.

MICK, J.; CHRISTOFOLETTI, R.; LIMA, S. P. (org.). **Jornalismo local a serviço dos públicos:** como práticas de governança podem oferecer respostas às crises do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde.14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MIRANDA, G. V. **Desafiando a desertificação da mídia:** o jornalismo hiperlocal como instrumento de aproximação informativa em contraste aos desertos de notícia na Região Administrativa de Bauru, interior de São Paulo. 2021. 341 f. Tese (Doutorado em Mídia e Tecnologia) – Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/20481. Acesso em: 20 jan. 2022.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar (a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. *In:* **Ciência Geográfica**, ano III, nº 6. Bauru: AGB, 1996.

MOREIRA, S. V. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação. *In:* MOREIRA, S. V. **Geografias da comunicação:** espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2013.

MOREIRA, S. V.; BIANCO, N. R. D. Comunicações, território e desenvolvimento regional em municípios brasileiros com IDHM muito baixo. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n. 4, p. 69-82, jul. 2019. Disponível em: https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4842. Acesso em: 20 out. 2021.

NAPOLI, P.; CAPLAN, R.. Por que empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 143–163, 2018. Disponível em: https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/724 Acesso em: 10 jan. 2024.

NEGREIRA-REY, C. M.; AMIGO, L.; JERÓNIMO, P. Transformation of Local Journalism: Media Landscapes and Proximity to the Public in Spain, France and Portugal. *In:* VÁZQUEZ-HERRERO, J. *et al.* (Eds.). **Total Journalism:** Models, Techniques and Challenges. Springer Nature, 2022. p. 153-167. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-88028-6 Acesso em: 15 jul. 2023.

NEGREIRA-REY, M. C.; LÓPEZ-GARCÍA, X. A decade of research on hyperlocal media: an international approach to a new media model. **Online Journal of Communication and Media Technologies**, v. 11, n. 3, e202111. Disponível em: https://doi.org/10.30935/ojcmt/11082 Acesso em: 20 jan. 2023.

NICOLETTI, J.; FÍGARO, R.. Plataformização do trabalho dos jornalistas: uma outra face da precarização. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20, 2022, Fortaleza, **Anais [...]** São Paulo: SBPJOR, 2022. Disponível em: https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003131079.pdf Acesso em: 20 jan. 2023.

OLIVEIRA, C. G. L. de. **A incidência da pandemia de Covid-19 no processo de digitalização de jornais do interior do Rio Grande do Sul**. 191f. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2022.

OLIVEIRA, F. L. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015.

OLIVEIRA, N. M. de; STRASSBURG, U. Notas sobre a desigualdade social no Bico do Papagaio – Tocantins. Desafios, Palmas, v. 01, n. 01, p. 128-145, dez. 2014. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/2605 Acesso em: 15 fev. 2024.

PAIXÃO, C. C.; ROCHA, L. V.. O rádio no Tocantins: o processo de implantação e consolidação das primeiras emissoras. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 09, n. 01, p. 71-92, jan./jun., 2018. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/1395/1394. Acesso em: 05 out. 2024.

PAULO PALMARES. **Entrevista II**. [mar. 2025]. Entrevistador: Alan Milhomem da Silva. Augustinópolis, 2025. 2 arquivo mp3 (1h30min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

PALMIERI, E. Social media, echo chambers and contingency: a system theoretical approach about communication in the digital space. **Kybernetes**, v. ahead-of-print, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1108/K-12-2022-1650 Acesso em: 20 jan. 2024.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEDROSA, C. B.; BARACHO JÚNIOR, J. A. de O. Algoritmos, bolha informacional e mídias sociais: desafios para as eleições na era da sociedade da informação. **Revista Thesis Juris,** São Paulo, v. 10, n. 1, p. 148-164, jan./jun. 2021. Disponível em: http://doi.org/10.5585/rtj.v10i1.18159. Acesso em: 20 jan. 2024.

PERUZZO, C. M. Comunicação popular e comunitária no desenvolvimento social local: a experiência de Heliópolis, cidade de São Paulo-SP. **In:** ANAIS DO 30° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos**... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: https://proceedings.science/compos-2021/papers/comunicacao-popular-e-comunitaria-no-desenvolvimento-social-local--a-experiencia-de-heliopolis--cidade-de-sao-paulo-sp Acesso em: 10 jan. 2022.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade, v. 1, n. 38, p. 67-84, 2005.

PERUZZO, C. M. K. Prefácio. *In:* OTA, D.; FERNANDES, M. L.; FENELON, T. T. **Regionalidade e discursos midiáticos:** mapeamento e análise em Mato Grosso do Sul. 1 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

PINTO, P. A. **Brasil e as suas mídias regionais**: estudo dos mercados das regiões Norte e Sul. Rio de Janeiro, Multifoco, 2017.

PINTO, P. A. **Mídia regional brasileira**: Características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul. 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2015_pamela_araujo.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Feevale, 2013.

RAFFESTIN, C**. Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1993.
RASLAN FILHO, G. S.; BARROS, J. V. Conglomerados midiáticos regionais*. In*: ANAIS DO 29° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2020, Campo Grande. **Anais**

eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: https://proceedings.science/compos-2020/papers/conglomerados-midiaticos-regionais. Acesso em: 10 jan. 2022.

REIS, T. A. **A cidade de notícias**: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão. 2022. 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17702. Acesso em: 20 jul. 2022.

REIS, Thays Assunção. POR UM JORNALISMO DE INFLUÊNCIA REGIONAL: anotações de uma pesquisa. *In:* ANAIS DO 32° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos**... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/por-um-jornalismo-de-influencia-regional-anotacoes-de-uma-pesquisa?lang=pt-br Acesso em: 06 set. 2023.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2022-2023**. University of Oxford, 2022. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-10/Annual_report_2022-23.pdf Acesso em: 10 jan. 2024

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

ROBERLAN BARBOSA. **Entrevista I**. [mar. 2025]. Entrevistador: Alan Milhomem da Silva. Augustinópolis, 2025. 2 arquivo mp3 (1h15min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

ROCHA, L. V. Mobilidade, convergência e hiperlocalismo no webjornalismo brasileiro. **Interin**, Curitiba, v. 20, n. 2, p . 43-62, jul./dez., 2015. Disponível em: https://interin.utp.br/index.php/i/article/view/6. Acesso em: 10 nov. 2024.

ROCHA, L. V. Webjornalismo hiperlocal: proposta de linha do tempo dos veículos on-line do Tocantins. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2018. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1695-1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

ROCHA, L. V..; SOARES, S. R..; ARAÚJO, V. T.. Abrangências locais no jornalismo online do Tocantins.**Comunicação & Inovação**, v. 15, n. 29., p. 171–185, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.13037/ci.vol15n29.2866. Acesso em: 10 nov. 2024.

ROCHA, L. V.; ALVES, Y. M.; SOUSA, S. M. B. de. Mapa da mídia no Tocantins: levantamento dos veículos entre 2016 e 2020. *In:* GRADIM, A.; SERRA, P. (org.). **Anuário internacional de comunicação lusófona 2019/2020.** Covilhã: Labcom/UBI, 2020. Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20210521948-anuario_internactional_comunicacao_lusofona_2019_2020.pdf Acesso em: 20 dez. 2021.

ROCHA, L. V.; SOARES, S. R.; ARAÚJO, V. T. de. Abrangências Locais no Jornalismo Online do Tocantins. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1651-1.pdf Acesso em: 10 jan. 2022.

RODGERS, S. Roots and fields: excursions through place, space, and local in hyperlocal media. **Media, Culture & Society,** v. 40, n. 6., p. 856-874, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0163443717729213 Acesso em: 15 set. 2023.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P.; ARANGO, J.. **Information architecture for the Web and beyond**. 4 ed. Sebastopol: O'Reilly, 2015.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial:** manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANCHES, Edmilson. **Enciclopédia de Imperatriz:** 150 anos: 1852 – 2002. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

SANTOS, A. S. dos. **A formação da imprensa da Amazônia**: o primeiro século do jornalismo do Amapá (1890-1990). 2019. 312 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2968. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, D. A. B. dos; AGNER, L. Arquitetura de informação e convergência jornalística. **Ergodesign & HCI**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-62, jun. 2016. Disponível em: https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaergodesign-hci/article/view/61. Acesso em: 15 jan. 2025.

SANTOS, J. S. dos. **A sedução da imagem:** a televisão no limiar do Tocantins. Palmas: EDUFT, 2015. Disponível em: https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1433/1/Sedu%C3%A7%C3%A3o%20da%20Imagem.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%A7o.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jan. 2023.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-ceintifico internacionla. São Paulo, HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. **Revista da Rede Alcar**, ano 7, n. 83, 1 nov. 2007.

SANTOS. Maycon Douglas Vieira dos. Porque o rádio tem história: reflexões históricas sobre o rádio no antigo norte de Goiás. **Rev. Hist. UEG -Morrinhos**, v.8, n.2, e-821913, jul./dez. 2019. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/9463/7044. Acesso em: 05 out. 2024.

SARTRE, J. P. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Losada, 2011.

SASTRE, A. A. **Os aspectos de inovação no jornalismo regiona**l: tendências, experiências e resistências ao modelo digital. 2021. 237 f. Tese (Doutorado em Mídia e Tecnologia) – Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/214675. Acesso em: 10 jan. 2022.

SCHIFFMAN, L. ; KANUK, L.. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: LTC Editora. 6ª ed. 2000.

SILVA, A. M. da. **As dimensões convergentes no webjornalismo regional:** uma análise dos sites do Jornal do Tocantins e o Estado do Maranhão. 2018. 208f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/1148. Acesso em: 20 nov. 2021.

SILVA, L. A. G. **Conflito Agrário e Resistência Camponesa nas Páginas do Informativo Pastoral 'Voz do Norte' (1983-1986)**. 2023. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7339. Acesso em: 30 jun. 2024.

SILVA, A. M. da. Jornalismo local na microrregião do Bico do Papagaio (TO): um estudo de caso do TocNotícias. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. **Anais eletrônicos**... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/jornalismo-local-na-microrregiao-do-bico-do-papagaio-to-um-estudo-de-caso-do-toc?lang=pt-br . Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, A. M. da.; ROCHA, L. V. Na ponta do bico: o jornalismo hiperlocal na região do Bico do Papagaio (TO). **Revista Pauta Geral**-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 3 –20. Jul/Dez 2017.

SILVA, A. M. da.; ROCHA, L. V. Na ponta do bico: o jornalismo hiperlocal na região do Bico do Papagaio (TO). **Revista Pauta Geral**-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 3 –20. Jul/Dez 2017. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10679/6232. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, A. M. da.; ROCHA, L. V.. Jornalismo hiperlocal na microrregião do Bico do Papagaio (TO): trajetória e produção dos sites Voz do Bico e TocNotícias. **Tríade: comunicação, cultura e mídia,** Sorocaba, SP, v. 11, n. 24, e023007, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22484/2318-5694.2023v11id5148. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, A. M. da; EMERIM, C.. O potencial informativo da cobertura telejornalística das enchentes no Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins (BR). *In:* CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 16., 2022, p. 9166-9181.. Buenos Aires. **Anais eletrônicos** [...]. Buenos Aires: ALAIC, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1dETEpct6ujFx2SSZWovN-0uzbXze79SM. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, E. de M.. Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. *In:* EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2018.

SILVA, O. B. **História da Imprensa do Tocantins**. Palmas: Cartográfica, 2003.

SILVA, P. C. da. Análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a comunicação. *In:* MOREIRA, S. V. **Geografias da comunicação:** espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2013.

SILVA, S. D. do R. **Telejornalismo regional no Maranhão:** rotinas de produção e percepção dos profissionais de comunicação das TV Mirante e TV Difusora. 2021. 146 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

SILVA, S. D. do R.; TAVARES, C. Q. Discutindo o jornalismo regional: uma análise a partir dos profissionais de TVs de emissoras maranhenses. *In:* ANAIS DO 30° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos..**. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/discutindo-o-jornalismo-regional--uma-analise-a-partir-dos-profissionais-de-tvs-de-emissoras-maranhenses Acesso em: 10 jan. 2022.

SILVA, V. J.; BONACELLI, M. B. M.; PACHECO, C. A. O sistema tecnológico digital. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 19, p. 1-31, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8658756. Acesso em: 20 jan. 2024.

SOARES, M. D. G. **O jornalismo cidadão, a comunicação popular e o hiperlocalismo nas rotinas de dez rádios comunitárias do Paraná**: narrativas de imprensa, busca de identidade e contingências da frontalidade. 140f. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2022.

SOARES, Z. A. B. **Agricultura familiar, movimentos sociais e desenvolvimento rural na microrregião do Bico do Papagaio – Tocantins**: um estudo sobre as relações entre sociedade civil e desenvolvimento. 188f. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, J. G. de.; SANTOS, J. S. dos.; PINHO, M. J. de. Pinho. História e memória no contexto de federalização Unitins/UFT: a luta por uma instituição pública e Gratuita no norte do Tocantins. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, v. 3, n. 1, jan/jun., p. 179-196, 2016. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/201 Acesso em: 20 jan. 2024.

SOUZA, M. A. H. de.; SANTOS, J. S. dos. Tecendo a história do rádio em Porto Nacional–TO (1968-1989): Da clandestinidade à primeira emissora legalizada. **Mnemósine Revista.** Campina Grande, PB, v. 15, n. 1, jan./jun., 2024. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/mnemosine/article/view/3261. Acesso em: 05 out. 2024.

TASSO ANTONIO. **Entrevista III**. [mar. 2025]. Entrevistador: Alan Milhomem da Silva. Augustinópolis, 2025. 2 arquivo mp3 (1h29min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

TAVARES, C. Q. **A crise do modelo tradicional de jornalismo**: Reconfiguração da prática profissional na redação da Gazeta do Povo. 2018. 213f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/16667. Acesso em: 25 nov. 2021.

TAVARES, F. de M. B. Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. **E-compós**, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/740/579. Acesso em: 15 abr. 2022.

TORRES-TOUKOUMIDIS, A. *et al.,* Exploratory Analysis of Local Media across the Post-Pandemic Era: Between Glocality and Closeness. **Journalism and Media**, n. 5, v. 2, p. 552-565, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.3390/journalmedia5020037. Acesso em: 15 mar. 2025.

TORRE, L. *et l.,* Sourcing Local Information in News Deserts. **Journalism and Media,** n. 5, v. 3, p. 1228-1243, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.3390/journalmedia5030078. Acesso em: 15 mar. 2025.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. v. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M. de. **The platform society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VOLPATO, M. de O. **Ciberjornalismo de proximidade e desenvolvimento**: uma análise sobre três casos do interior paulista. 2019. 182 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE EVENTOS, TESES E DISSERTAÇÕES

Quadro 1 – Artigos mapeados nas últimas cinco edições do encontro da Compós

Termos / Ano	Jornalismo	Regional	Local	Hiperlocal	Comunidade	Proximidade	Interior	Selecionados
2019	14	0	1	0	4	0	0	0
2020	14	1	0	0	2	1	0	3
2021	9	1	1	0	1	0	0	3
2022	17	0	2	0	3	0	0	3
2023	21	2	0	0	2	0	0	2
Total	75	4	4	0	12	1	0	11

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Quadro 2 – Artigos mapeados nas últimas cinco edições do encontro da Alcar

Ano	Total de Trabalhos publicados nos anais	Total selecionados após análise
2017	305	11
2019	173	05
2021	229	08
2023	149	04
Total	856	28

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Quadro 3 – Artigos mapeados nas últimas cinco edições do encontro da SBPJor

Termos / Ano	Regional	Local	Hiperlocal	Comunitário	Proximidade	Interior	Selecionados
2019	27	6	2	4	0	2	30
2020	3	6	2	1	1	2	9
2021	4	11	0	3	0	3	12
2022	0	2	2	2	0	0	4
2023	5	7	0	1	2	4	11
Total	39	32	6	11	3	11	66

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Quadro 4 – Relação das teses e dissertações mapeadas nos últimos cinco anos

DISSERTAÇÕES					
Autor	Ano	Título	Instituição	Nível	Link
Santos, Abinoan Santiago Dos.	2019	A formação da imprensa da Amazônia: o primeiro século do jornalismo do Amapá (1890-1990)	UEPG	Mestrado em Jornalismo	
Jara, Gerson Canhete.	2019	A representação social da execução de jornalistas na fronteira Brasil/Paraguai pelo jornal regional de Ponta Porã'	UFMS	Mestrado em Comunicação	
Santos, Ednilson Barbosa.	2019	Do impresso ao digital: o processo de transição no jornalismo local e do “interior”'	UFS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Ogura, Edilene Dos Santos.	2019	Estratégias e critérios editoriais na cobertura noticiosa do jornalismo diário regional dos Campos Gerais do Paraná'	UEPG	Mestrado em Jornalismo	detalhes
Silva, Gabriele Rodrigues Alves da.	2019	“Ilustres desconhecidas”: a representatividade das micro e pequenas empresas no jornalismo econômico local'	UNESP BAURU	Mestrado em Comunicação	detalhes
Diverio, Rafael Mano	2019	A vida de chinesinho: análise de jornais de Rio Grande, Pelotas, São Paulo e Rio de Janeiro '	PUC-RS	Mestrado em Comunicação Social	detalhes
Cappellari, Thuanny Prado.	2019	Dilma Rousseff na revista veja: antes e depois do impeachment '	PUC-RS	Mestrado em Comunicação Social	detalhes
Lima, Amanda Rafaela de.	2019	Narrativas de feminicídio no radiojornalismo do interior gaúcho'	UNIPAMPA	Mestrado profissional em Comunicação e Indústria Criativa	detalhes
Oliveira, William Silva de.	2019	Os vídeos das câmeras de segurança no telejornal ESTV 1ª edição – do monitoramento à notícia'	UFES	Mestrado em Comunicação e Territorialidades	detalhes
Barros, Jordana Fonseca.	2020	O blog jornalístico regional: um estudo de caso sobre o processo de regionalização midiática nas cidades	UFPI	mestrado em comunicação	detalhes

		maranhenses de São Luís e Imperatriz'			
Ataide, Jose Bruno Marinho Neto de.	2020	O jornal que atrai os leitores pelo riso: uma categorização das estratégias de humor das capas do Aqui PE	UFPE	Mestrado em Comunicação	detalhes
Pereira, Gustavo Teixeira de Faria.	2020	Novas telas para o telejornalismo: o conflito entre o quarto e quinto estado/poder e a expansão do conteúdo para além das localidades'	UFJF	Mestrado em Comunicação	detalhes
Neto, Natanael Damascen o de Figueiredo.	2020	Global e digital: dilemas e desafios para o jornalismo local	PUC-RJ	Mestrado em Comunicação	detalhes
Pinto, Adriana Bagno Alves.	2020	Jornalismo de proximidade e hiperlocal: smartphones na produção da notícia no telejornalismo'	UFPB	Mestrado Profissional em Jornalismo	detalhes
Pinna, Aline da Fonseca.	2020	Telejornalismo regional de Juiz de Fora nas telas e nas redes: uma análise das novas funções e competências	UFJF	Mestrado em Comunicação	detalhes
Lousada, Roberta Lins Gregorio.	2020	O que é notícia? Whatsapp na redação: uma análise da interação entre a equipe de jornalismo e o público do telejornal manchetes noticidade	UNISO	Mestrado em Comunicação e Cultura	detalhes
Aguiar, Marcos Andre Rodrigues de	2021	Saber, sentir e agir: formas de conhecimento no jornalismo popular e local-regional do jornal Brasil de Fato	UFS	Mestrado em Comunicação	
Noleto, Amanda Lais Pereira.	2021	Rotinas produtivas e TV regional: estudo de caso da ‘caravana meu novo Piauí dez anos depois’ da TV Meio Norte	UFPI	Mestrado em Comunicação	detalhes
Araujo, Saulo Queiroz de.	2021	Valores-notícia no jornalismo cultural regional: o caso do programa diversidade'	UFPB	Mestrado Profissional em Jornalismo	detalhes
Sousa, Suzete Gaia de.	2021	Jornalismo como agente de construção da imagem pública: o governo de Flávio Dino nos editoriais do jornal O Estado do Maranhão durante o ano eleitoral de 2018	UFT	Mestrado em Comunicação e Sociedade	detalhes

Junior, Roldao Alves de Barros.	2021	Os bastidores da notícia de ciência: levantamento do comportamento informacional de jornalistas em Goiânia	UFG	Mestrado em Comunicação	detalhes
Souza, Alex Blasi de.	2021	O bom ativista: investigando um ideal de (ciber)ativismo progressista no Brasil das lutas identitárias	PUC-RS	Mestrado em Comunicação Social	detalhes
Barbosa, Nicolas Nunes.	2021	Modelos de negócio do webjornalismo no Piauí: estudo dos sites com maior audiência nas cidades mais populosas de 11 Territórios de Desenvolvimento	UFPI	Mestrado em Comunicação	detalhes
Amorim, Janaina Lopes de.	2021	O corpo está no contrato? Estudo sobre as ocorrências de assédio sexual contra mulheres jornalistas nas redações de Imperatriz'	UFMA / ITZ	Mestrado em Comunicação	detalhes
Fonseca, Adriano Nogueira da.	2021	Telejornalismo regional: o percurso histórico do telejornal Bom Dia Tocantins	UFT	Mestrado em Comunicação e Sociedade	detalhes
Silva, Sarah Dantas do Rego.	2021	Telejornalismo regional no Maranhão: rotinas de produção e percepção dos profissionais de comunicação das TV Mirante e TV Difusora	UFMA / ITZ	Mestrado em Comunicação	detalhes
Pinto, Sonia Lucia Nunes.	2021	As reconfigurações do telejornalismo local em contexto de pandemia: análise do programa Assembleia Informa da TV ALE-RR	UFRR	Mestrado em Comunicação	detalhes
Banyasz, Ana Paula.	2021	Radiojornalismo e produção local: um estudo sobre o programa Ronda do MS, da Rede Jota FM	UFMS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Souza, Sebastiao Jose Nascimento	2022	A presença da narrativa transmídia no jornalismo regional: análise das experiências dos jornais Folha de Londrina e O Povo	UFT	Mestrado em Comunicação e Sociedade	detalhes
Oliveira, Cassia Graziele Lima de.	2022	A incidência da pandemia de Covid-19 no processo de digitalização de jornais do interior do Rio Grande do Sul	UFRGS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Farias, Camila	2022	A pauta da seca na TV Sergipe: uma análise da cobertura	UFS	Mestrado em	detalhes

Gabrielle Oliveira de.		jornalística à luz do jornalismo de soluções		Comunicação	
Morais, Luciana Soares de.	2022	Do local para o nacional: a produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje'	UFJF	Mestrado em Comunicação	detalhes
Lima, Simone Candida.	2022	O uso do whatsapp como fator de mudanças no trabalho dos jornalistas, no jornalismo e na identidade profissional	UERJ	Mestrado em Comunicação	detalhes
Longo, Gustavo de Araujo	2022	Jogos abertos do interior: a cobertura esportiva paulista	ECA-USP	Mestrado em Ciências da Comunicação	detalhes
Soares, Matheus Dias Galdino	2022	O jornalismo cidadão, a comunicação popular e o hiperlocalismo nas rotinas de dez rádios comunitárias do Paraná: narrativas de imprensa, busca de identidade e contingências da frontalidade	UFPR	Mestrado em Comunicação	detalhes
Reis, Lys Apolinario.	2022	Transmidialidade e proximidade narrativas jornalísticas transmidiáticas no contexto regional brasileiro	UFT	Mestrado em Comunicação e Sociedade	detalhes
David, Weverton Velasco.	2022	Estereótipos e violência em notícias sobre a comunidade LGBTQIA+: um estudo sobre o Campo Grande News'	UFMS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Corte, Jessica Cristina.	2022	Popularização da ciência: panorama das divulgações científicas em quatro portais de web notícias no Mato Grosso do Sul	UFMS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Barbosa, Tatyna Viana.	2022	Reconfigurações de práticas no telejornalismo do Maranhão, na pandemia da Covid-19'	UFMA / ITZ	Mestrado em Comunicação	detalhes
Silva, Tiago Bernardino de Souza'	2022	Jornalismo digital na Paraíba: análise dos modelos de negócios	UFPB	Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas	detalhes
Sabatke, Tatiana de Souza.	2023	Quem é e o que diz o público: uma análise da participação dos telespectadores por meio do whatsapp em um telejornal catarinense	UFPR	Mestrado em Comunicação	detalhes

Dias, Karohelen Bianca dos Santos.	2023	Midiatização, circulação e jornalismo regional: uma análise dos fluxos comunicacionais e das práticas de atores sociais	UFSM	Mestrado em Comunicação	detalhes
Lima, Clebson Lustosa Brandao.	2023	Regionalização midiática e religiosidade: cobertura jornalística do Portal Cidade Verde acerca das práticas de Umbanda no estado do Piauí	UFPI	Mestrado em Comunicação	detalhes
Lima, Daniele Silva.	2023	Enquadramento no jornalismo regional com perspectiva de gênero: análise das notícias publicadas sobre mulheres em portais amazônicos	UFMA	Mestrado em Comunicação	detalhes
Issa, Erick Patrik Aragao.	2023	A inovação jornalística na percepção de jornalistas do Correio 24 horas e JC Online'	UFBA	Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas	detalhes
Benezath, Rita de Cassia Vitoria.	2023	Reterritorialização informacional: as formas de comunicar no interior do Espírito Santo	UFES	Mestrado em Comunicação e Territorialidades	detalhes
Dadalto, Mariah Friedrich	2023	O jornalismo local de Serra (ES) e suas transformações sob os impactos da crise estrutural do capital - estudo de caso das condições de produção do Jornal Tempo Novo	UFES	Mestrado em Comunicação e Territorialidades	detalhes
Matos, Danielle Errobidarte.	2023	Na pandemia de Covid-19 em Guia Lopes da Laguna (MS): a produção de conteúdo nos quase-desertos de notícia'	UFMS	Mestrado em Comunicação	detalhes
Batista, Mikaely de Sousa.	2023	Jornalismo digital no sertão paraibano: mudanças e desafios do Portal Diário do Sertão'	UFPB	Mestrado Profissional em Jornalismo	detalhes
Rodrigues, Samara Sarmanho Serra.	2023	Comunicar no Instagram em tempos de pandemia: um estudo de caso do SESC na região norte	UFPA	Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia	detalhes
Silva, Jorge Luiz.	2023	O SUS que se vê: a atenção básica à saúde nas notícias do telejornalismo de Pernambuco	UFRN	Mestrado em Estudos da Mídia	detalhes

Sousa, Ranniery Fonseca de.	2023	As (re)configurações de proximidade em telejornais locais e a pandemia: um estudo sobre usos e apropriações das fontes	UFRN	Mestrado em Estudos da Mídia	detalhes
Secchim, Vitor Nascimento	2023	O telejornalismo local na cobertura da vacinação contra Covid-19: modos de endereçamento e estratégias de contato no MG1	UFOP	Mestrado em Comunicação	detalhes
Mazzochin, Carla Andrea.	2023	Enxugamento das redações de telejornalismo no interior do Paraná: abordagem sobre uma redação do principal conglomerado regional – RPC/Rede Globo	UEPG	Mestrado em Jornalismo	detalhes
Sousa, Morgana Albuquerque	2023	“Radiojornalismo de proximidade: o rompimento das fronteiras geográficas por meio do quadro Conexão Açaí-Cuxá (Parauapebas/PA-Imperatriz/MA)'	UFM / ITZ	Mestrado em Comunicação	detalhes

TESES					
Autor	Ano	Título	Instituição	Nível	Link
Barros, Janaina Visibeli	2019	Conglomerados midiáticos regionais: os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital	ECA-USP	Doutorado em Ciências da Comunicação	detalhes
Volpato, Marcelo de Oliveira.	2019	Ciberjornalismo de proximidade e desenvolvimento: uma análise sobre três casos do interior paulista	Metodista SP	Doutorado Em Comunicação Social	detalhes
Filho, Jose Tarcisio da Silva Oliveira	2019	Relações de proximidade e espaços televisivos em telejornais locais e regionais de Minas Gerais: o caso dos Praça 1	UFMG	Doutorado em Comunicação Social	Detalhes
Miranda, Giovani Vieira.	2021	Desafiando a desertificação da mídia: o jornalismo hiperlocal como instrumento de aproximação informativa em contraste aos desertos de notícia na região administrativa de Bauru, interior de São Paulo	UNESP BAURU	Doutorado em Mídia e Tecnologia	Detalhes
Sastre, Angelo Aparecido.	2021	Os aspectos de inovação no jornalismo regional: tendências,	UNESP BAURU	Doutorado em Mídia e Tecnologia	Detalhes

		experiências e resistências ao modelo digital			
Verri, Francisco	2021	Na trilha regional: cobertura governamental em veículos tradicionais de comunicação	UNB	Doutorado em Comunicação	Detalhes
Reis, Thays Assuncao	2022	A cidade de notícias: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão'	UERJ	Doutorado em Comunicação	Detalhes
Vitali, Marli Paulina.	2022	O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone	UFSC	Doutorado em Jornalismo	Detalhes
Lima, Helder Samuel dos Santos.	2023	A proximidade além do território: a configuração do radiojornalismo sul-mato-grossense num cenário de multiplataformas'	UFG	Doutorado em Comunicação	Detalhes

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS

2. **Em qual município reside?** * Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- AGUIARNÓPOLIS
- ANANÁS
- ANGICO
- ARAGUATINS
- AUGUSTINÓPOLIS
- AXIXÁ DO TOCANTINS
- BURITI DO TOCANTINS
- CACHOEIRINHA
- CARRASCO BONITO
- DARCINÓPOLIS
- ESPERANTINA
- ITAGUATINS
- LUZINÓPOLIS
- MAURILÂNDIA DO TOCANTINS
- NAZARÉ
- PALMEIRAS DO TOCANTINS
- PRAIA NORTE
- RIACHINHO
- SAMPAIO
- SANTA TEREZINHA DO TOCANTINS
- SÃO BENTO DO TOCANTINS
- SÃO MIGUEL DO TOCANTINS
- SÃO SEBASTIÃO DO TOCANTINS
- SÍTIO NOVO DO TOCANTINS
- TOCANTINÓPOLIS

3. **Qual gênero você se identifica?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Feminino
- ◯ Masculino
- ◯ Não-binário
- ◯ Outro: _____

4. **Qual a sua idade?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ 16 - 24 anos
- ◯ 25 - 34 anos
- ◯ 35 - 44 anos
- ◯ 45 - 54 anos
- ◯ 55 ou mais

5. **A partir da classificação do IBGE que inclui os termos: preta, parda, amarela, indígena ou branca para a população brasileira, a sua cor ou raça é:** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Preta
- ◯ Parda
- ◯ Amarela
- ◯ Indígena
- ◯ Branca
- ◯ Prefere não responder

6. **Qual sua profissão atualmente?** *

_____

7. **Qual é o seu nível de escolaridade?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Ensino fundamental incompleto
- ◯ Ensino fundamental completo
- ◯ Ensino médio incompleto
- ◯ Ensino médio completo
- ◯ Ensino superior (cursando)
- ◯ Ensino superior completo
- ◯ Especialização
- ◯ Mestrado
- ◯ Doutorado

8. **Possui internet banda larga fixa em sua residência?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

9. **Por meio de qual/quais aparelho(s) tecnológico(s) faz o uso da internet?** *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Celular
- ☐ Computador de mesa
- ☐ Notebook
- ☐ Tablet
- ☐ Outro: _____

10. **Qual meio/plataforma que você utiliza com mais frequência para se informar?** (pode marcar até 2 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Rádio
- [ ] Televisão
- [ ] Jornal Impresso
- [ ] Site de Notícia
- [ ] Site da prefeitura do município
- [ ] Redes Sociais (Twitter, Facebook, Instagram, TikTok, etc.)
- [ ] Aplicativo de mensagem (Whatsapp, Telegram, Messenger)

11. **Sobre quais temas você mais se informa?** (Marque até 2 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Economia
- [ ] Mercado de trabalho/emprego
- [ ] Educação
- [ ] Saúde
- [ ] Cultura/Lazer
- [ ] Entretenimento
- [ ] Meio Ambiente
- [ ] Esportes
- [ ] Opinião
- [ ] Política
- [ ] Polícia
- [ ] Outro: _____

Jornal Impresso

12. **Você costuma ler jornal impresso ou versão digital do jornal impresso?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não *Pular para a pergunta 18*

Pular para a pergunta 18

Consumo de Jornal

13. **Se você marcou "Sim" na resposta anterior, quais jornais você costuma ler/acessar?**

14. **Com que frequência você lê jornal impresso ou versão digital do jornal impresso?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Alguns dias da semana
- ◯ Finais de semana
- ◯ Raramente
- ◯ Não leio jornais

15. **Por qual meio você lê jornal impresso?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Versão impressa
- ◯ Versão digital (celular, tablet, computador)
- ◯ Ambos (impresso e digital)

16. **De onde são os jornal(is) lidos? (Pode marcar mais de uma alternativa)**

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Internacionais
- [ ] Nacionais
- [ ] Da capital - Palmas
- [ ] Local - Cidade do informante
- [ ] De localidades vizinhas

17. **Como tem acesso ao jornal impresso ou versão digital do jornal impresso?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ É assinante
- ◯ Compra
- ◯ Tem no trabalho
- ◯ Emprestado
- ◯ Outro: _____

Rádio

18. **Costuma se informar pelo rádio?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não *Pular para a pergunta 23*

Pular para a pergunta 23

Consumo de Rádio

19. Se você respondeu "**Sim**" na pergunta anterior, diga quais rádios você costuma ouvir para se informar

_____

_____

_____

_____

_____

20. **Com que frequência você consome notícias pelo rádio?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Alguns dias da semana
- ◯ Finais de semana
- ◯ Raramente

21. **Por qual dispositivo você mais ouve rádio?**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Aparelhos de rádio tradicionais
- ◯ No carro
- ◯ No computador
- ◯ Pelo celular
- ◯ Aparelhos tipo MP3 player
- ◯ Outro: _____

22. **De onde são as rádios ouvidas? (Pode marcar mais de uma alternativa)** *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Internacionais
- [ ] Nacionais
- [ ] Da capital - Palmas
- [ ] Local - Cidade do informante
- [ ] De localidades vizinhas
- [ ] Outro: _____

TELEVISÃO

23. **Costuma assistir telejornal?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não *Pular para a pergunta 28*

Pular para a pergunta 28

Consumo de Televisão

24. Se você marcou **"sim"** na questão anterior, diga qual (is) telejornais você assiste *

_____

25. **Com que frequência assiste telejornal?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Alguns dias da semana
- ◯ Finais de semana
- ◯ Raramente

26. **De onde é o telejornal assistido? (Pode marcar mais de uma alternativa)** *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Internacionais
- [ ] Nacionais
- [ ] Da capital - Palmas
- [ ] Local - (da sua cidade)
- [ ] De localidades vizinhas

27. **Se você respondeu "Cidades vizinhas" na questão anterior, diga quais são essas cidades?**

_____

_____

_____

_____

_____

INTERNET

28. **Costuma consumir notícias pela internet?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não *Pular para a pergunta 34*

Pular para a pergunta 34

Consumo de Internet

29. **Com que frequência se informa pela internet?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Alguns dias da semana
- ◯ Finais de semana
- ◯ Raramente

30. **Por quais dispositivos você mais acessa as notícias na internet? (Marque até duas opções)** *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Computador de mesa
- ☐ Notebook
- ☐ Tablets
- ☐ Celular
- ☐ Smart TV
- ☐ Outro: _____

31. **Por quais plataformas você mais se informa na internet?** *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Redes Sociais (Facebook, YouTube, Twitter, Instagram, TikTok, etc)
- ☐ Blogs
- ☐ Sites de notícia
- ☐ Outro: _____

32. **De onde são os blogs e/ou sites de notícia que você mais acessa? (Pode marcar mais de uma opção)** *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Internacionais
- [ ] Nacionais
- [ ] Da capital - Palmas
- [ ] Local (da sua cidade)
- [ ] De cidades vizinhas
- [ ] Outro: _____

33. **Com que frequência você se informa nos meios/plataformas mencionados na pergunta anterior?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sempre
- ◯ Algumas vezes
- ◯ Raramente

Última parte - Realidade Local

34. **Marque a frequência com que você se informa em cada um dos meios/plataformas relacionados:** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sempre	Algumas vezes	Raramente	Nunca
WhatsApp / Telegram	◯	◯	◯	◯
Redes sociais (Facebook, Instagram, TikTok, Twitter, etc)	◯	◯	◯	◯
Site da prefeitura	◯	◯	◯	◯
Sites de notícias	◯	◯	◯	◯

35. Como costuma se informar **sobre a realidade da sua cidade**? (Pode marcar mais de uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Jornal impresso (ou na versão digital)
- [ ] Rádio
- [ ] Televisão
- [ ] Blog e/ou sites de notícias
- [ ] Grupo ou página no Facebook
- [ ] Perfis no Instagram
- [ ] Grupos de WhatsApp
- [ ] Conversas informais
- [ ] Outro: _____

36. **Você conhece algum veículo de comunicação (rádio, impresso, TV) ou plataforma on-line (site, página em rede social) que produz informação local sobre o município onde você reside?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

37. **Se você respondeu "Sim" na pergunta anterior, diga quais são esses veículos de comunicação ou plataformas que produzem conteúdos sobre sua cidade** *

38. **Sente falta de informação local sobre os acontecimentos no município onde você mora?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Não, considero que há informações suficientes a respeito do meu município
- ◯ Sim, poderia ter mais notícias/produção de informação sobre o meu município

39. **Sobre ter veículo de comunicação para fazer a cobertura dos acontecimentos no município onde mora, você considera:** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Extremamente importante
- ◯ Muito importante
- ◯ Em parte importante
- ◯ Pouco importante
- ◯ Nada importante

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C - TCLE QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS

Pesquisa de Doutorado - Consumo de Mídia no Bico do Papagaio

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido você a participar como voluntário(a) do estudo "Na ponta do Bico: o jornalismo possível na microrregião do Bico do Papagaio (TO)", que tem como objetivo mapear e analisar a produção jornalística existente na microrregião do Bico do Papagaio. A pesquisa é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina sob responsabilidade do doutorando Alan Milhomem da Silva, com orientação das professoras Dra. Cárlida Emerim e Dra. Liana Vidigal Rocha. Acreditamos que esta pesquisa é importante para compreender como se dá o fazer jornalístico em contextos locais e hiperlocais.

São convidados a participar desse estudo voluntários que se enquadrem como moradores com 16 anos ou mais de municípios pertencentes à microrregião do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins. A sua participação se dará de uma única maneira: respondendo um questionário on-line de autopreenchimento com até 40 perguntas, sendo 34 de múltipla escolha e 6 perguntas abertas. São perguntas simples que visam conhecer o perfil sociodemográfico e de consumo de mídia de moradores do Bico do Papagaio. O tempo estimado para a conclusão do questionário é de, aproximadamente, 10 minutos. O questionário estará disponível entre 05 de dezembro de 2023 e 15 de janeiro de 2024.

Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, equivalentes àqueles encontrados na vida cotidiana, e envolvem cansaço ao responder o questionário. Para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes providências: você poderá optar por não responder alguma questão ou interromper sua participação momentaneamente e retomá-la posteriormente, se assim o desejar, ou abandonar a pesquisa sem qualquer prejuízo. Além disso, os questionários são anônimos e os dados serão tratados de forma agregada, não permitindo a sua identificação individual.

Ressalta-se que o pesquisador e o PPGJor/UFSC se responsabilizam por esta pesquisa e, em caso de danos decorrentes de sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável para sanar eventuais problemas. Em termos de benefício direto por sua participação você terá a oportunidade de expor suas necessidades e dificuldades a respeito dos veículos de mídia na região. Além disso, ao colaborar para que se conheça as características dos veículos de mídia, você poderá beneficiar-se futuramente e de forma indireta com uma melhor produção dos conteúdos informativos sobre a realidade local.

Você poderá obter informações relacionadas a sua participação nesta pesquisa a qualquer momento que desejar, por meio do contato com o pesquisador responsável. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você também não terá nenhum custo extra para participar deste estudo, por se tratar de participação remota e realizada a partir de meios já disponíveis a você. Seu e-mail será registrado ao responder o questionário para que cada pessoa responda apenas uma vez, mas ele não será utilizado na análise das respostas e não será visto por mais ninguém além do pesquisador, sendo garantido o seu sigilo e privacidade.

A equipe desta pesquisa tratará os seus dados pessoais (informações sobre você) em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados de 2018. Os dados públicos serão codificados e anônimos para publicação em revistas científicas e no material final da tese de doutorado. Todo o material coletado será compartilhado apenas entre os pesquisadores e, após fevereiro de 2024, todos os dados serão removidos do meio digital e salvaguardados em HD externo, sem conexão com a internet, pelo período de dez anos. Ao final do prazo, todos os dados serão excluídos definitivamente.

CONTATO

Alan Milhomem da Silva
Rua Tiradentes, 365, Centro, Axixá do Tocantins
Telefone (99) 98508-8574
E-mail: milhomemalan@gmail.com

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEPSH-UFSC)

Em caso de dúvidas sobre os aspectos éticos, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou esta pesquisa e informar o número CAAE: 73581423.3.0000.0121. Este comitê é um órgão colegiado que avalia as pesquisas com seres humanos, observando os interesses dos participantes e os cuidados em relação à sua integridade e dignidade, contribuindo assim com o desenvolvimento de pesquisas dentro dos padrões éticos nacionais e internacionais.

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina
Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC
CEP 88.040-400.
Contatos: (48) 3721-6094 e cep.propesq@contato.ufsc.br

Para baixar este TCLE, clique neste link:

https://drive.google.com/file/d/1klymCgiAm7nIQgfhcjovsgNeSHY24yAF/view?usp=sharing

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Após ler este termo e entender as condições da pesquisa *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Aceito participar
- ◯ Não aceito participar

Dados Sociodemográficos

APÊNDICE D - NOTÍCIAS DIVULGADAS SOBRE A PESQUISA





BICO 24H de Notícias
Quinta-feira, 07 de dezembro de 2023.

06/12/2023 - 10h36m
QUESTIONÁRIO

Axixaense Alan Milhomem, realiza pesquisa sobre consumo de mídia no Bico do Papagaio

Por Alan Milhomem

Pessoas de 16 anos ou mais que residem em algum município da região podem responder o questionário disponibilizado pelo pesquisador.



Alan Milhomem (Foto: Arquivo pessoal)

Saber como os moradores do Bico do Papagaio se informam sobre a realidade local e quais tipos de mídias mais consomem são alguns dos objetivos da pesquisa de doutorado do axixaense Alan Milhomem, aluno do doutorado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ele acaba de lançar um formulário para que os/as moradores/as da região possam responder e participar da pesquisa. Pessoas de 16 anos ou mais que residem em algum município da região podem responder o questionário. Os dados são confidenciais.

Para ter acesso ao formulário, basta acessar este link: https://forms.gle/DdG6sPG9A8voxYEp9

"*O questionário é composto por até 40 questões, sendo 34 de múltipla escolha. São perguntas básicas sobre dados sociodemográficos e de consumo de mídia, tipo se ler jornal, acessa site de notícias ou assiste telejornal. Caso o/a informante responda "não" em alguns caso, algumas perguntas são eliminadas do questionário*", detalha o pesquisador, que também é jornalista e já atuou nos estados do Maranhão e Tocantins.

Ainda segundo Alan Milhomem, o questionário é composto de sete seções e visa traçar um perfil do consumo de mídia na região, bem como mapear as iniciativas jornalísticas que atuam no Bico do Papagaio. Todos os dados coletados são confidenciais e serão tabulados de forma anônima sem identificação dos respondentes. O formulário ficará disponível durante todo o mês de dezembro.

Esta é a primeira parte prática do trabalho, que ainda contará com pesquisa de campo e entrevistas com os/as proprietários/as de veículos de mídia na região. Segundo o pesquisador, a ideia é traçar um panorama da produção jornalística no Bico do Papagaio desde a criação do Estado do Tocantins até os dias atuais, bem como mapear as iniciativas e pensar estratégias de sustentabilidade para os veículos.

"*Essa minha pesquisa começou ainda em 2021 com discussões teóricas e pensando estratégias metodológicas para esta parte prática durante as disciplinas cursadas no doutorado em Florianópolis. Agora entramos na primeira parte prática com esse levantamento do consumo de mídia. Para isso, eu conto com a participação das pessoas da região e peço que respondam o questionário*", finaliza o pesquisador.

O trabalho de doutorado de Alan Milhomem é orientado pelas professoras Cárlida Emerim (UFSC) e Liana Vidigal (UFT). A pesquisa também foi registrada no Conselho de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC com o registro CAAE: 73581423.3.0000.0121.










APÊNDICE E - FORMULÁRIO DO *SURVEY PRESENCIAL*

TCLE

Aceita participar da pesquisa e declara fidedignidade às informações prestadas à pesquisa de Doutorado realizada na Universidade Federal de Santa Catarina intitulada "Na Ponta do Bico: o jornalismo possível na microrregião do Bico do Papagaio". Declara também que as informações prestadas poderão ser publicadas para divulgação com finalidade científica e com identificação anônima dos respondentes.

SIM ( ) NÃO ( )

Em qual município reside?_____

Gênero:

( ) Feminino
( ) Masculino
( ) Não-binário
( ) Outro: _____

Idade

( ) 16-24 anos
( ) 25-34 anos
( ) 35-44 anos
( ) 45-54 anos
( ) 55 e+

Usando a classificação do IBGE para a população brasileira. A sua cor ou raça é:

( ) Branca
( ) Preta
( ) Parda
( ) Amarela
( ) Indígena
( ) Prefere não responder

Qual sua profissão atualmente?

_____

Qual é o seu nível de escolaridade?

( ) Ensino fundamental incompleto
( ) Ensino fundamental completo
( ) Ensino médio incompleto
( ) Ensino médio completo
( ) Ensino superior
( ) Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado

Possui internet banda larga fixa em sua residência?

( ) Sim.
( ) Não.

Por meio de qual/quais aparelho(s) tecnológico(s) faz o uso da internet:

[ ] Celular
[ ] Computador de mesa
[ ] Notebook
[ ] Tablet
[ ] Outro _____.

Qual meio/plataforma que utiliza com mais frequência para se informar? (pode marcar até 2 opções)

( ) Rádio
( ) Televisão
( ) Jornal Impresso
( ) Site de Notícia
( ) Site da prefeitura do município
( ) Redes Sociais (Twitter, Facebook, Instagram, etc)
( ) Aplicativo de mensagem (Whatsapp, Telegram, Messenger)

Sobre quais temas você mais se informa? (Marque até duas opções)

( ) Economia
( ) Mercado de trabalho/emprego
( ) Educação
( ) Saúde
( ) Cultura/Lazer
( ) Meio Ambiente
( ) Esportes
( ) Opinião
( ) Política
( ) Polícia
( ) Outro:_____

JORNAL

Você costuma ler jornal impresso?

( ) Sim.
( ) Não
Qual (is)? _____

Com que frequência você lê jornal?

( ) Todos os dias
( ) Alguns dias da semana
( ) Finais de semana
( ) Raramente
( ) Não leio jornais

De onde são os jornal(is) lidos? (Pode marcar mais de uma alternativa)

( ) Internacionais
( ) Nacionais
( ) Da capital do Estado
( ) Local - Cidade do informante
( ) De localidades vizinhas. Qual(is)_____

Por qual meio você lê jornal?

( ) Versão impressa
( ) Versão digital (celular, tablet, computador)
( ) Ambos (impresso e digital)

Como tem acesso ao jornal?

( ) É assinante
( ) Compra
( ) Tem no trabalho
( ) Emprestado
( ) Outro: _____

RÁDIO

Costuma se informar pelo rádio?

( ) Não
( ) Sim. Qual(is) emissoras _____

Com que frequência você consome notícias pelo rádio?
( ) Todos os dias
( ) Alguns dias da semana
( ) Finais de semana
( ) Raramente

De onde são as rádios ouvidas? (Pode marcar mais de uma alternativa)

( ) Local - Cidade do informante
( ) De localidades vizinhas. Qual(is)____
( ) Da capital do estado
( ) Nacionais
( ) Internacionais

Por qual dispositivo você mais ouve rádio?
( ) Aparelhos de rádio tradicionais
( ) No carro
( ) No computador
( ) Pelo celular
( ) Aparelhos tipo MP3 player
( ) Outro _____

TELEVISÃO

Costuma assistir telejornal?
( ) Não
( ) Sim. Qual (is)_____

Com que frequência assiste telejornal?
( ) Todos os dias
( ) Alguns dias da semana
( ) Finais de semana
( ) Raramente

De onde é o telejornal assistido? (Pode marcar mais de uma alternativa)
( ) Local - Cidade do informante
( ) De localidades vizinhas. Qual(is)____
( ) Da capital do estado
( ) Nacionais
( ) Internacionais

Por qual dispositivo você mais assiste TV?
( ) Aparelhos de TV tradicional
( ) SmartTV
( ) Computador
( ) Pelo celular
( ) Tablet
( ) Outro _____

INTERNET
Costuma consumir notícias pela internet?
( ) Sim
( ) Não

Com que frequência se informa pela internet?
( ) Todos os dias
( ) Alguns dias da semana
( ) Finais de semana
( ) Raramente

Por quais dispositivos mais acessa as notícias na internet? (Marque até duas opções)
( ) Computador de mesa
( ) Notebook
( ) Tablets
( ) Celular
( ) Smart TV
( ) Outro:_____

Por quais plataformas você mais se informa na internet? (Marque até duas opções)
( ) Redes Sociais (Facebook, YouTube, Twitter, Instagram, etc)
( ) Blogs. Qual(is)_____
( ) Sites de notícia. Qual(is)_____
( ) Outro:_____

De onde são os sites de notícia acessados? (Pode marcar mais de uma opção)
( ) Local - Cidade do informante
( ) De localidades vizinhas. Qual(is)____
( ) Da capital do estado
( ) Nacionais
( ) Internacionais

Marque a frequência com que se informa em cada um dos meios/plataformas mencionados na pergunta anterior:

Frequência: Sempre / Algumas vezes / Raramente / Nunca

Redes Sociais [ ] [ ] [ ] [ ]
Aplicativo de mensagem [ ] [ ] [ ] [ ]
Site da prefeitura [ ] [ ] [ ] [ ]

Conhece algum veículo de comunicação (rádio, impresso, TV) ou plataforma on-line (site, página em rede social) que produz informação local sobre o município no qual você reside?
( ) Não.
( ) Sim. Qual? _____

Sente falta de informação local sobre os acontecimentos no município no qual reside?
( ) Não, considero que há informações suficientes a respeito do meu município
( ) Sim, poderia ter mais notícias/produção de informação sobre o meu município

Sobre ter veículo de comunicação para fazer a cobertura dos acontecimentos no município em que reside, você considera:
( ) Extremamente importante
( ) Muito importante
( ) Em parte importante
( ) Pouco importante
( ) Nada importante

Como costuma se informar sobre a realidade da sua cidade? (Pode marcar mais de uma opção)

( ) Jornal
( ) Rádio
( ) Televisão
( ) Blog e/ou sites
( ) Grupo ou página no Facebook
( ) Grupos de WhatsApp
( ) Conversas informais
( ) Outro:_____

Agora gostaria de saber quanto você confia nas notícias que circulam nos diferentes meios de comunicação. Você confia sempre, confia muitas vezes, confia poucas vezes ou nunca confia?

	C S	C M V	C P V	N C	NS/NR
Rádio					
TV					
Jornal impresso					
Sites de notícias					
Sites de prefeitura					
Redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter e TikTok)					
Aplicativos de mensagens (whatsapp, telegram, messenger)					

Confia sempre / Confia muitas vezes / Confia poucas vezes / Não confia / Não Sabe / Não Respondeu

APÊNDICE F - CADERNO DE CAMPO

→ Link de acesso ao caderno de campo completo
https://docs.google.com/document/d/1ko3NwOqUOeBKRkZh3fUdn2I8qwZ9BaVOdq45JrVMwd8/edit?usp=sharing

APÊNDICE G - LIVRO DE CÓDIGOS

Identificação
Nome do Site:
Data:
Título da notícia:
Seção do site:
Link da notícia:

Origem da notícia:
1 - Produção autoral
2 - Produção de outro veículo
3 - Release na íntegra
4 - Release com modificações
5 - Produção enviada para o site

Gênero da publicação - baseado em:
MELO, J. M. de., ASSIS, F. de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. I**ntercom: Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1809-5844201613

MELO, J. M. de., ASSIS, F. de. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

1 = Informativo: Relato factual de acontecimentos (Notícia, Nota, Reportagem). Foco no “o quê, quem, quando, onde”
2 = Opinativo: Expressão de ponto de vista, juízo de valor (Editorial, Artigo, Crônica opinativa, Resenha crítica, Coluna, Comentário, Caricatura).
3 = Interpretativo: Vai além do factual, buscando contexto, causas, consequências, análise (Reportagem Interpretativa, Entrevista de profundidade, Dossiê, Perfil interpretativo). Foco no “porquê” e “como”
4 = Diversional: Foco no entretenimento, curiosidade, lazer (História de interesse humano leve, Crônica lírica/humorística, Tira cômica, Conteúdo de variedades sem foco utilitário).
5 = Utilitário: Informação prática para o dia a dia do cidadão (Serviços, Previsão do tempo, Cotações, Programação cultural/TV, Horóscopo, Receitas, Guias).
9 = Não Aplicável: Se não for conteúdo jornalístico (ex: publicidade nativa não sinalizada, posts institucionais puros) ou de difícil classificação.

Abrangência do conteúdo
1 Local (Municipal) → Foco em um único município como um todo.
2 Microrregional → Publicações que apresentam no título o termo Bico do Papagaio e tem foco explícito ou implícito em assuntos que envolvem ou interessam os 25 municípios da microrregião definida neste estudo;
3 Regional/Estadual → Foco no estado do Tocantins (Ex: Governo do Estado, Assembleia Legislativa, assunto estadual) ou uma região mais ampla que a microrregião, geralmente apontado para outras cidades do estado.
4 Nacional → Foco em assuntos de âmbito brasileiro (Ex: Governo Federal, Congresso Nacional, economia nacional).
5 Internacional → Foco em assuntos de fora do Brasil.

6 Maranhão → Publicações de assuntos em geral relacionados ao estado do Maranhão.
7 Pará → Publicações de assuntos em geral relacionados ao estado do Pará.
8 Não Aplicável/Geral → Conteúdo sem foco geográfico definido (Ex: Artigo de opinião sobre tema abstrato, conteúdo utilitário geral).

Assuntos/Temas:
1 = Política: Atuação de governos (executivo ou legislativo), partidos, eleições, políticas públicas.
2 = Economia: Mercado, empresas, emprego, finanças, impostos, agronegócio (com foco econômico).
3 = Polícia/Justiça/Segurança: Crimes, investigações, operações policiais, sistema prisional, processos judiciais, segurança pública
4 = Cidades/Localidades: Infraestrutura urbana/rural, trânsito, serviços públicos locais (água, luz, lixo), habitação, problemas comunitários específicos. Ações sociais, ONGs, voluntariado, histórias de vida, eventos comunitários, comportamento.
5 = Educação: Escolas, universidades, políticas educacionais, Enem, vestibulares.
6 = Saúde: Hospitais, postos de saúde, doenças, SUS, planos de saúde, campanhas de vacinação.
7 = Cultura/Entretenimento: Artes, música, cinema, teatro, TV, livros, eventos culturais, turismo, gastronomia.
8 = Esporte: Competições, atletas, clubes, políticas esportivas.
9 = Meio Ambiente/Agronegócio: Ecologia, desmatamento, conservação, clima, produção agrícola/pecuária (com foco ambiental ou produtivo).
10 = Ciência/Tecnologia: Pesquisas científicas, inovações tecnológicas, internet.
11 = Outros: Temas não contemplados nas categorias anteriores.

Possibilidades narrativas da web
1→ Presença e formato da fotografia na publicação.
2 → Presença e formato da fotografia na publicação.
3 → Presença e formato de Galeria de fotos na publicação (slideshow/carrossel) - (Diferenciar entre fotos soltas inseridas no texto e uma galeria interativa).
4 → Presença e formato de vídeo na publicação
5 → Vídeo incorporado (embedado) = Link para vídeo (externo/interno) (Diferenciar se é possível assistir na própria página (incorporado) ou se é apenas um link que leva para outra página (YouTube, Vimeo, página interna de vídeos, etc.).
6 → Presença e formato de áudio na publicação
7 → Presença e tipo de infográfico na publicação.
8 → Presença e tipo de mapa na publicação.
9 → Presença de links para outras páginas DENTRO ou FORA do mesmo site/domínio. (Verificar se há links no corpo do texto ou ao final que apontem para outras matérias, seções ou páginas do próprio site).
10 —> Outros = Presença de outros recursos narrativos digitais não listados acima.

APÊNDICE H - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Objetivo: compreender a história, funcionamento, cobertura, atuação nas redes sociais e o modelo de sustentabilidade:

→ História do veículo

Quem é você? Conte sua história.

Como o site começou? Conte a história e os personagens envolvidos.

Como o site cresceu ao longo dos anos?

→ Rotinas produtivas

Qual a equipe do site hoje? (jornalistas, editores, comerciais, técnicos)?

São contratados, freelancers, voluntários?

Como funciona o dia a dia da produção de conteúdo? Atualização de hora em hora?

Como funciona aos fins de semana e feriados?

Como as pautas são definidas e distribuídas?

Quais são as principais fontes de informação para as matérias?

Quais os critérios para publicar os releases recebidos? E as informações das rede sociais?

Que tipos de conteúdo vocês priorizam (notícias factuais, reportagens aprofundadas, entrevistas, opinião, vídeos)? Por quê?

→ Cobertura Geográfica

Qual(is) município(s) ou localidade(s) são o foco principal da cobertura de vocês?

Como é a relação com os municípios próximos?

Quais os motivos de divulgar conteúdos do Pará e Marnhão?

Quais critérios definem a área de cobertura de vocês?

Como se relacionam com os moradores locais/audiência do site?

Quais são as maiores dificuldades para cobrir jornalisticamente o Bico do Papagaio?

→ Atuação nas redes sociais

Quais redes sociais vocês mais usam?
Qual a importância dessas redes para vocês?
Qual o principal objetivo do uso das redes sociais?
Vocês adaptam o conteúdo para cada rede social ou utilizam principalmente para compartilhar links do site?
Como vocês gerenciam a interação com o público nas redes sociais (comentários, mensagens)?
Conseguem monetização dessas redes?

→ **Sustentabilidade financeira e modelo de negócio**
Quais são as fontes de receitas atualmente?
Existe uma dependência maior de alguma fonte específica (ex: publicidade de prefeituras)?
Conseguem monetizar o site?
Quais são os maiores desafios para garantir a sustentabilidade financeira do site no contexto local?
Algo que queira acrescentar?

APÊNDICE I - TCLE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
Sala 17, Bloco A, Centro de Comunicação e Expressão | Campus Universitário | Trindade - Florianópolis| 88040-970 | (48) 3721-6610 | https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo "Na ponta do Bico: o jornalismo possível na microrregião do Bico do Papagaio (TO)", que tem como objetivo analisar a produção jornalística existente na microrregião do Bico do Papagaio. A pesquisa é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina sob responsabilidade do doutorando Alan Milhomem da Silva, com orientação das professoras Dra. Cárlida Emerim e Dra. Liana Vidigal Rocha. Acreditamos que esta pesquisa é importante para compreender como se dá o fazer jornalístico em contextos locais e hiperlocais, além de apontar horizontes possíveis para este tipo de produção no contexto atual de desenvolvimento tecnológico.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Você é convidado a participar deste estudo por ter o nome do seu veículo entre os mais citados na primeira etapa desta pesquisa, que foi um questionário on-line aplicado com moradores da região. A sua participação se dará de uma única maneira: respondendo às perguntas feitas nesta entrevista. Para participar da pesquisa, primeiramente você deve conhecer a proposta do trabalho e assinar este TCLE, o qual ficará uma cópia impressa com você.

A equipe desta pesquisa tratará os seus dados pessoais (informações sobre você) em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados de 2018. Estes dados pessoais incluem município de residência, gênero, idade, cor ou raça, profissão, escolaridade e dados sobre seu trabalho profissional. Ressalta-se que estes dados serão acessados apenas pelos pesquisadores. Os dados públicos serão codificados e anônimos para publicação em revistas científicas e no material final da tese de doutorado.

RISCOS E BENEFÍCIOS

A participação nesta pesquisa poderá expor os participantes a riscos mínimos como cansaço e desconforto pelo tempo de conversa, constrangimento e responder a questões sensíveis, tais como: relação com as fontes nos municípios, com empresas e com anunciantes. Para evitar tais situações, os entrevistados serão convidados a realizar entrevista em sala reservada e ambiente confortável para conversa. Se em algum momento o entrevistado se sentir desconfortável, poderá interromper o preenchimento a entrevista e retomá-lo posteriormente, se assim o desejar.

Os benefícios para os integrantes desta pesquisa serão indiretos, pois as informações coletadas fornecerão subsídios para a construção de conhecimento no campo do Jornalismo, em especial das práticas em contextos locais e hiperlocais, bem como para novas pesquisas a serem desenvolvidas sobre essa temática.

Ressaltamos que o Sr. ou a Sra. tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para vocês. O Sr./a Sra. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, o participante será devidamente indenizado, conforme determina a lei. Quaisquer despesas que porventura surjam, decorrentes da sua participação na pesquisa, serão ressarcidas pelo pesquisador.

SIGILO E PRIVACIDADE
Garanto que sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o identificar, será mantido em sigilo. O pesquisador se responsabiliza pela guarda e confidencialidade dos dados. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Considerando-se que os dados dessa entrevista serão guardados de forma digital em HD externo, ressalta-se que existe o risco da quebra de sigilo e privacidade dos dados por meio de algum tipo de invasão ou fatores externos que fogem do controle dos pesquisadores. Este fato que pode ter implicações na relação com a empresa na qual atua. Obviamente, os pesquisadores sempre garantem o sigilo e fazem tudo ao seu alcance para mantê-lo.

Para minimizar os riscos, todo o material coletado será compartilhado apenas entre os pesquisadores e salvaguardados em HD externo, sem conexão com a internet, pelo período de dez anos. Ao final do prazo, todos os dados serão excluídos definitivamente.

AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

Diante da importância dos seus relatos para esta pesquisa, peço sua permissão para gravar somente o áudio da nossa conversa, que posteriormente será transcrito. Reforço que todo o material, áudio e transcrições, com algum elemento que o identifique será acessado apenas pelos pesquisadores responsáveis. Todas as medidas para a garantia do sigilo sobre sua identidade serão tomadas. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas dela decorrentes. Eles serão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa; e, após esse período, serão destruídos. Desta forma, sobre a gravação da entrevista:

( ) Autorizo a gravação integral em áudio
( ) Não autorizo qualquer gravação.

AUTONOMIA
É assegurado ao participante da pesquisa o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, bem como a garantia de recusar a participar do estudo a qualquer momento, sem precisar justificar. Caso o participante da pesquisa desejar sair do estudo, não sofrerá qualquer prejuízo.

CONTATO
O pesquisador responsável pelo referido projeto é ALAN MILHOMEM DA SILVA aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, que fica localizado na Sala 17, Bloco A, no Centro de Comunicação e Expressão, Campus Universitário da Trindade, em Florianópolis (SC). CEP: 88040-970. Telefone para contato| (48) 3721-6610. Com o pesquisador, poderá fazer contatos pelo telefone (99) 98508-8574 ou pelo e-mail milhomemalan@gmail.com.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEPSH-UFSC)
O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você

imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato sempre que achar necessário. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina fica localizado no Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. Contatos: (48) 3721-6094 e cep.propesq@contato.ufsc.br

DECLARAÇÃO

Eu fui informado por escrito sobre essa pesquisa e esclarecido minhas dúvidas com relação a minha participação foram satisfatoriamente respondidas. Tive tempo suficiente para decidir sobre minha participação e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa. Sei que poderei retirar o meu consentimento a qualquer hora, antes ou durante a mesma, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____, _____ de _____ de 20___.

_____	_____
Participante da Pesquisa	Pesquisador Responsável

APÊNDICE J - ENTREVISTAS COMPLETAS

Link de acesso a pasta com as transcrições completas das entrevistas dos responsáveis pelos sites:

- Paulo Palmares - Voz do Bico
- Tasso Antonio - Folha do Bico
- Roberlan Barbosa - Tocnotícias

https://drive.google.com/drive/folders/1u8PiArywhihAiFmgoHjOgJ8gGX5X-ZPU?usp=drive_link

APÊNDICE K - VOZ DO BICO: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS

→ Link:
https://drive.google.com/drive/folders/1uiSMmlGvs_KG3cH0xp5HWD-_FwEYSU_Z?usp=sharing

→ O link leva à pasta com os conteúdos analisados do site Voz do Bico:

- Planilha com as notícias coletadas
- Planilhas com links dos vídeos postados no YouTube
- Postagens no Facebook em novembro e dezembro
- Postagens no Instagram em novembro e dezembro

APÊNDICE L - FOLHA DO BICO: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS

Link de acesso a pasta com os conteúdos analisados do site Folha do Bico:

- Planilha com as notícias coletadas
- Planilhas com links dos vídeos postados no YouTube
- Postagens no Facebook em novembro e dezembro
- Postagens no Instagram em novembro e dezembro

https://drive.google.com/drive/folders/15JBj1LDtSase2Uke67oH4fkRvfO-INtF?usp=drive_link

APÊNDICE M - TOCNOTÍCIAS: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E REDES SOCIAIS

Link de acesso a pasta com os conteúdos analisados do site Tocnotícias:

- Planilha com as notícias coletadas
- Planilhas com links dos vídeos postados no YouTube
- Postagens no Facebook em novembro e dezembro
- Postagens no Instagram em novembro e dezembro

https://drive.google.com/drive/folders/1SWguKAIO1TZEF9JtUR2wuzcMt5nRe-Lu?usp=drive_link

ANEXO A - PARECER CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NA PONTA DO BICO: O JORNALISMO POSSÍVEL NA MICRORREGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO (TO)

Pesquisador: ALAN MILHOMEM DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 73581423.3.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.415.095

Apresentação do Projeto:

Projeto de tese de doutorado de Alan Milhomen da Silva, orientado pela Profa. Dra. Cárlida Emerim e coorientado pela Profa. Dra. Liana Vidigal Rocha, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

Visa a investigar a produção jornalística no contexto da microrregião do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: que jornalismo é produzido no interior do Tocantins e qual sua função?

A partir do mapeamento da presença ou ausência de veículos nos 25 municípios que formam a microrregião, que possibilitará identificar a existência ou não de produção local de conteúdo jornalístico em emissoras de rádios, TV e sites de notícias presentes na região, e da análise das produções jornalísticas mapeadas a partir dos conceitos de jornalismo local-regional, jornalismo de proximidade e desertos de notícias, os pesquisadores realizarão entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pela produção desse conteúdo noticioso, a fim de entender as rotinas produtivas e as relações estabelecidas entre os veículos e a microrregião onde estão inseridos.

A Etapa 1 da pesquisa consiste no mapeamento on-line dos serviços de mídia existentes no Bico

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

do Papagaio a partir de um formulário via plataforma Google Forms. Pretende-se coletar respostas dos 25 municípios que formam a microrregião. O objetivo é ter uma planilha real dos veículos que atuam na região, pois os dados do Atlas da Notícia e do Mapa da Mídia do Tocantins são divergentes. Para publicizar esse formulário, o pesquisador vai se valer de recursos como grupos em aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais digitais dos quais faz parte. Será definido no questionário como item obrigatório a informação da cidade onde a pessoa mora. Serão excluídas dessa etapa as pessoas que não residem na microrregião.

A Etapa 2 consiste na análise dos conteúdos produzidos pelos veículos mais citados na etapa I. Esta fase tem como objetivo identificar se há ou não presença de conteúdos jornalísticos sobre o Bico do Papagaio nesses veículos, bem como a atuação deles nas plataformas de redes sociais digitais.

Detalhes do projeto apresentados no parecer 6.327.292.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:

Investigar a produção jornalística no Bico do Papagaio e a função do jornalismo neste contexto microrregional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Avaliados no parecer 6.327.292.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Tese de doutorado
Início da coleta de dados: 30/10/2023
Término da coleta de dados: 10/03/2024

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:
Retirar o "que" do trecho "Este fato que pode ter implicações na relação com a empresa na qual atua."

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram resolvidas adequadamente. Não há impedimentos éticos para a realização da pesquisa.

Lembramos que a presente aprovação refere-se apenas aos aspectos éticos do projeto. Qualquer alteração nos documentos aprovados deve ser encaminhada para avaliação do CEPSH. Informamos que, obrigatoriamente, a versão do TCLE a ser utilizada deverá corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2187460.pdf	02/10/2023 15:58:08		Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.pdf	02/10/2023 15:57:35	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEquestionario.pdf	02/10/2023 15:56:01	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEentrevista.pdf	02/10/2023 15:55:45	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaRostoAssinada.pdf	28/08/2023 15:15:40	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Outros	Questionario_online.pdf	30/07/2023 11:37:26	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA.pdf	30/07/2023 11:37:04	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Outros	CARTA_APRESENTACAO_assinado_assinado.pdf	30/07/2023 11:24:05	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo.pdf	30/07/2023 11:23:22	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO.pdf	30/07/2023 11:22:39	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_assinado_assinado.pdf	30/07/2023 11:22:18	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

Continuação do Parecer: 6.415.095

Orçamento	ORCAMENTO_assinado.pdf	30/07/2023 11:21:58	ALAN MILHOMEM DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FLORIANOPOLIS, 09 de Outubro de 2023

Assinado por:
Luciana C Antunes
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO B - TABELA DE PREÇO DO VOZ DO BICO

Voz do Bico / **L A ARAÚJO EDIÇÕES DE JORNAIS LTDA-ME**
O Seu Portal de Notícias
End: Avenida Goiás, n° 864, 2º andar, sala 2 – Centro
(63) 3456-1469 / 9 9939-1810
vozdobico@uol.com.br
CNPJ: 00.697.388/0001-21

TABELA DE PREÇOS

www.vozdobico.com.br

Publicação: vozdobico.com.br
MEDIDAS EM PIXELS

DESCRIÇÃO/POSIÇÃO	PERÍODO DE ATÉ 30 DIAS
BANNER LATERIAL INTERNO (P)*	300 x 135* R$ 1.415,00
BANNER LATERIAL PÁG. INICIAL INFERIOR (P)	388 x 170 R$ 1.740,00
BANNER LATERAL PÁG. INICIAL (M)	300 x 250 R$ 2.220,00
BANNER CENTRAL PÁG. INICIAL (G)	415 x 260 R$ 2.820,00
BANNER INFERIOR INTERNO (G)*	800 x 250* R$ 3.820,00
BANNER TOPO SITE DESTAQUE (G)	1075 x 135 R$ 4.720,00

Obs.: Medidas que seguem na tabela com o símbolo (*) são web banners exibidos na lateral direita dentro das postagens de matérias.

Augustinópolis-To, 31 janeiro de 2025.

Paulo Oliveira Santos
(63) 9 9999-9962
Diretor Voz do Bico
CNPJ: 00.697.388/0001-21

ANEXO C - TABELA DE PREÇO DO FOLHA DO BICO

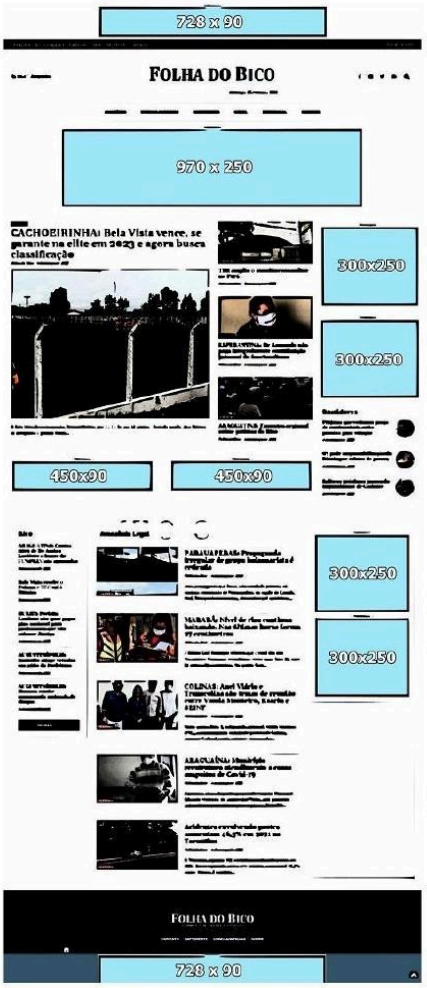
BANNER + CONTEÚDO

(Valores não incluem comissão de agência)

FORMATO	CANAL	ESTAÇÃO	TIPO DE VENDA	VALOR
BANNERES CAPA	**Site**	**Desktop, Mobile e Tablet**	**Períodos**	**Líquido/ (unitário)**
728x90px (topo)		*(1) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzida pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 130,00
			Semanal	*(1) R$ 840,00 (R$ 120,00)
			Quinzenal	*(1) R$ 1.650,00 (R$ 110,00)
			Mensal	*(1) R$ 2.700,00 (R$ 90,00)
970x250 (topo)		*(1) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzida pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 150,00
			Semanal	*(1) R$ 980,00 (R$ 140,00)
			Quinzenal	*(1) R$ 1.800,00 (R$ 120,00)
			Mensal	*(1) R$ 3.000,00 (R$ 100,00)
450x90 (a baixo das notícias principais)		*(2) Apenas o banner *(3) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzida pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 70,00
			Semanal	*(2) R$ 420,00 (R$ 60,00)
			Quinzenal	*(2) R$ 750,00 (R$ 50,00)
			Mensal	*(2) R$ 1.200,00 (R$ 40,00) *(3) R$ 1.350,00 (R$ 45,00)
300x250 (topo lateral)		*(2) Apenas o banner *(3) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzida pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 100,00
			Semanal	*(2) R$ 630,00 (R$ 90,00)
			Quinzenal	*(2) R$ 1.200,00 (R$ 80,00)
			Mensal	*(2) R$ 2.100,00 (R$ 70,00) *(3) R$ 2.250,00 (R$ 75,00)
300x250 (lateral meio da página)			Diária	R$ 50,00
			Semanal	R$ 280,00 (R$ 40,00)
			Quinzenal	R$ 450,00 (R$ 30,00)
			Mensal	R$ 750,00 (R$ 25,00)
BANNERES DENTRO DA NOTÍCIA				
728x90 (topo)		*(2) Apenas o banner *(3) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzida pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 40,00
			Semanal	*(2) R$ 250,00 (R$ 35,70)
			Quinzenal	*(2) R$ 450,00 (R$ 30,00)
			Mensal	*(3) R$ 840,00 (R$ 28,00)
970x250 (topo)		*(2) Apenas o banner *(3) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzidas pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 50,00
			Semanal	*(2) R$ 300,00 (R$ 42,85)
			Quinzenal	*(2) R$ 550,00 (R$ 36,60)
			Mensal	*(3) R$ 1.050,00 (R$ 35,00)
970x250 (final da notícia)		*(2) Apenas o banner *(3) Pacote permite inserção no site de até 1 notícia publicitária semanal produzidas pelo cliente + compartilhamento no Facebook/Twitter/WhatsApp	Diária	R$ 35,00
			Semanal	*(2) R$ 220,00 (R$ 31,42)
			Quinzenal	*(2) R$ 400,00 (R$ 26,60)
			Mensal	*(3) R$ 700,00 (R$ 23,30)
300x250 (meio da página)		*(2) Apenas o banner	Diária	R$ 30,00
			Semanal	*(2) R$ 175,00 (R$ 25,00)
			Quinzenal	*(2) R$ 225,00 (R$ 15,00)
			Mensal	*(2) R$ 300,00 (R$ 10,00)

LOCALIZAÇÃO DOS BANNERES

CAPA



NOTÍCIA



PUBLICAÇÃO DE CONTEÚDO

TIPO	QUANTIDADE	VALOR
Notícia publicitária	1 veiculação	**R$ 300,00**
Notícia institucional	1 veiculação	**R$ 300,00**
Postagem redes sociais (Instagram/Facebook/Twitter)	1 veiculação	**R$ 300,00**

Valores sem comissão de agência

VALORES PARA VEICULAÇÃO DE MATERIAL INSTITUCIONAL E PUBLICITÁRIO DE PREFEITURAS (MENSAL)

(Valor mensal fixo com direito a banner e conteúdo, não inclui consultoria ou elaboração e criação de contéudo)

Município/Coeficiente	Valor
0.6	**R$ 1.500,00**
0.8	**R$ 1.700,00**
1.0	**R$ 1.900,00**
1.2	**R$ 2.100,00**
1.4	**R$ 2.300,00**
1.6	**R$ 2.500,00**
1.8	**R$ 2.800,00**
2.0	**R$ 3.200,00**
2.2	**R$ 3.500,00**

OBS: Produção do material tipo banner e release é de responsabilidade do contratante.
Valores sem comissão de agência.

CONTRATAÇÃO COMO AGÊNCIA DE PUBLICIDADE, PROPAGANDA, INTERMEDIAÇÃO E CRIAÇÃO

(Consultoria, elaboração e criação)

Atuação na intermediação, criação, produção e consultoria de mídia	**Á Combinar**

PUBLICAÇÃO DE EDITAIS

Texto com 1 a 1.300 caracteres	**R$ 300,00**
A partir de 1.300 caracteres	**R$ 0,15 por caractere**

DIVULGAÇÃO DE ATIVIDADE PARLAMENTAR

Deputado estadual, federal e senador	**R$ 1.000,00**
Atuação na intermediação, criação, produção e consultoria de mídia	**Á combinar**